

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
CAMPINAS**

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA**

**PAULA COSTA DE ANDRADA**

**SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ALUNOS AO  
ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE  
VALORES NO AMBIENTE ACADÊMICO**

**PUC-CAMPINAS**

**2009**

**PAULA COSTA DE ANDRADA**

**SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS ALUNOS AO  
ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO SOBRE  
VALORES NO AMBIENTE ACADÊMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Trevisan de Souza

**PUC-CAMPINAS**

**2009**

Ficha Catalográfica  
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e  
Informação - SBI - PUC-Campinas

**T370.15**  
A553s

**ANDRADA, PAULA COSTA DE.**

Sentidos atribuídos pelos alunos ao ensino superior: um estudo sobre valores no ambiente acadêmico / Paula Costa de Andrada. - Campinas: PUC-Campinas, 2009.  
183p.

Orientadora: Vera Lúcia Trevisan de Souza.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui anexos e bibliografia.

1. Psicologia educacional. 2. Ensino superior - Avaliação. 3. Estudantes universitários - Avaliação. 4. Estudantes universitários - Conduta. 5. Sentidos e sensações. 6. Valores. I. Souza, Vera Lúcia Trevisan de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós- Graduação em Psicologia. III. Título.

22ed. CDD – t370.15

**Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Centro de Ciências da Vida  
Programa de Pós-Graduação**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Trevisan de Souza (PUC-Campinas)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (PUC-SP)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria José Aiello Vaisberg (PUC- Campinas)

**Campinas, 17 de novembro de 2009**

Dedico este trabalho aos meus pais que me ensinaram o prazer pelo conhecimento e ao meu marido e filhos pelo carinho e apoio nesta trajetória de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Professora Doutora Vera Lúcia Trevisan de Souza por seu apoio irrestrito, tanto acadêmico quanto afetivo e por estimular a todo tempo minha autonomia e construção própria dos saberes. Belo exemplo de prática docente que levo como referência para minha vivência acadêmica e também pessoal!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

A todos os Professores Doutores que aceitaram participar de minha banca.

Ao meu pai, fonte inesgotável de conhecimento e carinho, que me deixou um legado de saberes inestimáveis, tantas vezes custeado com o sacrifício do provedor de uma família numerosa.

À minha querida mãe que, ainda hoje, eu adulta e mãe de família, preocupa-se com os caminhos de minha educação como nas épocas de escola, torcendo por meu sucesso, oferecendo apoio e vibrando comigo em cada conquista.

Ao Marcos, pela paciência, apoio, dicas e carinho e por estar incondicionalmente ao meu lado.

Ao Danilo e ao Chico pela compreensão e amor que sentem pela mãe, mesmo que ela tenha passado muito tempo se dedicando aos estudos e ao trabalho.

Aos meus amigos pelos momentos de escuta e pela compreensão das minhas ausências.

Aos meus irmãos pela torcida à distância.

Aos colegas de grupo de pesquisa, pelos trabalhos conjuntos, dicas, carinho e apoio, em especial à Ana Paula Petroni que trilha este caminho há mais tempo e veio abrindo as portas com suas dicas e experiências vividas no mundo acadêmico.

À faculdade onde trabalho que me autorizou a realizar a pesquisa naquele espaço e aos sujeitos que se propuseram a participar da pesquisa. Agradeço também àqueles alunos que me ensinaram tanto nas nossas trocas em sala de aula.

“Das virtudes quase não se fala mais. Isso não significa que não precisemos mais delas, nem nos autoriza a renunciar a elas”

André Comte-Sponville  
Pequeno Tratado das Grandes Virtudes

## RESUMO

ANDRADA, Paula Costa. *Sentidos atribuídos pelos alunos ao ensino superior: um estudo sobre valores no ambiente acadêmico*. 2009. 183f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2009.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os sentidos atribuídos pelos alunos ao ensino superior a fim de se explorar os valores morais e não morais que permeiam as relações entre os estudantes, a academia, a formação profissional e o conhecimento. O estudo dos valores morais e não-morais na educação baseia-se no trabalho desenvolvido por Vera Trevisan de Souza. Adota-se, como perspectiva teórica e metodológica os pressupostos de Vygotsky e Wallon e de alguns de seus leitores, que tomam por base os conceitos da Psicologia Histórico-Cultural. Utiliza-se este referencial por se pretender realizar uma análise crítica do contexto do ensino superior, abrangendo, inclusive, as políticas públicas propostas para a área. Como procedimento de construção das informações utiliza-se a entrevista semiestruturada e observações em sala de aula ao longo dos encontros da professora-pesquisadora com as turmas de dois cursos de graduação de uma instituição privada. Foram entrevistados seis alunos, dos cursos de Psicologia e de Comunicação Social, em que a pesquisadora atua como professora. Para a elaboração do roteiro de entrevista e análise dos dados tomou-se por base a estratégia desenvolvida por Marli André para estudar o cotidiano educacional. Os resultados indicam que, para os alunos, a formação acadêmica é prioritária se ela trazer bens materiais, aceitação no mercado de trabalho e melhoria da imagem que têm de si, revelando a prevalência dos valores não morais na promoção e manutenção dos sentidos do ensino superior para os alunos.

**Palavras-chave:** Sentidos, valores, ensino superior, psicologia histórico-cultural

## ABSTRACT

ANDRADA, Paula Costa. *Senses attributed to higher education by undergraduate students: a study on values in college environment*. 2009. 183f. Dissertation (Masters in Psychology as Profession and Science) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2009.

*The main objective of this research is to investigate the senses attributed to higher education by undergraduate students in order to analyze the moral and non-moral values that emerge from the configurations of sense in relation to the academy, to knowledge and to professional education. The theoretical approach is supported by Historical-cultural psychology, mainly the concepts of Wallon, Vygotsky and followers. The objective is to carry through a critical analysis of the context of higher education which encompasses the public policy proposals for the area. The methodological approach is qualitative and the interview is the chosen procedure for the apprehension of sense and personal experience of the context by the students. It also uses the observation of the researcher in the classroom. Six students of the courses of Psychology and Social Communication, in which the researcher works as a Psychology teacher, were interviewed. From that point on, the research raised categories that identify moral and non-moral values within the students' senses.*

*The results indicate that, for the students, the academic formation is not a priority unless it brings money, success, acceptance in the job market and an improvement of their self-image. Those aspects show that non-moral values predominate in the configuration of the senses of the undergraduate students, instead of moral values such as respect, justice and an appreciation of knowledge.*

**Key-words:** *Senses, Values, Higher education, Historical-cultural psychology*

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>111</b>
<b>Objetivo Geral.....</b>	<b>21</b>
<b>Objetivos Específicos .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO BRASIL.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>34</b>
<b>2.1 - O sujeito histórico-cultural da perspectiva de Wallon e Vygotsky ....</b>	<b>34</b>
<b>2.2- O conceito de sentido para Vygotsky .....</b>	<b>39</b>
<b>2.3 - A autorregulação da conduta .....</b>	<b>42</b>
<b>2.4 - O papel dos valores na educação .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO 3. METODOLOGIA .....</b>	<b>52</b>
<b>3.1 Considerações sobre a pesquisa .....</b>	<b>52</b>
<b>3.2 Descrição dos sujeitos e da instituição de pesquisa .....</b>	<b>52</b>
<b>3.3 Coleta de dados.....</b>	<b>56</b>
<b>3.4 A construção da análise .....</b>	<b>59</b>
<b>3.5 Considerações éticas .....</b>	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO .....</b>	<b>62</b>
1. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão subjetivo-pessoal.....	64
2. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão instrucional-relacional.....	87
3. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão institucional-organizacional .....	100
4. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão sociopolítica.....	112
5. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: sentidos atribuídos ao conhecimento.....	130
<b>CAPÍTULO 5 . CONCLUSÃO .....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>147</b>

<b>ANEXO 1.....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>148</b>
<b>ANEXO 3.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXO 4.....</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

Há alguns anos, desde que ingressei como professora no Ensino Superior, em Curso de Psicologia e Comunicação Social, uma questão relacionada à postura dos alunos tem me instigado: suas condutas de desrespeito com relação aos professores, aos colegas, à instituição e à própria aquisição do conhecimento. Surpreende-me o fato de que os alunos da graduação, demonstrem comportamentos de desmotivação, desinteresse e desvalorização pelo universo acadêmico.

São visíveis estes comportamentos dentro de sala de aula, onde podemos observar alunos atendendo celulares, fotografando uns aos outros, conversando, de costas para a lousa (e para o professor), mantendo um volume alto de conversas como se ali fosse um ambiente de lazer e não acadêmico.

Como professora do ensino superior, visualizo estas situações em sala de aula e escuto as opiniões indignadas dos colegas professores de várias disciplinas e de alguns alunos que se sentem, tais quais os professores, invadidos pela conduta desrespeitosa dos colegas. Paralelamente a essa situação, comecei a me perguntar sobre os porquês de tais atitudes. Surgiram muitas perguntas e algumas hipóteses. Seria o desinteresse pelo estudo e a desvalorização do conhecimento? Talvez a manifestação de individualismo? Ou então, faltariam princípios éticos aos jovens de hoje? Nós, professores ou instituições de ensino, precisamos modificar o sistema de educação na academia, adequando-o a um novo modelo? Esses comportamentos, denominados pelos docentes de indisciplina, não seriam algo comum apenas no ensino fundamental e médio, um problema característico de crianças e adolescentes? Por que essas atitudes estão presentes nos adultos, alunos do ensino superior?

Inúmeras são as minhas questões que, como professora, psicóloga e cidadã, gostaria de aprofundar. Respondê-las não é o objetivo principal, mas problematizá-las, sim. Podemos ver na mídia que este tema vem despertando o interesse da sociedade, já que situações de desacato ao professor estão, cada vez mais, sendo expostas nos meios de comunicação de massa.

Apesar disto, ao fazer um levantamento bibliográfico sobre o assunto, podemos perceber a escassez de pesquisas científicas sobre o tema no ensino superior. Existem muitos estudos sobre indisciplina nas escolas, mas restritos ao ensino fundamental e médio.

Consequentemente, pode-se sugerir a relevância social e científica de uma pesquisa voltada para a área da psicologia e da educação com o enfoque na academia, no sentido de contribuir para a compreensão de aspectos que se apresentam nas práticas do ensino superior e nos desafiam a superá-las.

Juntamente com esta demanda, a relevância de um estudo sobre esse tema vem ao encontro de inúmeras queixas de professores do ensino superior de instituições de diferentes portes. Profissionais experientes relatam sua desmotivação e preocupação em dar aulas para alunos desinteressados ou desrespeitosos e, inclusive, mostram não saber lidar com situações que, apesar dos anos de carreira, apresentam-se como desafiadoras, conferindo um sentimento de impotência aos que atuam dentro de sala de aula.

Preocupa-me a conduta dos alunos que, a despeito dos pedidos dos colegas ou dos professores, permanecem por uma aula inteira conversando entre si sobre assuntos não pertinentes ao ambiente acadêmico, em rodas de bate-papo como se estivessem em situação de lazer. Quando interpelados, reagem de forma agressiva ou extremamente irônica, sempre desrespeitosa com seus pares e professor. Falam do conhecimento como algo enfadonho e relatam estar na faculdade apenas para melhorar de vida, interessados apenas no diploma na parede, não no conteúdo. As brincadeiras em sala de aula, como filmar o professor sem que perceba, fazer aviõezinhos de papel para atirar nos colegas, tecer comentários depreciativos sobre professores ou colegas e piadas de duplo sentido são alguns exemplos que, apesar de serem qualificados como característicos de adolescentes, estão no ambiente acadêmico, supostamente frequentado por pessoas adultas.

Após muitas tentativas de adaptação às necessidades dos alunos, mudando as dinâmicas das aulas, reformulando estratégias de interação e de resolução de conflitos, adequando material didático e teor das aulas, comecei a

me indagar sobre os porquês desta situação. Percebia que atitudes inadequadas ao ambiente acadêmico podiam ser contornadas momentaneamente, mas depois novos episódios ocorriam.

Não há como não observar na rotina das faculdades que os alunos agem, cada vez mais, como se ainda estivessem na escola de ensino básico. Querem ser tutelados, recebendo o conteúdo pronto em aulas expositivas e não construir o conhecimento junto com os professores. Vemos também alunos desorientados, ora se achando incapazes de cursar uma universidade, ora se mostrando indisciplinados, desrespeitosos ou desinteressados, revelando que alguma coisa não vai bem. Via de regra, responsabilizam os professores ou a instituição pelas suas dificuldades e limitações acadêmicas.

Assim, esta pesquisa se preocupa em compreender qual o valor que o aluno dá para o ensino superior e para a aquisição de conhecimento, uma vez que se mostra tão desinteressado pelo ambiente acadêmico. Qual a imagem que o aluno tem das instituições de ensino superior que o leva a lidar de forma tão desmotivada com o estudo e as aulas? Qual a imagem que o aluno tem de si para se comportar de forma tão desrespeitosa com os colegas, com os professores e com a instituição? Como se apresentam a solidariedade, a ética e os valores morais dos jovens que hoje estão nas universidades? A preocupação com a coletividade e o bem estar do outro perdeu seu espaço? Pode-se perceber que estes questionamentos transcendem o ambiente acadêmico e possuem uma relevância social a partir do momento em que se busca problematizar aspectos que atingem a sociedade como um todo. Não estamos trazendo à tona apenas uma questão referente ao ensino superior, mas uma questão de conduta e valores comuns ao mundo contemporâneo, com consequências comprometedoras para a coletividade e o sistema de ensino.

Com base nestas considerações, é possível assumir uma problemática de pesquisa que se fundamenta na compreensão dos sentidos do ensino superior para os alunos, observando os valores que estão na base de sua configuração, com foco na origem desta forma de se relacionar com o ambiente acadêmico. Dessa perspectiva, é necessário que olhemos para as relações presentes em todo o contexto acadêmico: alunos, professores, instituição e políticas públicas

voltadas à educação no Brasil. Somados, estes aspectos fornecem dados importantes na medida em que se constituem polos de conflitos e encontros, construções e desconstruções, cuja compreensão é necessária se pretendemos acessar os sentidos do ensino superior para os alunos.

Morin (1996) sugere que devemos olhar para nosso problema de pesquisa a partir do ponto de vista da complexidade<sup>1</sup> e o que está tecido junto. A forma como se produzem as relações entre o sujeito e o seu meio em um processo dinâmico em que o produtor de sentidos e significados é também produto desta criação, tem muito a nos dizer. Esta relação dialética faz com que coexistam no mesmo espaço múltiplos processos em que a própria complexidade tramada entre vários aspectos envolvidos constituem objetos de pesquisa. Os elementos desta relação, a forma como eles se interpenetram, como se chocam e se completam, como geram e são gerados constituem uma forma dinâmica de se debruçar sobre um problema de pesquisa. Partindo da teoria da complexidade de Morin, podemos sugerir que nosso objeto de pesquisa deva ser visto e revisto a partir da relação que os alunos têm com a instituição, com a sociedade, com os professores e vice-versa.

No âmbito da problemática a investigar, Guimarães (2005) também propõe o estudo da indisciplina escolar a partir das ambiguidades geradas nas relações dentro das instituições escolares, mas tratando da problemática dentro do ensino fundamental. A autora vê na indisciplina uma forma de expressão de afetos, de demonstração de individualidades dentro de uma forma de educação que busca homogeneizar os alunos. A indisciplina surge como uma ruptura de um bloco disciplinarizante formatador de alunos dóceis. Quanto maior a homogeneização, a uniformidade e o controle sobre os corpos, maiores serão as demonstrações de violência. Assim, a indisciplina surge como viés de expressão das diferenças, de compartilhar experiências, de proteção contra dominações e controle – uma estratégia de sobrevivência às imposições sociais. A autora mostra que a

---

<sup>1</sup> Tomamos aqui a teoria da complexidade de Morin como um novo paradigma sobre a maneira de pensar e olhar o mundo em que se engloba um emaranhado de ações, contradições, lapsos e contingências que se interpenetram de uma forma dinâmica em permanente interação. Ele postula que possamos ser capazes de fazer conexões em relação ao nosso objeto/sujeito de forma contextualizada ampliando o foco para o momento, o entorno, mas também para as dicotomias e incertezas. "O pensamento complexo não é o pensamento completo; pelo contrário, sabe de antemão que há incerteza" (Morin, 1996, p.285).

indisciplina manifestada como uma partilha de emoções e expressão das particularidades de cada aluno pode, inclusive, servir de fator de integração dentro do ambiente escolar.

Consequentemente, Guimarães coloca que, quanto mais a escola impuser uniformizações, maiores serão as resistências e o professor possui um papel de agir no conflito ao oferecer uma escuta às condutas de indisciplina traduzindo o que está por trás e trabalhar com este “material” fornecido pelos alunos. Ela descreve a importância do professor administrar as situações de indisciplina sem autoritarismo, mas sem abandono.

Foucault (1977), em seu livro *Vigiar e Punir*, descreve o professor como representante das técnicas disciplinarizantes, reproduzidor do poder do Estado. As formas de se exercer poder podem ser explícitas, sutis, ou organizadas. Ele fala das regras e das técnicas disciplinarizantes como maneiras de controlar os corpos (proibições e obrigações) a fim de deixá-los mais dóceis e mais suscetíveis ao poder instituído.

Dayrell (1999) também relata a necessidade da escola ser um local de construção de saberes em que as interrelações podem se expressar. O ambiente e a educação escolar foram construídos visando à disciplina dos alunos e à reprodução de conhecimento técnico. Porém, ele ressalta que a escola deveria ser um local onde se acolhessem as diversidades e os vários conhecimentos dos sujeitos que a integram fornecendo práticas que propiciassem a expressão de afetos. Para ele, as relações sociais na forma de trocas de experiências no ambiente escolar é que realmente educam o aluno e não a transmissão de conteúdo. Mas, os alunos não encontram na escola espaço físico nem subjetivo que propicie o encontro dos sujeitos e a canalização de afetos que são reprimidos pela dinâmica do funcionamento acadêmico. Segundo o autor, a transgressão seria uma forma de manifestação desses afetos e construções que não conseguem ser erigidas nem expressadas na escola.

Podemos perceber que muitos estudos têm sido feitos sobre indisciplina no ensino fundamental e médio. E nós, professores do ensino superior que estamos vivendo problemática semelhante, não com crianças e adolescentes, mas com

jovens adultos? Souza (2005) também descreve a problemática das relações em que os conflitos e o desrespeito são constantes. Contudo, não adota a indisciplina como conceito ou caminho, mas se opõe a ela, oferecendo o conceito de valores para se pensar o que tem se denominado como indisciplina no ensino fundamental. Ela também lança uma luz para podermos compreender a trajetória desta questão até o ensino superior.

A autora, assim como as pesquisas citadas acima, vê na indisciplina uma forma de expressão de afetos e significados, no entanto amplia seu olhar para a gênese de tais expressões. Souza transcende o conceito de indisciplina, destacando o conceito de valores morais e não morais no ambiente escolar. Os valores morais seriam aqueles baseados em atitudes de respeito a si e ao outro, construídos pelas representações de honestidade, ética e condutas adequadas que o sujeito constrói através de suas relações com o meio, principalmente a escola e a família. Já os valores não morais seriam concernentes ao ter, à visibilidade social. Seriam aspectos relativos à autoestima, tais como: sucesso, beleza e glória.

Conseqüentemente, os critérios definidores do que é indisciplina vão variar conforme se modificam as relações entre os sujeitos e suas interações sociais, como ele vê a si, quais as representações que faz do outro e seus significados para sua vida e sua constituição enquanto ser social. Para Souza, se não há respeito é porque o sujeito não legitima o outro como alguém importante para si. Como se o sujeito pensasse: “Não me importo com o outro, o professor, a escola, o colega, e então faço o que faço, pensando apenas em mim mesmo”. Por essa razão Souza (2005) define condutas de indisciplina como “desrespeito”.

Assim, o desrespeito avança onde não há construção de valores positivos, e a escola é um local em que há dificuldade em se construir esses valores. Para ela, a escola deveria ser um local de formação desses valores, que são a base para o autorrespeito e, conseqüentemente o respeito ao outro. Não basta exigirmos que o aluno respeite o professor. É preciso que se promova a construção de seu autorrespeito; ele será com o outro aquilo que ele é consigo mesmo. O sujeito constitui e é constituído pelo social. É possível pensar que se o autorrespeito não for trabalhado ao longo da educação do sujeito, pelas famílias e

pelas escolas, o desrespeito passe a se manifestar, já que a noção de respeito a si e ao outro se constitui de forma imbricada.

A autora destaca que a escola, por sua vez, não favorece a criação de valores morais e sim, de valores não morais. Para ela, valores não construídos na vida escolar irão permear as relações professor-aluno nas instituições escolares, podendo prosseguir até o ensino superior, gerando situações de desrespeito.

Construir valores morais significa fazer com que os sujeitos reflitam sobre si mesmos. Significa, também, promover interações dentro da escola que possibilitem a construção desses valores por meio, por exemplo, do respeito ao aluno. Escutar, compreender as falas, olhar as relações dentro da escola de forma ampla, sem estereotípias nem julgamentos depreciativos são formas de se investir na formação de valores morais pelos alunos.

Shimizu *et al* (2006) também destacam a importância da inserção nas escolas de estudos que abordem valores, educação moral, ética, pluralidade cultural e étnica, entre outros. Segundo as autoras, nossa sociedade está passando por mudanças culturais e as escolas e universidades podem ser um local para se discutir a educação de valores e a ética como forma de se adequarem ao contexto e às necessidades atuais. As autoras salientam a importância da educação se comprometer com a inserção de temas transversais, como a autonomia, a ética e os valores e não apenas se preocupar com a transmissão de conhecimentos.

As autoras também revelam a pertinência destes temas nas publicações científicas. Para compreenderem a extensão dos estudos feitos na área nos centros acadêmicos e sua abrangência em termos de questionamentos na sociedade, foi realizada uma busca em publicações desde a década de 70. De acordo com o levantamento bibliográfico realizado na referida pesquisa é pontuado que as produções acadêmicas ampliaram os estudos em direção às questões que envolvem valores, ética e diversidade cultural. Percebe-se que a discussão destes temas vem se ampliando nas últimas décadas mas, sobretudo, são pesquisas teóricas e não empíricas ou de campo. Sugere-se, assim, que há

mais teoria que prática e que novos estudos devam ser empreendidos já que este tema atenderia a uma necessidade de nosso contexto social e educacional.

Podemos perceber que muitos estudos têm sido realizados sobre aspectos que envolvem as atitudes dos alunos em espaços educacionais, sobretudo nas escolas de ensino básico. No ensino superior, existem ainda poucas pesquisas, mas podemos citar alguns estudos voltados para as relações entre professores e alunos. Em sua tese de doutorado, Jusevicius (2006) descreve a importância de se fazer pesquisa sobre o ensino superior devido aos problemas surgidos na área e ao crescimento do número de cursos superiores oferecidos atualmente. A autora também destaca que existem muitos estudos feitos sobre a problemática da educação básica, mas que na academia estas pesquisas ainda são poucas.

Os professores ainda têm uma visão do ensino superior da época em que eram estudantes da graduação, mas esta realidade mudou porque existem muitas lacunas em termos de conhecimento, deixadas pela educação básica deficitária em nosso país. Parece que os professores não notaram a existência dessas diferenças, o que faz com que os alunos e os professores se isolem em sala de aula, transformando o cotidiano da universidade em um espaço sem diálogo, permeado por inseguranças e conflitos. A autora, baseando-se na teoria de Vygotsky, mostra que esta falta de interação entre o afetivo e o cognitivo, o social e o individual, dificulta o processo de aprendizagem e de construção do conhecimento nas salas de aula do ensino superior.

Pagnez (2007) também afirma que a aprendizagem inicial do professor de ensino superior decorre do período em que ainda era aluno, através do espelhamento de práticas pedagógicas que lhe servem de modelos a serem seguidos ou rejeitados. A autora destaca problemáticas vivenciadas por professores que também são citadas nas pesquisas descritas acima, tais como, problemas de conduta em sala de aula e a necessidade de se ter um olhar que abarque as questões socioculturais dos estudantes, contextualizando o que é ensinado com o cotidiano dos alunos. Ela destaca a importância do docente não ser um mero transmissor de conhecimento, mas um estimulador de saberes construídos pelos alunos. Neste sentido, ela mostra que os estudantes, por serem adultos, devem estabelecer uma relação de corresponsabilidade pela sua

aprendizagem com o professor, interagindo e construindo um ambiente de troca que facilitaria a formação do aluno.

Esta situação não necessariamente se enquadra na realidade vivenciada pelos professores, ela seria uma forma de aprendizagem ideal. Em sua conclusão, a autora percebe que há uma crise no sistema de ensino, assim como em outras profissões, devido às mudanças sócio-econômicas do nosso tempo que priorizam a competitividade, a produtividade e a consolidação mercadológica. Lidar com esta atualidade se apresenta como um desafio para os professores do ensino superior.

Cunha (2006) também revela dados sobre o ensino superior, mas com o enfoque na formação de professores. A autora também pontua que o ensino na graduação é uma reprodução da experiência que o professor teve enquanto aluno. Apenas com a reflexão de sua prática acadêmica é que o professor pode recriar sua ação educativa em direção a integrá-la com as novas demandas, os novos sujeitos-alunos, inserindo-a em uma realidade que está em permanente modificação. A autora ainda mostra que a formação do professor não confere a ele embasamento para lidar com as especificidades do ensino superior. Ela descreve que a docência é uma prática solitária e que o exercício da profissão se dá dentro de um processo de tentativas e erros.

Paralelamente a esta problemática, o professor se vê diante de um tipo de ensino transformado em mercadoria. Alunos-clientes-pagantes e a instituição de ensino superior querem o êxito escolar e, caso não se consiga, usualmente o professor é responsabilizado. Esta consideração é feita sem ser contextualizada, já que outros fatores interferem no êxito dos estudantes, tais como formação anterior, contexto cultural, jornada dupla, entre outros aspectos (CUNHA, 2006).

Zago (2006) também chama a atenção para problemática semelhante. Estudantes de camadas populares têm tido um maior acesso ao ensino superior, mas qual a real condição de escolarização destes alunos? Para Zago, há uma desigualdade em termos de formação básica e de contexto cultural, o que se reflete na vida acadêmica e na permanência do aluno no ensino superior. Ao mesmo tempo em que representa uma abertura de novos mercados de trabalho

para o estudante de baixa renda, essa suposta abertura também representa maiores barreiras a serem transpostas. Como exemplos desses problemas destacados pela autora, estão o fracasso escolar, tanto na fase do vestibular quanto durante a graduação, devido às condições de formação básica, à escolha por cursos menos concorridos e à procura por instituições educacionais com preços mais baixos em vez de instituições públicas de ensino superior.

Todas essas questões se constituem como motivação para a realização dessa pesquisa e pretende-se, assim, tomar como base os sentidos do ensino superior para os alunos para aprofundar a compreensão dessas questões. No que concerne ao referente para abordar tal problemática, fizemos opção por aqueles que entendem o sujeito a partir de suas interações com o meio, focalizando os sentidos envolvidos no processo interativo. A base é a teoria histórico-cultural, cujos principais representantes são Vygotsky e seus seguidores, que postulam o sujeito como constituído pela cultura ao mesmo tempo em que a constituem.

Vygotsky <sup>2</sup> (1995) descreve em sua obra que toda aprendizagem ocorre na interação entre os sujeitos, imersa na cultura. O meio passa a ser a referência que permite ao homem constituir-se como tal. Essa interação com outros é o que promove o desenvolvimento do sujeito e isso se dá por meio do uso da linguagem. Quando consegue se apropriar das noções construídas na relação com o outro social por meio da linguagem, ele passa a regular sua conduta. Vygotsky propõe o conceito de autorregulação da conduta, em que o sujeito, a princípio regulado pelo meio, passa a se autorregular à medida em que as funções psicológicas elementares – do âmbito do biológico – assumem nova qualidade, agora mediadas pela cultura, transformando-se em funções psicológicas superiores. Para o autor, a autorregulação é a mais importante função psicológica superior, por se relacionar e regular todas as demais. Autorregulado, o ser humano reconhece seu potencial e seus limites, sendo capaz de tomar decisões, tendo consciência de si e do outro.

---

<sup>2</sup> A diferença entre o alfabeto Russo e o ocidental, impede uma transcrição precisa entre idiomas fazendo com que haja grafias diferentes do nome do autor. Adotamos, neste trabalho, a grafia Vygotsky, por corresponder à maioria dos textos pesquisados. Porém, manteremos a grafia utilizada pelos autores estudados, quando houver referência em seus textos.

Outro autor também de base histórico-cultural é Henri Wallon (1979; 1981), para quem o homem se forma de acordo com as relações de alternância que tem com o meio, que inclui os outros sujeitos. Organismo e meio se interpenetram, influenciando-se mutuamente em integração também com aspectos cognitivos, afetivos e motores. A psicogenética de Wallon aborda a influência entre o orgânico, afetivo e social de forma complementar e integrada como constituintes do sujeito. Biológico, social e psicológico se influenciam, de modo que um não tem predominância sobre o outro, mas formam um conjunto de circunstâncias que constituem e diferenciam um sujeito do outro. A partir deste conjunto de fatores, formam-se seres singulares e é na própria diferenciação entre os sujeitos que se estabelecem os processos de desenvolvimento e amadurecimento do ser humano.

Dessa maneira, pode-se ampliar o olhar para compreender como os sujeitos da pesquisa se constituem alunos do ensino superior e quais interações favorecem a construção de relações de respeito e desrespeito entre alunos, e alunos e professores. No levantamento de algumas pesquisas percebe-se uma preocupação em compreender a realidade do ensino superior atualmente, corroborando uma preocupação expressa por nós, professores: a academia não é mais a mesma. Seja por novas demandas de alunos, pela formação deficitária na educação básica, pelos problemas de formação do próprio professor, pelas mudanças nas relações sociais como um todo, pela disseminação de condutas de desrespeito no cotidiano escolar, etc.. Necessário se faz investir em uma melhor compreensão desses aspectos e, com este fim, elegemos os seguintes objetivos para esta pesquisa:

### **Objetivo Geral**

Investigar o sentido do ensino superior para alunos da graduação buscando identificar os valores presentes nas relações: aluno e professor, aluno e conhecimento, aluno e ensino superior.

### **Objetivos Específicos**

- Compreender quais valores morais e não morais estão presentes nos sentidos de ensino superior, configurados pelos alunos;
- Analisar em que medida os aspectos organizacionais- institucionais, instrucionais - relacionais e sociopolíticos permeiam os sentidos do ensino superior para os alunos;
- Refletir sobre possíveis caminhos que possam respaldar professores e instituições de ensino na construção de relações mais efetivas na promoção da formação de futuros profissionais.

Assim, o texto que apresentamos a seguir traz no capítulo 1 um panorama do Ensino Superior no Brasil, visando contextualizar suas condições, com foco no aspecto sociopolítico e institucional. O capítulo 2 traz o referencial teórico da pesquisa, com os principais conceitos que servem de aporte às nossas análises e interpretações. No capítulo 3 são feitas considerações a respeito da metodologia utilizada na investigação e no capítulo 4, discorremos sobre a análise dos dados coletados assim como uma discussão que versa sobre as principais categorias e subcategorias pesquisadas. O capítulo 5 levanta nossas conclusões e questionamentos finais.

## CAPÍTULO 1 - ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO BRASIL

Colossi *et al* (2001) relatam que a história do ensino superior no Brasil se confunde com a história da evolução da sociedade brasileira. As primeiras instituições de ensino superior (IES) surgiram no país após a chegada da Corte Portuguesa em 1808. Com a pressão da elite nacional existente na época, o governo monárquico instalou no Brasil a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, a Escola de Engenharia e Arte Militar do Rio de Janeiro e a Escola de Medicina da Bahia. Em 1827 foram criados em São Paulo e em Olinda, cursos de Ciências Jurídicas. Em 1889, com a Proclamação da República, o país já contava com 14 instituições de ensino superior.

Sampaio (2000) atribui à Proclamação da República em 1889, um marco na história da educação do país. A autora relata que foi a partir da Constituição da República de 1891 que se passou a permitir que governos estaduais e a iniciativa privada criassem suas próprias instituições de ensino superior no país. No início da década de 1920, o Brasil possuía poucas instituições de ensino superior, na sua maioria privada de base católica. A partir de 1930, o setor privado já possuía 64% dos estabelecimentos de ensino superior, abarcando 44% das matrículas existentes. Em 1945, o setor privado possuía 50% dos alunos do ensino superior no país. Foi neste período que as Pontifícias Universidades Católicas surgiram no Brasil, mas simultaneamente, o setor público teve uma expansão significativa, principalmente no âmbito federal e estadual. Na década de 50, os grupos laicos e as instituições confessionais cristãs representavam a maioria das ofertas de vagas no ensino superior privado. A autora divide o crescimento do setor privado no século XX em duas partes: o primeiro período, entre 1933 a 1960, em que ocorreu a consolidação e estabilidade dos estabelecimentos de ensino privado e, o segundo período, entre meados dos anos 60 até os anos 80, em que o setor privado passou a ter uma predominância significativa sobre o setor público (SAMPAIO, 2000).

No início dos anos 60 havia uma média de 100 instituições de ensino superior no país, a maioria nos centros urbanos, com predominância de estudantes representantes da elite nacional e do sexo masculino. Observamos

que da década de 30 até este período havia um relativo equilíbrio na distribuição das matrículas entre ensino público e privado. A partir da metade da década de 60, iniciou-se um processo de expansão das faculdades privadas e públicas em função da busca da população pelo ensino superior. Como o setor público não conseguia abarcar a demanda existente, o setor privado acabou por acolher os excedentes do ensino público. Sampaio (1998) também destaca que até esta fase não havia uma política pública específica para o ensino superior.

Saviani (2004) relata que a primeira lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi sancionada neste período, precisamente em 1961 e visava à organização do sistema de educação nacional como forma de democratização do ensino. A lei destacava o papel do ensino superior como formador de profissionais de nível universitário e como reduto de pesquisa e promoção das diferentes formas de ciências. A lei de 1961 não especificava a prática e a formação do professor universitário. Descontentes com a lei de 1961 e em decorrência da resistência ao regime militar de 1964, em 1968, o movimento estudantil mobilizou-se em direção a exigir mudanças e que se instaurasse uma reforma universitária que atendesse às necessidades de universalização e democratização do ensino. Em 1968 foi promulgada uma nova Lei da Reforma Universitária em que se definia o papel do professor universitário como promotor e articulador entre ensino e pesquisa.

Neste período, de acordo com Sampaio (1998, 2000) houve uma expansão do ensino superior privado, principalmente através das faculdades de pequeno porte, com enfoque no ensino profissional sem possuir a tradição universitária da pesquisa. No início dos anos 70, havia mais de 600 instituições privadas de ensino superior com estas características contra apenas 16 universidades particulares. Neste período, muitas escolas de ensino secundário se transformaram em ensino superior e faculdades isoladas foram se fundindo e formando centros educacionais de graduação. Ao mesmo tempo em que o setor público crescia, a iniciativa privada acompanhava o mesmo ritmo de crescimento, suprimindo as lacunas deixadas pelo ensino público. Para a autora, o estado se retirou de sua responsabilidade de incrementar o desenvolvimento do ensino público, delegando às instituições privadas a tarefa de atenderem esta demanda

da sociedade. Ela relata que ao final da década de 70 o setor privado respondia por um percentual de 62,9% das matrículas no ensino superior.

Cunha (2004) revela que o governo militar apoiou a expansão das faculdades privadas como forma de incentivar a classe média a atingir os cursos superiores, buscando, com esta atitude, angariar nesta camada da sociedade aliados para o regime ditatorial, o que possibilitou maior sustentação política para o governo da época. Vem deste período a exclusão das notas mínimas nos vestibulares, cabendo ao aluno apenas não tirar uma nota zero nas provas. O exame de múltipla escolha também foi instituído como obrigatório nesta fase, o que teria gerado um decréscimo na qualificação dos estudantes de nível superior. O setor privado, conclui o autor, foi atraído para a educação neste período por motivos políticos e econômicos, fazendo uma espécie de parceria com o governo militar.

Ao chegar aos anos 80, as faculdades privadas já representavam 63% das matrículas de graduação. Sampaio (1998, 2000) ainda destaca que neste período já havia se fundamentado um distanciamento entre setores públicos e privados da educação superior. As universidades, seguindo a reforma educacional de 1968, direcionaram seus objetivos à pesquisa e à formação docente. Já as instituições particulares se desenvolveram na direção de oferecer cursos de formação profissional atendendo a demandas do mercado de trabalho. Assim, as universidades públicas diminuíram seu ritmo de crescimento para investirem em ensino e pesquisa e as instituições privadas continuaram sua progressiva expansão em direção a adaptar-se às necessidades educacionais e de mercado de trabalho. A autora relata que no início dos anos 80 havia apenas 20 universidades privadas, e em meados dos anos 90 já havia 76 delas no país. Neste período, as universidades e as faculdades privadas já haviam consolidado o papel de suprir demandas da educação superior no país com enfoque na administração empresarial, investimento nas localizações e nas instalações físicas dos centros de ensino e na oferta de cursos de acordo com as necessidades da sociedade, transformando-se em ensino superior de massa.

Colossi *et al* (2001) também destacam a expansão do ensino privado entre as décadas de 1960 e 1990 como forma de suprir uma necessidade da sociedade

e a dificuldade do governo em arcar com a demanda educacional da população e com a expectativa do mercado de trabalho regional e nacional. Os autores revelam inclusive facilidades oferecidas pelo governo no sentido de ampliar as vagas nas escolas privadas, já que as instâncias públicas não estavam conseguindo oferecer educação de nível superior à população. A partir da década de 90, o ensino superior atrelou-se a uma política do governo nacional de promoção do desenvolvimento econômico.

Segundo dados apresentados em 1999 pelo Ministério da Educação, os planos de governo a partir de 1995 seriam orientados pelos princípios de expansão, diversificação do sistema, avaliação, supervisão, qualificação e modernização (...) função de instrumento de qualificação profissional e de promoção de desenvolvimento político-econômico, social e cultural. Neste novo cenário, as IES passam a representar a fonte de propostas para superar desafios de desenvolvimento social e econômico. (COLOSSI *et al* , 2001, p.52).

Após a década de 80, outro fator que contribuiu para a expansão do ensino superior foi o aumento dos estudantes concluintes do ensino médio. Este fator, segundo Schwartzman (2000), ocorreu em função de a sociedade correlacionar o acesso ao ensino superior com a melhoria das condições de vida; o conhecimento estaria interligado a benefícios individuais e sociais. Outra cultura muito difundida a partir dos anos 80 foi o fato de as próprias famílias de classe média já programarem a vida estudantil de seus filhos para que esses cursassem o ensino superior. Além disso, o mercado de trabalho já apresentava exigências de qualificação profissional e técnicas compatíveis com uma formação acadêmica de nível superior (SCHWARTZMAN, 2000).

Na década de 90, de acordo com Saviani (2004), após contínuas mobilizações da comunidade educacional (IV Conferência Brasileira de Educação) e das entidades ligadas ao meio acadêmico (ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação e a ANDE – Associação Nacional de Educação), em 1996 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a Nova LDB. A lei destaca várias finalidades do ensino superior, tanto privado quanto público, mas Pagnez (2007) destaca quatro objetivos principais da lei: formação de profissionais capacitados, promoção e

divulgação de conhecimentos científicos, articulação com a realidade social do país e desenvolvimento e oferta à população de cursos de extensão e aperfeiçoamento. A nova LDB é a lei que está em vigência nos dias atuais e que regulamenta o funcionamento do sistema educacional brasileiro, incluindo o ensino superior.

Para Cunha (2004) a LDB/96 deixou algumas lacunas no que tange ao ensino superior, principalmente no que trata dos vestibulares, por não especificar de forma detalhada a função do mesmo. A nova LDB apenas cita os processos seletivos, não caracterizando diretrizes para sua realização. Consequentemente, alunos sem preparo adequado conseguiriam entrar nos cursos de ensino superior, principalmente os privados. Neste período, durante o octênio de FHC, o número de estudantes no ensino superior deu um salto de 1,2 milhões em 1995 para 3,5 milhões no final dos seus mandatos, representando um aumento de 209% em oito anos, sendo que o setor público cresceu pouco e o setor privado passou a responder por 70% do corpo discente do país.

De acordo com Colossi *et al* (2001), a situação do ensino superior no Brasil apresenta, no início do século XXI, 900 instituições de ensino superior, sendo que um pouco mais de 100 são universidades (públicas e privadas). Para os autores, há um caráter elitista do ensino público superior ao restringir as vagas de cursos noturnos, impossibilitando o aluno de poder aquisitivo menor trabalhar e estudar simultaneamente. Apenas a parcela dos estudantes que podem ser apoiados economicamente consegue fazer os cursos superiores públicos diurnos.

O Sindicato das Entidades Mantenedoras e Estabelecimentos de Ensino Superior do Estado de São Paulo - Semesp (2008) aponta dados de 2002 em que em um período de 22 anos, entre 1980 e 2002, 6.129.388 alunos concluíram o ensino superior, sendo 4.004.900 na iniciativa privada e 2.124.488 nas instituições públicas, revelando o predomínio das instituições privadas na formação acadêmica no país. De acordo com o banco de dados do Semesp, no Estado de São Paulo entre 2000 e 2005, houve um crescimento de 144,8% de matrículas. O Estado possui hoje 521 instituições de ensino superior entre públicas e privadas com um total de 1,2 milhões de alunos matriculados. A projeção do Semesp é de

1,5 milhões de matrículas no ensino superior até o ano de 2010, sendo que deste total, 1,3 milhões locados no ensino privado.

Segundo Sampaio (2000) a expansão do ensino superior privado ocorreu por dois fatores: direcionamento do mercado e omissão do Estado em fornecer ensino público. A autora destaca que, assim como há 30 anos, quando se deu a expansão do ensino superior, ainda hoje há um predomínio de cursos das áreas de ciências humanas e sociais nas instituições privadas. Estes cursos representam hoje metade dos cursos oferecidos pela rede privada em seu conjunto em todo o país. A razão para essa hegemonia deve-se ao fato desses cursos poderem ser ministrados em apenas um período, possuírem mensalidades mais acessíveis e por haver demanda no mercado profissional. Além disso, há a crença de que são cursos academicamente mais acessíveis de serem acompanhados pelos alunos, facilitando a permanência deles até a sua conclusão.

Sampaio (1998) também pontua outra tendência do ensino privado nos dias de hoje, que seria a saída dos centros urbanos e o crescimento das matrículas no interior dos estados. O crescimento nessas regiões foi superior às taxas de crescimento das grandes cidades e capitais. Outra característica pontuada pela autora é que fica claro nos dias de hoje a existência de uma divisão de funções entre ensino superior público e privado, no sentido de abarcar as necessidades da população estudantil e do mercado de trabalho. Estabeleceu-se que o ensino público priorizaria a pesquisa e a formação de professores e o ensino particular focalizaria as demandas mercadológicas e o atendimento quantitativo da população. Esta divisão conseguiria acomodar, segundo a autora, as demandas de número de matrículas e as necessidades qualitativas do país.

O Governo vem implantando nos últimos anos políticas públicas para aumentar o acesso da população ao ensino superior privado. Segundo dados do Ministério da Educação (2008 a), uma destas medidas do governo foi a criação do ProUni – Programa Universidade para Todos, através da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. O ProUni é um sistema de bolsas de estudo em uma parceria Governo e instituições privadas que tem a finalidade de permitir o acesso ao ensino superior da população de estudantes de baixa renda (renda familiar per

capita de até 3 salários mínimos) e que obtiveram notas significativas no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Para participar, o aluno deve ter cursado o ensino médio completo em escola pública ou em escola privada com bolsa de estudos. Também podem participar do programa os alunos portadores de deficiência. Nesta parceria, as instituições oferecem bolsas parciais ou integrais e o Governo promove isenção de alguns tributos àquelas que aderirem ao programa. De acordo com a lei que instituiu o ProUni, o Governo descredenciará aquela instituição de ensino superior que obtiver do MEC três avaliações negativas consecutivas.

Ainda de acordo com dados do Ministério da Educação (2008 a), o ProUni já ofereceu, desde sua criação em 2005 até o 1º semestre de 2008, 385 mil bolsas, sendo que 270 mil foram integrais. A meta do Plano Nacional de Educação do Governo Federal é ampliar até 2011 o número de vagas no ensino superior em 30% para a população de jovens entre 18 a 24 anos. As bolsas oferecidas pelas instituições privadas devem durar por toda a formação do aluno e quando a entidade adere ao programa, se compromete com o governo a oferecer bolsas por 10 anos. A proposta do governo é estabilizar a oferta de 450 mil bolsas em cinco anos. O ProUni também oferece incentivos para manter o aluno na faculdade privada e evitar evasões. Para tanto, o Governo oferece convênios de estágios entre o MEC e a Caixa Econômica Federal e o Bolsa Permanência, em que é oferecida uma ajuda de custo para alunos do ProUni que estudam em cursos com carga horária igual ou superior a 6 horas diárias.

O Ministério da Educação (2008 b) também destaca que o governo oferece outro programa de incentivo ao acesso da população de baixa renda ao ensino superior, o FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior. Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Fies financia a graduação dos estudantes de baixa renda desde que regularmente inscritos em instituições privadas e que aderiram ao plano do Fies. A proposta do Fies é o financiamento parcial ou total da mensalidade não coberta pelo ProUni. O aluno deve pagar o valor financiado após a conclusão da graduação, sendo que as taxas de juros sobre a dívida são menores do que as realizadas pelo mercado (3,5% a 6,5% ao ano). Estudantes não bolsistas do ProUni também podem se candidatar a receber financiamento de 50 a 75% das mensalidades. A articulação entre estes dois

programas, ProUni e Fies, faz parte do PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação do Governo Federal.

Aparentemente, este incentivo de bolsas de estudo é visto pela população como um benefício. Mas alguns autores questionam e criticam esta ação do Governo sendo vista como uma resolução superficial do problema da educação no Brasil. Cunha (2004) enfatiza que as instituições privadas deveriam melhorar a qualidade de ensino oferecida, principalmente, através da formação de seu corpo docente que hoje, segundo avaliação do autor, mostra-se despreparado para exercer tal função. Ele destaca que o governo deveria apoiar o setor privado de outra forma e não apenas com subsídios fiscais e créditos educativos. Seria importante o apoio do Estado no aprimoramento das grades curriculares, além da expansão de laboratórios e acervos bibliográficos das instituições privadas, na busca pela elevação da qualidade de ensino e incentivos à pesquisa. Para tanto, o autor sugere que seriam necessárias leis complementares à LDB/96, que deixou lacunas no que diz respeito ao ensino superior. Cunha critica as atuações conjuntas entre os setores públicos e privados no ensino superior. Para o autor, há uma grande desvalorização do ensino superior, mas ao invés de haver uma redução nas matrículas, há uma busca crescente pelos cursos de graduação, apenas como ponte para pós-graduações como maneira de compensar a fragilidade do ensino na academia. Cunha continua sua crítica ao ensino superior denunciando que desde o governo FHC houve um aumento significativo das IES privadas com aval do Estado na forma de incentivos fiscais e créditos financeiros para o setor.

A privatização do ensino superior foi acelerada no octênio FHC. O número de instituições privadas aumentou consideravelmente, em especial na categoria universidades e na dos centros universitários, o que resultou na ampliação do alunado abrangido pelo setor. Tal crescimento fez-se com a complacência governamental diante da qualidade insuficiente do ensino ministrado nas instituições privadas e até mesmo com o benefício do credenciamento acadêmico e do crédito financeiro. (CUNHA, 2004, p.807).

Barreto & Leher (2008) denunciam que os programas de incentivos do Governo, na verdade, são vistos pelos empresários do ramo da educação como

estratégias para isenções tributárias e não como certificadores de qualidade e democratização do ensino. Os autores fazem uma crítica às políticas nacionais para o ensino superior expandindo a análise a um plano mundial. Para eles, o Brasil atende a uma demanda de um mundo globalizado que através de órgãos internacionais como o Banco Mundial, estão em busca de satisfazer interesses das grandes nações desenvolvidas (G-7). Para os autores, O Banco Mundial a pretexto de trazer soluções para problemas advindos do subdesenvolvimento, serve aos imperativos econômicos e políticos. Órgãos como o Banco Mundial e a UNESCO falam de ajuda aos países mais pobres ou economias emergentes relatando uma necessidade de mudança de destino como se a “salvação” fosse investir na educação superior sugerindo que deva haver investimentos em instituições não universitárias (faculdades privadas) visando um aumento de mão de obra qualificada que atenda ao emergente mercado globalizado.

As sugestões convergem para a criação de cursos de curta duração (tecnológicos) e cursos à distância com o argumento de que a economia global está fundamentada no conhecimento técnico e científico. Os países emergentes na visão do documento devem acelerar a formação de nível superior através de treinamento de baixo custo, flexível e de curta duração para incrementar a qualificação exigida por uma economia globalizada. Caso contrário, os documentos apontam para um destino sombrio onde as referidas nações dificilmente conseguirão acompanhar a expansão da economia mundial.

Fazendo um levantamento de documentos em parceria entre Banco Mundial e a UNESCO os autores relatam que estes órgãos falam de um tipo de universidade que foge ao modelo ensino-pesquisa-extensão. São utilizadas expressões que trazem uma imagem mercantilista ao ensino superior. As IES são chamadas de fornecedores de um mercado promissor e emergente, que podem atender a uma demanda globalizada pelo crescimento do número de alunos consumidores. O conhecimento é colocado por estes órgãos como se fossem *commodities*, mercadorias que devam se expandir para um mercado internacional de livre comércio. Conforme os autores, estes órgãos criam uma imagem de uma educação sem fronteiras onde há consumidores para vários tipos de produtos e serviços: há demandas do mercado de trabalho, demandas de conhecimento, de novas tecnologias e necessidade de ampliação e distribuição da aprendizagem

mundo afora. Para Barreto & Leher (2008), toda esta linguagem com um tom mercadológico é uma das demonstrações de como o saber vem sendo tratado de um ponto de vista econômico, um comércio científico. Dentro da análise dos autores, esta postura do Banco Mundial em dizer através de documentos oficiais o que é melhor para os países em desenvolvimento, na verdade, tem um cunho político-econômico, como uma espécie de novo imperialismo que se vale da educação para ampliar mercados ao capital internacional e aumentar o poder e influência do núcleo dirigente mundial (G-7).

A posição do Brasil, tanto no período FHC, quanto na gestão Lula, atende às determinações destes dispositivos globalizados. A constituição de 88, apesar de especificar a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, concede o ensino à livre iniciativa privada. A LDB/96 abre caminho para diversificação de instituições de ensino superior e a consequente diversificação de serviços educacionais oferecidos. Amparados pelo aparato legal, a implantação do conhecimento como mercadoria vem se firmando no Brasil nos últimos anos. Dados do MEC/INEP trazidos pelos autores destacam que houve um crescimento de 90% no número de matrículas nas instituições superiores privadas com fins lucrativos contra apenas 31% nas instituições sem fins lucrativos durante os Governos FHC e a primeira gestão Lula.

Barreto e Leher (2008) ainda criticam as baixas exigências para credenciamento de novas universidades e de faculdades privadas e a expansão dos cursos tecnológicos e de longa distância. É a prova viva que as disposições do Banco Mundial sobre a abertura da educação como “salvação” dos países em desenvolvimento vem sendo seguidas à risca por nossos últimos governantes “ambos os governos desenvolveram uma agenda coerente e consistente com a do BM” (BARRETO & LEHER, 2008 p.434).

Schwartzman (2000) destaca a necessidade de mudança dos valores atrelados ao ensino superior que indicam uma preocupação maior com a obtenção do título do que com a aquisição do conhecimento e da competência. Colossi *et al* (2001) também criticam a atuação do ensino superior. Para eles, o papel da academia é o de construir conhecimento científico, mas o que podemos ver são instituições enfocando a educação como mais um empreendimento

financeiro. Ao invés da construção de saberes, investe-se na qualificação profissional para atender demandas mercadológicas. A adaptação aos novos tempos é importante e eles sugerem que isto seja feito em uma construção conjunta entre instituições de ensino, alunos e professores, edificando o conhecimento juntos. Professores seriam mediadores do conhecimento e os estudantes deveriam sair da posição de receptores passivos, passando a agentes construtores das disciplinas, adaptando os currículos às necessidades e perfil dos discentes, às mudanças do ambiente social na busca pela solução de problemas que possam ser vivenciados pelos alunos.

Diante dos fatos descritos neste capítulo resta-nos questionar se as atuações do Estado e do setor privado contribuem para a melhoria do ensino superior ou apenas para a massificação do mesmo, sem se preocupar com a qualidade. Formação acadêmica em série sugere um automatismo que não aprofunda conhecimento, mas faz o básico para que os alunos obtenham o diploma de nível superior. Estes relatos estão intimamente ligados à nossa questão de pesquisa: os sentidos atrelados à formação universitária. Podemos sugerir a hipótese de que educação e pesquisa têm sido relegadas a um segundo plano em detrimento da obtenção de diplomas que não necessariamente certificam com qualidade, valores, conhecimento e competência o estudante de ensino superior permeando o saber de aspectos como sucesso e glória, ambos a serviço de interesses financeiros e individualistas.

## **CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 - O sujeito histórico-cultural da perspectiva de Wallon e Vygotsky**

Wallon e Vygotsky concebem a formação do sujeito de uma perspectiva dialética. Ambos sofreram influências da filosofia marxista, que vê a construção do homem, tanto sendo concebida a partir de suas experiências com o meio, como também este mesmo homem transformando o meio que o constitui.

A teoria psicogenética de desenvolvimento de Wallon aborda o sujeito de uma forma integrada, em que organismo e meio se influenciam mutuamente, meio físico e social. O sujeito é interativo porque, ao mesmo tempo em que sofre influência do grupo, também interfere neste meio. Olhar o desenvolvimento para Wallon é olhar como o ser humano se constitui através das suas trocas com o ambiente, mas utilizando seu potencial genético. Aspectos orgânicos junto com as incitações socioculturais vão determinando as etapas de evolução deste sujeito. A teoria Walloniana contribui em vários sentidos para o estudo sobre a constituição do ser. Ela engloba os aspectos biopsicossociais e ainda não interrompe suas considerações sobre desenvolvimento após a fase da adolescência, como a maioria das outras abordagens desenvolvimentistas. Wallon fala do homem de uma forma ampla, integradora dos seus múltiplos aspectos que se desenvolvem pela vida toda.

Wallon (1979) vê a evolução humana desde a infância de uma maneira inovadora em que pontua a importância de todas as instâncias do ser na sua própria constituição, onde um aspecto não é mais importante que o outro. Para Wallon, o cognitivo, o afetivo, o biológico, e o social se completam e um influencia o outro de maneira integrada sem que haja um aspecto mais importante preponderando sobre o outro.

Segundo Wallon (1981), o sujeito se constitui e se desenvolve diferenciando-se; corpo, cognição, afetividade estão em permanente modificação e interação com o meio social. Esta diferenciação se inicia a partir do nascimento

sendo que, para Wallon, o indivíduo é inicialmente socializado, diluído no outro. Na medida em que cresce, vai desenvolvendo a consciência de si, quando começa a se diferenciar do outro. Surge um processo de individualização fazendo com que o sujeito se constitua um ser único. Isto se dá a partir das funções orgânicas, das experiências afetivas e das trocas com o meio. A reunião destes aspectos peculiares a cada um faz com que sua individualidade se constitua distanciando-se daquele momento inicial de sua vida, em que ele não tinha consciência de si, e percebia-se submerso em um todo. A conjunção de todos estes fatores forma o sujeito, fazendo com que ele esteja sempre em processo de transformação, inclusive até a velhice. O desenvolvimento não pode ser visto como puramente intelectual. Wallon (1981) cita que as capacidades intelectuais estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da personalidade e estas também estão ligadas com as condições do meio.

Wallon (1979) contribui para o estudo da formação do sujeito e do desenvolvimento humano, por meio de alguns conceitos, como o de alternância, destacando que nós, desde a infância até a idade adulta, passamos por um processo em que alternamos momentos de introspecção e momentos de socialização. Voltamo-nos para dentro e para fora, intercalando fases que se comunicam e se completam, em que há um predomínio das funções afetivas (introspecção) e cognitivas (socialização). Paralelamente, Wallon traz o conceito de domínio funcional, destacando que nesta alternância de fases há especificidades ou predomínios de certos aspectos característicos de um determinado momento de nossas vidas mais proeminentes do que outros aspectos do nosso jeito biopsicossocial de funcionar.

Através das noções de movimentos motores, tensões, emoções e sentimentos, linguagem e de trocas com o meio, Wallon propõe uma noção de sujeito completa e atual. É a partir de todos estes aspectos integrados que o ser humano vai se construindo através da diferenciação dos outros que o cercam. E é justamente na diferenciação que há desenvolvimento e não apenas no aprimoramento intelectual. Personalidade, cognição e meio se interpenetrando e se diferenciando a partir do sujeito é a própria noção de desenvolvimento para Wallon. Falar de desenvolvimento humano é falar das relações sociais, pois o homem constitui-se como tal, a partir de suas interações, o que Wallon chama de

“condições de existência” (p.198). Por isso, o sujeito não para de se desenvolver e, contrariamente a outras teorias em que finalizam o desenvolvimento na adolescência, para Wallon, este processo é para a vida inteira, desde que haja diferenciação entre sujeito e meio (WALLON, 1979).

O grupo inicia ou facilita as práticas sociais e ele é a base para o sujeito se perceber e perceber o outro. O meio social oferece o suporte para a linguagem, o pensamento e a consciência. Ele é ativo, sempre se recriando e instigando os sujeitos a uma permanente reconstrução. Fomenta a diferenciação entre sujeito e ambiente ao mesmo tempo em que permite o processo de socialização. Portanto, o grupo faz surgir valores e sentimentos a partir do momento em que o sujeito deixa de ser apenas um “eu” no meio do grupo (eles) e passa a ser um “nós” inserido em um grupo (consciência de grupo). Essa inserção ocorre em uma relação de pertencimento com suas diferenças e similaridades sendo que individualidade e socialização se intercambiam dentro do grupo (WALLON, 1979).

Outro aspecto importante sobre a teoria de Wallon são as considerações sobre o papel da escola enquanto grupo impulsionador do processo de desenvolvimento do sujeito. Como o meio é um dos principais aspectos constituintes do ser humano, a escola surge como um importante ambiente social, afetivo e cognitivo na formação das crianças e adolescentes. É um ambiente onde pessoas circulam e constituem-se como grupo a partir do momento em que se desenvolve a consciência dos objetivos deste grupo. Para ele, a escola como uma promotora ideal do desenvolvimento, deveria estimular os vínculos de cooperação, trabalho em equipe e o espírito de solidariedade e não, destacar as individualidades, o preconceito, as rivalidades, a dominação do outro e a competição como é tão comum nos meios educacionais (WALLON, 1981).

O papel da escola passa a ter uma relevância muito grande para que o sujeito se forme, mas que, muitas vezes, o comprometimento das instituições pedagógicas passa longe do seu papel de educar. Ele destaca que seria justamente na cooperação e na integração que haveria as condições ideais de exploração de todo o potencial de desenvolvimento do ser humano e isto tem reflexos que se expandem para a sociedade. Wallon pontua que este trabalho educativo da escola tem uma relevância para a sociedade, pois representaria a

construção de valores sociais de solidariedade importantes para o mundo de hoje (WALLON, 1979; MAHONEY & ALMEIDA, 2006a).

Assim como Wallon, **Vygotsky (2007)** também vê a constituição do sujeito abalizada na integração de vários fatores e, sobretudo, dentro de uma perspectiva social. Vygotsky aborda o sujeito partindo do princípio de que pensamento, cognição, afeto e razão se constituem embasados na gama de experiências sociais e históricas por ele vivenciadas. Vygotsky, de acordo com Palangana (1998), também aborda os problemas de desenvolvimento humano a partir de suas origens genéticas e inclui outros fatores que, interagindo com o ambiente, possam influenciar o comportamento. Para ele, o comportamento humano está intimamente ligado ao seu ambiente histórico social e não pode ser rotulado como algo estático, já que o mundo está envolto em uma constante atmosfera de contradições e modificações culturalmente determinadas.

Vygotsky estabeleceu sua metodologia de pesquisa do desenvolvimento do psiquismo humano em um momento histórico, quando idealistas e materialistas mecanicistas divergiam entre si na busca por uma epistemologia da psicologia. Vygotsky passa a ver o desenvolvimento psicológico como parte do desenvolvimento histórico, visão inovadora para sua época, início do século XX. Enquanto psicanalistas e behavioristas tentavam delinear seus objetos de estudo e metodologia de pesquisa de forma divergente, Vygotsky passava a propor que se estudasse o ser humano em sua totalidade a partir de uma relação social dialética e de interdependência entre vários aspectos. O homem deixa de ser abstrato ou objetivo-observável, e se torna um ser em constante movimento e transformação construído por suas interações com o ambiente e paradoxalmente, influenciando o seu entorno. (ZANELLA *et al*, 2007).

No seu livro *Formação Social da Mente* (1984-2007) Vygotsky demonstra um interesse por conciliar consciência e comportamento que eram objetos investigados separadamente no início do século XX. Suas tentativas de elaborar categorias que poderiam dar outro enfoque às teorias de desenvolvimento vigentes na época acabaram por embasar seu referencial teórico.

Vygotsky (2007) destaca que sua forma de olhar o desenvolvimento humano requer uma nova metodologia já que nenhuma das teorias correntes do início do século observava as funções psicológicas a partir do desenvolvimento histórico. Com uma preocupação em desenvolver um método de pesquisa que não olhe para o sujeito de uma forma isolada ou individualizada, ele postula três princípios metodológicos. No primeiro deles, o cientista deve estudar os fenômenos psicológicos sem tentar controlá-los de forma sistemática, mas sim, a partir dos processos em que eles ocorrem através de situações, para observá-los em seu curso real. No segundo princípio, ao se estudar um fenômeno, deve-se partir de suas origens genótípicas revelando as relações entre atores internos e externos. No terceiro, Vygotsky sugere que os comportamentos atingem certa automatização no decorrer da história e que para estudá-los na sua gênese, é necessário que eles se transformem abandonando o estado mecânico em que se manifestam.

Para Zanella *et al* (2007), devido a esta forma contextualizada de se estudar a constituição do sujeito, o referencial teórico de Vygotsky a partir dos anos 80 passou a ser um dos principais instrumentos conceituais da psicologia e da educação para se estudar o desenvolvimento humano. Justamente pela maneira como parte e todo se completam e um apóia o outro na busca por esclarecer os fenômenos que envolvem o sujeito sem reduzi-los ou universalizá-los. Desta forma, o foco da análise do homem histórico-cultural recai sobre as relações de interdependência entre singular e coletivo, vendo a realidade de forma complexa e permitindo um conhecimento integral dos fenômenos. Cada um absorve o mundo de acordo com seus significados próprios recriando uma realidade singular que é repassada para o meio moldando-o, completando-o, ajudando o sujeito a constituir novamente uma realidade não pré-determinada já que está em permanente modificação.

A partir de sua metodologia própria, Vygotsky (2007) propôs a diferenciação entre as funções psicológicas elementares e superiores no homem. As funções elementares são aquelas que pertencem à filogenia do sujeito sendo algo biologicamente pré-determinado. Já as funções superiores são aquelas que vão ganhando contorno a partir das interações com a cultura. Elas partem das funções elementares que, ao se transformarem e se desenvolverem nas

interações sociais, ganham características do meio, da história e da cultura. Percepção, memória e pensamento são chamadas por Vygotsky de funções mentais superiores e estas se desenvolvem nas relações com o meio (CAVALCANTI, 2005).

Para Vygotsky, o desenvolvimento humano advém da evolução das funções psicológicas superiores através das experiências, dos sentidos atribuídos ao que é vivenciado e internalizado no sujeito e das significações representadas através dos símbolos. Por meio destas combinações, as funções psicológicas superiores vão adquirindo contornos cada vez mais complexos e vão se desenvolvendo e irão depender das relações que o sujeito irá estabelecer com seu meio sociocultural. O homem se desenvolve quando participa ativamente dos seus próprios processos de mudança. Ou seja, desenvolvimento implica em intervenção e mudança por parte do próprio sujeito, mas isto ocorre em suas interações com o meio e nas releituras que ele faz da realidade. Assim, Vygotsky nos apresenta sua concepção do desenvolvimento do psiquismo humano (VYGOTSKY, 1995).

Vygotsky (2003) descreve o desenvolvimento humano a partir da evolução da fala para o pensamento. Para ele, a fala precede o pensamento uma vez que o pensamento é um processo mais complexo baseado nas representações semânticas que fazemos dos objetos. Para Vygotsky, o pensamento condensa as percepções que temos do mundo dando sentido e significado a tudo que tomamos contato. Quanto mais conhecemos o nosso contexto e damos sentidos a ele, mais podemos prescindir ou abreviar a fala.

## **2.2- O conceito de sentido para Vygotsky**

Para compreensão do conceito de sentido em Vygotsky é necessário estabelecer uma trajetória de como o autor constrói outros conceitos como pensamento, linguagem e significado. Inicialmente, Vygotsky (2003) faz uma relação entre pensamento e linguagem descrevendo como estes aspectos influenciam o desenvolvimento humano.

Segundo ele, esta relação é uma questão central na constituição do sujeito, pois é através da aquisição da linguagem que podemos nos relacionar com o meio e ao mesmo tempo interferir em sua construção. A palavra, para Vygotsky, faz a mediação entre o homem e o mundo. O que o sujeito pensa, concebe e fala é o que está no meio, e também é o veículo para interagir e transformar o seu entorno.

Porém, os significados das palavras estão em permanente construção, pois, a representação que fazemos dos objetos através dos signos é um processo dinâmico sempre se modificando na medida em que construímos novas interações, novas formas de ver o mundo. O que falamos está permanentemente ligado ao que pensamos em um processo de interação mútua em contínua construção de conexões e reconexões.

A linguagem possui duas funções: uma externa de comunicação e interação com o outro e uma função interna que planeja a ação e organiza o pensamento. Sem a palavra o sujeito não se transforma em homem, senhor de suas ações e de suas interações, já que é a linguagem que faz a mediação entre este sujeito e a sociedade; é através dela que podemos nos apropriar do mundo (VYGOTSKY, 2003).

À medida que a fala fica mais complexa, o pensamento também se torna mais desenvolvido. Porém, a estrutura da fala não é um mero reflexo do pensamento. Cada estágio do desenvolvimento do significado das palavras representa também um novo estágio de desenvolvimento na relação entre pensamento e fala. Cada vez mais o sujeito apreende novas formas de contato com o mundo, forma seus conceitos e representações, desenvolvendo suas funções psicológicas superiores ao mesmo tempo em que se apropria do contexto ao seu redor. E quanto mais nos conhecemos e compreendemos os sentidos que nos permeiam, mais podemos abreviar a fala. Para Vygotsky (2003), este é o caminho do desenvolvimento: a fala evolui para pensamento e o pensamento passa a ser condensado porque ganha características de predicação psicológica ao fornecer sentido e significado ao que é percebido.

Se o desenvolvimento humano se dá através das relações, Vygotsky (2007) descreve que as mesmas só são estabelecidas através da mediação dos signos. A palavra, os sinais são representações sociais da realidade vivida pelo sujeito no contato com o outro. O mundo constituído historicamente é representado através dos signos e internalizado (apreendido) pelo sujeito através das imagens que estão atreladas ao objeto.

Sendo assim, a representação é tanto uma função (tornar presente algo que não está presente) quanto o objeto representado (o significante). Para Vygotsky, a palavra é o signo que serve tanto para indicar o objeto como para representá-lo, como conceito, sendo nesse último caso, um instrumento do pensamento. (CAVALCANTI 2005 p.190)

O sujeito se constitui na interação com o meio, influenciando e sendo influenciado pelo ambiente ao seu redor. A mediação é feita pela linguagem e ela só é mediação porque é portadora de signos com significados e sentidos configurados de uma maneira individual a partir de experiências pessoais do sujeito. Assim, a internalização não pode ser vista apenas como um movimento de cópia do que o sujeito enxerga de fora para dentro, mas sim, um processo de representação e reorganização individual onde o sujeito transforma o que apreende do mundo (Vygotsky, 2007). Ele traz para a consciência uma forma própria de suas representações da realidade.

Pensamento e linguagem para Vygotsky estão diretamente ligados às manifestações de significados e sentidos. O significado das palavras é uma construção histórica, filosófica, política, científica que traduz uma zona de sentido abrangente (ARONE, 2006). São representações generalizadas dos signos a partir de um princípio social partilhado entre os sujeitos, vivenciado por toda uma cultura e construído nas interrelações. “Os significados das palavras compõem a consciência individual, mas são, ao mesmo tempo, construídos no âmbito interindividual, têm um caráter social” (CAVALCANTI, 2005 p.191). Vygotsky (2003) observa que o significado “é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa” (p.181). Para o autor, o significado é apenas a palavra que encontramos no dicionário, uma das premissas para a existência do conceito de sentido.

Para Vygotsky (2003) o sentido de uma palavra tem predominância sobre seu significado, pois é a somatória das releituras individuais que o homem faz dos signos em que além do significado das palavras estão também embutidas lembranças, percepções sensoriais, interpretações feitas de forma singular. É tudo aquilo que a palavra desperta no sujeito variando as impressões de um para o outro: um mesmo objeto pode ter sentidos bem diferentes para duas pessoas.

Os sentidos estão em permanente construção, pois a representação pessoal que fazemos dos objetos através dos signos é um processo dinâmico sempre se modificando na medida em que construímos novas interações, novas formas de ver o mundo, novos afetos. Se o contexto muda, o sentido também muda transformando-o em algo complexo e ilimitado dependente da consciência de quem o interpreta. Vygotsky afirma que cada um absorve o mundo de acordo com seus significados próprios recriando uma realidade singular que é repassada para o meio moldando-o, completando-o, ajudando a constituir novamente, uma realidade não pré-determinada já que está em permanente modificação.

Consequentemente, Vygotsky mostra que os sentidos atribuídos a algo, na verdade, são a própria manifestação dos afetos do sujeito. Ele relata que para a compreensão do pensamento do outro não basta o entendimento de suas palavras no sentido fonético ou de seu significado no dicionário, mas também a necessidade de adentrar nas suas motivações e afetos, na tradução do que foi apresentado em forma de palavra, mas que vem carregado de volições e sentimentos.

### **2.3 - A autorregulação da conduta**

No epílogo do livro Teoria e Método em Psicologia de Vygotsky, Iarochovski e Gurguenidze (1996) descrevem que existem dois níveis de organização das funções psíquicas: as inferiores e as superiores. As funções inferiores englobam os aspectos involuntários, naturais, que são comuns aos homens e aos animais integrando a história da espécie.

Já o aparecimento das funções psicológicas superiores para Vygotsky é o resultado do desenvolvimento histórico-social subordinado às criações do meio o qual embasa as experiências do sujeito desde seu nascimento. As estruturas naturais e a história das espécies se transformam em conteúdos próprios da cultura e da ontogênese da História do Homem. Os processos psíquicos passam a ser mediados pela atividade prática do homem: o uso de instrumentos, a divisão social do trabalho, a própria necessidade de interação social.

A educação social, como forma específica da influência social, determina o processo de domínio por parte da criança dos instrumentos, signos psicológicos; sendo inicialmente externos, independentes da consciência individual (mas indispensavelmente social), esses signos são assimilados pelo sujeito, transformam-se de externos em internos (se interiorizam) assegurando com isso a própria regulação ou autorregulação". (IAROCHEVSKI & GURGUENIDZE, 1996, p. 481)

Vygotsky (1995) lança assim, outro conceito que fundamenta o tema deste trabalho: a autorregulação da conduta. Como descrevemos, quando a criança nasce, possui funções elementares da ordem do biológico como a capacidade de desenvolvimento da fala, a percepção, a atenção e a memória. Essas funções vão evoluindo através das interações com o outro.

O autor descreve como ocorre o processo de desenvolvimento da conduta a partir da infância citando que a criança vai se comportar da mesma forma que as pessoas se comportarem com ela. Há um espelhamento do meio onde a criança incorpora as práticas sociais transferindo-as para ela mesma. O signo que no início do desenvolvimento da linguagem era apenas um meio de comunicação, agora também representa um sistema de condutas da criança que foram transferidas do ambiente para si mesma.

O sujeito, através da mediação do outro, consegue internalizar um sistema de regras da família e da sociedade, e passa a produzir seu próprio conjunto de normas e valores. Ele converte as relações sociais em funções psicológicas passando a funcionar como sendo próprias de sua personalidade. Vygotsky (1995) diz que já houve uma apropriação de um modo de funcionar autorregulado que um dia foi mediado através das inter-relações deste mesmo indivíduo.

Nasceu da interação com o outro, mas se mantêm sem a necessidade de imposições externas porque já houve uma construção regulada pelo meio.

Diaz & *et al* (1996) destacam que, para Vygotsky, o desenvolvimento culmina com a autorregulação da conduta. As mudanças que ocorrem com o homem a partir da sua filogenia (funções básicas inatas) vão evoluindo através das interações sociais e pelo uso da fala, de instrumentos e símbolos culturalmente estabelecidos até se transformarem em funções psicológicas superiores autorreguladas. Isto significa que o homem, no seu processo de evolução transforma impulsos em conduta autocontrolada independente de alguém mediar dizendo o que é certo ou errado. O próprio sujeito se autorregula exercendo um grau de desenvolvimento cognitivo e social, que, para Vygotsky, seria a própria demonstração da existência de uma conduta evoluída.

Falamos que o sujeito se autorregula a partir do momento em que ele consegue estabelecer normas de conduta sem que haja a necessidade do outro orientando ou ditando regras sobre o que é certo ou do que é errado. As funções, outrora elementares, vão sendo balizadas pelo meio e seus modos de funcionamento desenvolvendo-se e transformando-se em funções psicológicas superiores através desta evolução. O sujeito passa a saber julgar sua conduta por si só discernindo o que é certo, errado, adequado ou impróprio sem a necessidade de que lhe digam o que fazer (VYGOTSKY, 1995). O que media a ação do homem regulado é uma capacidade de conduta autoformulada por um plano interno construído e ajustado no decorrer de suas interações e história de vida. Com isto, ele se torna capaz de colocar responsabilidades antes do seu desejo.

## **2.4 - O papel dos valores na educação**

Goergen (2001) destaca que um dos papéis da escola nos dias de hoje é o de compreender e influenciar a formação dos estudantes nos ambientes educacionais, a fim de se estimular uma concepção para a vida, com uma nova consciência.

Este é o sentido da consciência hoje: encontrar elementos que nos sirvam de orientação na conquista de um quadro referencial básico a respeito da natureza, do ser humano e da sociedade para que possamos situar-nos no mundo e na vida. (GOERGEN, 2001.p.89)

Porém, esta tarefa no mundo pós-moderno se dá em um ambiente de incertezas e conflitos, o que torna seu papel mais desafiador. As relações sociais, as subjetividades, a forma como os sujeitos concebem o conhecimento passam por um momento de muitas transformações e, por isso, também de incertezas. Educadores se perguntam como ensinar nos dias de hoje e parece não obterem respostas. Inclusive, Goergen (2001) revela que esta ação não pode ser empreendida solitariamente, dada sua complexidade e amplitude. Tal momento, mostra o autor, é de crise sobre o que ensinar e como fazer isto. Mas, uma coisa é certa, a educação tem de rever seu aspecto informativo e ampliar sua ação formativa, investindo na construção de valores e na ética. Cidadãos honestos, respeitosos, solidários podem ser formados desde que os ambientes que os acolhem, consigam ser também um espelho de ética e de bons valores. É algo que não se apresenta na lousa, mas na rotina das convivências.

Araújo (1999) partilha do mesmo pressuposto. O autor revela a importância de se construir escalas de valores, principalmente o respeito ao outro, dentro dos ambientes educacionais a partir das interações entre seus atores. Não como algo ensinado, mas construído nas relações, nos exemplos de conduta de respeito ao invés das demonstrações de autoritarismo e coerção que só geram revolta ou temor. Ele destaca que muitas vezes o sentimento de respeito que se acredita ter pelo outro, na verdade, é de raiva e medo. Respeito genuíno se constrói a partir de relações conectadas pelo afeto.

Esta visão é destacada por Araújo (1999) e Souza (2004, 2005) que descrevem a construção dos valores no ambiente educacional embasada na afetividade. Para estes autores, o que leva a pessoa a agir em prol do bem, da moral e da ética é o respeito a si e ao outro. O autorrespeito que o sujeito tem por si é pressuposto para o agir da mesma forma com as pessoas ao seu redor porque este sentimento é calcado nas vinculações afetivas. O afeto que permeia as relações permite que o sentimento existente entre os sujeitos seja, na verdade,

de vergonha por ser mal visto pelo outro. O outro é o mediador da conduta em um processo dinâmico de reciprocidade por consideração e atribuição de importância e admiração por quem está ao nosso lado. Para os autores citados, a vergonha presente nas relações funcionaria como um regulador da moralidade.

Araújo pontua que os valores presentes nas interações podem influenciar as atribuições do que é justo e, conseqüentemente, direcionar as ações. Porém, os valores só terão um peso regulador se estiverem em um lugar representativo, central na identidade dos sujeitos. Ou seja, se valores presentes na pessoa têm uma intensidade grande e um posicionamento valorizado por ele, a tendência é a de se adotar o mesmo tipo de conduta com os outros ao redor. Se valores assumirem uma posição periférica na identidade do sujeito, passará a ter um grau de destaque, também superficial. A importância atribuída aos bons valores direcionará os pensamentos, as ações e as interações entre as pessoas.

Mas o que podemos chamar de valores? Souza (2004, 2005) faz uma distinção entre valores morais e não morais. Os valores morais são aqueles que se baseiam nas construções de honra e dignidade do sujeito, fundamentados pela noção individual de autorrespeito. Souza (2008) define que os valores morais conferem à identidade do sujeito uma noção positiva das atribuições que ele faz de si. São aspectos ligados ao senso de justiça, honestidade, generosidade e lealdade, constituintes das características internas do ser. Por isso, a autora os concentra em uma categoria única chamada de autorrespeito. Ou seja, os valores morais estão presentes na identidade do sujeito a partir do momento em que ele tem uma construção de si baseada no pensar e no agir morais. Isto gera uma autopercepção de dignidade e, conseqüentemente, de autorrespeito.

Souza (2004, 2005, 2008) destaca que este autorrespeito é condição básica para o respeito ao outro. Não há como agir moralmente com as pessoas se não há uma autopercepção valorativa de si. Respeito gera respeito. E a vergonha possui um papel de destaque nesta interação no momento em que ela surge como motivadora para condutas adequadas. Quando a pessoa possui valores morais no centro de sua identidade e de suas relações, a vergonha surgirá caso suas ações e pensamentos não estiverem em acordo com estes valores. A conservação do valor de autorrespeito é gerida pelo sentimento de vergonha, como se esta fosse

uma sinalizadora do que é atribuído como positivo ou não, tanto aos olhos do outro, como para uma auto-observação e julgamento que o sujeito faz de si.

Já os valores não morais (SOUZA, 2004, 2005) ou amorais (SOUZA, 2008) são aqueles que se originam na visibilidade social, na glória aparente embalada pelo sucesso, beleza e status. É uma categoria de valores baseada na autoestima, com o querer aparentar para o outro. Também há um processo de uma construção positiva de si, mas baseada na imagem social. Existe um querer ser amado pelo outro, porém não nos moldes descritos acima de construção pelo respeito. A aceitação no caso dos valores não morais remete a uma necessidade de ser visto como competente, belo, bem sucedido. E muitas vezes isto é construído e estimulado no ambiente educacional através da culpabilização do outro, da humilhação alheia, da atribuição de fracasso. Diminuir o outro aumenta o poder, melhora a autoimagem, e o “valor” do sujeito não moral.

Comte-Sponville (1999) faz um extenso relato sobre valores em seu livro *Pequeno tratado das grandes virtudes*<sup>3</sup>. O autor faz uma análise de diversos valores, entre eles, a polidez, a fidelidade, a justiça, a tolerância, a generosidade, o amor, entre outras tantas qualidades meritórias do ser humano. Ao investigarmos os valores descritos pelo autor, deparamo-nos com um aspecto em comum: todos eles convergem para o respeito e autorrespeito.

O primeiro valor apresentado por Comte-Sponville é a polidez. Para ele, esta é a virtude inicial, origem de todas as outras porque é através da polidez que nos curvamos às regras sociais estabelecidas. Porém, este ato de obediência às normas apenas demonstra que nos adequamos a um código imposto e não necessariamente que o fazemos por respeito, por valorizar o outro. A polidez pode ser hipócrita, mera adequação social. Mas, é justamente pelo fato do homem querer ser socialmente aceito que ele começa a se disciplinar. A polidez é um começo da disciplina onde algo externo nos ensina o que é socialmente eleito como ética da convivência. Simular respeito às regras é o início da construção do respeito como valor. A aparente polidez para produzir uma adequação social acaba por ensinar, abrir as portas para o que é moral, para o respeito ao outro

---

<sup>3</sup> Optamos por utilizar o termo “valores” no lugar de “virtudes”, conceito utilizado por Comte-Sponville, por se tratarem de sinônimos na forma como é utilizada nesta dissertação.

“assim a moral imita a polidez, que a imita (...) é imitando a virtude que nos tornamos virtuosos” (p.17 e 18). É com a utilização da polidez em busca da aceitação e reconhecimento social que vamos nos aprimorando e podemos construir internamente valores morais.

Outro valor que Comte-Sponville descreve é a fidelidade. Porém ele fala da fidelidade como uma manifestação de dever para consigo. Fidelidade ao que é ético para mim e não ao dever de convenções externas. Ser fiel às minhas idéias, às minhas verdades, àquilo que foi construído como ética pessoal e é esta verdade que norteia a fidelidade. Moral começa com a polidez, mas continua pela fidelidade ao exemplo que absorvemos como ideia própria construída como um código de ética interno. Não seria isto uma definição de autorrespeito?

Comte-Sponville (1999) também investiga a justiça. Para ele, justiça não é apenas a virtude de seguir leis. Para o autor, a justiça verdadeira é o que ele chama de “justiça aplicada, justiça viva” (p.94) que consegue colocar em prática a equidade, adaptando-a entre o que dita a lei e as particularidades das situações de um ponto de vista abrangente, respeitando a complexidade das situações. Importa mais a igualdade do que a lei ditada. Este conceito é mais amplo do que o de legalidade, pois atinge a noção de equilíbrio entre fazer o que é justo para si e para o outro. Há uma conotação de respeito e autorrespeito novamente, inferência nossa, mas plausível já que compreende haver uma honestidade e igualdade para comigo e para com o outro, com as situações envolvidas.

Ao falar da generosidade, Comte Sponville a coloca como o oposto do egoísmo, uma motivação do agir para o bem. Ela vai além do interesse, pois para o autor, só podemos ser generosos dando sem querer possuir nada do outro; a generosidade já é suficiente para justificar sua atitude. Consequentemente, homem generoso é livre, pois suas ações generosas são demonstrações do seu livre arbítrio.

Finalmente, entre outros valores, citamos a tolerância. Para Comte-Sponville (1999), a tolerância só existe se abrimos mão de algo nosso em função do outro. Quando toleramos estamos renunciando ou superando nossos limites, interesses, crenças e sentimentos em benefício do outro. Isto não significa

passividade ou submissão, mas sim, um agir de forma sábia exercendo o respeito ao outro, aceitando suas diferenças. O autor vê na definição de tolerância algo que chamamos de respeito: respeito aos limites do outro, às diferenças de pensar, sentir e agir.

Todos os valores que pudemos observar na narrativa de Comte-Sponville aproximam da definição de respeito e autorrespeito que discurremos neste trabalho.

Por isso, reforçamos nossa escolha em embasar os sentidos atribuídos pelos alunos ao ensino superior nos valendo de um estudo sobre os valores atrelados às falas dos mesmos. Através da investigação sobre respeito e autorrespeito podemos tê-los como referência da intersubjetividade construída em sala de aula.

Souza (2004, 2005, 2008) descreve que nos dias atuais são os valores não morais os mais incentivados pelos ambientes educacionais e por nossa sociedade. Podemos perceber um investimento maior nas categorias de glória e sucesso reforçando os valores não morais calcados na autoestima. Não que eles não sejam importantes, mas investir apenas neles é que tem se apresentado um problema da atualidade. Ideias de atribuição de culpa e de fracasso a si ou ao outro nada têm a ver com a construção de valores e sim, com a humilhação e o desrespeito (SOUZA, 2005).

Souza (2004) revela que a construção da autoestima (valor não moral) junto com autorrespeito (valor moral) ofereceriam um respaldo maior ao sujeito para uma conduta autorregulada em que ele toma decisões baseadas em aspectos valorativos para si, mas também, de respeito para com o outro. É um processo de construção da autoestima conjuntamente com valores morais calcados em uma autoimagem competente, mas com justiça, dignidade e respeito. Para que haja este reconhecimento positivo é necessária a existência de um julgamento interno do que é moral ou não moral e este caminho é traçado na interação com o meio. Não há como julgar-se só a partir do que é atribuído internamente como certo ou errado, mas juntamente com nossos pares que também são sinalizadores do que é justo e moralmente aceito. A vergonha atua como construtora dessas

representações e julgamentos que o sujeito faz de si. Uma vez que exista o sentimento de querer ser correto e de ser respeitado pelo outro, a conduta do sujeito é regulada pelos afetos que envolvem o medo da vergonha e deste julgamento externo (ARAÚJO, 1999).

O autojuízo e o juízo alheio constituem e mantêm, ao mesmo tempo, as representações de si no que diz respeito à presença ou ausência de valores morais, como o lugar que eles ocupam na identidade da pessoa. (SOUZA, 2008. p181).

Neste sentido Souza (2004, 2005, 2008) mostra a relevância das instituições de ensino na construção dos valores. Se o julgamento e autojulgamento que o sujeito faz são mediados pelo seu contexto, a importância do ambiente acadêmico como cenário de interações é bastante representativo. Os meios educacionais oferecem recursos para estes valores emergirem e serem observados na suas representações de forma contextualizada. Também oferece um espaço para indagação e compreensão dos porquês esses valores se constroem de tal forma. Acima de tudo, as escolas oferecem um espaço propício para que se trabalhe na transformação de valores mais positivos. E a lapidação dos valores confere às instituições de ensino um papel maior do que simplesmente transmitir informações. Atuar em direção a trabalhar para desenvolver as relações de respeito em tal ambiente, é um passo para a educação exercer seu papel de transformadora de uma sociedade mais ética, mais justa, mais valorativa (SOUZA, 2008).

Tognetta e Vinhas (2009) acreditam que estamos vivendo construções de valores que estão se fundamentando no privado, sem incluir o outro. A visão da individualidade tem sido priorizada em relação à noção de coletividade.

Da mesma forma que Souza (2004, 2005, 2008), Tognetta e Vinhas (2009) ressaltam que o sujeito só pode desenvolver o respeito moral ao outro se ele anteriormente construiu uma noção de si respeitosa. Elas pontuam que no processo de construção dos valores morais deve haver uma busca pelo bem de si e pelo bem do outro. “Isso significa dizer que para ser bom é preciso considerar a

norma, mas é preciso também considerar os próprios sentimentos que se inclinam para o bem.” (p.16).

Paralelamente, o autorrespeito só se desenvolve quando o sujeito se percebe como possuidor de valor e isto se dá através do autoconhecimento. (TOGNETTA & VINHAS, 2009)

Só nos valorizamos quando nos autoconhecemos: quando é possível refletir sobre nossas ações, quando somos convidados a pensar sobre nossos problemas (...) quando nos é permitido manifestar o que sentimos diante de uma situação de incômodo, ter nossas idéias e sentimentos considerados... É assim que nos conhecemos. É, portanto, da mesma forma que nos tornamos valorizados. (TOGNETTA & VINHAS, 2009 p. 37)

Quando o sujeito se reconhece como alguém que possui valor, ele abre o precedente para reconhecer os outros como valorativos também. Mas, como desenvolver isto nos ambientes escolares se as relações existentes em tais contextos têm se mostrado cada vez mais conflituosas, indignas e desrespeitosas? Como abrir possibilidades para o autoconhecimento dos alunos se o ensino é muito mais técnico e prioriza o conteúdo? Não há tempo nem um espaço, físico ou simbólico para os alunos manifestarem seus afetos, condição primeira para se autoconhecerem.

Há uma segunda condição para o desenvolvimento moral dos alunos destacada por Tognetta e Vinhas (2009). O sujeito tem a possibilidade de integrar um valor moral à sua identidade quando há uma vivência virtuosa no contexto em que ele se insere. Não é uma mera questão de haver um modelo, ou um processo de aprendizagem através da transmissão de conhecimento. Isto ocorre, mas com a vivência e a apropriação de normas e valores morais ao experienciar e se perceber como ético. É na inserção em uma “atmosfera sociomoral” (p.39) que o sujeito constrói as noções de desenvolvimento moral.

## **CAPÍTULO 3. METODOLOGIA**

### **3.1 Considerações sobre a pesquisa**

Este trabalho, inserido na abordagem qualitativa de pesquisa, busca compreender a complexidade que caracteriza as relações no ensino superior, sobretudo entre os alunos e a instituição, focalizando os sentidos atribuídos pelos alunos à sua formação. O papel do sujeito enquanto fonte de dados do ambiente educacional é destacado por André (2005). A autora entende que “o sujeito é o centro da vida cotidiana” (p.13), um importante informante do contexto escolar, já que o traduz em suas falas, olhares e representações ao mesmo tempo em que o modifica com suas ações, interações e transformações. Pretendeu-se tomar como base entrevistas semiestruturadas (anexo 2) com alguns alunos e observações da pesquisadora-professora, construídas a partir de suas vivências na Faculdade.

### **3.2 Descrição dos sujeitos e da instituição de pesquisa**

Os sujeitos são alunos dos cursos de Psicologia e de Comunicação Social de uma instituição privada de ensino superior do interior de São Paulo. A pesquisa foi feita com 6 sujeitos, sendo 3 de cada curso e todos eles, alunos da pesquisadora-professora. As salas do curso de Psicologia contam em média com 70 alunos e a de Comunicação Social com 120, uma vez que reúnem os cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Relações Públicas. Uma provável diferença de perfil entre alunos de Psicologia e Comunicação Social foi um dos critérios para se dividir os sujeitos entre os dois cursos escolhidos, além de serem ambientes em que a pesquisadora está inserida.

Outro critério de seleção dos sujeitos foi a disponibilidade em participar das entrevistas e o desempenho em sala de aula. Utilizamos como referência as relações de respeito e desrespeito no contexto escolar, comportamentos de interesse e desinteresse pela vida acadêmica e notas e frequências durante o ano letivo dos respectivos sujeitos. A escolha dos 6 sujeitos foi feita pela pesquisadora

durante o ano letivo de 2008. Metade dos sujeitos cursou a educação básica em escola pública e a outra metade, em escola particular.

A idade dos sujeitos variou entre 18 a 25 anos, faixa etária que caracteriza o público majoritário da instituição. Primeiramente, foram entrevistados dois alunos (sempre um de cada curso citado) que se mostravam mais interessados, participativos e com boas notas e frequência às aulas. Esta delimitação busca levantar dados para a compreensão dos valores conferidos ao conhecimento e à formação acadêmica por aqueles estudantes mais dedicados e que apresentam condutas que revelam valores de respeito ao outro e motivação ao estudo.

Em seguida, foram entrevistados dois alunos que se mostravam mais desmotivados com os estudos, que não tinham frequência constante às aulas e apresentavam condutas inadequadas, conforme aquelas relatadas na introdução deste trabalho. Estes sujeitos foram percebidos como desinteressados, por não participarem das aulas, apresentarem um maior número de faltas e/ou demonstrarem comportamentos referidos pelos professores como de indisciplina.

Outros dois sujeitos entrevistados foram alunos avaliados como medianos, tanto em participação, como frequência, notas e motivação para o estudo.

- **Vitória**<sup>4</sup>

25 anos

Cursa 1º ano de Comunicação Social/Publicidade (2008). Graduou-se em Engenharia Civil em uma universidade pública de renome, e trabalha com cálculo de estruturas e concreto armado. Estudou em colégio particular e paga a própria faculdade. Sentia-se frustrada com a primeira escolha profissional (Engenharia) e foi buscar uma graduação na área de humanas para ampliar sua formação. Busca com o curso compreender o ser humano e talvez trabalhar na área de Comunicação Social.

---

<sup>4</sup> Todos os nomes dos sujeitos são fictícios, inclusive o nome da instituição onde foi realizada a pesquisa, que chamamos de FAX.

- **Paulo**

22 anos

Cursa 1º ano de Comunicação Social/Publicidade (2008). Possui formação incompleta em Direito e diz que interrompeu a faculdade por não ter se identificado com o curso. Trabalhou com vendas, mas no momento da entrevista estava desempregado. Estudou em colégio particular e é o pai quem paga a faculdade. Sempre quis fazer Publicidade, mas não tinha curso na cidade em que morava no sul de Minas. Como trabalhava com vendas e diz ter gostado da área de atendimento ao cliente, buscou o curso de Publicidade, pois percebe uma afinidade com esta área profissional. Chegou a passar no vestibular em uma grande faculdade privada de São Paulo, mas preferiu fazer no interior por ser mais perto de sua casa e não gostaria de morar em São Paulo.

- **Luiza**

20 anos

Cursa 1º ano de Comunicação Social/Jornalismo (2008). Trabalha como assistente de vendas em um hotel. É a primeira vez que cursa uma faculdade e estudou em escola pública. Paga as mensalidades com a ajuda dos pais. Diz que o curso de Jornalismo representa a realização de um sonho dela e da família já que nenhum de seus membros chegou a cursar o ensino superior. Quer trabalhar em televisão como apresentadora de jornal ou repórter.

- **José**

25 anos

Cursa o 2º ano de Psicologia em 2009. Trabalha como ator, músico e estagiário de Recursos Humanos. Estudou em escola pública e é bolsista PROUNI. Sempre quis fazer faculdade, mas não tinha condições financeiras. Vê no curso de Psicologia uma chance de melhoria de vida, mas também de autorrealização. Acredita também que é importante perante a sociedade ter um curso superior.

- **Naiara**

20 anos

2º ano de Psicologia em 2009. Estudou em escola pública e trabalha como estagiária de Recursos Humanos, e são seus pais que pagam sua faculdade. Psicologia não era sua primeira opção, queria Química, mas não existe o curso na sua cidade. Sob a influência da mãe de uma amiga que é psicóloga, acabou decidindo-se pelo curso.

- **Gabriela**

19 anos

Estudante do segundo ano de Psicologia em 2009. Estudou em escola particular, não trabalha e os pais pagam sua faculdade. Queria estudar Artes Cênicas ou Psicologia, mas o pai não permitia que fosse artista e resolveu fazer Psicologia, pois, tem vontade de trabalhar com crianças ou com portadores de necessidades especiais.

Os alunos da instituição que ingressaram em 2008 são jovens residentes em uma região no interior do estado em uma área que, de acordo com dados do COMTUR - Conselho Municipal de Turismo da cidade (2008), possui um PIB de 502,02 milhões. A maior fonte de renda (52,1%) está locada no setor de bens de serviço. A participação do setor industrial (43,8%) aparece em 2º lugar e do agropecuário em 3º, com 4,1%.

A instituição em que foi realizada a pesquisa, que aqui chamamos ficticiamente de FAX, possui dois *campi* na mesma cidade, que contam com mais de 10 cursos de bacharelado e licenciatura e 4 cursos tecnológicos, todos eles voltados para as áreas de humanas e exatas. Na pós-graduação *lato-sensu* a instituição oferece 12 cursos de especialização e ainda mantém regularmente cursos de extensão, oferecidos à população da região e aos alunos.

Seu corpo docente é formado por 66% de doutores e mestres, 28% de especialistas e 6% de graduados. O horário de funcionamento se divide entre os turnos matutino e noturno e todas as salas de aula são dotadas de recursos multimídia e computador conectado à internet. Ainda oferece laboratórios de

Informática, oficina de Pedagogia, laboratório de Psicologia, estúdio de Rádio e TV e biblioteca com mais de 12.000 títulos. A instituição que apresenta a infraestrutura atual com estas características descritas foi formada há menos de 10 anos.

Este projeto foi apresentado à instituição para que tomassem conhecimento da pesquisa e sua realização foi autorizada pela direção da mesma. (anexo 1).

### **3.3 Coleta de dados**

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada (anexo 2), além de considerarmos as observações da pesquisadora em sala e laboratórios durante as aulas e as interações ocorridas nos demais espaços da faculdade. O período de coleta de dados foi a partir do 2º semestre de 2008 e início de 2009, quando as entrevistas foram finalizadas. Os depoimentos das entrevistas foram gravados em áudio e devidamente autorizados pelos sujeitos conforme Termo de Consentimento anexado (anexo 3).

De acordo com Martins (2004), a entrevista oferece uma grande riqueza como produtora de conhecimento a partir do momento em que coloca entrevistador e entrevistado frente a frente. A empatia e as subjetividades geradas nesses tipos de pesquisas oferecem dados importantes só percebidos através de uma atmosfera de troca entre pesquisador e pesquisado. O relato de experiências e pontos de vista particulares gera dados que não poderiam ser acessados em livros ou arquivos. Para a autora, ao se criar um ambiente empático, o pesquisador pode acessar a vida do entrevistado e o objeto de pesquisa não fica apenas no diálogo, mas na intersubjetividade gerada com tal encontro.

A entrevista semiestruturada, conforme, Lüdke e André (1986), é uma forma que possibilita um aprofundamento das informações a partir do momento em que permite uma exploração de dados que acompanhe as necessidades do pesquisador. Como não é um roteiro rígido, pode-se adentrar em alguns pontos

que forneçam elementos mais relevantes para o trabalho modificando o encaminhamento das perguntas de acordo com cada entrevistado.

Para André (2005), explorar o momento em que a ação se dá através de seus atores nos leva a uma perspectiva importante do estudo dos ambientes educativos: “é compreendendo esse momento da ação que é possível compreender, não de forma dedutiva, mas de forma crítica e reflexiva, o momento maior da reprodução e da transformação social da realidade” (p. 14). Para a autora, os sujeitos reagem de forma muito individual diante das práticas pedagógicas a que são submetidos, das normas das instituições escolares e das interações com todos os atores do ambiente acadêmico.

Para traduzir esta forma peculiar que cada sujeito atua, decodifica e interage diante da cena educativa, a autora sugere que as entrevistas devem ser feitas a partir da abordagem qualitativa seguindo 4 princípios básicos: as dimensões subjetiva/pessoal, institucional/organizacional, instrucional/relacional e sociopolítica. Segundo a autora, esta forma consegue delimitar o ambiente educativo captando todas as nuances necessárias para uma coleta de dados contextualizada, levando a uma análise e interpretação dos mesmos à luz de uma perspectiva histórico-cultural.

Portanto, para a composição do roteiro básico de entrevista (anexo 2) este trabalho se baseou na proposta de André (2005), em que destaca estas quatro dimensões para a construção da experiência em ambientes educativos.

A dimensão subjetiva/pessoal abarca valores, sentidos e significados atribuídos pelo sujeito de uma forma individualizada, porém, contextualizada. Estas representações personalizadas são compostas por formas de olhar a cena educativa, de falar sobre ela, mas também pelas constituições históricas de vida de cada um dos sujeitos. A vivência de um é diferente da vivência de outro. Para capturar estas nuances pessoais, o pesquisador deve manter contato direto com o entrevistado de uma maneira formal ou informal, ou seja, através de instrumentos de entrevista ou da convivência cotidiana. Assim, dados relevantes sobre a instituição e os sistemas que se interpenetram no contexto acadêmico podem ser apreendidos através da captura destas subjetividades.

Na dimensão institucional/organizacional, podemos aprofundar na prática acadêmica partindo das formas de estruturação das dinâmicas de poder, organizacionais e pedagógicas através da pesquisa entre os vários integrantes da cena acadêmica. Esta dimensão abrange a direção da instituição, coordenadores dos cursos, corpo técnico, colaboradores dos departamentos administrativos, pedagógicos, assim como docentes e alunos. Mas como englobar na pesquisa esta gama de atores da instituição? André (2005) sugere que o pesquisador pode contatar estes sujeitos através de conversas informais, observações do cotidiano acadêmico, acompanhamento de reuniões, participação em atividades da faculdade de maneira formal, mas também informalmente como horário de lanche, momentos de lazer, atividades esportivas e culturais.

A dimensão instrucional/relacional engloba os momentos em que há uma interrelação entre professor, aluno, conhecimento e prática pedagógica. Esta dimensão abrange os encontros em sala de aula, os materiais didáticos, formas de intercomunicação entre professores e alunos, entre alunos e seus pares, além de instrumentos de avaliação, de ensino e processos de aprendizagem. Esta captura da dinâmica em sala de aula considera não só os aspectos cognitivos e pedagógicos, como também os contextos históricos e econômicos, as formas de comunicação, representações sociais e educacionais, tanto dos alunos quanto dos professores.

Finalmente, André (2005) nos mostra a importância de se abordar a dimensão sociopolítica através do estudo das políticas públicas, do momento histórico-social, e da compreensão dos valores que permeiam cultura, academia e conhecimento. Esta dimensão não se refere às práticas microcontextualizadas dos sujeitos, mas sim, a uma visão mais ampliada que a autora chama de “determinantes macroestruturais da prática educativa” (p.18).

Partindo da perspectiva histórico-cultural que entende o sujeito como constituído no e pelo social e da proposta de André, investigamos como as três últimas dimensões, instrucional-relacional, institucional-organizacional e sociopolítica são percebidas e reproduzidas pelos sujeitos estudados, entendendo que, em se tratando de análise qualitativa que investiga os sentidos do ensino superior para os alunos, acessar como estes aspectos interferem na produção

desses sentidos poderia revelar elementos importantes para compreender as relações ensino-aprendizagem no ensino superior.

### 3.4 A construção da análise

Ao fazermos um estudo que busca compreender as múltiplas influências na produção de sentidos do ensino superior pelos alunos, adotar a proposta de André (2005) como forma de organizar as categorias de análise se constitui como caminho que oferece nova compreensão do processo de investigar os sentidos configurados pelos sujeitos.

Paralelamente, a análise dos dados foi feita com base nos conceitos da psicologia histórico-cultural, em que os sujeitos da pesquisa foram analisados a partir de uma série de aspectos constituintes do contexto em que vivem e atuam. Pretendeu-se, a partir das informações levantadas, das categorias e indicadores estabelecidos, dar um tratamento contextualizado aos dados de acordo com a pertinência do tema. Baseando-se na releitura dos relatos buscou-se compreender todas as nuances envolvidas na construção de valores entre alunos, professores, conhecimento e ensino superior, por meio da eleição de categorias *a posteriori*.

Partimos das leituras e releituras das falas e investigamos aspectos que pudessem representar sentidos relevantes da vivência discente no ambiente acadêmico. Separamos as categorias em um quadro (anexo 4) compondo nossos eixos principais: ser aluno no ensino superior - a dimensão subjetiva/pessoal, instrucional/relacional, institucional/organizacional, sociopolítica e sentidos atribuídos ao conhecimento.

Apesar de André (2005) discorrer sobre quatro dimensões, destacamos uma quinta categoria específica para o **conhecimento** por reconhecermos neste o grande catalisador de nossas buscas, e um critério à parte que trafega por todas as dimensões. Em cada categoria buscamos aspectos afins e contraditórios nas falas dos sujeitos que acabaram por compor subcategorias (anexo 4) aqui especificadas:

- Dimensão subjetivo-pessoal: massificação-assujeitamento, diversidade e diferenciação, necessidade de ser tutelado, irresponsabilidade-imaturidade, esforço e responsabilidade, pragmatismo, obrigatoriedade.
- Dimensão instrucional-relacional: sentidos de respeito atribuído às relações entre colegas, sentidos de desrespeito atribuído às relações entre colegas, sentidos de respeito atribuído às relações entre professor e aluno, sentidos de desrespeito atribuído às relações entre professor e aluno.
- Dimensão institucional-organizacional: valorização da instituição, sentidos atribuídos à imagem da instituição, dificuldades dos alunos com a instituição.
- Dimensão sociopolítica: Sentidos atribuídos à carreira/profissão/currículo, sentidos atribuídos ao ensino superior, sentidos atribuídos às políticas públicas.
- Sentidos atribuídos ao conhecimento: valorização do conhecimento

### **3.5 Considerações éticas**

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética da PUCAMP em 09 de setembro de 2008 e está em conformidade com as diretrizes e normas regulamentadas pela Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, no que se refere a pesquisas com seres humanos. Todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3), para que fossem informados, de forma clara e precisa, dos objetivos e da justificativa do trabalho, garantindo que o anonimato e o sigilo de sua identidade fossem mantidos, mesmo se houver utilização dos dados em qualquer apresentação científica posterior.

A pesquisadora, de acordo com a Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 016/2000, avaliou constantemente a situação em que os participantes se encontravam, com o objetivo de protegê-los, estando atenta a

todo e qualquer imprevisto. Considerou-se que esta pesquisa foi classificada como de risco mínimo, já que não foram utilizados procedimentos que colocassem os sujeitos em situações adversas ou com riscos maiores dos que os enfrentados em seu cotidiano.

Previu-se como benefícios, tanto para os participantes quanto para a instituição de ensino superior, a possibilidade de refletirem e dialogarem a respeito dos valores presentes nas práticas existentes no ensino superior. Com isto, buscamos o desenvolvimento de novas formas de se olhar o processo de aquisição de conhecimento, as relações presentes em sala de aula e os múltiplos significados que podem ter a formação superior para o aluno e para a academia nos dias de hoje. Conforme descrito na introdução do presente projeto, a questão dos conflitos nas interações no ensino superior está sendo constantemente discutida pelos colegas professores em muitas instituições surpresos com as dinâmicas presentes em sala de aula. Com isto, esta pesquisa tem muito a contribuir e acrescentar a todos os personagens envolvidos em tal estudo.

## CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

### *Para aportar nos sentidos do ensino superior*

Quando fazemos a análise do sujeito nos ambientes educativos a partir do enfoque histórico-cultural temos de nos embasar nas relações de interdependência e complexidade, permitindo uma investigação integral dos fenômenos. Ao iniciar este estudo buscamos o respaldo teórico de Vygotsky, principal representante da Psicologia histórico-cultural, uma vez que investigamos os sentidos atribuídos pelos alunos ao ensino superior e ao conhecimento. Vygotsky (1996, 2007) entende a constituição do sujeito como um processo que integra vários fatores e, sobretudo, dentro de uma perspectiva social. Ele aborda o homem partindo do princípio de que pensamento, cognição, afeto e razão se constituem embasados na gama de experiências sociais e históricas por ele vivenciadas. Se vamos buscar os sentidos atribuídos ao ensino superior, devemos investigar nossos sujeitos em todos estes aspectos, de forma ampla e integrada.

Mas o que nos propomos quando falamos que estamos buscando os sentidos atribuídos pelos alunos ao ensino superior e ao conhecimento? Para Vygotsky (2003), o conceito de sentido seria a releitura individual que o homem faz dos signos em que, além do significado das palavras, também se inserem lembranças, afetos, percepções e interpretações pessoais que a palavra desperta no sujeito de forma singular. Os sentidos estão em permanente construção, pois a representação pessoal que fazemos dos objetos não é estática, já que se modificam na medida em que o sujeito vivencia novas interações com o mundo, novos afetos e novas construções simbólicas. Vygotsky afirma que cada um interpreta o mundo de acordo com sentidos próprios, criando uma realidade dinâmica e ilimitada já que está em permanente modificação.

Para ele, os sentidos atribuídos a algo, correspondem à própria manifestação dos sentimentos do sujeito e para a compreensão da fala do outro; não basta traduzir suas palavras no sentido verbal ou de seu significado no dicionário. Com isto, se estamos buscando os sentidos atribuídos pelos alunos ao

ensino superior, é necessário investigar e compreender seus afetos, fazendo uma releitura de suas palavras que trazem uma bagagem subjetiva carregada de volições em relação à vivência acadêmica de cada sujeito.

Desta forma, este trabalho que investiga o que significa ser aluno no ensino superior, parte da proposta de André (2005) de se focalizar as várias esferas de interação do sujeito, representadas por quatro dimensões: as dimensões subjetivo-pessoal, instrucional-relacional, institucional-organizacional e sociopolítica. Para a autora, a forma como o aluno exprime o que vê e o que experimenta nos ambientes educacionais, mas também suas interrelações e tudo aquilo que ele traduz e transforma com suas ações, são aspectos relevantes nas investigações em Psicologia da Educação.

Contudo, por tratar-se de sentido e de sujeito, não é possível separar essas dimensões de forma individual. Consequentemente, uma aparece, evidentemente, nas outras dimensões e vice-versa. O que se quer é por em realce cada uma delas no complexo processo de produção de sentidos.

Assim, na análise das dimensões subjetivo-pessoal, pretendemos descrever os sentidos presentes na forma como o sujeito-aluno olha a si mesmo dentro de sua vivência acadêmica. Como ele se percebe, suas motivações, afetos, valores e expectativas atribuídas de uma maneira individualizada, mas pontuada pelas interferências do contexto.

Na dimensão instrucional-relacional buscamos os sentidos atribuídos pelos estudantes às interações que ocorrem no ensino superior, nas dinâmicas presentes em sala de aula entre os sujeitos e seus colegas e professores.

Ao traduzirmos os sentidos atribuídos pelos sujeitos, focalizando a dimensão institucional-organizacional buscamos suas concepções em relação à faculdade em que estudam: construções significativas que revelam o que pensam, sentem, e o que os motiva a estudar na referida instituição, e não em outra.

Por último, focalizamos a dimensão sociopolítica, em que buscamos capturar os sentidos configurados pelos sujeitos nas interações entre vivência

acadêmica e demandas sócio-culturais e políticas. Se vamos ampliar o olhar para compreender como os alunos do ensino superior se constituem de uma forma ampla, propomos embasar nossa investigação nos valores, afetos, sentidos e significados dos sujeitos, levando em conta seu contexto acadêmico, político, social e econômico.

## **1. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão subjetivo-pessoal**

No que concerne ao objetivo de pesquisa proposto fizemos opção por investigar nosso sujeito a partir de suas interações com o meio, focando os sentidos envolvidos nas dinâmicas acadêmicas. No processo de constituição da identidade do sujeito, ele faz uma assimilação de si que não ocorre de forma individual, isolada, mas através do outro, do grupo, do ambiente, de sua história e da cultura onde está submerso. O contexto onde ele está inserido é como uma espécie de pano de fundo que embasa o desenvolvimento físico, afetivo e social deste homem. O tomar consciência de sua existência e sua própria evolução depende das interferências e construções com este meio que o envolve e, também, das diferenciações de um sujeito em contraposição com o outro (VYGOTSKY, 1996, 2007; WALLON, 1979, 1981).

Assim como Vygotsky, Wallon (1979, 1981), outro representante da teoria histórico-cultural, também aborda o sujeito partindo do princípio de que pensamento, cognição, afeto e razão se constituem embasados na gama de experiências sociais e históricas por ele vivenciadas. Partindo da teoria walloniana, devemos olhar o homem de forma complexa, integrando-o ao seu contexto e suas interrelações. Por meio da ótica de Wallon busca-se estudar um sujeito que não é pré-determinado, mas que está em constante transformação a partir das modificações do meio.

Ambos os autores descrevem o desenvolvimento humano como resultado da evolução de aspectos biológicos, afetivos e experiências individuais interrelacionadas com a história e a cultura do sujeito. Estes fatores embasam as significações do nosso sujeito, estudante de ensino superior, construídas através

de tudo que é vivenciado. Ou seja, investigar os sentidos que perpassam nossos sujeitos implica também investigar as intervenções, experiências, percepções, sentimentos e transformações vivenciadas por eles. Mas, dentro de um ponto de vista que engloba suas interações com o meio e nas releituras que ele faz da realidade, mediadas pela cultura.

### 1.1 MASSIFICAÇÃO – ASSUJEITAMENTO

A escola para Wallon (1981) é um meio propício para o desenvolvimento dos sujeitos. Pessoas se conhecem, dividem tarefas, partilham do mesmo ambiente, alternando momentos em que o sujeito diferencia-se como um indivíduo, mas também, integrando-se sem se perder ou se diluir no grupo. Wallon destaca que a heterogeneidade faz parte do processo de desenvolvimento humano: do indiferenciado para o diferenciado, da homogeneidade para a heterogeneidade, este movimento ocorre na busca do sujeito pela sua individualização sem caráter de egocentrismo, mas sim, de saber quem ele é.

Assim, Wallon mostra que a heterogeneidade é fundamental para a constituição deste sujeito como singular, o que ele chama de 'eu como si' inserido em um grupo 'nós todos' (WALLON, 1981 p.174). Antes da noção de grupo através do 'nós todos' é preciso o si, o eu no grupo, desta forma, o homem se reconhece neste movimento dialético de sujeito individual e sujeito grupal (eu como si e o nós todos).

Ele, porém, descreve que nos ambientes educacionais existe certa tendência à homogeneidade dos grupos existentes, mas que, dialeticamente, o sujeito busca diferenciar-se do outro em meio à tentativa de se defender da massificação deste contexto.

Podemos perceber que as críticas dos alunos entrevistados em relação ao incômodo que sentem em salas de aula muito cheias, por volta de 120 alunos, é contundente. Resgatando a fala de Wallon descrita acima notamos que há uma luta por parte dos sujeitos em se manterem agentes de sua própria

individualidade dentro de um contexto massificado. A homogeneização parece despertar nos alunos um sentimento de assujeitamento, de não se sentirem seres únicos, mas seres anônimos, sem representatividade, diluídos em meio a muitas pessoas.

Sendo assim, como fazer para se perceberem como indivíduos no meio de uma quase multidão de alunos? Como se sentem sem conseguir ser escutados ou escutar o outro literal e também simbolicamente, como na fala dos alunos de Comunicação Social: Paulo, Vitória e Luiza.

Ah, é a sala de aula. Porque juntou três turmas, (Publicidade, Relações Públicas e Jornalismo). O curso de Comunicação Social ficou junto, então a sala não teve como ficar muito unida. A sala é completamente desunida, não teve um churrasco, um nada por causa de ter muita gente no curso de Comunicação Social, formou panelinha ali, outra panelinha ali, porque não tinha mesmo como fazer algo com a sala inteira. Agora, no ano que vem, separando um pouco as turmas, acredito que vai dar uma melhorada. Nesse final de ano já melhorou, porque teve gente na minha sala que eu nem conheci até o final do ano. (...) Agora no final do ano começou a ter um pouco mais (de interação), mas ainda é pouco, porque a sala de PP não é grande, só é grande quando junta os três cursos de Comunicação Social.  
(Paulo)

O que eu achei errado esse ano foi juntar as turmas. Tem matéria que tudo bem juntar. Por exemplo: Sociologia porque é igual para as três turmas, mas pega Psicologia. A Psicologia, Jornalismo vê de um jeito, Relação Públicas vê de outro e Publicidade de outro jeito completamente diferente, então você dando a matéria para as três salas ao mesmo tempo acaba limitando um pouco o que está sendo ensinado. Não só Psicologia, também Marketing. Marketing acho que é mais complicado ainda que Psicologia. Porque você pega na Publicidade, Marketing é pesado “pra caramba”, precisa muito Marketing em Publicidade, mas em Jornalismo não precisa tanto. Isso que eu achei errado, e também, não só as questões das matérias, mas quando você pega uma sala, por exemplo, coloca 120 alunos para um professor dar aula, é muito difícil ele conseguir controlar os 120 alunos, e poder dar uma aula boa. Tanto que, as matérias que você via mais gente saindo, via o pessoal não prestar atenção na aula, eram as matérias em que juntavam as três turmas. Porque no passado, parece que era só Relações Públicas e Jornalismo, era melhor, mas com as três juntas eu acho que não funcionou.

(...) É mais tranquilo, (as 3 turmas separadas PP, RP e Jornalismo) mas também tem momentos que acontece bagunça, que já fica “zoneado”. Mas é mais difícil porque, por exemplo, as matérias que tinham aulas individuais (com as turmas separadas) eram matérias em que as pessoas acabavam se interessando mais, a única matéria que tinha mais bagunça era Português, que o pessoal não gostava e tinha muita bagunça, mas a professora até conseguia contornar porque na aula ficava pouca gente mesmo pra assistir.

(...) Uma coisa que eu já falei, é separar as turmas. A única solução imediata, porque eu acredito que em faculdade colocar aluno para fora eu acho que não funciona mais. Então eu acho que separar as turmas seria importante. Também, o professor deve ter pulso firme porque muitas vezes atrapalha mesmo. A gente vê que o professor está nervoso porque não está conseguindo dar aula, os alunos

não tão conseguindo prestar atenção e não acontece nada para melhorar. (...) A solução seria falar para o aluno ficar à vontade, para sair caso não queira.  
(Paulo)

Eu fiquei meio chocada porque nas primeiras aulas eu não conseguia ouvir o que estava acontecendo, porque era muita gente falando. Isso é engraçado porque o povo quer ficar na aula. Mesmo com presença (na chamada) eu acho que tem um fator consciência que não deixa eles saírem da aula. Mas você vê que a pessoa tem aquele negócio: “nossa não posso sair da aula”. Mesmo que o professor autorize, que tenha presença, mas a pessoa fica mesmo assim.  
(Vitória)

Quando estão os três cursos juntos é um tanto quanto problemático, porque além de serem personalidades diferentes, porque cada curso, querendo ou não, tem um perfil. Então, o pessoal de PP é sempre mais explosivo, mais brincalhão, que fala, o pessoal do RP é mais retraído, o pessoal de RP também não é tão brincalhão. Então, quando está todo mundo junto, fica aquela bagunça.  
(Luiza)

Parece-nos que eles querem exercer uma ação como sujeitos, mas não encontram espaço para isto diante de tantas pessoas, muitos deles desconhecidos. Há um desejo que surge em muitos momentos em que revelam a vontade e a esperança da turma reduzir de tamanho no futuro, como se isto fosse torná-los realmente sujeitos diferentes, possuidores de identidades próprias, inseridos em uma turma, um grupo. Este sentimento de desconforto pode ser gerado pelo fato de não se perceberem como indivíduos, mas como seres anônimos, sem identidade perante a instituição e o professor. São individualidades querendo se expressar, mas sendo vivida de forma homogênea, como coletividade.

Segundo a perspectiva de Wallon (1981), salas de 120 alunos não representariam um grupo, mas um meio. Para existir um grupo, além de se partilhar objetivos em comum, é necessário ter interação. Não podemos afirmar que há interação naquele ambiente de sala de aula, mas indivíduos ocupando o mesmo espaço físico. Não seria o desrespeito, a indisciplina e a desmotivação uma das respostas à homogeneidade com que são tratados? Pode-se perceber nas falas dos entrevistados muita indignação quanto a esta situação, o que nos faz pensar que isto provoca um despertar de vozes, querendo se fazer escutar, quer seja por desejo de participação, quer seja por desejo de subversão diante de algo incompreendido. Poderia estar aqui a gênese do que se tem chamado de indisciplina, mas que na verdade é uma manifestação destes afetos?

Foucault (1986) descreve que os instrumentos padronizantes, ou disciplinarizantes, aparecem como uma forma de opressão para os sujeitos quando estes se veem limitados na expressão de suas individualidades. Como rotas de fuga e luta contra esta homogeneidade, os sujeitos são impelidos à diversificação em um movimento de se diferenciar e se colocar como ser individual dentro do contexto. O sujeito e sua individualidade mais cedo ou mais tarde têm de emergir, nem que seja pela agressão, revolta ou apatia. De alguma forma a individualidade vai se manifestar. Podemos inferir que a massificação percebida pelos alunos pode despertar neles um sentido de assujeitamento. Não sou um indivíduo, mas uma pequena parte de um todo homogêneo sem identidade.

## 1.2 DIVERSIDADE E DIFERENCIAÇÃO

Paralelamente à subcategoria descrita acima sobre o aparente desconforto gerado pela homogeneização dos alunos e o conseqüente sentimento de assujeitamento despertado nos sujeitos, surge nos relatos uma noção da heterogeneidade dos mesmos. Sugerimos que a percepção de diversidade e a necessidade de se apresentarem como sujeitos únicos aparecem no sentimento de incômodo dos alunos diante da massificação que se instala em sala de aula. Seria um movimento que parece ser vivenciado de forma indireta, inconsciente, já que se manifesta em revolta, indisciplina, desmotivação, desrespeito ou qualquer outra configuração de represália diante da massificação percebida.

Porém, notamos que surgem também nas falas dos alunos relatos conscientes da percepção da heterogeneidade que os rodeia e o desejo de ver isto reconhecido em si e no outro.

Uma vez eu não concordei com o professor; não era uma briga, eu estava argumentando para entender o que estava acontecendo. Na verdade, o que aconteceu foi que a gente fez um trabalho e ele deu uma nota e eu perguntei porque ele deu aquela nota. Não era nota máxima, mas eu queria saber o que estava errado. Então ele falou uma coisa que eu achei muito subjetiva e eu falei: “mas eu não pensei nisso, pensei nisso outro.” Ele respondeu: “ah, mas é assim mesmo, você tinha que ter feito assim.” “Ah, mas eu acho que você está errado” respondi. “Ah, mas eu não sei porque você está reclamando, sua nota é boa.”. Eu

acho isso o “fim da picada” porque eu não estou reclamando por causa da nota, eu estou reclamando o jeito que foi avaliado o nosso trabalho. A idéia que ele teve, entendeu? E as pessoas levam isso muito como briga, não é isso. Eu acho que a gente discutir, argumentar é muito rico, porque se ele tivesse discutido, argumentado comigo a idéia dele eu teria aceitado o que ele falou.

(Vitória)

(falando da diferença entre escola e faculdade) Tem sim diferença, porque no segundo, terceiro ano é todo mundo ali da mesma idade, todo mundo tem mais ou menos a mesma cabeça. Na faculdade muda um pouco, porque cada um é de uma idade. Cada um vem de uma classe social, porque no colégio todo mundo era mais ou menos da mesma classe social e na faculdade dá uma mesclada. Você pega pessoas com uma classe social mais alta, pessoas com classe social mais baixa e diferentes idades. Então é diferente com certeza, isso não tem dúvida.

(Paulo)

Porque aqui tem gente de 19, de 18, que acabou de sair da escola, gente que saiu da escola há trinta anos. Então os pensamentos, as cabeças são diferentes (...) Eu tenho amigos na faculdade, a gente conversa pela internet, mas eu acho que não vai ser a mesma coisa (que com os amigos de escola). Eu chamaria a minha amiga de escola pra ser minha madrinha de casamento, mas eu não sei se uma amiga de faculdade eu consigo ter tanta intimidade para ser a minha madrinha. Por mais que a gente se dê bem, é sempre uma relação limitada realmente. O nosso interesse em comum ali é estudar.

(Luiza)

Porque eu sou uma pessoa que gosta de se comunicar, eu gosto de fazer amizades. Eu acho que é importante você conhecer outras pessoas, conversar, não julgar as pessoas: “ai, o cara ali é vesgo, eu não vou falar com ele” sabe? Eu acho que você tem que aprender a gostar de todo mundo e encarar problemas de todo mundo. Então, dentro da sala de aula eu falo com todos, não tem um que eu não fale, se eu não falei é porque a gente não teve oportunidade de se encontrar ainda, mas não é porque eu sento de um lado (da sala) que eu não falo com o pessoal que senta do outro, que senta no fundo ou que senta na minha frente. Eu falo, eu converso. Lógico que a gente acaba se aproximando mais de um, mais de outro, até por uma questão de afinidade, de pensamento, de gosto, a gente acaba tendo os seus preferidos, mas minha relação dentro da sala é: eu estou lá, eu estou tentando ajudar, tentando ser simpática, amiga, companheira, porque eu acho que é importante, que é bacana.

(Luiza)

Eu tenho uma relação muito saudável, mas isso eu trouxe. De entrar num ambiente e tentar me enturmar, tentar fazer parte de vários núcleos. É claro que a gente tem afinidades com alguns que a gente anda mais, então de uma forma geral eu vejo a minha sala como um núcleo de encontro com vários núcleos submersos.

(...) Existe um respeito, só que em alguns momentos entra em choque, natural das relações humanas. Só que o que eu chamo atenção justamente é isso: “gente vamos observar de uma outra maneira isso”, ao invés de um grupo em um outro contexto. O contexto é diferenciado, então sua própria vivência tem que ser aproveitada, o próprio conflito dessa experiência tem que ser aproveitado, então acho que tem que associar isso.

(José)

Podemos buscar no aporte teórico de Wallon (1979) a relação entre diversidade e desenvolvimento humano: o processo de evolução do sujeito se dá quando se percebe diferente do outro; é diferenciando-se que ele se desenvolve e

não apenas no aprimoramento intelectual. Para Henri Wallon, o homem se forma de acordo com as relações de alternância e diversificação que tem com o meio, que inclui os outros sujeitos. Os aspectos orgânicos, as emoções e os sentimentos, a linguagem e as trocas com o contexto influenciam na constituição deste sujeito, de modo que um não tem predominância sobre o outro, mas formam um conjunto de circunstâncias que diferenciam um do outro. Personalidade, cognição e meio se interpenetrando e se diferenciando a partir do sujeito é a própria noção de desenvolvimento para Wallon. A partir deste conjunto de fatores, formam-se seres singulares e é na própria diferenciação entre os sujeitos que se estabelecem os processos de amadurecimento do ser humano. Processo este que dura por toda a vida já que o homem e seu contexto não são estáticos, mas estão em constante movimento e transformação (MAHONEY & ALMEIDA, 2006a).

Sugerimos com isto que nossos sujeitos, ao se perceberem seres diversos, lutem pela manutenção da sua individualidade e conseqüentemente, pelo seu desenvolvimento. Desenvolver-se é diferenciar-se, há que se estimular as diferenças e o respeito à diversidade em qualquer ambiente, principalmente naqueles de cunho educativo.

Estamos justamente diante de um choque de valores: os alunos querem ser vistos como sujeitos, mas a dinâmica da maioria das instituições pedagógicas busca padronizá-los. Ao mesmo tempo em que se sentem desrespeitados e indignados com isto, eles percebem que devem valorizar os estudos, o outro, as interações dentro e fora de sala de aula e são inclusive cobrados para isto. É um paradoxo que nos faz questionar: como respeitar o outro, os estudos, o conhecimento, se eles se sentem profundamente indignados e incomodados ou desrespeitados por se sentirem como integrantes de uma massa não diferenciada?

### 1.3 NECESSIDADE DE SER TUTELADO

Outro aspecto que permeia os sentidos dos sujeitos é o fato de se sentirem ainda dependentes da regulação do outro. Dialeticamente, os alunos querem ser tratados como sujeitos e respeitados em suas individualidades, mas não se mostram autônomos ou percebem seus colegas como agentes passivos de sua vivência acadêmica. O sentido de querer ser tutelado surge muitas vezes nas falas de como os alunos percebem seus colegas, e também nas entrelinhas de seus discursos, expressando sentidos que os revelam dependentes das ações dos outros, em especial, dos professores. A aluna Vitória, que estudou em uma universidade pública e está na sua segunda graduação, observa seus colegas e tem uma postura bastante crítica desta necessidade de ser tutelado:

Uma coisa que eu acho é que o aluno de faculdade privada, muitas vezes, continua numa extensão do colegial, aquele ritmo mais de “professor mastiga” como no colegial. E lá, (na Universidade Pública) não. Lá é meio chocante, como eu disse, no primeiro dia letivo você leva um tapa na cara e você tem que amadurecer. Mas eu acho que depois de um tempo, na hora que você pega o ritmo da faculdade, eu acho que o aluno meio que fica na mesma. Porque lá, depois que você leva aquele choque, você aprende o ritmo. Eu acho que é isso. São ritmos diferentes. Mas eu acho que na pública amadurece muito mais. Porque você tem que aprender a se virar, porque se você não se virar ninguém vai te ajudar.

(...) É muito diferente, muito, muito. Lá (na Universidade Pública onde estudou) é mais assim: “meu, vai!” Entendeu? Não vai ter professor te dando “colher de chá”. O professor fala assim: “a prova vai ser amanhã”, pode falar o quanto quiser, o professor não muda. Ele fala que vai ser, vai ser. Aqui não, você sente que o professor dá uma ajuda do tipo: “ah professor, mas eu não estudei, não dá para, cancelar a prova para semana que vem? “ah, tudo bem”. Lá não ia acontecer, entendeu?

(Vitória)

Apresentamos mais relatos que denunciam esta postura de necessidade de ser tutelado em relação à construção da trajetória acadêmica dos colegas. Citamos o ponto de vista de José que, apesar de estar fazendo faculdade pela primeira vez, revelou-se um sujeito esforçado, participativo e bastante crítico daqueles que esperam do professor o conteúdo esmiuçado em aulas expositivas. José se indigna com as reclamações dos colegas por terem que estudar ou ler muito, exigências comuns dos cursos de Ciências Humanas:

(descrevendo a conduta dos colegas) “Caramba, eu tenho que ler isso? TEM.”, que mais? Então eu vejo um problema mais individual, uma maneira de ver o mundo, de ver o ensino. (...) Tipo: “Professor isso vai cair na prova? Professor, o que vai cair na prova? (...) Por isso que eu falo que é uma questão mais individual, da própria leitura que a pessoa faz daquilo. “Ah não, o professor é o vilão, o professor quer, desculpa o termo, quer ferrar o aluno.” Solta, desconstrói

isso, acabou! São adultos. Então eu não vejo o problema na instituição, se a gente pode caracterizar isso como um problema, como uma disfunção. Eu vejo, justamente, uma questão de conscientização, uma questão de olhar para o estudo, o que é que o cara (colega) busca ali?

Então, para mim, (é complicado) alunos que saem da aula, que não prestam atenção. Eu falo isso e parece ficar aquela idéia que eu sou aluno que não tira o olho do professor, mas não é nesse nível. Eu adoro fazer brincadeiras, eu adoro descontração, mas perceber a importância daquela aula sabe? De focar aquilo e trazer como um conteúdo, não acontece uma mágica. Eu vejo muito isso, o cara vai ter a prova, ele acha que a prova é a forma de análise soberana da vivência acadêmica dele e ele não presta atenção na aula, ele falta, ele perde prazo de trabalho. A questão de organização também não é difícil; é tão simples você se organizar, você não perder nada, aí o cara, uma semana antes da prova, ele lê que nem louco e acha que vai absorver aquilo, sendo que aquilo é construído. Então eu não vejo muito isso nos outros.

Outra fala registrada abaixo já mostra a necessidade do próprio aluno de ser tutelado ao depositar na mão do professor a responsabilidade por sua formação e não tanto ao seu esforço. A fala ‘o professor teria que suar a camisa’ revela a posição passiva dos alunos que esperam o conhecimento de cima para baixo e não como agentes ativos construtores do seu próprio saber:

Em determinadas matérias eu achei que poderia ter sido diferente, o professor talvez ter se dedicado um pouco mais, porque a minha sala era muito grande, por ser três cursos juntos, ela tinha cento e vinte alunos no começo do ano, eram muitas pessoas para um professor só. Então, em determinadas matérias eu acho que o professor teria que suar ali a camisa pra poder ensinar e estar ali.  
(Paulo)

Ou então, sentem-se perdidos quando solicitados para exercerem uma autonomia como estudantes. Como na fala da aluna que revela não se sentir pronta para regular sua conduta já que ela se queixa de não conseguir estudar e nem ficar muito tempo na sala de aula:

Ah, eu falo demais, tem hora que eu fico entrando e saindo, entrando e saindo. Eu acho que isso incomoda um pouco.  
(Pesquisadora pergunta por que isso acontece)  
Eu não sei, eu acho que dá tipo um “tic” nervoso, eu saio para conversar, se o professor fala para não sair é inútil. Quando eu vi, já passou a hora, acabou a aula e nós ficamos aqui, fumando e falando besteira.  
(Se avaliando como aluna) Eu acho que tem que partir de mim ter mais força de vontade, de querer e fazer. Aí tem hora que toca um pouco meu interesse, eu cobro de mim mesma. Só que não funciona.  
(Naiara)

Paralelamente, não podemos deixar de observar nas falas algo que nos remete a outro aspecto sugerido como subcategoria atrelada à necessidade de ser tutelado: as ações que revelam imaturidade e irresponsabilidade por parte dos estudantes de acordo com a avaliação dos entrevistados.

#### 1.4 IRRESPONSABILIDADE- IMATURIDADE

Podemos perceber muitas falas denunciando ações que os sujeitos julgam imaturas e irresponsáveis por parte dos alunos. Os sentidos conferidos a estas ações revelam sentimentos de espanto e representações de colegas como colegiais:

No começo, nos primeiros dias eu senti que eu voltei para o colegial. É muito estranho, é muito diferente.

(...) Aqui tem aquele cara que fala assim: “estou pagando, então eu vou fazer o que eu quiser, não adianta, eu vou passar porque eu estou pagando.” E na U. (Universidade Pública de renome) tem a galera assim: “meu, não estou pagando, então não preciso fazer nada” É bem assim.

E tem gente, que eu não sei se o pai é muito rico e, sei lá: “vamos jogar dinheiro fora”. Que acha que tudo é engraçado, que acha que está todo mundo ali brincando, que não tem respeito pelo professor, por colega e eu acho isto uma lástima! Não sei, eu não sou mãe, tem até um livro assim: “Eu era uma boa mãe até ter filhos, mas, a minha visão é: como alguém vê uma pessoa fazendo isso, o seu filho fazendo isso, tendo esse comportamento e acha bonito? (...) Mas isso é da pessoa mesmo e não dá para educar nessa idade.”

(falando dos colegas que estão na 1ª graduação) Eu acho que vai forçar a amadurecer na hora que começar a trabalhar, que aí, não vai ter jeito. Não vai ter como você não fazer a continuação, ensino médio, faculdade, trabalho.

Vai ter que amadurecer de qualquer jeito, só que aí é mais chocante porque na faculdade você ainda tem aquela segurança. Você está na faculdade, você sabe que você vai passar de ano, chega no último ano você fala: “e agora, o que vai ser de mim? Não sei se eu vou conseguir trabalho, se eu vou conseguir estágio, se eu vou conseguir qualquer coisa, se eu vou ter que voltar pra casa. É isso que é meio duro, eles vão ter isso depois.”

(Vitória)

Uma coisa que eu errei, era achar que eu não ia ver comportamento de oitava série, de sétima série, de uma maneira mais genérica, na faculdade e eu vejo muuuito!

(...) os próprios professores acabam se sentindo responsáveis por isso, (pelo desinteresse que ele vê nos colegas) e eu vejo de uma maneira diferente. É claro que tem uma parcela do professor, uma aula mais dinâmica, uma aula que sai daquele tradicionalismo, só que o próprio conteúdo, às vezes, não permite isso e também não existe uma

compreensão tão presente da outra parte dos alunos de “Ah tá! Essa aula sim tem que ser expositiva”.  
(José)

Ambas as subcategorias: necessidade de ser tutelado e irresponsabilidade e imaturidade podem ser analisadas a partir do conceito de Vygotsky, que nos ajuda a compreender o que está por trás do comportamento dos alunos em sala de aula: a autorregulação da conduta. Vygotsky (1995) propõe o conceito de autorregulação da conduta, em que o sujeito, a princípio regulado pelo meio, passa a se autorregular à medida que as funções psicológicas elementares – do âmbito do biológico – assumem nova qualidade, agora mediadas pela cultura, se transformando-se em funções psicológicas superiores. Para o autor, a autorregulação é a mais importante função psicológica superior, por se relacionar e regular todas as demais. Autorregulado, o ser humano reconhece seu potencial e seus limites, sendo capaz de tomar decisões, tendo consciência de si e do outro. O sujeito, através da mediação do outro, consegue internalizar um sistema de regras da família e da sociedade, e passa a produzir seu próprio conjunto de normas e valores. Ele converte as relações sociais em funções psicológicas, passando a funcionar como sendo próprias de sua personalidade.

Diaz *et al* (1996) destacam que, para Vygotsky, o desenvolvimento culmina com a autorregulação da conduta. Nasce da interação com o outro, mas se mantém sem a necessidade de imposições externas porque já houve uma construção regulada pelo meio. O próprio sujeito se autorregula, exercendo um grau de desenvolvimento cognitivo e social que, para Vygotsky, seria a própria demonstração da existência de uma conduta evoluída. O que media a ação do homem regulado é uma capacidade de conduta autoformulada por um plano de ação interno, construído e ajustado no decorrer de suas interações e história de vida. Com isto, ele se torna capaz de colocar responsabilidades antes do seu desejo.

O que notamos nas falas acima é que muitos alunos se mostram sujeitos não autorregulados. Seja por meio da necessidade de serem tutelados por um professor ou pelos colegas, seja por comportamentos de imaturidade e irresponsabilidade em que revelam que não são agentes responsáveis pelo seu

desenvolvimento. Precisam de um pai ou professor para dizer-lhes o que é certo ou errado. Baseiam-se nas notas, nas sanções, no receio de ficar em dependência da matéria e não no fato de cursarem uma faculdade para se desenvolverem. Ou também demonstram irresponsabilidade ou imaturidade quando utilizam o colega para se apoiarem na sua prática acadêmica.

Ontem eu estava falando com uma menina de Publicidade, ela estava reclamando de um colega que não vem nas aulas, e quando vem, tenta sempre se encaixar num grupo, ficar “na cola” dos outros. Ainda brinquei com ela: “eu me mato para pagar a faculdade, tenho que dar meu suor para pagar e a pessoa faz isso!” Poxa, tem a condição bacana e realmente não aproveita o que tem. Então, alguns, como esses, não aproveitam. Vem aqui a passeio ou vem porque o pai obriga ou porque o pai fala: “Não, tem que fazer uma faculdade.” Então ele acaba vindo, mas não aproveita. Não está na faculdade. Está aqui porque tem que estar e é isso aí, entendeu?

(Luiza)

(...) Porque a média da faculdade é uma média relativamente alta. Sete é uma nota difícil de conseguir em determinadas matérias, principalmente. Então esses, (colegas que não estudam) normalmente, não passam do primeiro ano e quando passam ficam fazendo DP (dependência na matéria), e quando passam para o segundo ano vão empurrando com a barriga e são excluídos. Então, a própria instituição põe a nota e os alunos, querendo ou não, excluem.

(Luiza)

Chega um ponto que você não carrega, você não vai o resto da sua faculdade, quatro anos de faculdade, ficar pondo o nome de alguém, pagando a nota do outro, entendeu? Então, querendo ou não, as próprias pessoas excluem esses aproveitadores. Eu mesmo estava brincando, que teve um menino desses que chegou e a gente tinha que fazer um trabalho e eram oito figuras, e a menina tinha conseguido quinze (figuras). Ele, simplesmente, tomou o trabalho da mão dela, desgrampeou o trabalho dela, pegou as (figuras) que ele queria e deu para ela de volta. Eu falei “você está louca? E se ele pega as que estão certas, e você, as que estão erradas? Quer dizer, ele vai levar nota nas suas costas”. Não que eu seja ruim, se eu puder ajudar ele. Porque um dia antes, esse mesmo menino, veio pedir minha ajuda para fazer um trabalho e eu falei “eu não vou fazer, eu falo o que você tem que fazer e você faz”. Porque eu acho assim, você não pode, se você realmente está na faculdade, você tem que ser mais maduro, aqui não é mais escola, entendeu? Coisas como: “Ah esse professor não vai me deixar (reprovar)” não, ele vai te deixar sim, você vai ter que pagar, vai sair do seu bolso. Então eu acho que você tem que saber eliminar essas pessoas de perto de você.

(Luiza)

As falas das duas últimas subcategorias de necessidade de ser tutelado e de imaturidade-irresponsabilidade mostram sujeitos pouco autônomos, em uma idade adulta, que apresentam características de adolescentes. O conceito de autorregulação da conduta proposto por Vygotsky (1995) pressupõe uma

capacidade do sujeito de julgar a si mesmo sem a necessidade do outro dizer o que é certo ou errado. A autorregulação se fundamenta em princípios de justiça e respeito ao outro, e o sujeito autorregulado, diante de atitudes não morais, experimenta o sentimento de vergonha. Os sujeitos entrevistados demonstram possuir vergonha e senso de justiça diante da falta de limites dos outros. Mas esses outros a que os sujeitos se referem não parecem ter vergonha de pedir para colocar o nome nos grupos sem terem feitos os trabalhos, tampouco mostram arrependimento de pagarem as mensalidades e não estudarem, não se dedicarem à construção de seus saberes.

Podemos sugerir que nesse tipo de relação há prevalência de valores não morais, como o desrespeito em relação ao outro, valendo-se de sua boa vontade, por um lado; e de irresponsabilidade, quando buscam apenas notas e não aprendizado e desenvolvimento, por outro. Ainda incorrem na prática da apropriação de trabalho intelectual de outros, da simulação de um compromisso e participação no processo de ensino e aprendizagem.

O que estão fazendo nas salas de aula? Estariam interessados apenas na busca pelo diploma? Estariam atrás da busca de sucesso fácil, sem querer investir no conhecimento? Tornar-se-ão autorregulados, senhores de seus saberes, ou ficarão à margem dos processos, sujeitos aos ditames de outros que devem dizer aonde ir e o que fazer?

Simultaneamente à nossa percepção de que há muitos sujeitos que não se autorregulam mesmo em idade adulta, observamos nas falas dos alunos sentidos que revelam dedicação e esforço aos estudos. Seriam demonstrações de que nossos sujeitos entrevistados são autorregulados? É sobre isso que discutimos na próxima categoria de análise.

## 1.5. ESFORÇO E RESPONSABILIDADE

Muitos foram os relatos em que pudemos notar aspectos valorativos dos alunos em relação ao fato de cursarem uma faculdade. Eles demonstram esforço e responsabilidade e descrevem as dificuldades que encontram por terem de conciliar trabalho, estudo, vida afetiva e familiar, expressando uma emocionalidade que evidencia sentidos configurados em relação a ser aluno do ensino superior. Falam de como estudam, da importância que atribuem às aulas, às matérias. Mesmo aqueles alunos que foram selecionados como sujeitos da pesquisa por demonstrarem desinteresse e condutas inadequadas em sala de aula, revelam suas dificuldades por terem que arcar com uma rotina pesada de estudo e trabalho. Há aqueles também em que o esforço de conciliar trabalho com estudo é acrescido do fato de terem muita dificuldade de pagar a faculdade.

Na maioria das vezes, lógico que não 100% do tempo, porque às vezes eu escorrego também. Mas eu faço o possível para anotar toda matéria porque eu tenho uma coisa assim: se eu não anoto, eu não consigo lembrar da aula em si, eu lembro um pouco da matéria. Se eu pego uns *slides* é diferente para mim do que se eu tiver anotado, mesmo que esteja escrito a mesma coisa. Eu acho que quando eu estou anotando eu estou fotografando aquela página no que a professora está falando. Então, o que eu normalmente faço, eu anoto e tenho que prestar atenção ao máximo. Mesmo que do meu lado tenha gente conversando. (...) Eu acho que na nossa sala tem gente muito inteligente, muitos que se esforçam, que estão aqui com esforço, que está dando o sangue, que conta real a real para estar aqui, então dá muito valor.  
(Vitória)

Eu acho que a maioria tem maturidade. A maioria trabalha, acorda cedo, vai trabalhar, tem que ficar aqui até as onze da noite, chega em casa cansado, tem que ficar no seu fim de semana fazendo trabalho ou de madrugada fazendo trabalho.  
(Luiza)

Eu me vejo como um aluno esforçado. Existe até um estigma, do estudioso, do intelectual, do "nerd". E eu luto naturalmente contra isso, eu sempre falo que o resultado que eu tenho é consequência, o esforço que eu tenho não é neurótico, não sou o cara que lê no ônibus, mas que tenta conciliar uma vida de trabalho com uma vida de estudo. Quem faz isso corre um sério risco de ir bem, se ele ler, prestar atenção.  
Eu me considero também participante nas aulas, eu aproveito muito o ambiente da aula, isso parece óbvio, mas não é aproveitado aquele espaço ali em que você pode parar e observar, parar e aprender. E eu colho os frutos disso. (...) Inclusive eu mudei de emprego recentemente, há uns quinze dias, e eu coloquei que no momento a minha prioridade de vida é a minha faculdade.  
(...) Fazendo uma comparação do primeiro ano com o segundo (de faculdade) eu vejo que os alunos estão mais centrados, a conscientização começa a ficar mais

aprimorada do papel dele ali, então isso foi construído, alguns já trouxeram, alguns estão construindo isso.

(José)

Tinha uma lição de casa, eu já fazia, não precisava ficar me cobrando. Para prova, eu nunca fui de estudar muito, porque só de prestar atenção eu sempre conseguia ir bem. Não que eu seja uma aluna excelente, porque até hoje eu não consigo pegar e ficar o dia inteiro estudando; tem gente que fica, que é da pessoa, mas eu não consigo. Eu sou de prestar atenção na aula, sou de fazer trabalho. Algo que eu detesto é atrasar essas coisas, se tem uma coisa para fazer eu quero fazer já, não quero deixar para última hora, porque sempre acontece alguma coisa e se fica para última hora pode dar algo errado. Eu sou muito, não digo sistemática, mas digo, eu gosto das coisas certas.

(Gabriela)

Ah, eu fiquei um pouco chatinha, em relação à responsabilidade. Antes eu não tinha, agora tenho. Eu deixo de fazer muita coisa, então, meu final de semana passa muito rápido. Aí até término de namoro aconteceu.

Eu me vejo abraçando o mundo; tentando, não é? Me sinto um pouco vitoriosa por isso, de tentar, mas não sei se vou conseguir (terminar o curso).

(Naiara)

Os dados indicam que muitos alunos se veem como responsáveis e reconhecem a importância dos estudos em suas vidas. Esforçam-se para pagar as mensalidades, para conseguir tempo para fazer as tarefas, conciliar a faculdade com o trabalho. Seria a responsabilidade, como valor moral, um aspecto que confere valor positivo ao conhecimento?

Dialeticamente, vimos nas subcategorias descritas anteriormente que os alunos possuem condutas incompatíveis com quem se interessa e se motiva a estudar. Alguns alunos se reconhecem responsáveis e relatam que se dedicam. Porém, para outros, o que se revela é a contradição entre esses valores, conforme se apresenta na próxima subcategoria. Eles se revelam responsáveis, mas a dedicação aos estudos está amparada no pragmatismo, ou seja, 'estudo quando tenho vantagens, quando ganho algo com isso'. Estamos diante de um aluno de ensino superior que estuda só se for cobrado ou se valer nota? Se sim, o valor responsabilidade não estaria no âmbito da moral. Talvez este não seja o único fator que justifique o ato de estudar, e haja aspectos de valorização do saber como fonte de constituição de um sujeito autorrealizado. Mas os dados mostram que o pragmatismo é um sentido configurado em relação a ser aluno no ensino superior, como se observa nas falas a seguir.

## 1.6. PRAGMATISMO

Conforme descrito, os relatos dos alunos estão repletos de sentidos configurados em relação a ser aluno de uma faculdade. Estes sentidos traduzem valores morais ou valores não morais? Tognetta e Vinhas (2009), pesquisadoras de Psicologia, Moralidade e Valores em ambiente pedagógico, revelam que as relações hoje nos espaços educacionais estão permeadas de valores, mas a forma como estes valores se apresentam é que mudou. As autoras mostram que os valores estão em transformação e isto tem causado a impressão de que não estão mais presentes nas relações. Descrevem que culturalmente tendemos a pensar que havia um “antes” onde os valores morais eram mais presentes nas interações entre os alunos e que hoje em dia a moralidade está em crise e as relações de respeito estão se perdendo.

De acordo com elas está havendo uma substituição dos valores morais por aspectos contrários à moralidade. Elas investigaram que a principal mudança decorre do fato de que os valores na atualidade estão centrados no indivíduo, na esfera do privado, não ocorrendo uma integração do outro, do público, nessas manifestações de moralidade. Há uma atribuição de valor a si sem considerar a valorização do outro. E isso poderia ser chamado de valor moral?

Vemos nas falas abaixo referências ao ser aluno que se baseiam na esfera do privado, nas vantagens pessoais que o aluno toma para si, o que chamamos de pragmatismo. Alguns alunos revelam que estudam na faculdade onde a pesquisa foi realizada, motivados por aspectos relacionados a valores não morais, como, por exemplo, de obter vantagem financeira, por praticidade, por comodismo ou por pressa em concluir o ensino superior:

E por que você veio fazer (estudar) aqui na FAX?

O principal é que eu tinha ouvido falar que a faculdade estava bem conceituada, o outro é o preço e também como eu sou de SP tenho desconto e meus pais moram aqui e sempre dá para dar uma fugidinha, uma visitadinha antes da aula.

(...) Mas, eu acho que o povo, quem sai do colegial, tem um sonho de fazer uma faculdade de renome e, não só a FAX, mas várias faculdades particulares viram um tipo de “estepe”, entendeu? “Ah, não quero fazer cursinho, já vi tudo isso, não vou ver de novo, então vou fazer uma faculdade. Prefiro pagar a ficar mais três anos em um cursinho”.

(Vitória)

Porque hoje em dia, eu vejo que todo mundo tem possibilidade de fazer faculdade, tem PROUNI, EDUCAFRO, o estudo chega em todo mundo que precisa. A pessoa consegue, pelo menos, a bolsa em algum curso. Às vezes, não é o curso exatamente que ela quer, isso podia ser aprimorado mais para frente, mas a pessoa consegue bolsa para fazer um curso superior.  
(Paulo)

Eu acho que mudou um pouco a ideologia do jovem: “Ah, terminei a escola pronto, chega, me livrei de estudar”. Não, eu acho que a maioria hoje pensa: “Não, vou ter uma faculdade, vou fazer qualquer curso, mas vou fazer uma faculdade”. Então, mudou porque mais gente quer fazer.

(...) O curso de Comunicação é um curso bom. Eu comecei a pesquisar e por ser mais perto da minha casa, vinte minutos de onde eu moro, da cidade que eu moro. É uma faculdade, no curso de Comunicação, que é bem conceituado porque tem professores bons, profissionais bons. Por uma questão de gastos, porque se eu faço em outros lugares custa R\$800,00. Aqui é caro, R\$500,00, mas é muito mais barato que em outras faculdades. Por ser perto e por ter um conceito bom no curso de Comunicação.

(Luiza)

(Após se descrever como aluna desinteressada e responder que seria diferente a sua atuação como aluna se ela estivesse pagando a faculdade) Acho que seria. Acho que eu ia ser mais responsável porque ia doer meu bolso.

(Naiara)

Outros pontuam que estudam por causa da nota, para não terem que ficar de dependência nas matérias (DP), uma vez que isto representaria um atraso em sua formação e também um custo, já que estas DPs são pagas. Mas, principalmente, revelam um sentido imediatista justificando que estudam e se dedicam quando gostam da disciplina ou quando a matéria tem um enfoque que os aproxime da prática profissional do curso que escolheu. Quando é algo com maior teor teórico, ou de uma área que não desperta o interesse dos alunos, este tipo de conhecimento é visto como algo enfadonho e não prioritário, às vezes até desnecessário na formação acadêmica.

Mas também dos dois lados tem a galera assim: “Estou pagando e eu preciso estudar muito porque senão eu não vou conseguir pagar depois”. Porque se pega DP (dependência na matéria), tudo isso custa mais. E lá, também tem essa, tipo...” meu, meu pai está me bancando aqui”. Entendeu? É meio diferente. Sempre vai ter o “estou pagando”.

(Vitória)

Quando eu preciso e eu quero, eu sou esforçado. Mas, a maioria das vezes, eu não sou esforçado não. Eu nem penso tanto em nota na faculdade. Eu penso mais na hora que eu vejo que é uma matéria importante, que eu preciso saber, aí é que eu me esforço mesmo para dar uma estudada nela, mas não pensando tanto em nota.

As (matérias) que eu mais gostei foram Expressão Midiática e Teorias de Técnicas em Publicidade. Porque as duas são as que estão mais próximas da Publicidade mesmo, já está atuando mais na área. As outras matérias, todas são meio amplas

que não estão diretamente ligadas à Publicidade, pegam mais a área de humanas. Não aborda diretamente a Publicidade.”

(...) Na faculdade a pessoa tem maturidade bastante para saber que ela pode assistir à aula ou não precisa, ela não é obrigada a assistir à aula. Se ela quiser, vai, se não quiser não vai assistir à aula, pode estudar em casa, fazer a prova. Porque tem matéria que você não vai aprender assistindo aula, você vai aprender lendo, então se você acha que tem cabeça o bastante para aprender ou, se você não quer aprender você já tem idade o bastante pra dosar isso.

(Paulo)

Como é primeiro ano eu já sabia que eu não ia chegar fazendo vídeo. Eu já sabia que ia ser um ano praticamente teórico. Atendeu no que eu esperava de fazer prática. Poderia ter sido mais, eu acho que é o que falta muito, por isso existe tanto aluno que desiste logo no primeiro ano. Porque talvez chegue com a expectativa de: “A gente vai fazer, a gente vai aprender na prática”. E chega aqui, não. Tem que ler e reler e reler aquele texto acadêmico super maçante, cansativo. Por isso eu acho que tanta gente desiste. Mas, eu também acho que a bagagem teórica é importante. Então, eu penso que graças a Deus está acabando o ano, que no próximo eu já vou pôr a mão na massa, eu já vou começar a fazer alguma coisa e eu tenho que passar por essa etapa. Se eu não passar no primeiro ano, vou passar no quarto, no terceiro ou no segundo, eu vou ter que passar em algum momento.

(Luiza)

Fico, (na sala quando tem interesse) aí eu não saio. Aí eu não falo. Aí eu não quero falar também com ninguém, e quando vêm os bilhetinhos que chegam das meninas eu falo assim: “deixa p/ depois.”

Quando eu quero, eu vou prestar atenção, quando me interessa. Se não me interessa a matéria já perco o interesse e ainda acabo deixando as matérias, a aula. Quando eu vi já perdi, e aí chegam as provas e eu quero correr atrás, mas eu já perdi mesmo. Quando vejo as notas...

(...) Uma coisa, eu comecei a criar o hábito de ler, que antes eu não gostava, agora eu me interessava. Para ser sincera, só lia mesmo se me interessava pelo livro, se comentasse muito do livro aí eu pegava e lia. Agora não, agora eu tenho que ler. (...) Aí depende da matéria, tem matéria que eu não tenho prazer nenhum, começo a ler até que eu perco totalmente o interesse, estou lendo, mas parece que eu não estou lendo nada e tem matéria que é dez, que eu tenho nota dez.

(Naiara)

(Fazendo uma auto-avaliação de si como aluna) Olha, depende da aula, da matéria. Tem aula que eu sou uma aluna de nove, mas tem aula que eu me considero uma aluna de sete e meio, oito. Porque querendo ou não, tem matérias que te chamam mais a atenção do que outras, tem matéria que você se identifica, que você se identifica com o professor. Tem matéria que você pode gostar, mas que eu acho que poderia me esforçar mais sabe? Eu sei que se eu me esforçasse mais eu ia me sair melhor. Às vezes a gente até tenta, mas às vezes parece que não vai. Mas, uma média geral eu me considero uma aluna de oito, eu não sou uma aluna de dez, nunca fui.

(...) Teve uma dessas aulas que foi totalmente contrária, a gente estava falando da aprendizagem e ele comentou que a mãe vê o que deseja no filho e eu fiz a pergunta quando se trata com criança com deficiência e ele começou a explicar, aí essa aula eu me apaixonei porque foi um tema que eu me interessei. Então as aulas que eu mais me identifico, são áreas assim, mais práticas.

(Gabriela)

Ainda vemos o pragmatismo manifesto no comodismo de não se esforçarem para entrar em Universidade Pública apesar de o desejarem. Nas

falas percebemos um desejo de estudar em uma faculdade mais conceituada, mas a dedicação teria que ser maior e os alunos mostram não estarem dispostos a isto.

Oh, eu acho que eu sou uma boa aluna, mas eu não sou paranóica. Eu não abduco de nada da minha vida para estudar. Porque eu penso assim: eu não sei se amanhã eu vou estar viva, eu não sei se amanhã eu vou ter a opção de viver esse momento que eu vou dispensar para fazer um trabalho, que eu posso deixar para fazer mais tarde, então eu não abduco de nada. Se eu tiver que passear eu vou e depois eu faço o trabalho.(...) Eu não deixo de fazer nada, eu procuro entregar as coisas no prazo, procuro pelo menos dar uma lida básica para prova. Eu nunca fui de estudar, de me matar de estudar, mas sempre tive notas boas, nunca fiquei de recuperação em nada, nunca repeti de ano. Para não falar que eu nunca fiquei de recuperação, fiquei em educação artística porque eu não gostava da aula (risos), foi a única que eu fiquei de recuperação mas, de resto todas eu sempre fui bem. (...) Então assim, eu sou uma boa aluna, mas não sou doente por estudar. Eu não vou morrer se não ficar perfeito, lindo, maravilhoso. Eu faço meu melhor, mas eu não me esfolo. Não! Eu faço o que eu acho que é ótimo, está perfeito, está bonito, está lindo, eu sei, eu estudei, mas não me sacrifico não, porque acho que a gente tem que saber dividir a nossa vida. Por isso que eu acho que eu não entrei na Universidade Pública, porque eu não me matei.  
(Luiza)

Em 2007 foi o primeiro ano que abriu aqui o curso, foi o primeiro ano que abriu aqui e eu já tinha visto, já tinha pensado: nossa abriu ali, é mais perto, depois eu vi o preço que é bem menor. (...) Quando eu terminei o terceiro colegial eu não prestei nenhuma faculdade particular, eu só prestei faculdade pública, e não passei. Em 2007, eu ia prestar para outras faculdades públicas, mas eu falei: eu vou me garantir, se eu não passar em uma faculdade pública, eu não quero ficar mais um ano parada. Eu fiz meio ano de cursinho, só que cursinho é aquela coisa não é? E eu não quero ficar mais um ano parada, então se eu tiver que fazer, nem que seja uma particular, eu vou fazer. No meio do ano de 2007 eu prestei na UXX (universidade particular do interior de SP) eu passei em segundo lugar, só que eu não fiz. Por dois motivos, primeiro porque é muito longe, mais longe do que aqui e segundo porque o preço é o dobro do que é aqui na FAX. É o dobro, é quase mil reais a mensalidade lá. Então, eu estava mais perto daqui, aí também eu comecei a namorar, eu não queria mais ir para longe, porque todas as faculdades eu ia ter que me mudar para muito longe e eu estava perto então, foi pela localidade, pelo preço acessível, foi por isso que eu escolhi a FAX.  
(Gabriela)

Os relatos apontam que existem muitos interesses dos alunos que estão na base da decisão de fazer um curso superior. São aspectos baseados nas vantagens que cada um obtém, seja ela financeira, seja de se ter um curso superior qualquer. Mostram também que atribuem ao conhecimento um sentido pragmático, visto aparecer em várias falas que se sentem motivados quando conseguem aproximar a sua experiência acadêmica com a parte prática da disciplina ou do trabalho. Inferimos que a teoria soa como algo pesado ou

cansativo e que os estudantes buscam um dinamismo que encontram na aplicação prática.

Contudo, como ficam estas considerações se as confrontarmos com as que fizemos na categoria anterior, sobre esforço e responsabilidades? Os alunos conferem a si próprios o sentido de dedicados. Eles se percebem como esforçados e responsáveis, mas revelam que esses sentidos são mobilizados pelo desejo de obter vantagens, evidenciando uma contradição que requer que se analise os sentidos configurados pelos alunos de uma perspectiva dialética: o que se apresenta com aparência de valor moral tem, em sua base, valores não morais. Poderemos chamar este pragmatismo de esforço e dedicação? Ou seria um sentido baseado em valores não morais de individualismo e sucesso, que implica obter vantagens para si sem se dedicar ao processo de aquisição de conhecimento?

Os resultados de nossa investigação vão ao encontro daqueles obtidos por Tognetta e Vinhas (2009), quando revelam que há uma mudança nos valores presentes nas práticas pedagógicas atribuídas aos alunos. Elas seriam do âmbito do individual, do pragmático e, por isso, não morais. Os valores morais seriam aqueles baseados em atitudes de respeito a si e ao outro, honestidade, ética e condutas adequadas construídas através das relações que o sujeito mantém com o meio, principalmente a escola e a família. São aspectos ligados ao senso de justiça a si e ao outro e estão presentes na identidade do sujeito a partir do momento em que ele tem uma construção de si baseado no pensar e no agir morais (SOUZA, 2004, 2005, 2008).

Haveria valores morais se eles fossem baseados no senso de coletividade, de uma formação fundamentada no respeito a si, mas que inclui a noção de pertencimento a uma esfera pública, pontuado por sentimento de justiça moral ou de se constituírem sujeitos valorativos sem a conotação de interesses individualistas ou de sucesso e comodismo.

## 1.7 OBRIGATORIEDADE

Outro aspecto que aparece nas falas dos sujeitos e permeia os sentidos de ser aluno no ensino superior é a pressão por se fazer uma faculdade. Essa pressão acaba por produzir o sentido de ser aluno do ensino superior como obrigatoriedade, como único caminho possível para se alcançar o sucesso profissional e a felicidade pessoal, pode vir da família, como se observa nas falas abaixo:

(Imitando a fala dos pais) Ah, você vai ter que ser alguma coisa; a gente pagou sua escola até agora para você conseguir passar numa pública, porque a gente não tem dinheiro para pagar uma faculdade.  
(Vitória)

Meu pai, ele fala que o mais importante que ele pode deixar de herança é a cultura, o ensino, então para ele é importante. Só eu ainda que não sou formada em casa. Então ele exige (que ela faça um curso superior).  
(Naiara)

Contudo, a pressão que sentem aparece mesclada com o sentido de realização de um sonho. Isto porque, na descrição dos estudantes, este desejo, muitas vezes, vai além de suas próprias aspirações: é um desejo da família. Assim, em sua fala, a aluna Luiza declara sua motivação de fazer o curso escolhido, mas, ao mesmo tempo, percebe-se que há uma pressão, pois a família vive um sonho coletivo.

Todo mundo achava: “ah, mais uma que vai engravidar” e não, pelo contrário. Estou fazendo faculdade, namoro e tudo. Tenho uma vida normal, mas faço faculdade, trabalho, ao contrário de todas as minhas primas e parentes que a gente conhece que, da família, ninguém foi (fazer faculdade). Eu ainda estou “a mais longe”, estou indo mais longe que todas as outras. Então é uma expectativa, mas é um peso grande. (...) Esse peso nas minhas costas, de você ter que ser o futuro da família. É pesado, não é fácil

Eu demorei três anos para começar a fazer (faculdade) justamente porque eu queria estudar no curso que eu sempre sonhei, e se eu fosse na deles, na de todo mundo da família, teria feito administração. Um quer que eu faça letras, outro acha que eu devo fazer aquilo, sabe? Eu demorei porque eu sempre quis “aquele curso” e enquanto eu não pude fazer “aquele curso”, eu não fui. Mas é um peso grande, porque eu tenho um irmão mais velho que começou a fazer, desistiu do curso, aí se matriculou em outro, aí desistiu de outro, então, é meio decepcionante. Para o meu pai foi muito decepcionante o meu irmão não ter escolhido o curso que ele queria, aí foi fazer um, desistiu. Aí gasta dinheiro, então é uma expectativa grande. Às vezes, ele fala “não vai hoje não, é sexta feira, fica em casa, vamos comer uma pizza”. Não! Eu tenho que ir e ele fica olhando e diz: “É verdade, vai mesmo, vai estudar.” Aí todo mundo assiste a um jornal e fala: “Um dia você vai estar lá apresentando o jornal.”  
(Luiza)

Também há uma percepção por parte dos alunos da pressão exercida pela educação básica, cuja estrutura já encaminha o aluno a prestar vestibular e entrar na faculdade, ou, também, as exigências para ingresso no mercado de trabalho.

E é uma coisa que hoje em dia também vem sendo questionada. A obrigatoriedade de um ensino superior. Não é todo mundo que quer fazer, não é todo mundo que está preparado. Só que a gente aprende que tem de fazer. No ensino médio a gente tá sendo pressionado para isso. Você vai fazer um exercício e está lá no ladinho: "FUVEST" é sempre assim. E, às vezes, um curso técnico para uma pessoa vai ser mais satisfatório para ele trabalhar do que ter uma formação de cinco anos, depois, mais uma Pós de não sei quanto, mais um Mestrado. (...) Porque hoje, você ter dado uma boa educação para o seu filho é você ter ido até a faculdade.

(Vitória)

Acho que a sociedade impõe (um curso superior). Não precisa ser o ensino superior, mas um tecnólogo, alguma coisa, alguma formação exige. Não adianta ensino médio e parou por aqui. Até arruma emprego, mas não consegue obter tanto como alguém com formação. Eu acho que hoje exige bastante e a concorrência está demais.

(Naiara)

O que a gente está vivendo hoje, o Governo, ele está tentando estimular bastante as pessoas a fazerem curso superior, porque querendo ou não, as empresas estão exigindo, cada vez mais, que você tenha no mínimo um curso técnico. Você tem que ter, no mínimo.

(Gabriela)

No relato de Naiara registrado abaixo notamos que seu sonho de futuro corresponde ao padrão de sucesso do mundo contemporâneo e coincide com as demandas do mercado de trabalho. Aparece como sonho de futuro, realização, mas entendemos que há uma pressão subliminar:

(A faculdade) Importante para o futuro, para minha vida pessoal e minhas realizações. Para o mercado de trabalho em si.

(Naiara)

Em outras falas, Naiara demonstra expectativas ao afirmar que gosta do curso, que pretende cursar até o final, mas em seguida afirma sentir-se ansiosa e frustrada em relação ao seu desempenho e o ter que conciliar trabalho com os estudos. Naiara revela a pressão de ter que dar continuidade ao curso diante de dificuldades:

No primeiro semestre foi difícil. Fiquei na dúvida, eu queria largar, aí eu conversei bastante porque eu comecei a fazer terapia. Me ajudou, mexeu comigo, aí eu falei assim: “Não! Eu vou até o final”. Eu gosto (do curso), mas eu também não vou muito bem.

(...) Não sei se eu vou me encontrar no curso de Psicologia porque você acha que vai resolver seus problemas.

(...) É puxado, tem hora que é complicado e você não sabe o que você larga, se é o trabalho ou a faculdade.

(Naiara)

A pressão aparece também nas falas como um processo habitual de continuidade do processo de amadurecimento do sujeito, como se faltasse algo na construção de si caso ele não faça o ensino superior:

A gente vai ficando mais velho, a gente vai passando da idade normal que as pessoas ingressam na faculdade e a pressão consigo mesmo vai aumentando: “Ah eu preciso começar a fazer uma faculdade, quando é que eu vou fazer uma faculdade? O tempo está passando”. Então tive esse tipo de pressão. (...). “Quando é que eu vou crescer?” Eu não gosto de ficar parado, de não sentir que eu não trago nada para mim, que eu não agrego, que eu não me aperfeiçoo, então essa cobrança aumentava em relação a mim mesmo.

(José)

(O que significa fazer uma faculdade) Representa o meu futuro. Eu acredito nisso, representa o meu futuro, porque até então eu não trabalhava, eu não tinha uma área específica. Então, para eu não fazer um curso superior, se eu escolhesse ficar só na minha cidade, eu ia ter uma vida muito estagnada.

(Gabriela)

O fato dos sujeitos sentirem-se pressionados a fazer um curso superior, dentro do âmbito familiar, social, escolar, econômico ou político, nos leva a questionar: não seria esse movimento que favorece a configuração de sentidos do conhecimento um peso ou obrigação? Ou ainda, sentidos do estudar como massificação e reprodução, que se faz sem questionamentos, cuja motivação é o ter que fazer e não o fazer com a consciência de sua importância?

Questionamo-nos também se para alguns sujeitos o valor moral de desenvolver-se como um sujeito que busca o autorrespeito e a autorrealização está sendo deixado de lado em detrimento de políticas mercantilistas típicas do mundo globalizado. Podemos supor que para os alunos acima realizar-se é ter sucesso profissional?

Voltaremos a estas questões quando formos discutir o papel do mercado de trabalho e das políticas públicas em relação ao ensino superior. No momento,

percebe-se que estas esferas socioeconômicas e políticas interferem nos sentidos pessoais dos nossos sujeitos fazendo com que eles tomem para si, imposições que são externas a si. Aparentemente, eles concebem como um desejo interno, mas são configurações de sentido resultantes das pressões familiares, pedagógicas, culturais, políticas e econômicas.

Mesmo quando a pressão aparece subliminarmente representada por um sonho, vemos nisto uma pressão pelo sucesso do aluno atrelado a um desejo da família. Isto seria um valor moral ou não moral? O sentimento de autorrespeito a si e ao outro aparecem ou é um desejo de sucesso e *status* que os sujeitos gostariam de ver realizados? Os dados apontam que há uma busca por glória alimentando a autoestima dos sujeitos; neste caso, tornar-se-ia um valor não moral.

## **2. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão instrucional-relacional**

É tangível a noção da influência sócio-cultural na constituição da identidade do sujeito ao analisarmos as falas dos alunos entrevistados. Vemos como eles estão permeados de falas atribuídas a si, mas que na verdade são construções feitas mediante a influência do grupo. Vygotsky (1996, 2007) e Wallon (1979, 1981) nos mostram como os processos psicológicos são incorporados pelo homem de acordo com as interações e experiências afetivas que ele tem com o grupo em que está inserido. Desta forma, o ambiente acadêmico pode ser entendido como uma forte interferência no processo de construção do sujeito, mediando suas práticas sociais, funcionando como uma base para ele se perceber e perceber o outro.

Wallon (1979) mostra como o meio educacional é um importante ambiente social constituinte do sujeito. O grupo nestes contextos oferece o suporte para o desenvolvimento do pensamento e da consciência. Ele é para Wallon o principal elemento formador da identidade do sujeito, por isso, na concepção walloniana, o homem pode ser chamado de um ser geneticamente social.

Vygotsky (2003) descreve que os sentidos atribuídos a algo são, na verdade, a expressão de um aspecto que vem permeado de manifestações de um sujeito que não está só, mas sim, inserido em um grupo. O que o homem é surge como consequência dos processos de significação da realidade social feita pelo sujeito na suas trocas com o grupo. São afetos e volições construídas a partir das experiências enraizadas e permeadas do outro ao seu redor. E os sentidos atribuídos neste processo são dinâmicos, já que o entorno muda o tempo todo a partir do momento em que se constroem novas interações, novos afetos e vivências com o meio que circunda o sujeito.

Desta forma, se vamos falar dos sentidos atribuídos pelo sujeito ao ensino superior, devemos investigar as interações mantidas pelos mesmos e as interpretações que os alunos conferem a estas trocas vivenciadas com o contexto acadêmico: colegas e professores em um primeiro momento; curso, carreira, instituição, sociedade e políticas públicas em outro momento.

## 2.1 SENTIDOS DE RESPEITO ATRIBUÍDO ÀS RELAÇÕES ENTRE COLEGAS

Buscamos inicialmente questionar quais os sentidos conferidos aos colegas de curso. O objetivo é perceber os sentimentos, expectativas, conflitos e imagens atribuídas aos pares dentro e fora de sala de aula. Inicialmente apresentamos os relatos de afinidade, trocas e códigos implícitos de relacionamento que aqui chamamos de sentidos de respeito já que foi o aspecto mais destacado pelos sujeitos:

Do mesmo jeito que tem gente que é meio sem noção, a maioria dos colegas acho que é bem educada. Lógico que ninguém é mal educado ou bem educado 100% do tempo. Às vezes, tem alguma coisa que deixa todo mundo meio eufórico, sei lá o que acontece, todo mundo fala. Mas, na maioria das vezes, o povo respeita mesmo, eu acho.

(Vitória)

Fiz bastante amigo aqui esse ano. Não conhecia ninguém quando entrei na FAX. Fiz todos os amigos que tenho dentro da sala de aula. Virou amigo mesmo, não é só colega de faculdade.”

(Paulo)

Existem os momentos tranquilos da sala. Eu tenho mais experiência com o pessoal de RP, que a gente fica mais tempo junto do que com o pessoal de PP. As duas salas se dão bem, todo mundo é amigo, não tem “picuinha”, não tem nenhum

tipo de problema, todo mundo conversa normal, sem problemas. Com o pessoal do PP a mesma coisa, do mesmo jeito que eu faço prova com um, eu faço prova com outro. A sala é relativamente unida. Se um dia precisar, eu acho que todo mundo faria uma greve coletiva, com raras exceções, que sempre tem um que é aquele, o chato da sala que nunca topa nada. Eu acho que a sala é boa, tirando os bagunceiros, a sala é boa.

(...) Porque todo mundo tem o seu limite que ali ninguém ultrapassa, todo mundo te respeita, todo mundo sabe. Justamente porque você acaba se aproximando de uns e de outros, aqueles que não são tão próximos não vão ousar fazer um tipo de brincadeira. Porque todo mundo ali já tem a idéia de ser mais adulto, mais maduro, sabe o que pode e o que não pode ser falado. Então eu acho que o respeito ali na sala é mútuo. Todo mundo se respeita, é normal, convívio normal. Pelo menos, eu não presenciei nenhum tipo de problema dentro da sala em relação à falta de respeito, isso eu ainda não vi.

(Luiza)

Notamos que os alunos reconhecem existir sentimentos de união em sala de aula, porém todas estas falas foram exclusivamente dos mesmos alunos que se queixaram na subcategoria de massificação e assujeitamento por se sentirem oprimidos em turmas grandes de 120 alunos. O que este paradoxo significa? Eles se sentem afetivamente identificados com os colegas, demonstram querer expandir as interações dentro e fora de sala de aula, mas reclamam, em outro momento, dos mesmos colegas pela bagunça, pelas brincadeiras, pelo excesso de barulho. Os dados podem revelar a simultaneidade de momentos de troca afetiva, respeitosa e momentos de conflitos. Ambos coexistindo dialeticamente no mesmo espaço físico e simbólico.

Passemos à próxima subcategoria sobre as relações em sala de aula em que os sujeitos relatam os sentimentos atribuídos negativamente aos seus colegas que aglutinamos no sentido de perceberem-se desrespeitados.

## 2.2 SENTIDOS DE DESRESPEITO ATRIBUÍDO ÀS RELAÇÕES ENTRE COLEGAS

Como podemos notar nos dados coletados, existem muitos vínculos de conflito no ambiente acadêmico. Ao mesmo tempo em que na subcategoria anterior havia um reconhecimento de respeito, nesta subcategoria há muitas reclamações em relação à postura dos colegas em sala de aula. Para os sujeitos entrevistados, alunos do curso de Comunicação Social, as queixas se direcionam principalmente no que tange à indisciplina:

Meus amigos mesmo, às vezes, falam tanto que dá vontade de dar um soco, até dou um toque “meu, para quieto”. Para mim tem que ser assim, porque senão fica meio complicado.”

(Vitória)

Tem aula, lógico que fica tudo certinho, que todo mundo presta atenção, mas na maioria das aulas tem um pessoal que atrapalha que conversa bastante. Tem aula, que você acaba não prestando atenção mesmo, mas dependendo da aula você quer prestar atenção, atrapalha. Isso atrapalhou bastante nesse ano e em muitas matérias aconteceu em momentos de prova também. Muita conversa, muita bagunça, você não consegue raciocinar muito.”

(Paulo)

Paralelamente, observamos a existência de relações de conflito entre os alunos da Psicologia, mas no que se refere à invasão do espaço do outro com críticas e brincadeiras que os sujeitos consideram desrespeitosas. Os sujeitos descrevem que os colegas fazem comentários depreciativos ou assumem posturas pouco adequadas ao universo adulto.

Eu tenho poucos colegas de classe, converso com todo mundo, sei o nome de todo mundo da sala, mas são poucos. É bom o relacionamento e comportamento, só que tem hora que fazem comentários em aula que não são necessários. Isso falando de alguns colegas, não vamos generalizar. Mas tem momentos que eu não me sinto respeitada não. Porque tem gente que fica fazendo comentário no meio da aula, no intervalo. Quando vê sua nota, fala: “ai, estuda mais!”. Só que ninguém sabe se eu estou estudando ou não, se eu tenho dificuldade no ensino ou não. Dão palpite. E tem hora que você nem fala, eles já sabem, já vão e olham primeiro sua nota. Tem gente que sabe sua nota primeiro que você! Aí chega e fala: “nossa!”. Isso eu acho que não é necessário. Eu não comento a de ninguém!

(Naiara)

Ah, eu acho que, dentro da sala de aula sempre tem um ou outro que faz uma brincadeirinha, que não é tão respeitoso. Mas comigo, eu sempre deixei bem claro qual é o meu limite, qual o limite para tratar comigo. Porque tem uma pessoa na sala que sempre faz brincadeira desse tipo e ele começou a fazer brincadeirinha comigo chegando a um ponto que não me respeitava mais. E eu cortei isso, ele ainda faz certas brincadeirinhas só que não extrapola porque ele sabe que eu não gosto disso. Porque muitas vezes você vai deixando, deixando e acaba extrapolando e chega uma hora que nem dá para parar mais. Não tem como você falar com a pessoa porque já chegou a tal ponto que aquela situação já é difícil de contornar.

(...) A postura da sala no ano passado era melhor do que a desse ano. Porque se tem algum problema que está se estendendo há um bom tempo, acho que nada mais certo do que você falar direto com a pessoa e eu acho que a postura da sala não está sendo muito adequada, pelo menos eu acredito nisso.

(Gabriela)

Estamos diante de uma diferença entre os dois cursos e podemos inferir que a quantidade de alunos em sala de aula impõe condições contextuais e, conseqüentemente, sentidos atribuídos de maneira diferente ao ambiente e às relações em sala de aula. Enquanto na Comunicação Social a turma é de mais de

120 alunos, na Psicologia gira em torno de 70 em classe. Os conflitos existem, mas se revelam diferenciados. O que vemos em comum é que os sujeitos percebem que há invasão do espaço do outro, seja com bagunça, seja com brincadeira de mau gosto. Ainda assim, são expressões de sentidos desrespeitosos que revelam a existência de valores não morais de diminuir o outro ou de não se preocupar se está incomodando seu colega com bagunças, brincadeiras ou críticas.

Para Souza (2005), nos dias atuais são estes valores não morais de falta de senso de justiça a si e ao outro os mais incentivados e vivenciados nos ambientes educacionais e por nossa sociedade. Valorizam-se mais as categorias de querer se destacar diminuindo o outro para obter glória em detrimento de aspectos de honra, ética e dignidade.

Estes valores descritos como valores não morais (SOUZA, 2004, 2005) ou amorais (SOUZA, 2008) são aqueles que se originam na visibilidade social, no ter e não no ser, no sucesso aparente construído pelo status, e não em critérios de ética e de respeito ao outro. É uma categoria de valores fundamentada na autoestima, com uma necessidade de ser visto como competente, belo ou bem sucedido, mesmo que para isto o sujeito tenha que depreciar o outro como forma de aumentar o poder e o valor não moral de si.

Parece-nos que, diante das duas subcategorias atribuídas às vinculações em sala de aula há uma relação dialética em que o sentimento de respeito e desrespeito reconhecido entre os pares se movimentam onde, ora os sujeitos percebem interações afetivas positivas e ora percebem interações negativas.

Porém para Vygotsky (2007) e Wallon (1981) não seria este dinamismo dialético próprio do ser humano? Afinal somos seres em constante movimento e nossos sentimentos, condutas, e olhares também assim se manifestam: irregulares, ambíguos, positivos e negativos convivendo em um equilíbrio que ocorre, não pela constância de ações, mas pelo dinamismo pendular entre paradoxos.

### 2.3 SENTIDOS DE RESPEITO ATRIBUÍDOS À RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Ampliando nossa análise passemos para os sentidos conferidos a outro importante ator do ambiente acadêmico: o professor. Buscamos nesta subcategoria, investigar as expectativas, os afetos e as interações valorativas existentes entre alunos e professores e o papel destes dados na configuração dos sentidos atribuídos ao ensino superior.

Quando questionamos os sentidos dos alunos de forma contextualizada, não podemos deixar de olhar para quem lida diretamente em sala de aula com nossos sujeitos: o docente. O que pensam, sentem em relação aos professores pode influenciar as atribuições que são feitas sobre sua experiência acadêmica. Quem de nós nunca se interessou ou não por uma matéria em razão de um professor?

Para Wallon (1979), os atores que estão presentes no contexto de interações do sujeito despertam nele valores e sentimentos que influenciam na sua concepção de ser humano. Isto ocorre porque na concepção walloniana, devemos olhar para o sujeito, não apenas como alguém isolado no meio do grupo, mas sim como um "nós", inserido em um grupo com a conotação de pertencimento a este contexto. Esta inserção se dá incluindo individualidades e interações, diferenças e similaridades que surgem na dinâmica grupal. Porém, este mesmo sujeito não sofre apenas uma influência unilateral do seu grupo. Dialeticamente, ele impõe transformações para os atores que interagem com ele construindo e reconstruindo o meio em um processo contínuo e dinâmico.

Aqui trazemos falas do que é ser um bom professor na visão dos sujeitos. Primeiramente, observamos que os alunos já trazem de suas vivências escolares as representações do que é ser um bom professor. Eles revelam que o docente que explica, que se esforça em dar uma boa aula, que busca soluções, que está aberto para se adaptar às demandas da sala seriam considerados bons professores. Parece-nos também que os sujeitos conferem atribuições positivas àquele professor que interage empaticamente com os alunos e que oferece uma escuta às necessidades dos estudantes como vemos a seguir:

Professores que você vê que prepara a aula, que está preocupado com o aluno, que tira a sua dúvida, ele vai tentar tirar a sua dúvida de qualquer jeito, nem que tenha que explicar cem vezes.

(Vitória)

Eu gostei da postura dos professores e todas às vezes atuaram certinho, não teve problemas com professores. E sempre que teve algum problema deu para discutir, para resolver e chegar a uma solução. Melhorar o professor, o professor mudar alguma coisa nele para se adaptar à turma ou vice e versa.

Então eu gostei dos professores, desse ano pelo menos.

(Paulo)

A grande maioria, eu diria 90% dos professores, eu acho que são excelentes profissionais. (...) Então, a maioria dos professores, 99%%, eu acho que são ótimos. Têm relações boas com os alunos, brincam na hora certa, são bons profissionais, ensinam. São prestativos, você chega “olha professor, não entendi...”.

(Luiza)

Já senti em vários momentos uma busca pela empatia vinda dos professores, percebendo que a simpatia vai justamente melhorar o ambiente de estudo.

(José)

Agora com os outros professores, eu sinto uma relação assim: os professores têm muito carinho pelos alunos, dão bastante atenção, o que a gente precisa eles estão ali!

(Gabriela)

Observamos adicionalmente que os alunos consideram a postura ética e o preparo pedagógico como importantes qualidades a serem desenvolvidas pelos professores. Mas, o que é ser ético e ter preparo para ser professor? Vejamos o que eles caracterizam como sendo aspectos importantes a serem desenvolvidos pelos docentes:

Mas o comportamento do profissional professor eu acho que é fundamental porque ele está sendo pago para isso, então você não pode pegar qualquer um pra professor, tem que ter uma base pedagógica. Mas eu acho que tem que ter uma noção do que é ser professor, alguma coisa assim.

(Vitória)

É o que eu te falei em relação aos professores, eu acho que tem que ter muito cuidado nas coisas que passam para os alunos, porque professores são formadores de opinião. Eu acho que os professores têm que tomar cuidado com o que falam, no que ensinam e passam, porque tudo que um professor fala um dia você vai lembrar. Talvez naquele ou no outro dia você nem lembre. Mas um dia você vive a situação e fala: “nossa, o professor da faculdade uma vez falou isso para mim.” Então tudo que foi falado para o aluno, uma pessoa que está ali prestando atenção em você, é gravado, mesmo que seja no seu inconsciente, um dia você vai lembrar! Então eu acho que é muito importante isso sabe? Os professores serem neutros em relação a temas polêmicos, que possam gerar conflitos dentro da cabeça do aluno. O cara fala: “meu Deus, o que eu penso agora, o que é da minha vida?” Eu acho que essa questão é muito importante: os professores terem cuidado com o que vão formar, que pessoas que eles vão

formar? Então eu acho que ele tem essa função, na visão do jornalismo, de tomar cuidado sobre o que ele fala, o que ele ensina.  
(Luiza)

A princípio, o que podemos notar nos relatos é o fato dos alunos considerarem a postura do professor como uma característica importante para o trabalho docente. E ser ético, na concepção dos sujeitos, é escutar e reconhecer o aluno com interações que acolham o outro com suas individualidades, atendendo às necessidades dos discentes. Podemos notar em todos os relatos uma valorização do respeito do professor ao aluno como qualidade e, na fala dos nossos sujeitos, respeito e ética estão intimamente ligados à escuta afetiva.

Dayrell (1999) revela que os ambientes educativos são contextos onde os alunos buscam encontrar ressonância para a expressão de si. Os discentes não querem apenas construção de saberes, mas também, vias de demonstração do que pensam e sentem. Para o autor, este também é um papel das escolas que deveriam ter espaço físico e simbólico para que os sujeitos pudessem construir vivências afetivas. A escola deveria ser local de desenvolvimento de experiências humanas, expressão de diversidades, ampliação de experiências e conhecimento contextualizado e não apenas ambiente de transmissão de conteúdo.

Notamos nas falas que estas características descritas acima, quando não fomentadas em sala de aula, são absorvidas como sentidos negativos atribuídos ao professor pelos alunos. Poderemos ver na próxima subcategoria descrições mais críticas das trocas existentes entre professores e alunos e também em relação às expectativas que os sujeitos têm diante das posturas de respeito, ética e interações afetivas na prática docente.

#### 2.4 SENTIDOS DE DESRESPEITO ATRIBUÍDO ÀS RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Percebemos também atribuições de sentidos de crítica do ser professor na visão dos alunos. São aspectos que revelam expectativas frustradas e falas de sentirem-se desrespeitados pelos docentes. Da mesma forma que os alunos

elogiam aquele professor que é capaz de fazer uma vinculação baseada no valor moral de respeito, uma das críticas que os alunos fazem em relação aos docentes também se refere a isto. Eles consideram as posturas de desconsideração, desrespeito às diversidades e dificuldade de lidar com conflitos afetivos em sala de aula, como aspectos negativos na prática docente. Os sujeitos, inclusive, demonstram perceber como estas condutas dos professores são capazes de dificultar as interações em sala de aula e interferem na construção dos sentidos atribuídos aos docentes.

Uma informação assim: “oh, hoje eu vou participar de banca e não vou dar aula”. Você não tem que dar (a informação) na hora que o aluno chegou aqui, entendeu? Você tem que dar muito antes para ele nem perder o tempo de vir. As pessoas que vêm de fora, chegam até aqui e falam: “ ah, não acredito, não vai ter aula.” Entendeu? Isso é muito crítico. Eu acho que é uma coisa que precisa mudar urgente, urgente, urgente...

(Vitória)

Eu tenho, não implicância, mas eu acho que o profissional que é professor, que escolhe ser professor, ele tem que ter uma postura ética muito grande, tem que pensar muito bem nas coisas que vai falar. Por exemplo, falar mal de pobre, de gordo, de preto. Esse tipo de coisa são temas muito fortes para você falar dentro da sala. Então eu acho que existem alguns professores, alguns não, existe um em especial, que eu não consigo ter uma relação com ele justamente por isso. Ele tem essa postura de falar mal de pobre, de quem, por exemplo, compra na BBB (cita nome de loja popular do varejo). E eu não consigo achar isso bacana. É uma pessoa que eu acredito não ter uma postura ética dentro da sala. Eu acho que isso é falta de ética porque: e se eu compro na loja tal? Eu sou menos que ele porque eu compro lá? Eu não acho isso.

(Luiza)

Eu nunca tive problemas com professor, tirando esse professor da matéria de “Aprendizagem em Psicanálise”, que é uma matéria que às vezes a gente sai um pouco mais da aula. O professor percebe quando o aluno tem interesse ou não tem interesse, o professor percebe. Eu acho que essa relação entre eu e esse professor não é igual aos outros professores. (falando sobre um episódio onde este professor segurou a maçaneta da porta para uma aluna não sair da aula dele) (...) tem alguns professores que tentam conversar com o aluno, falar alguma coisa para não sair da sala e tudo porque você não pode falar para a pessoa, obrigar a pessoa: “você vai ficar na sala”, isso não pode, não tem nem como fazer isso.

(...) Se você conversar com o aluno na frente de todo mundo, ele não vai gostar, porque pode acabar exibindo o aluno para todo mundo. Ou então, não que seja certo, o professor exigir uma autoridade. Por exemplo: se sair vou colocar falta, não vou dar ponto. Porque quando se trata de nota, a sala sempre se revolta. Ou, por exemplo, a falta: se sai muito, então coloca falta. Eu acho que é complicado, eu não sei. Eu acho que o jeito mais certo seria mesmo o professor chamar o aluno de lado e conversar, porque não tem outra saída.

(Gabriela)

Outro aspecto questionado pelos estudantes é perceberem o investimento do professor na prática docente. Preparar aulas, apresentar bibliografias

adequadas, cobrar de forma apropriada os conteúdos em provas e trabalhos, ler e corrigir a produção dos estudantes, tudo isto faz com que os alunos se sintam respeitados, ou no caso das falas abaixo, desrespeitados quando não percebem o investimento do professor no exercício de sua função.

Porque o coordenador pega aquilo e fala assim: “ah, esse professor passa de qualquer jeito!” Espera aí, tem alguma coisa estranha, não tem? Não é assim que tem que ser porque tem que dar a matéria, tem que passar quem se esforçou, quem estudou. Não é para todo mundo passar porque senão, lá na frente, você precisa da matéria e fala: “não estudei, mas passei”, então é uma coisa que faz falta depois.

(...) Do mesmo jeito que tem alunos muito inteligentes e outros que são muito “piradinhos”, tem professores do mesmo estilo. (...) E tem professor que não está nem aí mesmo. Quer que se dane. Ele parece que vem aqui, bate o ponto e fala assim: “Ah, alguém tem alguma dúvida? Porque eu já estou indo embora”. Mais ou menos esse estilo. A apostila é da Internet, você pega, digita o tema no Google e aparecem várias apostilas dele, mas que são de outras pessoas. A aula é a apostila sendo lida, que eu acho, nossa! Quase tive um treco quando eu vi isso! E no final, o professor exige assim: “Vocês vão fazer um trabalho assim, assim, assim, com tantos itens, tantas folhas, tal letra”, sabe? Eu penso que não tem uma coerência ali. Eu não ligo de fazer um trabalho de um professor que eu sei que vai corrigir, que vai ler. Porque uma coisa que me deixa irada é falarem assim: “Faz tantas páginas de trabalho”. Aí, você entrega, você vê que ele não leu. Está tudo intacto, com uma nota na frente. Eu falo: “Nossa o que é que é isso?” Ou que lê só os títulos, os subtítulos, dá nota para cada um e pronto. Você vê que ele não leu nada, tanto que tem aquele povo que põe uma receita de bolo no meio para ver se o professor lê mesmo. Mas eu sei, que desse professor reclamaram bastante, mas não aconteceu nada, continua igual. Não sei também como seria feito, mas precisa de uma investigação. Só que tem que ser feito. Porque é grave; a gente não está mais no colegial.  
(Vitória)

Percebemos que o valor moral de respeito é condição afetiva básica à boa interação docente-discente e que a percepção dos alunos de sentirem-se desrespeitados influi na dinâmica das relações em sala de aula. Os dados revelam que o sentir-se respeitados para os sujeitos seria assistirem a uma boa aula, bem preparada, com conteúdo e bibliografia de qualidade, além de ter um ambiente empático onde as necessidades e as diversidades dos alunos podem ser expressas. Mas o professor consegue exercer todos estes papéis: mediar conhecimento, afeto, valores, heterogeneidades?

Mahoney e Almeida (2006b) descrevem como Wallon coloca a afetividade no centro da compreensão do ser humano e qual o papel do professor como mediador dos múltiplos aspectos constituintes do sujeito - cognitivo, psicológico,

cultural - dentro do contexto pedagógico. Para Wallon, falar de desenvolvimento humano é falar das relações sociais, pois o homem constitui-se a partir de suas interações e a afetividade está sempre neste processo. Ele entende que toda ação e cognição humana é baseada nas experiências e trocas afetivas.

As autoras mostram que o trabalho docente seria mais construtivo se o professor aprendesse a trabalhar considerando a afetividade de seus alunos e não só o desenvolvimento de conhecimento. Ela é um aspecto facilitador dos processos de aprendizagem e não algo que deve ser deixado do lado de fora das salas de aula, como se os sujeitos fossem destituídos de afeto. Ensino e aprendizagem não podem ser olhados sem que se observem estas peculiaridades. Quando o docente amplia seu olhar e percebe de onde o aluno vem, sua história, o que fala, sente, deseja, pensa, ocorrem as interações favorecedoras ao desenvolvimento acadêmico. Ou seja, quando o aluno se vê levado em consideração em todos seus âmbitos, as dinâmicas em sala de aula ocorrem de forma a proporcionar maior desenvolvimento a todos seus atores.

Além do sentido de perceberem-se desrespeitados pelo professor, os sujeitos revelam um movimento contrário de sentirem-se desrespeitados em relação à postura assumida pelos colegas de classe diante dos docentes. Procuramos questionar qual a influência destas interações desvalorativas por parte dos colegas na imagem que os sujeitos constroem das práticas acadêmicas.

Notamos a indignação dos entrevistados diante das brincadeiras e desconsiderações que relatamos na introdução deste trabalho do ponto de vista do docente. Da mesma forma que nós, professores, nos consideramos desrespeitados com os comportamentos de alguns alunos, parece que seus pares também partilham desta mesma percepção e se sentem incomodados diante de certas atitudes de seus colegas. Os relatos dos alunos podem indicar o que Souza (2005) nos mostra em relação ao ambiente pedagógico como configuração de respeito: “O silêncio, a atenção e o envolvimento são sinais de respeito às explicações da professora e ao momento de aprendizagem” (p. 194).

O que nos chama a atenção também, é o fato dos alunos acreditarem que esta desconsideração para com o professor é algo que vem da educação familiar,

“vem de casa” ou é um problema de conduta do colega, algo individual, como notamos a seguir:

Porque tem gente que fala alto, que faz piada, que “tira com a cara do professor” na cara dura. Eu falo: “gente, nossa!”. Sabe quando você fica com vergonha por outra pessoa? Eu não vejo como o professor pode cortar isso porque é uma coisa de educação primária, educação de casa, não tem o que o professor fazer, entendeu? Tem que dar uma risada e continuar a aula porque: vai mandar para fora? Não sei, mas eu acho que é falta de consideração, de educação, de respeito.  
(Vitória)

Que mais? Volto naquela coisa que eu disse do comportamento do aluno: o estereótipo de sétima, oitava série. Eu vejo isso e fico triste do aluno desrespeitar o professor, do aluno sair da sala e deixar o professor andando, são eventos isolados, mas eu nunca imaginei que eu ia ver isso em uma faculdade. Mas, de uma forma geral, eu sinto que a relação é saudável e ela melhora.  
(José)

Os professores chamam atenção (diante de bagunça). Só que aí vai da consciência de cada um também (dos colegas). Tem gente que não se toca, tem gente que o professor pode estar falando que o cara continua.  
(Naiara)

Com os professores eu acredito que muitas vezes a classe acaba fazendo coisas sem pensar. Depois acabam prejudicando todo mundo, mesmo não tendo esse problema, sabe? Chegar perto de um professor e falar: “Ah professor, não sei o que” e chega depois por trás e fala mal do professor, eu não gosto dessas coisas.  
(Gabriela)

Sempre tem aquele que fala demais, sempre tem aquele que fala de menos, aquele que conversa muito, aquele que sai enquanto o professor está falando. Se bem que isso é diferente. A única coisa que eu vejo de diferente é isso, por exemplo, no colegial você falava: “Professor posso beber água? Professor posso ir no banheiro?” O professor dava essa licença e você saía. Agora, na faculdade, eu acredito que como os alunos têm mais liberdade, saem na hora que querem, voltam a hora que querem, querendo ou não, isso acarreta uma... Como é que eu posso falar... Se o aluno não gosta da aula e entra e sai várias vezes, o professor acaba ficando meio assim. Então eu acho que os alunos por terem mais essa liberdade acabam abusando um pouco dessa liberdade e não respeitando tanto o professor igual respeitava no colégio.  
(...) Só que pelo fato de muitas vezes o professor falar com o aluno, dependendo do aluno, pode até entender, pode até ficar na sala, só que dependendo do aluno vai até retrucar.  
(Gabriela)

Vygotsky (1996) coloca um possível caminho metodológico para uma nova psicologia que sintetize os paradoxos, que veja os fenômenos, não em partes, mas o que se aprende com eles, o que o sujeito quer manifestar através deles, o que ocorre no seu entorno, ou seja, os sentidos e significados atribuídos aos fenômenos tidos como “anormais”.

O problema de conduta deve ser visto como uma variável para se estudar e compreender este sujeito, diz Vygotsky (1996). Ele critica a psicologia tradicional que patologiza seu sujeito de estudo seguindo os modelos reducionistas ao invés de observar de forma contextualizada esta problemática quando se apresenta. Ele pensa uma psicologia que seja capaz de explicar seu objeto integrando aspectos que são vistos pelas correntes tradicionais da psicologia de forma fragmentada e isolada.

Se vamos contextualizar problemas de conduta em sala de aula dentro de uma perspectiva histórico-cultural, não podemos reduzir este sujeito a alguém isolado. Seria uma questão de dentro de casa ou de dentro da sociedade?

Vygotsky (1996, 2007) veria este fenômeno como algo familiar, mas também, histórico, permeado de práticas culturais, socioeconômicas e políticas. Isto significa dizer que se percebemos estas atitudes dentro de sala de aula, não podemos atribuí-las isoladamente ao indivíduo, mas a uma questão social. O sujeito é o interlocutor que traduz construções culturais e não o único depositário de uma patologia individual.

La Taille e Menin (2009) organizaram um livro em que coletam artigos de diferentes autores sobre o tema: crise de valores ou os valores em crise. Há uma diferença nas duas expressões: crise de valores pressupõe que eles estejam acabando e valores em crise significa que eles estão em modificação. Uma crise de valores implicaria na falta ou no desaparecimento da moral e valores em crise remeteria a um processo de transformação da moralidade no mundo pós-moderno. Os valores morais estariam passando por um processo de desconstrução social? Vivemos um período em que as noções de moral e respeito precisam ser revistas?

Nos relatos dos sujeitos pesquisados, esse movimento dialético entre o que é moral e não moral surge o tempo todo. Os alunos demonstram indignação e crítica em relação a certos aspectos que eles mesmos, sem perceberem, acabam por apresentar na rotina acadêmica já que a pesquisadora se colocou em uma posição de observador-participante durante todo o ano letivo de 2008 e pôde averiguar nas práticas diárias este tipo de situação. Conversas paralelas entre si,

ao telefone durante as aulas, a posição em roda de costas para o professor, o questionamento em tom ameaçador de uma nota ruim, o entrar e sair da sala de aula e a depreciação de professores diante da pesquisadora são alguns exemplos de condutas presenciadas pela docente ou na fala de outros professores. Estes estudantes que falam do desrespeito de seus pares teriam sido, eles mesmos, agentes de condutas desrespeitosas.

Podemos pensar então que estamos diante de uma reconfiguração do que seriam valores morais? O que é amoral no outro não é amoral para o sujeito? Dentro de uma visão vygotskiana, nossos sujeitos estariam refletindo questões de conduta que são, na verdade, da nossa sociedade e não um aspecto individual e isolado.

### **3. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão institucional-organizacional**

Chegamos a um ponto da nossa análise em que pretendemos avaliar os sentidos conferidos à instituição de ensino superior onde os sujeitos estudam, aqui chamada ficticiamente de FAX abrangendo a partir deste momento a esfera institucional-organizacional na nossa análise. Percebemos nos relatos que a faculdade onde se realiza a pesquisa representa para os alunos, um dos contextos principais na configuração dos sentidos e significados. Esta observação, além de ser apreendida nos relatos que coletamos também se fundamenta nos pressupostos teóricos da psicologia vygotskiana.

O sujeito epistemológico de Vygotsky é interativo e o desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores também. Vygotsky interpreta a psique como um processo em constante desenvolvimento de um organismo submerso em uma dinâmica de interações com o meio. A construção teórico-metodológica de Vygotsky prevê a inseparabilidade do homem e suas trocas com o contexto onde ele se insere (VYGOTSKY, 1996).

Para Vygotsky, o comportamento humano está intimamente ligado ao seu ambiente histórico-social e não pode ser rotulado como estático, já que o mundo

está envolto em uma constante atmosfera de contradições e modificações culturalmente determinadas. Vygotsky propõe que se estude o ser humano em sua totalidade a partir de uma relação social dialética e de interdependência entre vários aspectos. No caso desta dissertação, o ambiente acadêmico é um dos principais *locus* de investigação. Com este olhar, o homem deixa de ser abstrato ou objetivo-observável, mas um ser dinâmico, em constante troca com seu meio. Ele se constitui um agente que se desenvolve por meio das interações com o ambiente, mas, paradoxalmente, influencia e transforma o seu entorno (ZANELLA *et al*, 2007).

### 3.1 VALORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Se vamos explicar cientificamente os mecanismos de construção dos sentidos dos nossos sujeitos, temos de nos apoiar nas tendências afetivo-volitivas dos mesmos em relação ao ambiente acadêmico. Os estudantes de Psicologia e Comunicação Social entrevistados revelam sentidos valorativos da instituição onde estudam e elogiam o fato da faculdade ser grande, limpa, de haver laboratórios, computador e *data show* nas salas. Falam da estrutura dos cursos, do fato da faculdade ser nova e a cada ano crescer mais com novos cursos sendo oferecidos.

O aspecto físico assim eu acho que é bem tratado, é bem cuidado. E com as pessoas também, não tenho nenhuma reclamação não.  
(Vitória)

Meus amigos, os que conhecem, eles gostam (da Instituição). Tenho alguns amigos, inclusive que trabalham com Comunicação, que são formados em outras instituições que falam que a FAX está com uma estrutura boa. Muita gente falou que a FAX, no interior, é o único curso de Comunicação Social que está com uma estrutura boa, que está conseguindo pegar bastante aluno.  
(Paulo)

(...) a FAX quer crescer, então eu acho que ela investe. Os laboratórios de mídia estão crescendo, porque eu lembro as primeiras vezes que eu vim aqui não existia essa segunda ala. Eram poucos os cursos, mas agora, todo ano ela abre um curso ou uma pós-graduação nova ou alguma coisa. Investe em um lugar, investe em outro.  
Eu acho que a faculdade tem um potencial grande de crescimento. Ela é pequena ainda, mas vai crescer com o tempo; ela tem chances de crescimento.  
(Luiza)

Eu nunca imaginei que nossa cidade comportaria uma faculdade com essa infraestrutura. Eu moro aqui há quatorze anos e eu sinto nitidamente, sem demagogia nenhuma, um cuidado constante. Isso várias pessoas também sentem, é consenso. Tudo é muito limpo, tudo é muito bem cuidado, existe uma dinâmica no ar, sabe? De que estão sempre querendo mudar, inovar. Não é a primeira vez que eu vejo uma intervenção de escutar o aluno. Na verdade, várias vezes, eu vejo isso, essa própria valorização do aluno enquanto parte constituinte, parte essencial da instituição.

(...) A própria estruturação do curso, os professores que envolvem a coerência do curso, isso eu não vejo muita gente perceber também. Por mais aparentemente distintas que as matérias sejam, existe uma congruência, elas caminham juntas, elas tocam os mesmos pontos.

(José)

Olha, a FAX me surpreendeu muito. Quando eu vim fazer o vestibular aqui, eu já me surpreendi. Eu nunca tinha vindo aqui e é um lugar bem grande, as salas são ótimas. Eu nem tinha ouvido falar de FAX, mas me surpreendeu muito porque eu achei a infraestrutura daqui excelente. Eu achei o lugar grande, as salas são ótimas, eu gostei. Sinceramente, eu não me arrependo nem um pouco de ter escolhido a FAX, porque a estrutura é ótima. É difícil ter problemas quando se trata de aparelho de *data show*, essas coisas. É difícil a gente ter problemas com isso. Tem gente que pode até falar: “não, porque deveria ter mais equipamento.”. Olha outras faculdades, vão ter essa quantidade que a gente tem? Não vai ter. E eu achei os professores muito bons também! É lógico que tem um ou outro que escapa à regra. Eu gostei da grade do curso, também, mas como está em fase de construção o curso ainda tem algumas coisas que podem mudar, que podem melhorar. Mas a FAX me atendeu muito no sentido positivo.

Se tem algum problema no computador, todas as salas têm computador, e isso, qual a faculdade que vai ter computador em todas as salas? Se você precisa de assistência técnica, na hora você acende a luz vermelha e já vem alguém para consertar, então são alguns problemas que não são considerados negativos porque todo lugar tem, entendeu?

(Gabriela)

Uma das alunas também destaca o fato da média ser 7,0, mais alta que outras faculdades privadas concorrentes de cidades vizinhas. Esta média, para a aluna, configura-se como sentido de qualidade, haja vista a noção de ser difícil se estudar ali, de ser uma instituição exigente.

(Falando sobre o que tem de melhor na Instituição) Acho que no ensino, na eficiência, tanto das médias, das notas, há bastante exigência. Acho que tem outras faculdades que tem a média mais baixa e aqui é difícil de recuperar, porque é 7,0.

Tem gente que elogia, que fala que a faculdade está crescendo, é o que eu também acho.

(Naiara)

Os dados notados nas falas dos alunos demonstram que eles valorizam os aspectos estéticos ou indicativos de investimento material: limpeza e tamanho dos

ambientes, computadores em todas as salas, quantidade de *data show* para os professores e de laboratórios. Os sujeitos também demonstram orgulho pela infraestrutura e o potencial de crescimento da faculdade com cursos novos sendo lançados todos os anos. O saber é a pauta desta instituição na concepção dos alunos ou a busca por grandeza, status e sucesso financeiro? O que eles consideram importante como papel das instituições de ensino superior?

Saviani (2004) destaca que, de acordo com a Nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases de 1996), alguns critérios foram regulamentados como fundamentais para as instituições de ensino superior, entre eles: formar profissionais capacitados, desenvolvimento de pesquisas e divulgação do conhecimento científico, promoção de cursos de extensão e inclusão da comunidade nos projetos da IES.

A faculdade promove algumas ações como estas descritas acima, mas os alunos as conhecem e as valorizam? Por que só citaram características relacionadas à glória, ao sucesso, ao tornar-se grande em tamanho e em bens materiais? Estariam eles buscando o que seus sentidos captaram do contexto? Parece que a valorização conferida pelos alunos se fundamenta em valores não morais baseados na autoestima: o tamanho, a imponência, a quantidade de alunos, o belo e o material. Mas e a qualidade? Mesmo a citação que se refere à média alta da faculdade, pode ser percebida como uma atribuição distorcida de qualidade porque não é a nota do aluno que justifica o nível do ensino-aprendizagem, mas a excelência do conhecimento transmitido a eles, à comunidade científica, e às demandas da população. Os alunos perceberam o investimento no conhecimento por parte da instituição? Falaram da titulação e experiência do corpo docente? Do desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão? Do trabalho comunitário da faculdade? Da promoção de eventos científicos?

E a faculdade, o que ela valoriza e passa para seus alunos? Que sentidos ela mobiliza? O fato de em todos os anos surgirem novas graduações seria uma demonstração de valorização do conhecimento ou um investimento mercantilista em busca de novos filões de mercado? Na propaganda institucional que faz, divulga seus cursos de extensão e pesquisa e seus trabalhos comunitários ou

mostram seu crescimento, tamanho e a abertura de novos cursos? Os dados revelam que os alunos valorizam o material, o belo e o bem sucedido. As informações que os discentes têm dizem respeito à rapidez de crescimento da instituição, dos cursos recém aprovados ou reconhecidos pelo MEC, e parecem se constituir fonte de configurações de sentido sobre a instituição. Sabem também da quantidade de equipamentos em sala de aula, da existência de laboratórios, mas parecem desconhecer os investimentos em pesquisa e extensão, a titulação, e a capacitação dos docentes.

Porém, quando falam das Universidades Públicas, como veremos abaixo, os sujeitos descrevem aspectos valorativos do investimento no conhecimento e da formação dos docentes daquelas instituições. Os dados mostram que há uma diferença reconhecida entre ensino público e privado. O desenvolvimento da ciência e a construção de saberes são aspectos muito valorizados e que fazem a diferença das Universidades Públicas, mas que são menos reconhecidos em instituições privadas. Veremos na próxima subcategoria o que os sujeitos percebem do contraste entre o ensino superior público e o privado.

### 3.2 SENTIDOS ATRIBUÍDOS A IMAGEM DA INSTITUIÇÃO

Muitas falas dos sujeitos registram preocupação com a imagem da instituição onde estudam. Os alunos relatam aspectos da imagem da instituição perante Universidades Públicas, perante o mercado de trabalho, perante a sociedade como um todo. Inicialmente, percebemos nas nossas leituras das entrevistas que os sujeitos fazem muitas comparações em relação às Instituições Públicas da capital e do interior de São Paulo. Algumas vezes, os relatos trazem desejos de ter cursado uma instituição pública, e em outras, a comparação ocorre em direção a diminuir as Universidades Públicas. No relato de uma aluna que estudou anteriormente em uma Universidade do Estado de São Paulo, a comparação parece tentar aproximar os dois universos. Investigar os porquês os alunos utilizam estas instituições como referência é um dos questionamentos que trazemos nesta categoria.

A princípio, a aluna Vitória atribui distinções entre a Universidade Estadual em que fez sua primeira graduação e a FAX, em que estuda Publicidade. Ela relata a diferença entre a necessidade da faculdade particular fazer propaganda e a Universidade Pública, não. Na visão dos alunos já está implícita a qualidade desta última, uma vez que, histórica e culturalmente, as instituições federais e estaduais de ensino superior são reconhecidamente melhores.

(achando estranho a iniciativa de promoção da instituição privada) Só de fazer propaganda institucional no primeiro dia de aula como fizeram aqui, onde tinha aquela propaganda da FAX mostrando os professores! Na U... (Universidade Pública de renome), você não precisa fazer isso né? Porque é dispensável fazer isso lá.

(Os colegas perguntam) “Você fez U... (faculdade pública de renome), o que você está fazendo aqui?” Eu acho que quando você está no colegial é um sonho você ir para fora. Ou ir para fora de casa ou cursar uma faculdade de renome. Porque U... e UP...(faculdades públicas de renome), são todas aquelas “top” não é?

A aluna Luiza também destaca o sentido atribuído culturalmente de se estudar nas Universidades Públicas independente da qualidade legítima dos cursos e mostra seu desejo de ter passado no vestibular nestas instituições. Entretanto não conseguiu pontuação suficiente.

Porque, por mais que, o curso que eu optei, nas Universidades Públicas não seja tão graduado, tão bom quanto é aqui, mas o nome que a faculdade carrega é muito importante. Você fala para alguém onde você cursou, se for pública, é um nome, por mais que você não tenha nem assistido aula lá, você fez a UP (faculdade pública de renome).

Então se eu tivesse tido a chance, (de estudar em uma universidade pública) eu acho que eu teria ido pelo nome da faculdade e pela independência, (pois teria que estudar em outra cidade). Eu acho que você amadurece não é? Então eu faria pelas duas coisas, pelo nome e pela liberdade que me daria.

Me perguntam (família) por que não faço uma pública? Porque eu fui fazer (vestibular em uma Universidade Pública) e falei para minha mãe: “Mãe é coisa de japonês”. Tinha trezentos japoneses na minha sala e eu acho que só eles passaram, porque é muito difícil.

Nestes relatos a seguir notamos a tentativa dos sujeitos em fazer uma equiparação no sentido de equilibrar o ensino superior privado e o público.

Do mesmo jeito que eu julguei a U... (Universidade Pública de renome), “Que ótima, nossa que linda!”. Ótimo que eu entrei lá, mas vi que tinha coisa errada. Aqui eu falei: “vou fazer FAX, então está bom”. Aí eu vim aqui (FAX) e vi que tem

professores ótimos também. Foi tipo: aprende logo a não julgar (risos), entendeu? Por isso é importante.  
(Vitória)

Em uma instituição pública, o aluno, com certeza, é mais esforçado que aquele da FAX ou é mais inteligente porque ele estudou mais. Mas, na instituição pública, eles não têm na área de humanas, a mesma estrutura que a FAX ou qualquer outra particular tem. (Pesquisadora pede maiores esclarecimentos) Estrutura física, professores. Os professores não têm a mesma formação que aqueles da universidade particular. Meu irmão faz universidade pública e não tem isso do professor chegar, explicar ou você ter um equipamento bom para trabalhar. Então, com certeza, a universidade pública pode ser que tenha pessoas com mais capacidade, pessoas que se esforçaram mais. Mas, eu acredito que a formação que a FAX tem, pelo menos pegando o curso de publicidade da UP... (Universidade Pública de renome), que é o único do Estado de São Paulo de Publicidade que seja pública, ele não fica atrás não.  
(Paulo)

O nome da faculdade pesa. Eu também acho que vai muito do profissional que vai te contratar, de saber olhar os dois currículos, um está escrito FAX e o outro está escrito U...(Universidade Pública) e analisar os dois sem olhar aquela linha do nome da faculdade. (...) Eu acho que se o profissional souber avaliar a capacidade e não o nome da faculdade, aí, está tudo bem.  
(Luiza)

O curso exige do aluno, independente dele pagar ou não, um esforço constante, uma dedicação. O próprio curso vai filtrando isso e eu sinto que acontece assim aqui nessa instituição. (...) Então hoje muita gente desiste. Porque achou que ia ser facinho, porque é pago. Também tem o preconceito pelo fato de eu estudar em uma instituição particular, (as pessoas) dizem: "Ah, é fácil você ingressar numa faculdade particular, ela é paga." Tipo pagou, passou. Mas eu não vejo isso. (...) Eu vejo que é um "clichê" sabe? "Ah você entrou nessa faculdade!? Ah, mas não é uma federal! Você entrou porque pagou!". Sempre ofendendo a realidade daquela instituição, a vivência daquela instituição.  
(José)

(Falando da diferença entre faculdade pública e privada) Porque a pública eu não estou pagando. Um pouco da visão: é que você sabe que todo mês é uma responsabilidade que os meus pais estão aplicando no futuro. (...) Eu gostaria de estar na (universidade) pública, mas (faculdade) particular não tem problema para mim, tanto faz. Pública eu tentei, mas não consegui.  
(Naiara)

Aqui vemos os sujeitos empreendendo tentativas de diminuir o ensino público e potencializar as qualidades da instituição privada onde estudam.

Mesmo porque na U...(faculdade pública de renome), tem muita coisa errada, tem aula que você fala: "O que é que eu estou fazendo aqui?" Por que o professor não está falando nada, entendeu? Fica só enrolando. Sempre tem essas coisas, tanto que foi um choque para eu descobrir que lá tinha isso também. Porque eu idealizava, achava que era o paraíso do ensino e eu aprendi muito a parar de julgar antes de ver.  
(Vitória)

Porque, por exemplo, a UP... (Universidade Pública de renome), não tem o mesmo material que a FAX tem. Isso porque a FAX ainda não é a primeira em material. Não é “top”, mas a UP...( Universidade Pública de renome), não tem nada!

(...) Tem diferença didática e de material. Quando eu estava no colegial eu cheguei a fazer vestibular em uma pública, para o curso de áudio-visual. Só que eu fui conhecer a instalação da faculdade e não tinha nada! Não tinha um material, um computador bom, não tinha câmera boa, então como é que você ia fazer?! (Os materiais) Não são bons. São “meia boca”, mas na universidade pública como a área de publicidade não é uma área que tem um investimento, não tem um retorno, então não há investimento como as áreas de exatas, por exemplo. Na universidade pública eu acho que não compensa fazer cursos na área de humanas.

(...) Depende da faculdade. Eu acho que quem faz particular, dependendo da faculdade, tem mais chances. Se você for ver os grandes publicitários, são todos formados na X, na Y (faculdades privadas conceituadas na cidade de São Paulo) ou não tem formação nenhuma. Não tem um grande publicitário conhecido formado na UP...( universidade pública de renome). (...) Na área de Publicidade não (tem tradição). Em Jornalismo, ou outras áreas têm, mas em Publicidade eu não conheço tradição.

(Paulo)

Porque eu conheço gente que estuda em Universidade Pública, conheço mesmo, que não assiste uma aula por dia. Ele está ali porque estudou na escola particular a vida toda, onde realmente o ensino é diferenciado. Ele conseguiu passar, entrou lá e acha que já está bom. “Ah, já estou dentro, eu vou ter o nome, então está bom”, entendeu? Eu acho que prejudica você não conseguir um emprego pelo nome da faculdade, não pela capacidade de ensino. Porque aqui na FAX, eu sei de alunos que são espetaculares, de idéias, de mente, de pensamento. A pessoa é muito boa e não estuda na Universidade Pública, mas não porque não teve a capacidade de entrar mas talvez porque optou por aquilo.

(Luiza)

Percebemos nos relatos uma busca por parte dos sujeitos em nomear as qualidades da instituição onde estudam, quer seja colocando-a acima ou igualando-a às instituições públicas. Simultaneamente, os alunos parecem reconhecer nas suas falas os sentidos positivos das universidades públicas que são históricos e culturalmente valorizados pela nossa sociedade.

Podemos sugerir com estes dados que os alunos buscam um reconhecimento da faculdade, quer seja potencializando suas qualidades, quer seja criticando o ensino público superior. Os dados podem indicar o que Souza (2005) descreve como sendo uma necessidade do sujeito em diminuir ou se equivaler ao outro para conseguir mostrar seu valor. Porém, para Souza, isto não seria uma real demonstração valorosa. Estes seriam para a autora valores não morais já que buscam o demérito do outro: “Inferiorizar alguém implica em trazer à tona o seu pior e, logo, rebaixar a autoestima e inviabilizar o autorrespeito” (p.154-155). Depreciar as universidades públicas para poder valorizar o seu

curso, a sua instituição seria uma busca de valores não-morais priorizando a autoestima, e não o senso de justiça e respeito ao outro.

Estariam eles buscando justificar o fato de estudarem em uma faculdade particular menos conhecida, que não possui uma tradição acadêmica como as públicas? Como se sentiriam caso estudassem em uma pública? Mudariam os sentidos atribuídos a suas formações? Estas considerações estão interligadas a uma próxima subcategoria que seria a preocupação dos alunos em relação à imagem da instituição.

Conforme descrevemos, existe uma diferença entre as instituições públicas e privadas, tanto em termos de fama no que concerne ao reconhecimento acadêmico e tradição, quanto na transmissão de saberes. Parece que os alunos percebem isto e notamos nos relatos uma insegurança dos mesmos em relação ao fato de estudarem em uma faculdade pouco conhecida.

A instituição em questão está bem avaliada pelo MEC tendo um ICG entre as 100 melhores IES do país. Este índice se baseia na média das notas de avaliação dos cursos de graduação e da instituição como um todo. Avalia questões de infraestrutura, do plano pedagógico e das notas do ENADE dos alunos (INEP, 2009).

Mas, nas falas dos sujeitos, eles acreditam que empresas, mercado de trabalho e sociedade como um todo não sabem destas vantagens. Para os alunos, a faculdade deveria fazer mais propaganda das qualidades acadêmicas da instituição (ensino-pesquisa-extensão), mas parece que as divulgações se direcionam para aspectos mais mercadológicos que possam atrair alunos para suas salas como vemos nas falas a seguir:

Uma coisa que eu aprendi, que conta muito e achava que não, mas é que o nome da Faculdade pesa muito no currículo. O pessoal olha seu currículo: "Nossa! estava nessa faculdade!" Te olham muito diferente, muito diferente, muito. Então é por isso que às vezes eu fico pensando, preocupada. Uma vez teve uma palestra, da semana da comunicação, era do cara de uma agência de São Paulo e ele falou que deu uma palestra na XXX (universidade particular conhecida) e ele estava falando que passava pelos corredores e tinha vários papéis de estágio, essas coisas assim, chamando para emprego. Para chamar para estágio mesmo. E aí, eu falei: "gente, a gente não tem nada, vocês perceberam?" Então, eu acho que isso é um trabalho que, o cara de São Paulo, às vezes não sabe onde que está a

FAX. Mas a Faculdade tem que se fazer presente e falar: “Olha, a gente está aqui, nosso curso é bom, está bem no ENADE”, entendeu? (...) Os caras que estão lá fora, que vão te contratar tem que saber muito, muito mais do que a gente até. (...) Eu acho que ela (FAX) ainda tem que melhorar muito para poder ser um motivo de orgulho: “Estou estudando na FAX”. Não sei o que exatamente é, mas eu acho que falta você olhar e ver um monte de coisa. Aquilo que eu falei que não há cartaz de estágio: “Estão precisando de aluno da FAX” sabe? Você fala: “Eu sou da FAX”, então é diferente. A fama está mais para as pessoas de dentro e só. Porque eu vejo os “outdoors” da FAX e eu vejo chamando aluno para FAX eu não vejo falando: “Nossa, a FAX é boa” . Isso eu acho que é bem crítico. (...) Porque não adianta a gente saber, a gente está aqui, beleza. (...) Só que os nossos diretores, coordenadores, também têm que fazer um papel de divulgação. Porque todo mundo tem que saber que a FAX é boa, não só quem vai entrar, quem está prestando vestibular.  
(Vitória)

Percebemos que existe uma insegurança da parte dos alunos em relação ao seu futuro profissional. Eles atribuem isto à falta de status da faculdade, às críticas feitas a ela, ao desconhecimento do mercado de trabalho das qualidades e/ou do nome instituição. As falas também revelam preocupação sobre o que possíveis empresas contratantes irão considerar quando virem no currículo o nome de uma faculdade sem tradição acadêmica.

Faço (propaganda da instituição) porque eu acho que é justamente aí que você tem que fazer para você ganhar o nome da U... (universidade pública). A faculdade é nova, não tem nome grande, e se os próprios alunos daqui que estão se formando e estão falando mal da faculdade, eu acho que esses alunos deverão trancar a matrícula e fazer em outro lugar. Porque se você não está satisfeito com a instituição, tem que realmente procurar uma que te satisfaça. Então eu visto a camisa da faculdade. Estou com uma aqui escrita FAX. (aluna vestia a camisa da Faculdade)  
(...) (falando dos amigos que não sabem onde fica a sua faculdade) É! Todo mundo fala “FAX”? Ham? Onde?”. E quando eu respondo: “Ah, é uma faculdade nova ali na região”. Me perguntam: “Ai, mas é boa?”  
(Luiza)

Inclusive penso que o aluno que está falando mal do curso ele está lutando contra ele mesmo. Se ele fizer mais propaganda do curso, ele está fazendo propaganda para a formação profissional dele. Então se você está cursando, você tem que vestir a camisa da instituição.”  
(Paulo)

Quando, futuramente, eu tiver meus filhos, vai estar com o nome bem maior. Todo mundo já comenta. Eu tenho uma irmã que já é formada pela FAX. Tem gente que fala: “Ah, na FAX? Não podia estar em outra?”. Tem gente que critica.  
(Naiara)

Os alunos temem o fato de não verem oferta de estágios por parte de empresas nos corredores da faculdade como veem em outras instituições ou de serem discriminados, apesar de bons alunos, em detrimento de estudantes vindos de Universidades Públicas ou privadas mais tradicionais. Apesar de valorizarem a instituição em que estudam, sabem que perante o mercado de trabalho a faculdade ainda não tem esta imagem construída.

Por isso, alguns alunos percebem que a instituição deveria trabalhar em aspectos que conferissem orgulho a eles. Consequentemente, podemos pensar que esta busca por orgulho, por vestir com altivez a camisa da instituição, levaria o aluno a enfatizar tanto os equipamentos, laboratórios, grandeza e aparência. Orgulho não seria isto? Valor não moral de autoestima valorizando o aspecto exterior, material, que causa boa impressão?

Vemos também falas que revelam insegurança quanto ao futuro do curso por não ser reconhecido pelo MEC já que está em fase de implantação.

E pegando um curso do começo tudo bem, é um risco que a gente corre não é? Porque a minha turma não foi a primeira (do curso de Psicologia), foi a segunda, mas ainda não é conceituado pelo MEC, mas vai ser.  
(Gabriela)

### 3.3 DIFICULDADES DOS ALUNOS COM A INSTITUIÇÃO

Paradoxalmente, uma crítica comum citada pelos sujeitos em relação à instituição seria direcionada justamente aos equipamentos específicos da área ou utilizados em sala de aula pelos professores. Os alunos parecem sentir-se desrespeitados por não conseguirem exercer as atividades da grade curricular do curso ou de não terem DVD, *data show*, computadores em bom estado.

Uma coisa que eu acho muito ruim aqui é o laboratório de informática. As máquinas são muito ruins e a gente mexe com programa muito pesado. Então é uma forma de desrespeito porque a gente fica lá e não consegue fazer as coisas porque o programa fecha e não deu para salvar. Então, é um ponto que eu acho primordial para um curso de Comunicação que mexe com programas bem pesados, e é importante ter computadores de nível para poder trabalhar direito, senão a gente fica sem ter como trabalhar.  
(Vitória)

Como a gente faz Publicidade precisa trabalhar sempre com material gráfico. E a gente chegou aqui na FAX para imprimir o trabalho do professor de informática e a impressão colorida não estava funcionando, ou seja, não tinha como imprimir. Aí ele falou que, em outras instituições onde ele dá aula, tem uma impressora só para o curso de Publicidade porque é uma necessidade diferente. Você vai trabalhar, vai precisar do material melhor. O computador, por exemplo, da sala de informática, ele não tem como mexer em *Corel Draw* nem *Photoshop*. Isso é um ponto negativo.

(...) Falavam bem já do curso (Publicidade). Os únicos aspectos, que às vezes fazem falta aqui na FAX, é a parte de computação, um equipamento ou, às vezes, uma desorganização na parte administrativa, mas de resto está tudo tranquilo.

(Paulo)

Mas tem um detalhezinho mínimo que é a questão dos recursos de multimídia que são utilizados na sala. Várias vezes as aulas foram minadas, um conteúdo não pôde ser passado, em virtude daquilo. São coisas que a gente também infelizmente vê constantemente: “Ah, precisa de um *data show*”, “não tem, tem que requisitar.”, “ ah requisitou mas não tem, ah o DVD não está, pifou”, Mas eu também sinto que existe um movimento para melhorar isso.

(José)

La Taille (2009) pontua que estamos vivendo imersos em uma cultura de vaidades onde a aparência é super valorizada e confere prestígio à dimensão do sujeito contemporâneo. Estas características da sociedade moderna são inquestionáveis: culto às celebridades, blogs onde a vida privada se torna pública, a identificação com bens de consumo como marcas de roupa ou de carro são percebidos como atributos de sucesso e constituem um valor aparente na construção da identidade do sujeito.

A preocupação com a aparência, com a imagem de sucesso e de status como constituintes da afirmação de si aparece nas falas dos alunos onde revelam uma insegurança devida a pouca visibilidade da instituição de ensino onde estudam por se tratar de uma faculdade nova, do interior, sem tradição e pouco conhecida.

Ao mesmo tempo em que os bens materiais são elogiados pelos alunos em termos de haver computador em todas as salas, *data show* para os professores, parece que a qualidade dos mesmos deixa a desejar. Estaria a instituição priorizando quantidade e não qualidade? A percepção dos alunos assim o diz. Eles gostam de encontrar equipamentos nos ambientes, mas observam e questionam o fato destes não funcionarem bem. Os alunos se colocam em uma posição de consumidores. Querem ver o produto que compram bonito, limpo,

famoso, funcionando bem “sem defeitos”. O conhecimento está sendo percebido como mercadoria?

#### **4. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão sociopolítica**

Estamos gradativamente ampliando nossa pesquisa e após vermos o que pensa e sente nosso sujeito em relação à instituição onde estuda, buscamos contextualizar os sentidos atribuídos ao contexto social, econômico e político. Para tanto, investigamos as falas dos alunos sobre os sentidos atribuídos ao mercado de trabalho, à carreira e à sua profissão futura. Buscamos também compreender o que pensa este aluno a respeito do ensino superior no Brasil de uma forma mais genérica e finalmente investigamos os sentidos atribuídos às políticas públicas voltadas à educação.

André (2005) chama estes aspectos mais amplos que interferem nas configurações que os sujeitos estabelecem em suas vivências pedagógicas de “determinantes macroestruturais da prática educativa” (p.18). Investigamos o que é ser aluno dentro de um contexto social e às construções de sentido que eles vêm fazendo sobre o seu curso escolhido, mercado de trabalho, à carreira, às políticas públicas, cultura, e conhecimento assim como o seu futuro diante de representações sociais e educacionais preexistentes na sociedade, ampliando nosso olhar para uma contextualização coerente com nossa proposta teórica que se fundamenta na amplitude do olhar da psicologia histórico-cultural.

##### **4.1 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À CARREIRA/PROFISSÃO/ CURRÍCULO**

Pudemos notar na categoria anterior que existe por parte dos alunos uma preocupação em relação ao seu futuro, à realização profissional e à carreira. Quando falaram anteriormente da instituição notamos uma representação invisível do mercado de trabalho julgando ou aprovando a faculdade onde estudam.

Para Barreto & Leher (2008), existe uma cultura mercantilista associada ao ensino superior que vem se difundindo pela nossa sociedade. As instituições parecem vender bens de consumo e não saberes, uma espécie de comércio científico, e a população consome estes produtos. A princípio, esta concepção difundiu-se por incentivo político com atuações conjuntas entre Governo, Banco Mundial e a UNESCO de estimular o aumento de IES seja de graduação ou tecnológica e de vincular esta necessidade de ampliação a uma demanda do mercado de trabalho. Porém, os autores enfatizam que esta tentativa aparente de abrir o conhecimento aos países de 3º mundo para ampliar chances de empregabilidade possui outras intenções. Os autores denunciam que, na verdade, há sim uma busca por abertura de mercado consumidor que possa absorver as demandas de um mundo globalizado. Isto vem sendo direcionado por órgãos internacionais para os países em desenvolvimento, pois são mercados emergentes com possibilidades de ampliação de consumo. O pretexto é educar, mas o objetivo real é econômico.

Os relatos dos alunos sobre carreira, mercado de trabalho, currículo refletem as falas dos autores citados? Será que os nossos sujeitos já construíram estes sentidos mercantilistas de uma política globalizada como sendo seus? Passemos às subcategorias para investigarmos mais a fundo o que se passa nas representações dos alunos.

Percebemos nos dados, que os alunos têm uma preocupação com a empregabilidade e acreditam que o fato de cursarem o ensino superior é determinante para isto. Para alguns sujeitos é importante o fato de ter uma graduação e julgam que o mercado de trabalho irá também valorizá-los pelo diploma. Destacamos a seguir as falas daqueles alunos que veem no curso escolhido uma chance de emprego:

Porque para a pessoa que hoje não faz uma graduação, que não está fazendo uma faculdade, fica mais difícil arrumar um emprego, conseguir um futuro, uma vida estável financeiramente.

O dia que eu coloquei lá: *cursando o primeiro ano de Comunicação Social*, eu acho que eu recebi uns trinta telefonemas. Foi só colocar que eu já fazia faculdade. Um deu certo, porque foi o que ofereceu uma renda melhor. Eu mandava, mandava, mandava os currículos e era super difícil, ninguém ligava. Mas você vai colocar que você já está fazendo faculdade o pessoal valoriza.

Porque dá a impressão de: ele é responsável, quer um futuro, quer alguma coisa na vida. Então eu acho que fazer a faculdade só me ajudou, fez diferença.  
(Luiza)

(falando de como a faculdade pode ajudá-lo a trabalhar com vendas, sua área de interesse) Porque como o curso é Publicidade você está vendo mercado, como você vai vender melhor alguma coisa. Então, você sabe como pode falar de um produto, como pode tentar fazer para vender mais. O próprio Marketing ajuda a aprender a lidar com cliente.

(...) (Fazer Comunicação) Ajuda, porque a região aqui não tem tantas agências. Tem uma falta de agências, o mercado está precisando do profissional dessa área.

(Paulo)

Esse emprego que eu estou agora eu vou trabalhar em uma empresa de recursos humanos, então, justamente pelo fato de cursar uma faculdade de Psicologia propiciou esse novo emprego. Nele, graças a Deus, eu vejo uma compreensão maior (nas dificuldades de conciliar faculdade com trabalho), inclusive eu consegui negociar as aulas, em sair mais cedo.

(...) Com certeza tem uma questão que é social. Quem tem nível superior é visto de uma maneira diferenciada no mercado.

(José)

Eu pensava que Psicologia era assim: Clínica. Aí depois eu comecei a ver que abre muito espaço outras áreas. Futuramente, eu espero conseguir me formar, chegar até o final da faculdade e exercer a profissão, para poder ter um sonho não é? Eu acho também que seria difícil você conseguir um plano de carreira sem fazer a faculdade. Ela me abriu portas. No currículo também já mudou; criei experiência na parte de departamento pessoal, admissão, e isso mudou o currículo. Isso já abriu portas e depois, trabalhando em duas empresas, consegui propostas para entrar em outros lugares, só que eu estou bem neste emprego. Eu estou feliz.

(Naiara)

Fazendo Psicologia eu sei que mais para frente, vai ser difícil no emprego. Só que eu tenho uma função. Se eu for escalada para trabalhar em algum lugar, vai ser por aquilo, não vai ser à toa, vai ser exatamente por aquilo que eu escolhi fazer da minha vida

(Gabriela)

Notamos que quando falam em emprego, mercado de trabalho, os alunos não mencionam o aprimoramento dos saberes, a aquisição de conhecimento. Falam da experiência prática, do ter um diploma, de melhorar o currículo, caso contrário o mercado de trabalho não os absorveria. Seria este um dos motivos que levou os sujeitos a fazer um curso superior? Estaríamos vendo a subcategoria de pragmatismo representada desta vez em relação ao mercado de trabalho?

Vejamos o que os alunos atribuem à carreira para entendermos mais a fundo os sentidos e significados das escolhas acadêmicas e profissionais de nossos sujeitos.

Pontuamos nestas falas os sentidos interrelacionados com o curso superior e a carreira. Procuramos aqui através dos sentidos, os valores que estão atrelados às falas, se morais ou não morais. A fala da aluna Luiza é emblemática: ela tem um sonho de fazer um curso superior, mas vemos que seu sonho se baseia no sucesso. O fato de querer a fama da Fátima Bernardes não denota uma busca não valorativa de *status*, sucesso e aparência? Mesmo quando ela fala que gostaria de levar cultura às pessoas, revela que gostaria de estar no Discovery Channel, Globo Repórter, mas que o Globo Esporte já a satisfaria. Por que a Globo? Por que o Discovery Channel? São canais televisivos de maior visibilidade e status?

Ah, eu ainda brinco, o sonho é: ainda vou tomar o lugar da Fátima Bernardes. Acho que não vai ser muito ruim não. Eu quero crescer bastante como profissional, quero seguir o ramo televisivo. Tenho milhões de planos, fazer documentários, talvez escrever um livro bacana ainda, mas quero crescer na profissão. (...) Meus planos são realmente ir para SP, ou para Campinas que também é grande. Penso em começar, talvez não apresentando um programa, mas trabalhando numa produção, numa redação de algum jornal. Fazendo aí, um Globo Esporte da vida eu já ficava bem feliz.

(...) Eu gosto da história de fazer documentário. Ainda brinco: “Ah, vou trabalhar lá na Discovery”. Eu acho muito legal você mostrar o mundo para as pessoas. Quando eu assisto um Globo Repórter ou um desses programas de reportagem, eu vejo o pessoal lá longe, no meio do gelo, no meio da África, mostrando o grão de areia que nasce no deserto do Saara que é diferente. Eu acho isso muito legal, é cultura para as pessoas. Elas não imaginam que em um lugar distante existe uma coisa legal ou em um lugar perto existe uma coisa bacana que você pode conhecer.

(Luiza)

Em outra fala já nota-se que a aluna atribui outras necessidades e não apenas o diploma para ter sucesso na carreira. Ela parece endossar sua busca por sucesso.

Eu ainda falo com a minha mãe, esses quatro anos de faculdade vão ser os últimos quatro anos talvez que eu more com ela, porque infelizmente, na região onde a gente mora não tem área pra quem quer trabalhar, crescer realmente, não tem. Se você quiser mesmo, não adianta, você tem que sair daqui e eu vou ter que ir.

(Luiza)

O aluno Paulo já revela um interesse em fazer a faculdade de Publicidade e parece demonstrar um desejo que podemos entender como de autorrealização. No relato ele deixa claro que está fazendo faculdade por escolha e parece sentir-se realizado com a opção feita.

Hoje em dia não tem mais pressão (para fazer um curso superior). Eu tinha quando era mais novo, mas hoje em dia não tem mais nenhuma. Porque se eu quiser fazer faculdade eu faço, se eu não quiser, eu não faço, então foi escolha livre mesmo. (...) Publicidade eu estou fazendo mesmo para exercer. Eu penso em terminar e ir para área de Marketing ou para a área de atendimento. Com certeza fazer faculdade só por fazer eu não estou fazendo.  
(Paulo)

Uma aluna de publicidade apresenta conflitos éticos por estar entrando em contato com questões de manipulação e estímulo ao consumismo, principalmente em relação ao mercado de consumo infantil. Apesar de gostar do curso e sentir-se realizada quando fala dos pontos positivos do curso no item anterior, ela mostra-se assustada por perceber o poder da mídia.

Você começa a entender como as pessoas manipulam sua mente, como você é usado; não que eu vá sair usando todo mundo! (...) Estava conversando com umas meninas do meu trabalho sobre esse negócio de publicidade, principalmente para criança. Eu acho muito absurdo, eu me sinto mal em ver, porque é uma forma de manipular uma cabeça que não está pronta ainda.  
(Vitória)

Em relação aos alunos da Psicologia, notamos que os relatos caminham mais para a aquisição valorativa de conhecimento ou autorrealização do que para a busca por status. Até pela própria constituição do curso em que há uma representação cultural de ajuda ao próximo, de lidar com problemas alheios diferentemente de Comunicação Social, que possui caracterização de lidar com mídia e imagem.

(...) Nesse âmbito de crescer e de lá na frente poder ser algo melhor em todos os sentidos: financeiro, ter sua própria vida. Então num futuro, distante ou não, eu quero continuar me especializando. Não quero parar. Penso em fazer Pós, Doutorado, penso em ter uma estrutura econômica estável. Penso sim, cada vez mais, em trabalhar com a Psicologia. Eu não tenho muita pretensão de clinicar, em trabalhar extremamente com a Psicologia, mas cada vez mais eu sinto que isso é uma verdade para mim, que isso vai funcionar daqui a algum tempo. Então, nesse futuro idealizado eu quero trabalhar com a Psicologia ativamente, em várias formas para ver de novo essa ponte, a ponte artística que me trouxe e não sei como vincular e trabalhar dessa forma, talvez com psicodramas. É um universo muito maior, que essa linha nunca me abandona.  
(José)

Eu ainda não tinha definido: “nossa, eu vou fazer Psicologia. Até que, no colegial, eu assisti a uma palestra de psicopedagoga e eu me apaixonei pela área da criança. Eu sempre gostei muito de criança só que nunca dei muito certo em ser professora. E aí eu vi essa área de psicopedagoga que é trabalhar com criança, mas não como professora e foi então que eu gostei mais da área de Psicologia. Hoje, iniciando o 2º ano eu vejo que, eu estou gostando muito de trabalhar na área de crianças com deficiência, é uma área que eu sou apaixonada.

(...) Dentro do caminho da Psicologia, você pode terminar a faculdade e simplesmente ser uma psicóloga se você não tiver uma especialização. Mas, eu pretendo terminar o curso e me especializar, pelo menos em alguma coisa, em alguma área.

(...) Acho que tende mais para autorrealização (fazer faculdade). Porque parte financeira nunca é fácil você começar, trabalhar com clínica, trabalhar com criança. Eu sei que se eu ficar na minha cidade, eu não vou sair do lugar, mesmo trabalhando com criança, porque lá eu não vou ter um futuro e vou ter que sair de lá. Mas a parte financeira eu nunca cheguei a pensar assim: “Não, eu vou ganhar pouco”. Mas também, nunca pensei: “Eu vou ganhar muito”. Eu vejo mais como autorrealização. Eu me vejo mexendo com a criança, ela melhorando, eu vendo o resultado. Mesmo com criança com deficiência que é muito mais lento esse processo, um pouquinho que seja essa melhora, a sensação de que você conseguiu alguma diferença já é muito grande. Isso é o que eu mais espero, que eu consiga fazer um bom trabalho.

(...) Esses dias atrás eu sonhei com isso: trabalhar em consultório, meu consultório assim todo colorido, com tapetão, para criança. Eu não consigo me ver trabalhando com adulto, não é uma imagem que faço. Pode ser que para frente eu mude de idéia, mas por enquanto é uma imagem que ainda não construí na minha cabeça. Trabalhar com brinquedos e aquele consultório que você entra e não dá vontade de sair. Além disso, eu me vejo com uma família, casada, com filho e trabalhando nessa área. O que é a área exatamente, se é com criança com deficiência, com criança normal, com as duas, isso ainda não está definido. Mas é com criança, não importa qual seja. Isso é o que eu me vejo fazendo.

(...) É como eu disse, eu não quero ser simplesmente uma recepcionista, uma isso, uma aquilo. Eu quero ser algo que eu decida fazer. (...) Eu estou fazendo Psicologia porque é algo que eu quero fazer isso, é com isso que eu quero trabalhar.

(Gabriela)

Os relatos das últimas categorias com suas subcategorias nos mostra que há sentidos dialéticos atribuídos à IES, às exigências do mercado de trabalho, ao diploma e ao currículo. Vemos valores não morais de busca por sucesso aparente priorizando o engrandecimento da autoestima. Há também uma nítida preocupação mercantilista em atender à demanda globalizada do mercado com uma conseqüente transformação do conhecimento em bem de consumo. Podemos perceber conotações pragmáticas quando os estudantes mencionam as vantagens de se fazer um ensino superior priorizando a empregabilidade sem mencionar aquisição de conhecimento.

Porém, nas falas também surgem aspectos de autorrealização e de valorização do conhecimento. Vemos a preocupação ética com o outro na fala da aluna Vitória em que se preocupa com o mercado consumidor infantil e seu futuro profissional como publicitária. Na fala de outros alunos da Psicologia parece existir um ideal de construção valorativa do sujeito baseada no conhecimento e desenvolvimento do ser e também uma busca por atender às necessidades do

outro e acolhimento do sofrimento alheio, e que também justificam a escolha pelo curso de Psicologia.

Valores morais e não morais são percebidos entre os mesmos sujeitos. Ao mesmo tempo em que dizem estar estudando por motivos valorativos, suas falas se contradizem pelas citações pragmáticas e de individualidade, pela busca de reconhecimento e fama, pelo engrandecimento da autoestima e pela necessidade de responder ao sistema mercantilista apresentando um diploma e aumentando o currículo. Porém, para aprofundarmos nossa investigação passemos para a próxima esfera de análise: sentidos e valores atribuídos ao ensino superior.

#### 4.2 SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO ENSINO SUPERIOR

De acordo com alguns autores pesquisados, as instituições de ensino superior em nosso país passam por uma situação que vem sendo bastante criticada pelo meio acadêmico. Tradicionalmente, e legalmente através da Constituição de 1988, o ensino superior deveria se fundamentar no trinômio ensino-pesquisa-extensão. Isto parece ocorrer nas instituições públicas, mas, salvo exceções, não tem sido o foco das universidades privadas. Por sua vez, as vagas nas instituições públicas onde se faz mais ensino e pesquisa estão cada vez mais escassas dificultando o acesso da população a estas instituições. O que vemos na atualidade é o Governo passando para a iniciativa privada a responsabilidade por atender à população estudante já que não consegue incluir todos os alunos nas Universidades Públicas, mais voltadas para a promoção da ciência, o trabalho na comunidade, a formação docente e discente e divulgação de conhecimento. As instituições privadas fundamentam-se em atender às necessidades de mão de obra do mercado de trabalho e o foco principal não seria a produção de conhecimento, mas sim, ter mais alunos, mais lucro como um empreendimento gerido por capital (BARRETO & LEHER, 2008; COLOSSI *et al*, 2001; SAMPAIO, 2000; SCHWARTZMAN, 2000).

Será que nossos sujeitos captam as impressões dos pesquisadores citados acima ou estas informações se restringem aos meios científicos? Nossos sujeitos, como reflexos da sociedade, partilham desta visão de mudança de valores em relação à aquisição de conhecimento, ou endossam a necessidade de atender às demandas mercadológicas? Vejamos nas falas a seguir o que pensam e sentem os alunos a respeito disso, inicialmente dentro de um enfoque valorativo por parte dos sujeitos.

Observamos por alguns relatos que os alunos consideram a educação como algo prioritário. Parece existir um valor moral de respeito a si e ao conhecimento colocando a faculdade em primeiro plano como objetivo de vida.

Eu sempre almejei um ensino superior e eu vejo isso como o início de uma nova fase. Não vejo como um arremate, como as pessoas pensam: “Ah, eu fiz a oitava série tal, agora eu vou arrematar com a faculdade”. (...) A gente sempre pega uma idéia meio vaga, meio estereotipada. Mas eu entrei, como eu disse lá atrás, com essa idéia de agregar conhecimento humano. Não tinha a noção ainda de que ser psicólogo era justamente uma questão de expansão de conhecimento e de autoconhecimento.

(José)

É muito importante (a faculdade), não me vejo mais largando, abandonando. Mesmo que o retorno demore.

(Naiara)

(...) Eu acho que eu não trocaria a faculdade por nada, por exemplo, meu namorado, se ele falasse: “ou a faculdade, ou eu”, eu poderia sofrer muito, mas... (risos). O que a gente faz da vida sem faculdade? Eu ia largar a faculdade e ficar com ele, mas e aí? O que eu ia fazer da minha vida? Nada! Então eu acho que a faculdade vem em primeiro plano, porque para mim é o meu futuro que está em jogo.

(Gabriela)

Porém, em outros relatos, os sujeitos dizem valorizar o ensino superior, mas as falas revelam que o valor não se refere ao saber. Se olharmos nas entrelinhas, estão preocupados com a imagem: ser mãe e dona de casa não é valoroso; estudar e trabalhar fora conferem uma representação mais positiva à autoestima do sujeito. A importância do ensino superior para conferir status e aprovação social surge também nas falas dos sujeitos:

Quando eu penso: “Ai, está difícil pagar, vou desistir, vou trancar”, todo mundo se mobiliza: “Não, vamos fazer uma vaquinha, vamos arrumar um emprego.” Mobiliza a família pensar que alguém está fazendo faculdade, alguém ter conseguido ir mais longe. Porque a maioria das minhas primas que tem a faixa de idade entre vinte e trinta anos, já estão com filho, casadas. A maioria nem terminou a escola,

engravidou no colegial ou quem terminou não conseguiu fazer faculdade, não fez um curso, não fez nada. Uma menina de vinte anos que está em casa ou fica trabalhando de uma coisa o resto da vida ou casa cedo ou tem filho cedo e que acaba não fazendo uma faculdade é vista como mais uma dona de casa. Você fala que já está fazendo faculdade, o pessoal já fala: “Ah é? Que legal? Do que? É! Nossa! Você está trabalhando? Que bacana! Nossa, eu quero tanto! Queria tanto que o meu filho fizesse, queria tanto!” É mais valorizado quem faz (faculdade) tanto profissionalmente quanto socialmente. As pessoas te valorizam porque você estuda. Parece assim: “Ah, não vai virar um vagabundo, vai estar estudando”. Então dá valor a quem estuda a quem está fazendo faculdade e para o emprego, nossa!  
(Luiza)

(sobre cursar o ensino superior) Você passa a fazer parte de um universo, de um grupo. A sociedade também passa a te ver, na minha opinião, de uma forma diferente. Te trata de uma maneira diferente, sutil, mas existe essa diferença, todo mundo sente isso. Diferente como o status aumenta. Eu via as pessoas assim: eu estava num grupo informal: “Ah eu estou fazendo faculdade”, “uau, que legal!”. Você olha a pessoa de uma maneira diferente, parece que é uma coisa a mais na vida dela. Eu sinto isso e é gostoso isso; me sentir assim é uma questão de autorrealização também, “olha, eu estou fazendo algo para mim mesmo, eu estou aumentando o meu conhecimento, eu estou potencializando o meu olhar em várias questões”.  
(José)

Notamos que os sujeitos, quando falam de suas experiências pessoais no ensino superior, atribuem valores morais de aprimoramento pessoal e desenvolvimento de conhecimento. Dialeticamente, atribuem também valores não morais de obtenção de status e visibilidade social. Mas, a fala dos alunos sobre a experiência dos outros, seus colegas e amigos se torna muito mais crítica quando falam no ensino superior e trazem à tona aspectos contundentes como veremos a seguir.

Em outras falas, os alunos observam uma realidade já pontuada no início desta categoria em que descrevemos o papel desvirtuado do ensino superior. Os sujeitos fazem críticas ao sistema educacional superior de uma forma mais ampla dentro de um enfoque generalista. Aparentemente, vende-se a idéia de agregar conhecimento ao aluno que entra na faculdade, mas os sujeitos parecem notar que nos dias de hoje as faculdades não formam profissionais como apregoam, mas sim a titulação de uma graduação.

É uma questão difícil que tem vários pontos que poderia ter mudado, mas eu acho que é algo complicado isso da faculdade não ter, hoje, tanta capacidade para formar as pessoas. Muitas faculdades não formam as pessoas, elas vendem um diploma não é? Por exemplo, faculdade de Direito, quantas aí os alunos saem e

não conseguem entrar na OAB. Tudo bem, a prova é difícil, é complicada, mas eu acho que a faculdade tem que estar capacitada para isso. Estão formando os advogados do Brasil, as pessoas que vão nos defender, os médicos que vão nos tratar! Têm médicos aí absurdos. A cobrança em cima das faculdades, tanto públicas quanto as particulares, eu acho que tem que ser muito rígida. Tem que existir “órgãos de classe” que avaliam aquele determinado curso, em todos os cursos deveria ter um. Eu acho que tinha que ser bem rigoroso mesmo, para formarem profissionais. Porque não adianta nada a pessoa ter um diploma na parede e o cara não entender nada, sabe? Então ele não foi à faculdade, ele não se formou, ele comprou um diploma. Então eu acho que talvez isso de cobrar, de ter uma fiscalização bem rigorosa, bem rígida em cima do que as faculdades estão passando para os alunos.  
(Luiza)

Os alunos têm a percepção que muitos estudantes chegam sem embasamento na faculdade com problemas que são de estrutura do ensino básico, mas mesmo assim, algumas instituições de ensino superior absorvem estes alunos despreparados.

A gente vê uma criança na quinta, sexta série que não sabe escrever, mas está sossegado porque vai ter um jeito de entrar na faculdade, entendeu? Aí, o que adianta ela estar na faculdade? Ela não sabe nem escrever direito. Isso eu acho meio paradoxal. Você fica perdido nessas coisas.  
(Vitória)

O ensino superior não adianta nada para a pessoa que não tem o ensino básico. A pessoa está só escondendo o problema, mas vai continuar. Ela não vai exercer a profissão dela, não vai chegar. Por exemplo, a pessoa vem aqui e vai fazer Direito, mas ela não sabe nada de português, não sabe falar bem. Ela vai terminar o curso e não vai conseguir passar na OAB. Não vai conseguir exercer a profissão, porque ela exige isso e a maioria dos professores exigem esse conhecimento, (Português) pelo menos em algumas das matérias que você teve no ensino básico.  
(Paulo)

Interessante notar na fala do aluno Paulo descrita abaixo como a subcategoria de pragmatismo aparece no contexto dos sentidos atribuídos ao ensino superior. O aluno enfoca a importância da prática em detrimento da teoria; para ele, o que conta é a experiência profissional.

Porque faculdade mesmo não conta tanto na formação, não adianta só você fazer faculdade. Às vezes tem gente que trabalha na área de Publicidade que não tem nem curso superior e é muito melhor do que as pessoas que tem. A faculdade não vai contar tanto, mas a experiência profissional depois de formado, ou no meio da faculdade, é que vai contar mesmo para a formação profissional.  
(Paulo)

Os sujeitos descrevem alunos que não tem embasamento para estarem em um curso superior e faculdades que não tem estrutura para formar futuros

profissionais. Mas também, diminuem o valor do fato de se fazer um ensino superior porque o que vale mesmo, na concepção dos mesmos, é o saber fazer, e ter a experiência prática. Estariam eles dizendo que entram no ensino superior para aprender, mas sabem que não vão aprender muito? Ao perceberem o nível baixo de conhecimento dos alunos na atualidade, os sujeitos se incluiriam nesta mesma concepção de sentidos? Estão percebendo e criticando indiretamente as lacunas na formação deles mesmos? A quem eles atribuem esta precariedade na educação básica e superior?

#### 4.3 SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS

Os sujeitos parecem notar que há uma desvalorização do conhecimento no ensino básico e alunos chegam ao ensino superior despreparados. Qual a impressão que fica para os estudantes desta desvalorização da educação? Por que esta percepção se estende ao ensino superior? Passemos a investigar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às Políticas Públicas e o desempenho do Governo na gestão da educação em nosso país.

Sampaio (1998, 2000) descreve que houve, a partir dos anos 70, uma redução da participação do ensino público no setor da educação superior conferindo maior abertura à iniciativa privada para atender às necessidades da população estudantil. Para a autora, o ensino público se direcionou a fomentar pesquisa e formação de professores e coube ao ensino privado qualificar os estudantes para atender às exigências do mercado de trabalho. Porém, este desenvolvimento do setor privado vem ocorrendo, em sua maioria, com instituições de pequeno porte que não investem em pesquisa e conhecimento de qualidade, mas que têm o objetivo de contemplar as demandas mercadológicas.

Cunha (2004) destaca que a partir do Governo Militar houve uma modificação da estrutura de acesso às universidades quando se introduziu o vestibular nos moldes de hoje: provas de múltipla escolha, em que não há uma

nota mínima, apenas não é permitido tirar nota zero. Esta modificação fez com que o nível de qualificação dos estudantes caísse a partir deste período.

Colossi *et al* (2001), relatam que no início da primeira década do século XXI existiam mais de 900 IES no Brasil sendo que quase 800 eram da iniciativa privada e um pouco mais de 100, públicas. Costa (2009) mostra dados recentes do MEC que apontam a existência de 2.281 instituições de ensino superior no Brasil, mais do que o dobro em menos de 10 anos. Destas, as faculdades detêm 32% das matrículas e os centros universitários 14% sendo que, mais de 92% das faculdades e 96,7% dos centros universitários são empresas privadas. Já as universidades, são 52,5% são públicas e 47,5% são privadas.

O que vemos em relação ao ensino superior é o setor privado se expandindo e o setor público cada vez mais restrito a uma pequena parcela da população, justamente aquela com poder aquisitivo alto que se formou em boas escolas particulares. A maioria dos estudantes acaba sendo absorvida pelo ensino superior privado, principalmente a população de menor renda que busca nestas IES cursos da área de humanas, com mensalidades mais acessíveis, carga horária de meio período e mais fáceis de serem cursados (SAMPAIO, 2000).

Com todas estas informações, percebemos que as políticas públicas para educação acadêmica vem se modificando nas últimas décadas. As prerrogativas do Governo podem influenciar na imagem do ensino superior nos dias de hoje? O que os alunos absorvem destas práticas políticas e sociais? Elas podem influenciar na valorização/desvalorização do ensino superior? O baixo nível dos estudantes percebido pelos sujeitos poderia estar contribuindo para uma qualificação rebaixada da academia, dentro e fora de sala de aula? E os números de instituições privadas mais que dobrando nesta década, o que significa para a qualidade do conhecimento? O governo olha isto?

Para adentrar nos sentidos atribuídos à educação de uma forma ainda mais contextualizada, passaremos a analisar as falas dos nossos sujeitos em relação às políticas públicas no Brasil. A pergunta inicial feita aos entrevistados se referia à opinião deles sobre a atuação do Governo em relação à educação para o

ensino superior no país. Chamou-nos a atenção o fato da maioria dos sujeitos, 5 entre 6 entrevistados, descreverem como algo deficitário, mas atribuindo os problemas da academia no Brasil a algo que tem origem anterior, no ensino básico. Muitas foram as críticas feitas pelos alunos. Vejamos algumas delas nas falas abaixo:

O que eu acho primordial que tem que ser feito é educação de base. Desde criancinha ter uma educação boa e começar com alfabetização no tempo certo. Mas com uma coisa de qualidade, com segurança na escola. Professor está apanhando de aluno, isso é medieval. O jovem que está batendo no professor ali, primeiro: ele não sabe, mas, ele não está aprendendo nada. Segundo: que lição ele está tirando dali? E o que ele vai ser quando sair da escola? A gente nem sabe. Então isso é muito grave. O jovem é o futuro e se não tiver um programa forte para o jovem, tanto para ele ter uma educação boa, mas também, para colocá-lo no mercado de trabalho. Se você não fizer essa ligação, não adianta ter um programa para ter o primeiro emprego se ele não tem uma boa formação. Senão, ele não consegue segurar o trabalho.

(...) Quando meus pais estudavam a escola pública era aquela que era boa. E quem não conseguisse acompanhar ia para escola particular. Isso reverteu de uma forma que a escola pública hoje não é nem a que é ruim, é a que é tipo: “pé de chinelo”, mesmo. Não tem como você aprender alguma coisa porque o ambiente é muito pesado tipo violência, droga, essas coisas. Então, eu acho que é falta de uma política pública de dar, não só base para os professores conseguirem ensinar, mas ter a segurança para os professores, ter polícia, não deixar o cara entrar com droga dentro da sala, não entrar com arma. Que é uma coisa hoje em dia, básica. Não tem nem o que falar. Você nem deveria pensar nisso e hoje você tem que pensar: seu filho vai para escola pública, você deve ter um ataque cardíaco todo dia na hora que ele não chega no horário certinho. Vai ter que procurar se tem alguma coisa na mochila. Não que na escola particular não aconteça. Porque uma coisa grave que acontece na escola particular é o: “eu estou pagando”. É também o que acontece em faculdade: “eu estou pagando, eu posso falar o que eu quiser.” Só que eu acho que ainda é mais contido esse comportamento do que é no ensino público.

(Vitória)

Porque não adianta nada você chegar, investir no curso superior se a pessoa não tem uma preparação. É melhor essa pessoa que saiu com essa preparação fazer um ensino técnico, porque um curso superior não vai acrescentar nada para ele. Não existe publicitário que seja semianalfabeto, não existe jornalista semianalfabeto.

Todos eles têm uma formação anterior boa, eles têm uma cultura de ler bastante e isso não é ensinado nas escolas públicas. E hoje em dia como é que você vai pegar um problema que a pessoa tem desde sete anos de idade e resolver em quatro anos de faculdade? É impossível! Forçar a ler é difícil, ter o hábito de ler é muito mais fácil.

A faculdade pública não tem pessoas que vieram desta realidade, se tiver é muito raro. São casos raros, então o governo fica só maquiando o problema. E quando sai da faculdade particular acaba não exercendo a profissão por causa disso. Quando consegue terminar! Porque a maioria não termina.

(Paulo)

Porque não dá para a gente falar: o governo deve melhorar a relação dele com as universidades de um modo geral. O problema para mim é muito mais de base. A reforma da educação, é claro que eu soa meio utópico, mas devia começar da

creche, da educação infantil, justamente para minimizar essa idéia de problema na faculdade.

(José)

(Falando da atuação do Governo) É fraca, tem acesso ao ensino superior público quem ficou na escola particular. (...) A escola pública é o pai do culpado em tudo. Porque o professor (da escola pública) fala: "eu estou ganhando se eu for dar aula ou não, eu saio satisfeito." Tem bastante isso. Então tem de começar desde os professores, acho que desde o primário. O afilhado da minha mãe está na quarta série e não sabe ler nem escrever, eu já saí lendo e escrevendo do pré-primário, e já não era muito bom (o ensino público). Agora então! Tem vinte anos que se passaram.

(...) Acho que o Brasil não dá valor (à educação). Acho que a educação é a base de tudo, para depois querer melhorar o resto. É muito analfabeto que tem no Brasil, eu critico essa parte.

(Naiara)

Outras críticas se referem à forma como o Governo atua para ampliar a oferta de vagas no ensino superior. Os estudantes questionam a validade do sistema de cotas e bolsas por parte do governo como incentivo de acesso às Universidades para a população de baixa renda. Desaprovam também a maneira como o sistema público amplia a oferta de matrículas nas redes estaduais e federais. Deixam claro que percebem que a postura do Governo em relação às cotas e bolsas serve para colocar no ensino superior alunos que não foram bem preparados nas escolas fundamentais públicas; abrem vagas para esconder as fragilidades deixadas para trás.

Eu entrei em 2001 na U... (faculdade pública de renome), em 2002 subiu para 80 (nº de alunos em sala de aula), no mesmo espaço físico. Aquelas políticas de governo: "aumentamos o número de vagas". Colocam só mais dez carteiras lá". (...) O que está sendo feito, eu não acho legal, que é esse negócio de enfiar gente na universidade, na faculdade, de fazer cota, muito preconceituoso, mais preconceituoso com o branco, pobre, coitado, que não consegue entrar por mérito e nem por cota. Então, tanto faz, não é? E é muito subjetivo isso também. Ou o cara que batalhou muito para tentar e a vaga dele é tirada por alguém de cota que nem tentou estudar direito. Então eu acho que tinha que ter uma reforma da educação para ser uma coisa boa desde o começo.

(...) Mas aí, por que precisa de cota? Porque o cara não tem educação. Aí precisa por o cara lá dentro de qualquer jeito para ganhar voto. Se o cara precisa de uma rede de esgoto, não faz, porque não aparece. O cara faz uma ponte porque aí fica bonita. Eu acho que até mesmo o fato do governo dar muito PROUNI, não tem uma orientação para criança assim: "oh, você pode ser isso se você quiser, você pode ser isso, você não precisa estudar numa faculdade".

(...) Ah, eu acredito que em termos de política pública, tanto para o ensino superior quanto para o ensino fundamental é um investimento no professor também, na formação do professor, para ele reciclar. Não sei como isso funciona na escola privada, mas deveria ser bem melhor do que é na escola pública.

(Vitória)

Por exemplo, esses programas que o governo cria para dar bolsa para os alunos. Não, tudo bem, são bons programas, mas isso é como se fosse maquiagem o problema. Porque o governo não dá apoio nenhum para o ensino superior, não para a formação. A pessoa chega, termina o ensino médio também sem informação nenhuma. Então ela não tem uma possibilidade intelectual de entrar no ensino superior. Você vê pessoas que fazem faculdade aqui, uma realidade nossa, que é semianalfabeto, que não sabe escrever duas linhas sem erro de português. Então, não adianta nada você dar bolsa sendo que você não preparou os alunos ainda. Então, eu acho que o governo não dá apoio nenhum para o ensino superior. E essa bolsa, se você for reparar bem, a maior parte das pessoas que pegam bolsas elas não levam a sério o curso. Não porque elas não querem, é porque elas não têm preparo. Eu estudei a minha vida inteira em colégio particular, nunca fui um bom aluno, sempre fui um aluno mediano. Eu vejo que, hoje em dia, eu sei bem Português, eu sei bem as matérias de humanas, mas eu vejo que a aluna que veio do ensino público não sabe nada e o governo não faz nada para melhorar isso.

Eu acho que o ensino público (superior) é muito elitizado porque ele não chega para todo mundo. Tem que ter uma política de incentivo fiscal, de criação de bolsas igual tem hoje em dia. Então, acho que o governo já está fazendo essa parte no ensino superior. Só que deixou um buraco para trás (falando do ensino básico) e esse buraco não é em um ano, dois anos que vai resolver. Isso aí leva vinte anos para resolver. (O Governo) ele deveria continuar o que ele está fazendo, desde que ele arrumasse o que ficou para trás.

(Paulo)

(...) Eu não sou a favor de muitas cotas porque eu acho que acaba entrando em outros temas como preconceito. Porque se um aluno entra por cota, aí o outro que não é negro fala: “você tomou a minha vaga só porque você é negro, você não é capaz”. Então, eu acho que mexe com outros lados. O pessoal acaba não enxergando as cotas da faculdade como uma coisa boa, mas como uma coisa negativa. Acredito que a história da cota é complicada, mas eu acho que incentiva a fazer, porque: “Ah, tem uma bolsa? Então vamos estudar para tentar a bolsa”. Eu acho que é bacana, mas que podia ser melhor.

(Luiza)

Outras atuações em relação ao Governo mostram que os problemas são muito complexos e abrangem outras dimensões que devem ser vistas de forma mais amplas, pois transcendem a questão do ensino básico e da oferta de bolsas:

Porque infelizmente o Brasil é um país de desigualdade social muito grande então a maioria tem pouco e a maioria não consegue pagar a faculdade. É muito difícil pagar, porque não é só a mensalidade: você paga transporte, alimentação, material. Querendo ou não, para quem tem uma renda não muito alta e mesmo a classe média, às vezes já é difícil pagar.

(Luiza)

Eu vejo uma pessoa que é mais desfavorecida economicamente, ela nunca se imagina numa faculdade, independente dos programas (do Governo), falta essa: “ei, ei, você é capaz!”. Então esse movimento de se imaginar em uma faculdade: Imagina um dado sair assim: “50% dos alunos dessa instituição particular vem de uma escola pública”. Aí o cara pensa: “Nossa, eu também posso! Eu sou de uma escola pública.”

(José)

Eu acho que o governo está tentando estimular. Um pouco ele está conseguindo, mas eu acho que ele ainda não achou aquele ponto em que vai disparar. Ele está conseguindo aos poucos, mas ainda tem muita coisa para ser acertada. Tem algumas coisas que eu não concordo. Por exemplo, o PROUNI. Eu até concordo que muita gente de escola pública, estuda, estuda e não consegue entrar, porque ela é precária, só que muitas vezes você estuda a vida inteira numa escola particular e você rala para entrar numa escola pública e você perde por causa disso. Então, eu acho, por um lado está certo, mas por um lado eu não concordo. Eu acho um pouco injusto isso. Muitas vezes, a gente rala também para caramba e eles (pais) falam: “ Nossa! pago a vida inteira escola particular para você não passar numa escola pública! “. (Gabriela)

Interessante notar a quantidade de críticas sobre a atuação do Governo em relação à educação no país. Os alunos demonstram conhecer muitos aspectos das políticas nacionais e mostram interesse sobre o tema educação já que a quantidade de falas nesta subcategoria foi bastante extensa. Chama à atenção também, o fato dos protestos serem bem maiores do que a valorização da educação no Brasil. O volume de citações críticas é bem maior se formos comparar com as próximas falas dos sujeitos de se perceberem beneficiados pelas políticas públicas. Alguns alunos reproduzem as falas do Governo sobre as vantagens dos programas de incentivo ao ensino superior. Os únicos alunos que viram as atuações do Governo de forma positiva são aqueles mais carentes, inclusive um deles só conseguiu estudar por ser bolsista do ProUni.

A questão de ter hoje a oportunidade de fazer um PROUNI, que é uma bolsa que te ajuda a pagar, eu acho que incentiva muito a pessoa: “vou me matar, vou fazer um ENEM, vou tirar nota boa.” Incentiva. (...) Eu vejo que os governos têm incentivado os alunos a pelo menos: vamos fazer o ENEM. Sinto que no primeiro ano que teve a história do PROUNI foi super pequeno o número de pessoas que ganharam a bolsa porque não era divulgado. A partir do momento que divulgou, nossa! É super difícil fazer um ENEM hoje e conseguir uma bolsa, porque muita gente tenta, é muito concorrido. (...) Nessa questão do incentivo, eu acho que ajudar a juventude a ser um “ser” pensante, que enxerga o Mundo de uma outra forma, é muito importante. (Luiza)

Eu sou uma prova viva, eu sou bolsista. Então, eu antes tinha uma ideia: “Ah, bolsa não funciona, é politicagem”. Não! Eu sou uma prova viva disso, funciona e funciona rápido! Eu falei que eu via a faculdade distante porque onde é que eu ia conseguir ter um trabalho que me ajudasse a pagar minha faculdade e ainda me manter? Então uma pessoa me trouxe: “Pelo menos existe o Prouni, você já fez ENEM?”, “ah, fiz há um tempo”. Aí eu fiz e me vi numa faculdade muito rápido. Então o meu olhar do governo em relação à faculdade é violentamente positivo. Um aluno que, aparentemente, não tinha condição financeira conseguiu ingressar. Está ali caminhando junto com os outros, sabe? Então para mim essa medida do governo funciona muito e eu vejo vários casos, não só de programas federais, tem outros aqui da região. Para mim é difícil criticar porque eu sinto que funciona, eu comprovo que funciona. (...) A minha única maneira de ingressar numa faculdade,

numa universidade, era uma instituição pública. Mas eu vejo que 80% para mais que ingressa na faculdade pública é aluno de instituição particular. Tomara que as realizações tipo PROUNI entre outras, invertam o rolo.  
(José)

Se não fosse esta política, José diz que não teria condições financeiras de cursar uma faculdade. Mesmo que esta atuação governamental seja para alavancar índices de acesso ao ensino superior e maquiagem uma situação de precariedade de oferta de vagas nas universidades públicas, parece que a medida das bolsas e cotas tem suas vantagens para aqueles que usufruem disto. Seria uma forma de alienação pragmática ou uma justa avaliação das políticas públicas?

O Governo divulga esta ação como uma solução para diminuir a desigualdade social da população. O Ministério da Educação relata que promove o ProUni, Programa Universidade para Todos (2008 a), e o FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior como programa de incentivo à população de baixa renda para ingresso no ensino superior. Porém, a maioria dos nossos sujeitos parece ver este programa do Governo como um paliativo para os problemas da sociedade. Os alunos entrevistados acreditam que a educação seria uma solução para a desigualdade social no nosso país, mas que esta questão tem origem bem antes do nível superior. Eles têm a opinião de que o investimento do Governo na qualidade do ensino básico seria fundamental. Colocar alunos na escola não é solução, mas o nível das escolas, sim. Isto não é algo que se resolva definitivamente e o que está em jogo é a desigualdade social, educacional e econômica.

Costa (2009) mostra dados atuais do MEC em que, no ano passado, havia 1.341.987 vagas ociosas, sendo que 98% delas estão em instituições de ensino superior privadas. As vagas existem e sobram e as IES não conseguem preencher todas. Fazer uma faculdade de menor prestígio e com menos ênfase no conhecimento resolveria esta desigualdade? Podemos pensar que o distanciamento sócio-econômico estaria sendo reproduzindo nas Instituições de Ensino Superior: alunos de Universidade Pública (renda elevada, excelência de ensino) *versus* ensino privado (baixa renda, baixa qualidade). Parece-nos que para os sujeitos, a questão do problema da educação não seria criar vagas, mas

adequar a qualidade do sistema de ensino oferecido ao padrão das Universidades Públicas.

Os sujeitos parecem notar a existência desta discrepância, no entanto, como se sentem diante dela? Os relatos parecem mostrar que os alunos tentam justificar este desnível minimizando o nível das Instituições Públicas. Eles não estariam criticando as políticas do Governo depositando aí a responsabilidade por não terem a chance de cursar uma universidade com ensino de alta qualidade? E que valores são atribuídos a um sistema de ensino percebido como de menor qualidade? Mais ainda, o que sente a sociedade diante de tantas vagas sobrando no ensino privado e tantas vagas faltando nas universidades públicas?

Acreditamos estar diante de uma dialética de valores: ao mesmo tempo em que gostam de sua faculdade, os alunos parecem mostrar que se contentam com o que têm tentando atribuir valores maiores ao local onde estudam, mesmo que para isso precisem se utilizar de valores não morais. Paradoxalmente, para se sentirem com uma formação de melhor qualidade, usam do engrandecimento da autoestima para se sentirem melhor. Sugerimos que o comprometimento deles é mais com seus interesses e não com a graduação e aquisição de saberes. Querem entrar no mercado de trabalho com garantias de obtenção de sucesso. Mas sentem-se, ora inseguros, ora confiantes no futuro. Nas entrelinhas, culpam o Governo pela pouca oportunidade de cursarem uma instituição pública de excelência e a problemática da educação e da desigualdade social servem de justificativa para uma situação que gera desconforto nos sujeitos: será que serei reconhecido pela minha formação acadêmica e meu diploma tendo estudado nesta instituição?

## **5. SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: sentidos atribuídos ao conhecimento**

Todos estes relatos nos levam a nossa última categoria: quais os sentidos atribuídos ao conhecimento. Tendo em vista que o ensino superior é o espaço de produção, socialização e difusão do conhecimento e que as universidades deveriam ser o *locus* em que esse conhecimento se produz e se desenvolve, destacamos essa categoria como fundamental para acessar os sentidos e significados do ensino superior.

Assim, para fecharmos esta investigação fomos pesquisar o que os alunos pensam do conhecimento. Nenhuma pergunta foi feita diretamente sobre o tema, mas procuramos nas falas aspectos que estivessem direcionados à construção de saberes. Montamos uma única subcategoria de valorização do conhecimento, pois pensamos que o pragmatismo, a preocupação com mercado de trabalho e com o diploma, a busca por status e o desrespeito em sala de aula entre outros aspectos citados já representariam uma subcategoria contrastante de desvalorização dos saberes. Portanto, o assunto foi bastante pautado nas outras subcategorias. Com isto, fechamos esta análise com as atribuições valorativas e esperançosas de construção do conhecimento a fim de arrematar com aspectos que endossem a dedicação, o interesse e o prazer de nossos sujeitos na formação.

Eles enfrentam oposições de preconceitos por estudarem em uma faculdade menos conhecida, lidam com duras jornadas de trabalho e estudo, pagam mensalidades de forma sacrificada e, a despeito da crítica realidade política, social e econômica de nosso país, ainda assim, querem estudar.

## 5.1 VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Podemos ver nos relatos que alguns alunos atribuem características de autorrealização ao fato de estudarem. Veem na leitura, na teoria, na expansão do pensamento e na aquisição do conhecimento algo valioso, prazeroso que engrandece a aprendizagem, mas também a formação deles enquanto seres humanos:

Em maio desse ano, eu me sentia muito, muito infeliz, muito. Tipo: não quero levantar p/ trabalhar. E isso foi um dos motivos que me levou a pensar em outro curso. E como eu estava muito infeliz pensei: “preciso mudar de vida logo, pensar em outro curso, fazer outra coisa”. Na verdade foi a faculdade que começou a me dar um gás p/ aguentar o resto.(...) A faculdade continua sendo uma válvula de escape para o dia a dia de vida certinho, retinho”.  
(Vitória)

As aulas de Sociologia são ótimas, Psicologia eu gosto bastante. (...) Uma coisa que eu acho legal das Humanas é que você é obrigado a ir pensando numa linha. E continuando na linha de pensamento o professor te joga um tema e vai falando. E você vai encaixando as coisas que estão acontecendo. Isso eu acho muito legal. (...) Não sei se em todos os cursos de Comunicação é assim, mas pelo menos o que eu vejo aqui é que já vai muito para o lado prático, que dá um *up* sabe? Você se empolga, fala: “Nossa, que legal!” Eu senti muita diferença e é muito estimulante, muito motivador. No outro (Curso de Engenharia) você fica perdida, muita gente começa a desistir da faculdade e, às vezes, era o que ela queria só que não conseguiu acompanhar aquele começo.  
(Vitória)

Eu acho que é muito importante incentivar as crianças a assistirem jornal, a gostarem de ler. Porque as crianças não gostam de ler. Preferem ler a revista C... (para adolescente) do que uma V. ou E. (revistas que falam de temas atuais da política, economia) Falam: “Ah é difícil ler”. Não é que é difícil ler; isso tudo é preguiça. Mas a pessoa não gosta, eu vejo pelos meus irmãos. Eles não gostam. Para eles, ler é super difícil. Eu acho que as escolas teriam que incentivar! Vamos ler! Eu acho que incentivar, não obrigar. Porque obrigar é muito chato. Ninguém lê porque é obrigado. A pessoa vai lá, procura na internet o resumo. Uma vez eu peguei meu irmão fazendo um resumo. Ele estava digitando lá no G... (site de buscas): *resumo do livro*. Eu falei: “você não vai ler nem a sinopse?” Não quer nem saber entendeu? O governo pode, talvez, dentro das escolas, implantar um projeto de incentivo aos alunos a gostarem da literatura, de ler, de aprender e não só ficar assistindo na TV programa de fofocas sobre artistas ou lendo revistas para adolescente entendeu? Porque é fácil ler fofoca.  
(Luiza)

Eu acho que a Sociologia é bem importante para gente e eu gosto de aula de história também. Eu acho bem legal porque eu sempre fui fã de História, de conhecer as coisas. Outra que acho importante para o curso, além dessas, não “puxando o saco”, mas a aula de Psicologia também é importante para que a gente aprenda a ter visão sobre as pessoas com as quais a gente está lidando, entender como pensa aquela pessoa que você quer atingir. Então, eu acho que

aula de Psicologia é interessante. Acho que são essas: Sociologia, História, Psicologia que são importantes e as que eu gosto de vir assistir, que não sinto preguiça no dia.

(Luiza)

(fazendo um paralelo com curso técnico de artes cênicas que cursou anteriormente) Essa idéia de olhar o ser humano, de tentar compreender o ser humano, da sua própria compreensão, da sua própria expansão. Me atrai esse lado da sensibilidade, do desenvolvimento violento da sensibilidade. Então, o lado introspectivo, de autoconhecimento, de fascínio pelo homem, a arte me propiciou e eu fiz a ponte com a Psicologia. São universos distintos, mas têm vários vínculos, várias fontes; foi justamente isso que me motivou mais.

(...) Eu não imaginava que a Psicologia era tão grande, que envolvia tanta coisa, que envolvia tantos campos, tantos ramos profissionais, que tinha um universo de conhecimento tão vasto, tão incomensurável. Esse lado propriamente mais científico também eu desconhecia. Eu imaginava que era mais analítico, mais filosófico. Não sei dizer, mas sabe aquelas pessoas que falam: "Ah, o psicólogo viaja!", sabe?

(José)

Depois (quando se formou no ensino médio e não passou na Universidade Pública) eu me senti muito inútil. Eu pelo menos sou assim, eu sinto a vontade de estudar. Nas férias de julho e de final de ano são três meses praticamente sem fazer nada, eu tenho que, pelo menos, estar lendo alguma coisa. Não importa que seja de Psicologia ou que seja alguma história, mas eu preciso estar lendo, estudando. Eu sinto uma falta, e quando eu falto, eu falo: "Nossa, você é louca, você quer estudar". Só que é uma coisa que sempre foi minha: eu não me vejo ficando sem estudar, aprendendo novas coisas. Uma aprendizagem...

(Gabriela)

Os relatos apontam que existem muitos interesses valorativos dos alunos em fazer um curso superior. Os quatro alunos citados representam os melhores e os medianos na caracterização inicial que nos fez buscá-los para as entrevistas. Parece que aqueles que vão bem e que se destacam minimamente têm, na verdade, construções positivas sobre o que é o conhecimento; valorizam o aprendizado, a leitura, o aprimoramento, não apenas com conteúdos pragmáticos, como também, com aspectos de autorrealização. Mesmo que nas outras subcategorias os sujeitos acima tenham mostrado segundas intenções no fato de fazerem a faculdade como melhoria de padrão social e econômico, preço melhor nas mensalidades, pressão cultural e familiar, busca pelo diploma e atender às demandas do mercado de trabalho, eles também atribuem importância ao conhecimento.

Porém, de uma forma longitudinal, as falas vistas até agora deixam transparecer uma supervalorização da experiência e a necessidade pragmática de um diploma. Percebe-se até uma busca por sucesso e status e valorização do mercado de trabalho como um fim. O meio, o processo de alcançar este fim que é

se graduar, parece não estar sendo priorizado. Ou seja, para a maioria, o conhecimento é buscado, mas por necessidade. Por outra parte, há uma valorização, mas dialeticamente, rodeada de escolhas que engrandecem a autoestima e abrem oportunidades pragmáticas de ascensão profissional. Estamos diante de fatos que nos mostram a existência de muitos valores não morais atrelados à graduação.

Os dados indicam que estes valores não morais de interesses individualistas estão imperando na construção dos sentidos atribuídos ao ensino superior de uma forma geral. Eles se relacionam com busca por sucesso, visibilidade, status profissional, etc., que estariam relacionados à autoestima. Em contrapartida, vemos os valores morais, relativos à justiça social, valorização do conhecimento e ajuda ao outro com menos citações.

Por outro lado, alguns discentes apontam a autorrealização e a aquisição de conhecimento como fatores que os levaram a cursar o ensino superior e se dizem gratificados por estarem estudando. Ainda podemos perceber que há poucas citações sobre o papel social do futuro profissional como um agente transformador da realidade, características estas, relacionadas aos valores morais de justiça, respeito a si e ao outro.

Este levantamento de dados nos sugere a existência de objetivos muito mais individualistas ligados à manutenção da autoestima e do status do que aos valores morais de respeito ao outro, de valorização do conhecimento e justiça social.

Inferimos que a busca por uma formação acadêmica é prioritária se ela trazer bens financeiros, aceitação no mercado de trabalho e melhoria na imagem dos sujeitos. O desenvolvimento pessoal valorativo, o aprimoramento do conhecimento e a preocupação com o bem-estar social aparecem sem tanto destaque.

O fato de os valores não morais constituírem-se como motivação para se cursar o ensino superior teria alguma relação com a atual explosão no surgimento de cursos superiores? O que representa para o imaginário dos sujeitos o aumento do número de vagas nas faculdades, sendo que há muito mais oferta do que

alunos? Como o ensino superior é visto deste ponto de vista? Será que está sendo desvalorizado uma vez que “qualquer um” pode entrar para uma faculdade? Esta abrangência contribui para a democratização do ensino ou para a perda de qualidade? E a forma como os cursos têm se desenvolvido, que tipo de valores são transmitidos nas práticas e relações empreendidas com os alunos e o conhecimento?

## **CAPÍTULO 5 . CONCLUSÃO**

Abordamos na nossa análise os aspectos que se revelam nos sentidos que os alunos atribuem ao ensino superior, apreendidos em suas falas sobre si e sobre o outro em suas relações. Evidenciam-se questões relativas a escolhas, desejos e expectativas, que compõem sentidos próprios do ser aluno no ensino superior. Essas perspectivas, no entanto, revelam sentimentos que se assemelham no grupo de entrevistados, que acreditamos serem atribuições generalizáveis, tanto para o curso de Comunicação Social quanto para o de Psicologia. O que nos leva à hipótese de que esses aspectos circulem nas interações e são apropriados pelos atores da cena acadêmica. As falas estão intimamente ligadas ao local onde estudam, transcendem as particularidades do curso escolhido e atingem a instituição, mas também são reflexos da sociedade globalizada e das políticas públicas adotadas em nosso país.

Os dados nos mostram que ser aluno no ensino superior está entremeado de sentidos que, na verdade, são produções que apontam haver um espelhamento de aspectos que são reflexos do contexto sociopolítico. Estas, por sua vez, influem nas dimensões institucional-organizacional e instrucional-relacional. Lembra-nos assim, conforme pontuamos em nossa análise, que essas dimensões transitam entre si, uma influenciando a outra em um fluxo de interferência constante.

Ao olharmos inicialmente a pesquisa a partir da dimensão subjetivo-pessoal percebemos uma coerência na postura dos entrevistados que se revelará ambígua em uma leitura longitudinal. Aqueles sujeitos tidos como “bons alunos”, participativos, esforçados e respeitosos parecem ter como centrais, valores relativos à dignidade e ao respeito. Assumem em seus discursos reconhecer a importância da coletividade, destacando valores como tolerância e respeito ao colega, aos professores e à instituição. Também conferem mérito à busca pelo conhecimento, pela justiça social e demonstram preocupação com o outro, além de declarar sentirem-se envergonhados frente ao comportamento de alguns colegas, que consideram desrespeitosos. Expressam que o respeito é

fundamental para a convivência coletiva, dizem sentirem-se indignados com situações de injustiça com o próximo e não apenas com eles próprios, e se revoltam com as questões de desigualdades sociais, com o descaso do poder público e com a falta de ética nas práticas culturais.

Contudo, ao analisarmos as configurações dos sentidos de ser aluno no ensino superior, identificamos várias características que, vistas de uma forma longitudinal, revelam a existência de muitas similaridades, mas também de paradoxos. Essas manifestações convivem, nos mesmos sujeitos, com outras contraditórias, que mostram um pragmatismo exacerbado em relação ao ensino superior (o mais importante é o diploma) e razões baseadas no mesmo tipo de pensamento para justificar a escolha do curso e da instituição. Ou seja, na reflexão que fazem de si no plano subjetivo, estes sujeitos se dizem motivados a estudar e buscam no conhecimento a autorrealização. Mas, contrariamente, conferem um sentido prático aos estudos: o preço, a proximidade, a facilidade para conseguir notas, a flexibilidade em relação à presença em sala de aula, etc. Alguns sujeitos relatam que o curso escolhido não é o desejado, mas se aproxima do desejado e foi o que conseguiu entrar.

Assim, o sentimento de massificação e assujeitamento apresentam-se em tensão permanente com o desejo de ser percebido como sujeito singular, de encontrar espaço para expressar-se e de ser ouvido. Ocorre que, ao mesmo tempo em que se revela esse sentido de liberdade ou autonomia, também emergem indicadores que expressam o desejo de ser tutelado, de que outros assumam a responsabilidade em seu lugar. Ainda referente ao mesmo aspecto, os sujeitos fazem uma autoavaliação em que se veem como alunos esforçados e responsáveis, que se contrapõe a objetivos pragmáticos também mostrados: tirar o diploma, acessar as vantagens de se cursar o ensino superior.

Da perspectiva do desenvolvimento da autonomia e da autorregulação, a escolha consciente sobre os caminhos a trilhar é um importante indicador de que o sujeito é capaz de agir de maneira autônoma e constituir-se como autorregulado. Neste caso analisado, entre todos os sujeitos, é até possível dizer que os alunos têm clareza do porquê de suas escolhas, mas não analisam criticamente suas opções e convivem com dilemas em que reivindicam ora a

liberdade por se verem como autônomos, ora a tutela por se verem como assujeitados. Mesmo aqueles que se veem como bons alunos, e são também avaliados como bons pelos professores, apontam razões para suas escolhas que se baseiam em preocupação por ascensão social, empregabilidade, satisfação de expectativas pessoais e sociais de sucesso e a necessidade, quase automática, de dar continuidade à educação escolar. Ou seja, não expressam uma consciência crítica sobre a formação profissional.

Revelam indignação por estudarem em salas de aulas cheias, com mais de 120 alunos, mas é, literalmente, o preço que pagam para isto. Parece que buscam diferenciar-se, fugir do padrão homogeneizante, mas, como bem relata Tognetta e Vinhas (2009) em seus estudos sobre os valores, os jovens estão mais voltados para vivências que contemplem suas necessidades individuais do que as coletivas. Não se mostram engajados na contribuição de um mundo melhor e mais justo e, se o fazem, é na forma de discurso.

Percebem-se desrespeitados quando os seus direitos não são levados em conta, mas quando o assunto se refere ao público, indicam que isto não lhes diz respeito, simplesmente não fazem parte disto. Buscam apenas o diploma, o sucesso e o crescimento na carreira. Novamente a contradição: querem ser vistos como cidadãos com o direito de serem respeitados em suas individualidades, no entanto, em muitas situações, demonstram não respeitar o espaço dos colegas, dos professores.

A fim de avançar em nossas conclusões optamos pela inversão do caminho que fizemos na análise: passaremos à dimensão sociopolítica, por entender que o macro constrói o micro e vice-versa. Para contemplar a visão da Psicologia Histórico-Cultural, em que os múltiplos contextos devem ser olhados e tecidos juntos, iremos depois retomar as categorias em um movimento decrescente, amplo e dialético, propondo com isso, um dinamismo para o arremate de nossa compreensão.

A dimensão sociopolítica surge entremeada em muitas falas dos sujeitos, ainda que refletida nos aspectos subjetivos, relacionais ou institucionais. Em todas elas são expressos valores permeados de elementos que foram construídos

pela trama da cultura socioeconômica e política. As falas, na verdade, mostram crenças compartilhadas pela sociedade brasileira e, ousamos dizer, até mesmo pelo mundo globalizado.

Ao falarem das questões sociopolíticas, os sujeitos trazem à tona motivações não valorativas que visam os aspectos mercantilistas e de busca por status social, sobrevivência profissional, mesmo que em outro momento tenham valorizado a Academia mostrando valores morais de respeito ao outro e ao conhecimento. O trabalho docente e a educação são vistos dentro de uma ótica limitada: como produtos a serem vendidos ou reproduzidos – conhecimento, preparo profissional, diploma. Questionam as políticas públicas e as instituições de ensino superior que não formam seus alunos, apenas vendem um diploma; mas eles mesmos revelam ser este um dos fatores de se fazer uma faculdade – obter um diploma.

Os sujeitos pontuam que o Governo se preocupa com índices e números de alunos que chegam ao ensino superior. Falam que as políticas educacionais querem apenas atender às demandas de mercado de trabalho e da população que não encontra vaga nas Universidades Públicas. Criticam que não há realmente uma preocupação do Governo na formação dos alunos, mas uma busca por indexadores revelando uma espécie de pragmatismo político. Mas, como relatado, os sujeitos também em suas práticas se apresentam pragmáticos: buscam pontuação no currículo e não a formação acadêmica. Questionam a postura do Governo, mas quando saem do coletivo e vão para o individual, agem com a mesma falta de princípios que criticam: a busca de aspectos quantitativos no currículo e na carreira. Avaliam o ensino teórico como dispensável e enfadonho, apenas necessário pelo título. Falam que as faculdades vendem diplomas e o que conta mesmo no aprendizado é a experiência prática.

A cultura mercantilista em que nos inserimos valoriza o diploma, a fama da instituição de ensino, os títulos obtidos e os cursos realizados como indicadores de detenção de conhecimento. Entretanto, estes pressupostos não garantem que realmente os saberes foram adquiridos. Os sujeitos também assim o fazem: estudam para alcançar um nível postulado pela sociedade como exigência mínima para a empregabilidade; a aquisição do conhecimento fica em segundo

plano. Se os alunos estão buscando graduar-se pelo diploma, é porque estão inseridos em uma cultura que privilegia esta ideia que tem em sua base valores não morais. O buscar um título pelo título e não visando ao desenvolvimento do conhecimento parece ser um reflexo das condutas de nossa sociedade, de muitas instituições educacionais e das políticas públicas voltadas à educação. Valorizam-se os índices, o sucesso e a glória e não o processo de construção de competências.

Na dimensão institucional-organizacional, vemos valorizações e críticas dos alunos que são sinalizadores do mesmo contexto sócio-político descrito acima. Quando avaliam o curso e a faculdade ressaltam aspectos de aparência, do poder material e não mencionam o investimento no conhecimento que a IES faz, nem suas ações para a comunidade, para a pesquisa e extensão. Percebemos que, ao mesmo tempo em que criticam a instituição, o professor e os colegas, quando os sujeitos são confrontados com o ensino público superior, culturalmente de uma qualidade elevada, eles passam a valorizar a faculdade privada em que estudam e falam mal das universidades públicas. Parece que ao fazer esse movimento os alunos buscam manter valores positivos atrelados a sua autoestima. Nota-se, novamente, a contradição entre valores não morais de diminuição do outro para aumento da própria autoestima e de supervalorização do aparente como manifestação de qualidade.

Os estudantes de Psicologia e Comunicação Social entrevistados nesta pesquisa relatam valorizar a instituição onde estudam, mas atribuem a virtude ao fato da faculdade ser grande, limpa, de haver *data show* disponível para os professores darem suas aulas. Conferem ao físico e ao estético uma positividade sem perceberem que isto não é aspecto único para a constituição de respeito. Ao mesmo tempo em que têm limpeza, equipamentos à disposição, são simultaneamente colocados em uma sala de aula com 120 alunos. Ou seja, os próprios alunos enfocam aspectos relativos a valores não morais, sem perceber que o aparente esconde, disfarça a falta de respeito da instituição para com os alunos.

Na dimensão instrucional-relacional são retratados os sentidos configurados pelos alunos nas interações com colegas e professores, em que se

evidenciam contradições significativas. Os sujeitos elogiam os colegas, dizem ter boas relações com a turma, mas, em seguida, falam que não conseguem escutar a aula por causa da conversa. Colocam que está tudo bem, que gostam dos companheiros, mas queixam-se de atitudes dos seus pares que são aspectos reveladores da ausência de valores morais. São contradições que nos fazem pensar: os sujeitos não percebem que a bagunça dos colegas e atitudes de invasão de limites é uma forma de desrespeito. Parece-nos que, para os sujeitos, tudo isto é normal e não, representações de individualismo, de abuso e desconsideração.

Em relação às falas sobre os professores, elogios e críticas mostram que os alunos veem os docentes como prestadores de serviço. Aqueles profissionais que “atendem às necessidades” do consumidor-aluno são considerados bons. A visão do mestre caiu por terra e ficou a do professor/bem de consumo. Os docentes são pagos para atender às necessidades dos estudantes e ensiná-los, sendo que não há a noção de construção de conhecimento, do aluno agente de seu saber ou de parceria aluno-professor.

Outro paradoxo surge quando os sujeitos criticam seus colegas e professores por seus valores não morais, mas eles mesmos, em outros momentos do texto, deixam claro que possuem condutas consideradas como não morais. Querem ser respeitados pelos que estão próximos, mas agem pragmaticamente, levantando e saindo da sala e conversando entre si quando entediados. Dão-se ao direito de falar dos outros que estão ausentes, de fazer piadas e comentários depreciativos revelando que não há a percepção de que eles fazem justamente o que criticam. Novamente podemos pensar que os sujeitos não têm uma concepção muito clara do que é moral ou não moral; tudo parece ser normal para eles, caso aconteça com o outro e não consigo mesmo.

Tognetta e Vinhas (2009) e Souza (2004, 2005, 2008) acreditam que os alunos na atualidade estão construindo valores sem incluir o outro e que isto é uma característica de uma moral que afetivamente ainda não se desenvolveu. Por sua vez, é o caso de questionarmos: há possibilidades reais para a construção de um sujeito que se autorrespeite e que respeite o outro nas esferas educacionais?

Ou seja, há espaço para a construção de valores morais no ambiente educacional?

O que notamos é que, nem as políticas públicas, nem os valores que circulam em nossa sociedade propiciam a busca por equidade, mas sim, a vantagem de um em detrimento do outro. Respondendo ao nosso problema de pesquisa, proposto que busca investigar os sentidos e valores conferidos ao ensino superior e ao conhecimento, pode-se concluir que os sentidos conferidos ao ensino superior tem em sua base valores contraditórios e pragmáticos. Percebemos a existência de valores morais, mas permeados de muitos valores não morais amparados em aspectos do âmbito da autoestima. Os dados analisados revelam sujeitos reproduzindo ações e crenças que foram construídas pela cultura em que estão inseridos. Nossa sociedade valoriza certas características que os alunos manifestam em uma microesfera: o destaque aos valores não morais de aparência, sucesso, status, realização baseada na glória. Mostram também ações pragmáticas priorizando os interesses privados e as vantagens que podem retirar de seus empreendimentos.

A Academia, tradicionalmente um *lócus* de questionamentos e constituição de novos conhecimentos, tem se apresentado como centro de reprodução desses conteúdos pré-estabelecidos ou então, fornecedores de um bem de consumo. A partir do momento em que se tornam reprodutores do sistema mercantil vigente, deixam de produzir conhecimento para reproduzir relações de poder. Acreditamos, talvez de forma ingênua ou esperançosa, que os sentidos configurados pelos alunos em relação à valorização do conhecimento têm em sua base o respeito pelos saberes. Porém, parece que este respeito convive com um pragmatismo desenfreado que mobiliza o sujeito a buscar *status*, sobrevivência material e busca da autoestima. Como tudo, o conhecimento ficou contaminado pelo pragmatismo.

Fica para futuras pesquisas uma questão que persiste e sobre a qual acessamos alguns indicadores: como desenvolver sujeitos críticos, que consigam pensar de forma autônoma, dentro de uma sociedade que funciona sob a lógica do Mercado?

Isto nos leva a pensar que devemos ampliar nossas investigações com o intuito de refletir sobre o papel do ensino superior em relação ao desenvolvimento da conscientização dos seus alunos e trazer à tona as ambiguidades e contradições na Academia. Questionamos os papéis das instituições de ensino, sejam elas de educação básica ou superior, como formadores de sujeitos autorregulados. Nosso sistema educacional parece não conseguir formar cidadãos críticos e autônomos. Mas, segundo Veiga - Neto (2005) em seu livro Foucault & a Educação, seria este um dos principais objetivos da educação. O autor traz uma visão foucaultiana em que descreve que a única forma de não nos alienarmos é investirmos na crítica e o papel da educação deveria ser o de auxiliar os estudantes na formação desta consciência. Eis nosso desafio para a prática docente e para nossas próximas pesquisas: ser ator e ativo na cena acadêmica, fomentando uma educação crítica e promotora de desenvolvimento de bons valores.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRÉ, M.E.D.A. O cotidiano escolar, um campo de estudo. In: PLACCO, V. M. N. S. & ALMEIDA, L. R. (orgs.). *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9-19.

ARAÚJO, U.F. Respeito e autoridade na escola In: AQUINO, J.G. (org.) *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999.

ARONE, M. Sentidos e Significados da escola para o adolescente em semiliberdade. São Paulo, 2006. 171 f. (tese de Mestrado). Mestrado em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARRETO, R.G.; LEHER, R. Do discurso e das condicionalidades do Banco Mundial, a educação superior “emerge” terciária .In: *Revista Brasileira de Educação*. p. 423-436 v.13, n.39, 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) Disponível em: [http://www.inep.gov.br/areaigc/Downloads/IGC\\_divulgacao\\_novo\\_outros.xls](http://www.inep.gov.br/areaigc/Downloads/IGC_divulgacao_novo_outros.xls) Acesso em 31 de julho de 2009

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), (2008 a) Disponível em: <http://prouniinscricao.mec.gov.br/prouni/>. Acesso em 19 de julho de 2008.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), (2008b) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=889&Itemid=303>. Acesso em 19 de julho de 2008.

CALVACANTI, L. S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. In: *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

COLOSSI N.; CONSENTINO A. QUEIROZ E.G. Mudanças no contexto do ensino superior no Brasil: uma tendência ao ensino colaborativo. In: *Revista FAE*, Curitiba, v.4 n.1.p-49-58, 2001.

COMTUR *Conselho Municipal de Turismo da Estância de Atibaia*. Disponível em, <<http://www.comturatibaia.com.br/atibaia.php>>Acesso em 02 de agosto de 2008.

COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. 8ª ed.São Paulo: Martins Fontes, 1999

COSTA G. Número de estudantes universitários é de quase cinco milhões. In: *AGENCIA BRASIL*. EBC EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. Fev. 2009. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/02/02/materia.2009-02-02.3347081852/view>> Acesso em 30 de julho de 2009.

CUNHA, L.A. Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior – Estado e mercado. In: *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, SP p. 795-817 v. 25, n.88, 2004.

CUNHA, M.I. Docência na Universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. *Revista Brasileira de Educação* p.258-271 v.11, n.32, 2006.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. BH: UFMG, 1999.

DÍAZ, R.M.; NEAL, C.J.; AMAYA-WILLIAMS, M. As origens sociais da autorregulação. In: MOLL, L.C. *Vygotsky e a Educação*. 1ª ed. Artmed: 1996. p. 123-149.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: a História da Violência nas Prisões*. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1986.

GOERGEN, P. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001 (coleção Polêmicas do Nosso tempo, 79).

GUIMARÃES, A. M. *A Dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade*. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

IAROCHEVSKI, M.F. & GURGUENIDZE, G.S. Epílogo. In: VYGOTSLY, L.S. *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JUSEVICIUS, V.C.C. *Subjetividade em sala de aula: a relação professor-aluno no Ensino Superior*. Campinas, 2006.127f. (Tese de Doutorado). Curso de Pós-Graduação em psicologia Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.

LA TAILLE, Y. A virtude entre os jovens. In: LA TAILLE, Y.; MENIN M.S.S. (orgs) *Crise de valores ou valores em crise?* São Paulo: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y.; MENIN M.S.S. (orgs) Introdução. In: LA TAILLE, Y.; MENIN M.S.S. (orgs) *Crise de valores ou valores em crise?* São Paulo: Artmed, 2009.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo, SP: Ed. E.P.U., 1986. 99p.

MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R. (orgs.) *Henri Wallon: Psicologia e Educação*. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006a.

MAHONEY, A.A.; ALMEIDA L.R. Afetividade e Aprendizagem. In: *Revista Viver Mente & Cérebro*. Coleção Memória da Pedagogia: educação no século XXI;

perspectivas e tendências. Editor: Manuel da Costa Pinto. [colaboradores: Moacir Gadotti, et al].– Rio de Janeiro: Relume Dumar: Ediouro; São Paulo: Segmento – Dueto. n. 6, pp. 56-65, 2006b.

MORIN, E. Epistemologia da Complexidade. In: Schnitman, D.F. (org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto alegre, ARTMED, 1996.

PAGNEZ, K.S.M.M. *O ser professor do ensino superior na área da saúde*. 2007 192f. Tese (Doutorado em educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Psicologia, São Paulo, 2007.

SAMPAIO, H.. *O setor privado de ensino superior no Brasil*. Tese de doutoramento apresentada no Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *O ensino superior no Brasil: o setor privado*. São Paulo: Fapesp-Hucitec, 2000.

SAVIANI D. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. 9ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SCHWARTZMAN S. A revolução silenciosa do ensino superior. In: DURHAM E.R.; & SAMPAIO H. *O ensino superior em transformação*, São Paulo, Núcleo de pesquisas sobre o Ensino superior (NUPES/USP), PP. 13-30, 2000. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/pdf/nupes2000.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2008.

SÃO PAULO. Semesp Sindata - banco de dados do SEMESP - Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo. Disponível em: <http://semesp1.tempsite.ws/portal/?Area=Sindata&Action=List&IDCategory=36>. Acesso em 15 de julho de 2008.

SHIMIZU, A.M.; CORDEIRO, A.P.; MENIN, M.S.S. Ética, preconceito e educação: características das publicações em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre 1970 e 2003. *Revista Brasileira de Educação* v.11, n.31, 2006.

SOUZA, V.L.T. *A interação na escola e seus significados e sentidos na formação de valores*. São Paulo, 2004 284f. (Doutorado em educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Psicologia, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Escola e construção de valores: desafios à formação do aluno e do professor*. 2004 São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. Cultura escolar, autoridade e valores: reflexões sobre conflitos e tensões na constituição de alunos e professores. In: *Educação & Linguagem*, São Bernardo do Campo, SP, ano 11, n. 17, p.168-184, jan.-jun. 2008.

TOGNETTA, L.R.P. ; VINHAS T.P.V. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: LA TAILLE, Y.; MENIN M.S.S. (orgs) *Crise de valores ou valores em crise?* São Paulo: Artmed, 2009.

VEIGA-NETO A. *Foucault & a Educação*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VYGOTSKY, L.S. *Obras escogidas III – Problemas del desarrollo de la psique*. Visor Distribuciones, AS: Madrid, 1995.

\_\_\_\_\_ *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_ *Pensamento e Linguagem*. 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_ *A Formação Social Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Veja, 1979.

\_\_\_\_\_ *Origens do caráter na criança*. Lisboa: Editora 70, 1981.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação* p.226-233 v.11 n.32, 2006.

ZANELLA, A.V. *et al.* Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*; v.19, n. 2, p 25-33, 2007.

**ANEXOS****ANEXO 1****DECLARAÇÃO**

Declaro que tomei conhecimento dos termos do projeto de pesquisa: Um estudo dos valores na interação aluno-professor no ensino superior, desenvolvido por Paula Costa de Andrada e concordo que o mesmo seja realizado nesta instituição.

.....de.....de 2008

Cidade

dia

mês

---

Assinatura da instituição / representante legal.

**ANEXO 2****Roteiro da Entrevista Semi-estruturada**Dados pessoais

Pseudônimo:

Idade:

Curso:

Série:

Formação:

Já fez ou iniciou outra graduação?

Caso afirmativo, por que parou?

Profissão:

Dimensão subjetiva/pessoal**O que significa para você fazer uma faculdade?**

Por que escolheu este curso?

Por que escolheu esta instituição? (citar nome da faculdade)

Já fez alguma faculdade antes e interrompeu o curso?

(caso afirmativo) Por que interrompeu?

Quais são suas expectativas com relação ao seu futuro profissional? No que acha que o curso te ajuda.

Quais são as aulas de que mais gosta, por que?

Quais as disciplinas que julga mais importantes?

Como você se sente como aluno – (satisfeito, que têm domínio, aprendendo o suficiente, etc.)

Você gostaria de cursar outra instituição, que não esta? Qual?

Qual o grau de importância da faculdade em sua vida?

Qual a diferença entre você, aluno de uma instituição privada e de um aluno de uma inst. Pública. Quem você acha que terá maiores chances no mercado de trabalho, por quê?

Dimensão institucional/organizacional

No momento em que você prestou o vestibular, o que imaginava sobre seu curso? O que pensa sobre ele agora?

Como é sua relação com a faculdade?

O que você acha da organização do ensino aqui?

Você diria que veste a camisa desta instituição?

O que ela tem de melhor?

E de pior? Por quê?

O que você acha que os outros (amigos, colegas, familiares) acham da sua faculdade?

Quando você diz onde estuda sente orgulho? Como as pessoas reagem?

Dimensão instrucional/relacional

Você se relaciona bem com seus colegas de classe?

O que acha do comportamento dos seus colegas em sala de aula?

E da postura dos professores?

Você se sente respeitado pelos seus colegas e pelos professores? De exemplos.

Lembrando dos seus tempos de colégio, seu comportamento era diferente do que tem hoje em sala de aula? E o dos seus colegas?

Você se acha responsável como aluno? E os seus colegas?

O que você acha que a faculdade deveria fazer em relação ao comportamento dos alunos e dos professores?

Se tivesse que se dar uma nota para o item respeito em sala de aula, de 0 a 10, qual daria e por que?

O que a faculdade poderia fazer para melhorar o aproveitamento do curso pelos alunos?

Como é seu relacionamento com colegas, professores e funcionários da faculdade?

O que mudou na sua relação com as pessoas (amigos, trabalho, familiares) depois que começou a fazer faculdade?

E no seu emprego, o que estar no ensino superior acrescenta ou acrescentou?

Dimensão sociopolítica

Você sofre alguma pressão social, profissional ou familiar para fazer um curso superior? (caso afirmativo) Se não houvesse nenhuma forma de pressão para continuar seus estudos, você estaria cursando uma faculdade? Estaria fazendo o que?

O que acha da atuação do Governo em relação à educação no país /ensino superior?

O que falta em nosso país para termos um ensino superior de melhor qualidade?

**ANEXO 3****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, \_\_\_\_\_, com o R.G. de nº \_\_\_\_\_, residente e domiciliado a (rua,av.) \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_, Bairro \_\_\_\_\_, Cidade \_\_\_\_\_, Estado \_\_\_\_\_, CEP \_\_\_\_\_, Telefone (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_, abaixo assinado, declaro para todos os fins éticos e legais, que tenho pleno conhecimento de que participarei de uma pesquisa orientada pela Profª Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza, com o objetivo de estudar os valores presentes nas relações constituídas no ambiente acadêmico. O projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética da PUC-Campinas que pode ser contatado em caso de dúvida pelo telefone (19) 3343-6777. Por este instrumento dou plena autorização para que fotos e imagens (com utilização de tarjas adequadas que não permitam identificação direta), repostas a questionários e entrevistas ou qualquer informação obtida durante a pesquisa seja utilizada para fins de divulgação em livros, jornais e revistas científicas brasileira, desde que seja reservado sigilo absoluto de minha identidade. Estou ciente que minha participação é voluntária e sem ônus podendo interrompê-la a qualquer momento sem penalidades. Declaro que recebi todos os esclarecimentos e dúvidas sobre a pesquisa, bem como sobre a utilização desta documentação para fins acadêmicos e científicos. Em caso de dúvidas a pesquisadora responsável, Paula Costa de Andrada, pode ser contatada pelo telefone (11) 9765.3092.

Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

Paula Costa de Andrada

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

## ANEXO 4

<b>Tabela das Categorias</b>
------------------------------

<p><b>SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO ENSINO SUPERIOR</b></p> <hr/> <p>1) SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão subjetivo-pessoal</p> <hr/> <p>1. 1) MASSIFICAÇÃO / ASSUJEITAMENTO</p> <p>Eu fiquei meio chocada porque nas primeiras aulas eu não conseguia ouvir o que estava acontecendo, porque era muita gente falando... Isso é engraçado porque o povo quer ficar na aula. Mesmo com presença eu acho que tem um fator consciência que não deixa eles saírem da aula Mas você vê que a pessoa tem aquele negócio: “ nossa não posso sair da aula. Mesmo que o professor autorize, que tenha presença, que tudo mas a pessoa fica meio assim. (Vitória)</p> <p>Ah, assim é... a sala de aula... Porque juntou três turmas, curso de Comunicação Social ficou junto então a sala não teve como ficar muito unida. A sala é completamente desunida, a sala assim, não teve um churrasco, não teve um nada porque exatamente, por que... por causa de ter muita gente no curso de Comunicação Social, formou panelinha ali,outra panelinha ali,porque não tinha mesmo como fazer uma...a sala inteira ficar unida.Agora, eu acredito que no ano que vem, separando um pouco as turmas,acredito que vai dar uma melhorada. Porque agora nesse final de ano já deu uma melhorada também, porque teve gente na minha sala que eu nem conheci até o final do ano. Bastante gente. (...) Agora no final do ano começou a ter um pouco mais (de interação), mas ainda é pouco, porque a sala de PP não é grande, é grande quando junta Comunicação Social.Mas a sala, acredito que no ano que vem, vai dar uma melhorada. Porque, inclusive acredito que vai diminuir também o número de pessoas. (Paulo)</p> <p>(...) O que eu achei errado esse ano foi juntar as turmas. Tem matéria que tudo bem juntar, por exemplo, sociologia é igual, mas pega, por exemplo, Psicologia mesmo, Psicologia, Jornalismo vê de um jeito, Relação Pública vê de um jeito e Publicidade de outro jeito completamente diferente, então você dando a matéria pras três salas ao mesmo tempo você acaba limitando um pouco o que está sendo ensinado. Não só psicologia, também Marketing. Marketing acho que é mais ainda que Psicologia. Porque você pega na Publicidade, Marketing é pesado “pra caramba”, precisa bastante Marketing em Publicidade, mas em Jornalismo não precisa tanto. Isso que eu achei errado assim, e também não só as questões das matérias, mas quando você pega uma sala, por exemplo, você coloca 120 alunos em uma sala pra um professor dar aula, é muito difícil o professor conseguir controlar os 120 alunos, aí conseguir dá uma aula boa. Tanto que, as matérias que você via mais gente saindo, via o pessoal não prestar atenção na aula,</p>
---

eram as matérias que juntava as três salas. Porque no passado parece que era só Relações Públicas e Jornalismo, era melhor, mas com as três juntas eu acho que não funcionou.

É mais tranquilo, (as 3 turmas separadas PP, RP e Jornalismo) mas também tem momentos que acontece bagunça, que já fica “zoneado”. Mas é mais difícil porque, por exemplo, as matérias que tinham individuais eram matérias que as pessoas acabavam se interessando mais, a única matéria que tinha mais bagunça é Português, que o pessoal não gosta e tinha muita bagunça, mas a professora até conseguia contornar porque na aula ficava pouca gente mesmo pra assistir.

(...) Uma coisa que eu já falei que é separar as turmas. A única solução assim... imediata, porque eu acredito que em faculdade, colocar aluno pra fora eu acho que não funciona mais. Então eu acho que separar as turmas e o professor, às vezes, ter pulso firme porque muitas vezes atrapalha mesmo. A gente vê que o professor ele está nervoso porque não está conseguindo dar aula, os alunos não estão conseguindo prestar atenção na aula e não acontece nada pra melhorar.(...) Falar para o aluno ficar a vontade, pra sair caso não queira.

(Paulo)

Quando está os três cursos juntos é um tanto quanto problemático, porque além de ser personalidades diferentes, porque cada curso, querendo ou não tem um perfil. Então assim, o pessoal do PP é sempre mais explosivo, mais brincalhão, que fala, o pessoal do RP é mais retraído, o pessoal do RP também não é tão brincalhão. Então, quando está todo mundo junto fica aquela bagunça.

(Luiza)

## 1.2) DIVERSIDADE

Uma vez eu não concordei com o professor; não era uma briga, eu estava argumentando para entender o que estava acontecendo na verdade, porque com o professor aconteceu foi... a gente fez um trabalho e ele deu uma nota e eu perguntei porque ele deu aquela nota, porque não era nota máxima mas eu queria saber o que tava errado aí ele falou uma coisa que eu achei muito subjetiva, eu falei:” mas eu não pensei nisso, pensei nisso outro.” Ele:” ah, mas é assim mesmo, você tinha que ter feito assim.” “Ah, mas eu acho que você está errado”. “Ah, mas eu não sei porque você está reclamando, sua nota é boa.”. Eu acho isso o “fim da picada” porque eu não estou reclamando por causa da nota, eu estou reclamando o jeito que foi avaliado...

A idéia que ele teve, entendeu? E as pessoas levam isso muito como briga, não é isso, eu acho que a gente discutir, argumentar é muito rico, porque se ele tivesse discutido, argumentado comigo a idéia dele teria, às vezes eu teria aceitado o que ele falou.

(Vitória)

Ah tem sim diferença, porque no segundo, terceiro ano é todo mundo ali da mesma idade, todo mundo é... tem mais ou menos a mesma cabeça. Aí na faculdade muda um pouco, porque cada um é de uma idade. Aí pega, cada um vem de uma classe social, porque no colégio todo mundo ali era muito... mais ou menos da mesma classe social e na faculdade dá uma mesclada. Você pega pessoas com uma classe social mais alta, pessoas com classe social mais baixa e diferentes idades. Então é diferente com certeza, isso não tem dúvida.

(Paulo)

Porque aqui, tem gente de 19, de 18, que acabou de sair da escola, gente que saiu da escola há trinta anos. Então os pensamentos, as cabeças são diferentes (...) Eu tenho amigos na faculdade, a gente conversa lá pela internet tal, mas eu acho que não vai ser a mesma coisa por que... Eu chamaria a minha amiga de escola pra ser minha madrinha de casamento, mas eu não sei se um amigo de faculdade talvez, eu consiga ter tanta intimidade pra ser a minha madrinha. Por mais que a gente se de bem, é sempre uma relação limitada realmente. Os nossos interesses em comum é ali estudar.

(...) Porque eu sou uma pessoa que gosto de me comunicar, eu gosto de fazer amizades. Eu acho que é importante você conhecer outras pessoas, conversar, não julgar as pessoas, que

“ai, o cara ali é vesgo, eu não vou falar com ele” sabe? Eu acho que não, eu acho que você tem que aprender a gostar de todo mundo e encarar problemas de todo mundo. Então, dentro da sala de aula eu falo com todo mundo, não tem um que eu não fale, se eu não falei é porque a gente não teve oportunidade de se encontrar ainda, mas não é porque eu sento de um lado que eu não falo com o pessoal que senta do outro, que senta no fundo ou que senta na minha frente. Eu falo, eu converso. Lógico que a gente acaba se aproximando mais de um, mais de outro, até por uma questão de afinidade de pensamento, de gosto, a gente acaba tendo os seus preferidos, mas minha relação dentro da sala é: eu to lá, eu to tentando ajudar, tentando ser simpática, amiga, companheira, porque eu acho que é importante, eu acho que é bacana.  
(Luiza)

Eu tenho uma relação muito saudável, mas isso eu trouxe. De entrar num ambiente e tentar me enturmar, tentar fazer parte de vários núcleos, é claro que a gente tem afinidades com alguns que a gente anda mais, então de uma forma geral eu vejo a minha sala como um núcleo de encontro da sala com vários núcleos submersos.  
(José)

Existe um respeito, só que em alguns momentos entra em choque, natural das relações humanas. Só que o que eu chamo atenção justamente é isso: “gente vamos observar de uma outra maneira isso.”, ao invés de um grupo em um outro contexto. O contexto é diferenciado, então sua própria vivência tem que ser aproveitada, o próprio conflito dessa experiência tem que ser aproveitado, então acho que tem que associar isso.  
(José)

### 1.3) NECESSIDADE DE SER TUTELADO

Uma coisa que eu acho é que o aluno de faculdade privada, muitas vezes, ele continua tipo numa extensão do colegial, aquele ritmo mais de “professor mastiga” como no colegial isso acontece. E lá, (na Universidade Pública) não. Lá é meio chocante, assim, com eu disse no primeiro dia letivo você leva um tapa na cara e você tem que amadurecer. Mas eu acho que depois de um tempo... porque na hora que você pega o ritmo da faculdade eu acho que o aluno meio que fica na mesma. Porque lá, depois que você leva aquele choque, você aprende o ritmo do mesmo jeito que aqui, você não entrou naquele choque, mas você está no mesmo ritmo. Eu acho que é isso. São ritmos diferentes. Mas eu acho que na pública amadurece muito mais por esse... Porque você tem que aprender a se virar, porque se você não se virar ninguém vai te ajudar.  
(Vitória)

É muito diferente, muito, muito. Lá (na Universidade Pública onde estudou) é muito mais assim: “meu, vai!” entendeu? Não vai ter professor te dando “colher de chá”. O professor fala assim: “a prova vai ser amanhã”, pode falar o quanto quiser, o professor não muda, entendeu? Ele fala que vai ser, vai ser. Aqui não, você sente que o professor dá uma ajuda assim: “ ah professor mas eu não estudei, não dá pra, cancelar a prova pra semana que vem? “ah, tudo bem”. Lá não ia acontecer, entendeu?  
(Vitória)

Em determinadas matérias eu achei que poderia ter sido diferente, o professor talvez ter se dedicado um pouco mais porque a minha sala era muito grande, por ser três cursos juntos a minha sala tinha cento e vinte alunos no começo do ano, eram muitas pessoas para um professor só. Então, assim, em determinadas matérias eu acho que o professor teria que suar ali a camisa pra poder ensinar e estar ali.  
(Paulo)

Ontem eu tava falando com uma menina de Publicidade, ela tava reclamando de um colega lá que não vem nas aulas, aí quando vem tenta sempre se encaixar num grupo, ficar “na cola” dos outros. Ainda brinquei com ela: “nó eu me mato pra pagar a faculdade, e tem que dar mó, meu suor ali pra pagar e a pessoa vai...” poxa, tem a condição bacana e não, realmente não aproveita o que tem. Então assim, alguns, como esses, realmente não aproveitam. Vem aqui a passeio ou vem porque o pai obriga ou porque o pai fala “não, tem que fazer uma faculdade.” Então você acaba vindo, mas não aproveita. Não está na faculdade. Está aqui porque tem que estar e é isso aí, entendeu?  
(Luiza)

(descrevendo a conduta dos colegas) Caramba, eu tenho que ler isso? TEM.”, que mais? Então eu vejo um problema mais individual, uma maneira de ver o mundo, de ver o ensino, individual. Uma coisa que eu errei, era achar que eu não ia ver comportamento de oitava série, de sétima série, de uma maneira mais genérica, na faculdade e eu vejo muuuito! Tipo: “Professor isso vai cair na prova? Professor o que vai cair na prova? (...) Por isso que eu falo que é uma questão mais individual, da própria leitura que a pessoa faz daquilo. “Ah não, o professor é o vilão... o professor quer, desculpa o termo, quer ferrar o aluno...” solta, desconstrói isso, acabou! São adultos. Então eu não vejo o problema na instituição, se a gente pode caracterizar isso como um problema, como uma disfunção. Eu vejo justamente uma questão de conscientização, uma questão de olhar para o estudo, o que é que o cara (colega) busca ali? (...) Então, para mim, (é complicado) alunos que saem da aula, que não prestam atenção. Eu falo isso e parece ficar aquela idéia que eu sou aluno que não tira o olho do professor, mas não é nesse nível. Eu adoro fazer brincadeiras, eu adoro descontração, mas perceber a importância daquela aula sabe? De focar aquilo e trazer como um conteúdo, não acontece uma mágica. Eu vejo muito isso, o cara vai ter a prova, ele acha que a prova é a forma de análise soberana da vivência acadêmica dele e ele não presta atenção na aula, ele falta, ele perde prazo de trabalho. A questão de organização também não é difícil; é tão simples você se organizar, você não perder nada, aí o cara, uma semana antes da prova, ele lê que nem louco e acha que vai absorver aquilo, sendo que aquilo é construído. Então eu não vejo muito isso nos outros.  
(José)

Ah, eu falo demais, tem hora que eu fico entrando e saindo, entrando e saindo. Eu acho que isso incomoda um pouco. (Pesquisadora pergunta porque isso acontece). Eu não sei, eu acho que dá tipo um “tic” nervoso, eu saio e começo a...saio pra conversar, se professor fala para não sair é inútil, aí quando eu vi já passou a hora, acabou a aula e nós estamos tipo aqui, fumando e falando besteira.  
(Se avaliando como aluna) eu acho que tem que partir de mim um pouco, é ter mais força de vontade assim, de querer e fazer. Aí tem hora que toca um pouco meu interesse, eu cobro de mim mesma. Só que não funciona.  
(Naiara)

#### 1.4) IRRESPONSABILIDADE- IMATURIDADE

No começo, nos primeiros dias eu senti que eu voltei pro colegial. É muito estranho, é muito diferente.  
(Vitória)

Aqui tem aquele cara que fala assim: “tô pagando então eu vou fazer o que eu quiser, Não adianta, eu vou passar porque eu tô pagando.” E na U...(Universidade Pública de renome) tem a galera assim: “ meu, não to pagando, então não preciso fazer nada “ É! Bem assim.” E tem gente, que eu não sei se o pai é muito rico e, sei lá: “ vamos jogar dinheiro fora” que acha que tudo é engraçado, que acha que está todo mundo ali brincando, que não tem respeito pelo professor, por colega e eu acho assim... uma lástima! Não sei como alguém... eu não sei, eu não sou mãe, tem até um livro assim: “ Eu era uma boa mãe

até ter filhos” mas, a minha visão: como que alguém vê uma pessoa fazendo isso, o seu filho fazendo isso, tendo esse comportamento e acha bonito? (...) Mas isso é da pessoa mesmo(...) e não dá pra educar nessa idade.

(Vitória)

(falando dos colegas que estão na 1ª graduação) Eu acho que vai forçar a amadurecer na hora que começar a trabalhar, que ai, não vai ter jeito. Não vai ter como você ser a continuação, ensino médio, faculdade, trabalho.

Vai ter que amadurecer de qualquer jeito, só que aí é mais chocante, eu acho, porque na faculdade você ainda tem aquela segurança. Você está na faculdade, é igual assim: você vai passar de ano, você sabe que você vai passar de ano, chega no último ano você fala: “ e agora, o que vai ser de mim? Não sei se eu vou conseguir trabalho, se eu vou conseguir estágio, se eu vou conseguir qualquer coisa, se eu vou ter que voltar pra casa. É isso que é meio duro assim, eles vão ter isso depois.

(Vitória)

Ontem eu estava falando com uma menina de Publicidade, ela tava reclamando de um colega lá que não vem nas aulas, aí quando vem tenta sempre se encaixar num grupo, ficar “na cola” dos outros. Ainda brinquei com ela: “nó eu me mato pra pagar a faculdade, e tem que dar mó, meu suor ali pra pagar e a pessoa vai...” poxa, tem a condição bacana e não, realmente não aproveita o que tem. Então assim, alguns, como esses, realmente não aproveitam. Vem aqui a passeio ou vem porque o pai obriga ou porque o pai fala “não, tem que fazer uma faculdade.”. Então você acaba vindo, mas não aproveita. Não está na faculdade.

Está aqui porque tem que estar e é isso aí, entendeu?

(Luiza)

(...)Porque a média da faculdade é uma média relativamente alta. Sete é uma nota difícil de conseguir, em determinadas matérias, principalmente. Então esses,(colegas que não estudam) normalmente, não passam do primeiro ano, e quando passam ficam fazendo DP (dependência na matéria), e quando passam para o segundo eles vão acabando, empurrando com a barriga e são excluídos. Então assim, a própria instituição põe a nota e os alunos querendo ou não, excluem.

Chega um ponto que você não carrega, você não vai o resto da sua faculdade, quatro anos de faculdade, ficar pondo o nome de alguém, pagando a nota do outro, entendeu? Então assim, querendo ou não as próprias pessoas excluem esses aproveitadores. Eu mesmo tava brincando, que teve um menino desse que chegou e a gente tinha que fazer um trabalho e eram oito figuras lá, e a menina tinha feito de quinze. Ele, simplesmente tomou o trabalho da mão dela, desgrampeou o trabalho dela, pegou as que ele queria e deu pra ela. Eu falei “você está louca? E se ele pega as que estão certas? E você as que estão erradas? Quer dizer, ele vai levar nota nas suas costas”, sabe? Não que eu seja ruim, se eu puder ajudar ele... Porque um dia antes esse mesmo menino veio pedir minha ajuda pra fazer um trabalho, eu falei “eu não vou fazer, eu falo o que você tem que fazer e você faz”. Porque eu acho assim, você não pode, se você realmente tá na faculdade você tem que ser mais maduro, aqui não é mais escola, entendeu? Que: “ah esse professor não vai me deixar (reprovar) ” não, ele vai te deixar, você vai ter que pagar, vai sair do seu bolso. Então eu acho assim, você tem que saber eliminar essas pessoas de perto de você.

(Luiza)

(...) os próprios professores acabam se sentindo responsáveis por isso,(pelo desinteresse que ele vê nos colegas) eu vejo de uma maneira diferente. É claro que tem uma parcela, uma aula mais dinâmica, uma aula que sai daquele tradicionalismo, só que o próprio conteúdo às vezes não permite isso e também não existe uma compreensão tão presente da outra parte dos alunos de “ ah tá! Essa aula sim tem que ser expositiva”.

(José)

Uma coisa que eu erre, era achar que eu não ia ver comportamento de oitava série, de sétima série, de uma maneira mais genérica, na faculdade e eu vejo muuuuito!

(José)

### 1.5) ESFORÇO E RESPONSABILIDADE

Na maioria das vezes, lógico que não 100% do tempo, que às vezes eu escorrego também.

Mas eu faço o possível pra anotar toda matéria porque eu tenho uma coisa assim: se eu não anoto, eu não consigo lembrar da aula em si, eu lembro um pouco da matéria. Se eu pego uns slides é diferente para mim do que se eu tiver anotado, mesmo que esteja escrito a mesma coisa. Eu acho que quando eu estou anotando eu estou fotografando aquela página no que a professora está falando. Então, o que eu normalmente faço, eu anoto e tenho que prestar atenção no máximo. Mesmo que do meu lado tenha gente conversando.

(Vitória)

Eu acho que na nossa sala tem gente muito inteligente muitos que se esforçam, que está aqui com muito esforço assim, que está dando o sangue, que conta real a real pra está aqui, então dá muito valor .

(Vitória)

Hoje em dia não tem mais pressão (para fazer um curso superior). Eu tinha quando era mais novo, mas hoje em dia não tem mais nenhuma. Porque se eu quiser fazer faculdade eu faço, se eu não quiser, eu não faço, então foi escolha livre mesmo. (...) Publicidade eu to fazendo mesmo para exercer, porque eu penso em terminar ou ir pra área de Marketing ou pra área de atendimento, alguma coisa assim com certeza porque, fazer faculdade só por fazer eu não to fazendo.

(Paulo)

Eu acho que a maioria tem maturidade. A maioria trabalha, acorda cedo, vai trabalhar, tem que ficar aqui até as onze da noite, chega em casa cansado, tem que ficar no seu fim de semana fazendo trabalho ou de madrugada fazendo trabalho.

(Luiza)

Eu me vejo como um aluno esforçado. Existe até um estigma, do estudioso, do intelectual, do "nerd". E eu luto naturalmente contra isso, eu sempre falo que o resultado que eu tenho é consequência, o esforço que eu tenho de, não é neurótico, não é o cara que lê no ônibus, mas que tenta conciliar uma vida de trabalho com uma vida de estudo, ele corre um sério risco de ir bem, de ele ler, dele prestar atenção.

Eu me considero também participante nas aulas, eu aproveito muito o ambiente da aula, isso parece óbvio, mas não é aproveitado aquele espaço ali que você pode parar e observar, parar e aprender e... E eu colho os frutos disso. (...) Inclusive eu mudei de emprego recentemente, há uns quinze dias, e eu coloquei que no momento a minha prioridade de vida é a minha faculdade.

(José)

Fazendo uma comparação do primeiro ano com o segundo (de faculdade) eu vejo que os alunos estão mais centrados, a conscientização começa a ficar mais aprimorada do papel dele ali, então isso foi construído, alguns já trouxeram , alguns estão construindo isso.

(José)

Ah, eu fiquei um pouco chatinha assim, em relação à responsabilidade, antes não tinha agora tem. Eu deixo de fazer muita coisa então meu final de semana porque passa muito rápido. Ai até término de namoro aconteceu.

Eu me vejo assim meio que abraçando o mundo, tentando né? Me sinto um pouco vitoriosa por isso, de tentar, mas não sei se vou conseguir (terminar o curso).

(Naiara)

Tinha uma lição de casa eu já fazia, não precisava ficar me cobrando. Para prova, eu nunca fui de estudar muito, porque só de prestar atenção eu sempre conseguia ir bem. Não que eu seja uma aluna excelente, porque até hoje eu não consigo pegar e ficar o dia inteiro estudando, tem

gente que fica, que é da pessoa, eu não consigo. É uma coisa assim, que eu sou de prestar atenção na aula, sou de fazer trabalho, uma coisa que eu detesto é atrasar essas coisas, se tem uma coisa pra fazer eu quero fazer já, não quero deixar pra última hora, porque sempre acontece alguma coisa e se fica pra última hora dá alguma coisa de errado. Eu sou muito assim, não digo sistemática, mas digo, eu gosto das coisas certas. Disso dai em casa nem tanto, porque no vestibular para falar a verdade, eu não estudei para o vestibular, eu começava

a estudar e parava e ia fazer outra coisa. Como eu estudei a vida inteira em escola particular, então é todo um conhecimento que eu levei desde um tempo, então eu estudei pouco em casa. Assim, problema com isso eu nunca tive, de estudar, ficar estudando muito, mas também de ir mal.

(Gabriela)

#### 1.6) PRAGMATISMO

E porque você veio fazer aqui na FAX?

O principal é que eu tinha ouvido falar que a faculdade tava bem conceituada, o outro o preço e também como eu sou de SP tenho desconto e também meus pais moram aqui e sempre dá pra dar uma fugidinha, uma visitadinha antes daqui.

(Vitória)

Mas eu acho que o povo, quem sai do colegial tem um sonho de fazer uma faculdade de renome e meio que, não só a FAX, mas várias faculdades particulares viram meio que um “estepe”, entendeu? “Ah, não quero fazer cursinho, já vi tudo isso, não vou ver de novo, então vou fazer uma faculdade..., prefiro pagar do que ficar mais três anos em um cursinho.

(Vitória)

Mas também dos dois lados tem a galera assim: “Putá, tô pagando e eu preciso estudar muito porque senão eu não vou conseguir pagar depois” Porque se pega DP (dependência na matéria), tudo isso custa mais. E lá, também tem essa, tipo..” meu, meu pai está me bancando aqui...” entendeu? É meio diferente. Sempre vai ter o “tô pagando”

(Vitória)

Hoje eu analiso que a faculdade é bem mais barata do que a escola. Então no financeiro seria mais fácil fazer uma escola pública e depois entrar numa faculdade particular.

(Vitória)

Aí quando eu preciso e eu quero, eu sou esforçado. Mas, a maioria das vezes eu não sou esforçado não. Eu nem penso tanto em nota na faculdade. Eu penso mais na hora que eu vejo que é uma matéria importante, que eu preciso saber, aí é que eu me esforço mesmo pra dar uma estudada nela, mas não pensando tanto em nota.

(Paulo)

Porque hoje em dia, eu vejo assim que todo mundo tem possibilidade de fazer faculdade, porque tem PROUNI aquele outro EDUCAFRO, ele chega em todo mundo que precisa. A pessoa precisa, ela consegue pelo menos a bolsa em algum curso, às vezes não é o curso exatamente que ela quer, isso podia ser aprimorado mais pra frente mas... a pessoa consegue bolsa para fazer um curso superior.

(Paulo)

A (matéria) que eu mais gostei foi Expressão Midiática e Teorias de Técnicas em Publicidade. Porque as duas são as que estão mais próximas da Publicidade mesmo, já está atuando mais na área. As outras matérias, todas são matérias meio amplas que pegam não diretamente a publicidade, pegam mais a área de humanas. Não chega diretamente na Publicidade.

(Paulo)

Na faculdade a pessoa tem maturidade bastante pra saber que ela pode assistir à aula ou não

precisa, ela não é obrigada a assistir aula. Se ela quiser assiste, se não quiser não vai assistir aula, pode estudar em casa, fazer a prova. Porque tem matéria que você não vai aprender assistindo aula, você vai aprender lendo, então se você acha que tem cabeça o bastante pra aprender ou, se você não quer aprender você já tem idade o bastante pra dosar isso.  
(Paulo)

Então eu acho assim, as pessoas querem fazer, eu acho que mudou um pouco a ideologia do

jovem de: “ah, terminei a escola pronto, chega, me livrei de estudar”, não, eu acho que a maioria hoje pensa: não, vou ter uma faculdade, vou fazer qualquer curso mas vou fazer uma faculdade”. Então assim, mudou porque mais gente quer fazer.  
(Luiza)

Oh, eu acho que eu sou uma boa aluna, mas eu não sou paranóica. Eu não abduco de nada da minha vida pra estudar. Porque eu penso assim: eu não sei se amanhã eu vou estar viva, eu não sei se amanhã eu vou ter a opção de viver esse momento que eu vou dispensar para fazer um trabalho, que eu posso deixar pra fazer daqui a pouco, então eu não abduco de nada. Se eu tiver que passear eu vou passear e depois eu faço o trabalho (...) Eu não deixo de fazer nada, eu procuro entregar as coisas no prazo, procuro pelo menos dar uma lida básica no que eu vou. Eu nunca fui de estudar, de me matar de estudar, mas sempre tive notas boas, nunca fiquei de recuperação em nada, nunca repeti de ano. Para não falar que eu nunca fiquei de recuperação, fiquei em educação artística na escola porque eu não gostava da aula (risos), foi a única que eu fiquei de recuperação mas, de resto todas eu sempre fui bem.

(...)

Então assim, eu sou uma boa aluna, mas não sou doente por estudar. Assim, “ah, eu vou morrer se não ficar perfeito, lindo, maravilhoso”. Eu faço meu melhor, mas eu não me esfolo. Não, Eu faço o que eu acho que é ótimo, está perfeito, está bonito, está lindo, eu sei, eu estudei, mas não me sacrifico não, porque acho que gente tem que saber dividir a nossa vida. Por isso que eu acho que eu não entrei na Universidade Pública, porque eu não me matei.  
(Luiza)

O curso de Comunicação é um curso bom, ai eu comecei a pesquisar e por ser mais perto da minha casa, é vinte minutos de onde eu moro, da cidade que eu moro. É uma faculdade, no curso de Comunicação, que é bem conceituado, tem professores bons, profissionais bons. Por uma questão de gastos, porque eu faço em outros lugares custa R\$ 800,00. Aqui é caro, R\$500,00, mas é muito mais barato que em outros lugares. Por ser perto e por ter um conceito bom no curso de Comunicação.  
(Luiza)

Assim, do curso, como é primeiro ano eu já sabia que eu não ia chegar fazendo vídeo. Eu já sabia que ia ser um ano praticamente teórico. Atendeu no que eu esperava de fazer prática me atendeu. Poderia ter sido mais, eu acho que é o que falta muito, por isso existe tanto aluno que desiste logo no primeiro ano. Porque talvez chegue com a expectativa de: “A gente vai fazer, a gente vai, vai aprender na prática” ai chega aqui, não. Ler e reler e reler aquele texto acadêmico super maçante, cansativo. Por isso eu acho que tanta gente desiste. Mas eu também acho que a bagagem teórica é importante. Então, assim, eu penso assim “ah, graças a Deus está acabando o ano, ano que vem eu já vou pôr a mão na massa, eu já vou começar a fazer alguma coisa e eu tenho que passar por essa etapa”. Se eu não passar no primeiro, vou passar no quarto, no terceiro ou no segundo, eu vou ter que passar.

(Luiza)

Pode falar o que eu não gosto? (risos)

(entrevistadora diz que sim) Porque eu não gosto de marketing, eu acho que, talvez para o meu curso. Para o meu curso eu falo: “gente, não tem nada a ver com o que eu quero fazer”. Então é uma aula que eu realmente, se eu pudesse dispensar eu dispensaria. Eu gosto de artes, mas na necessidade que eu sinto do curso, a aula de artes talvez não foque no que eu quero, então é uma aula também que, às vezes, eu falo: “ai meu Deus, tenho que assistir”.

(Luiza)

(Pesquisadora pergunta o que acontece quando é um tema que a interessa)

Fico, aí eu não saio. Aí eu não falo. Aí eu não quero falar também com ninguém, aí quando vem os bilhetinhos que chega das meninas eu falo assim: “deixa p/ depois.”

(Naiara)

Quando eu quero, eu vou prestar atenção, quando me interessa. Se não me interessa a matéria

já perco o interesse e ainda acabo deixando as matérias, a aula. Quando eu vi já perdi, eu corro aí chegam as provas e eu quero correr atrás, mas eu já perdi mesmo. Quando vejo as notas...

(Naiara)

(Quando responde se seria diferente a sua atuação como aluna se ela estivesse pagando a faculdade) Acho que seria. Acho que eu ia ser mais responsável porque ia doer meu bolso.

(Naiara)

Uma coisa, eu comecei a criar o hábito de ler, que antes eu não gostava, agora eu me interessou... Pra ser sincera, só lia mesmo se me interessava pelo livro, se comentasse muito do livro aí eu pegava e lia. Agora não, agora eu tenho que ler. (...) Aí depende da matéria, tem matéria que eu não tenho prazer nenhum, começo a ler até que eu perco totalmente o interesse, estou lendo mas parece que eu não estou lendo nada e tem matéria que é dez, que eu tenho nota dez.

(Naiara)

(Fazendo uma auto-avaliação de si como aluna) Olha, depende da aula, da matéria, depende da matéria. Tem aula que eu me ponho uma aluna de nove, mas tem aula que eu me considero uma aluna de 7,5...oito. Porque querendo ou não tem matérias que te chama mais atenção do que outras, tem matéria que você se identifica, que você se identifica com o professor. Tem matéria que você pode gostar da matéria, você gosta do professor, só que eu acho que eu poderia me esforçar mais sabe? Que eu sei que se eu me esforçasse mais eu ia me sair melhor. Às vezes a gente até tenta, mas às vezes parece que não vai. Mas, uma média geral eu me considero uma aluna de oito, eu não sou uma aluna de dez, nunca fui. Eu posso dizer que eu era uma aluna de dez até a oitava série, um pouco antes, que eu nunca tive dificuldade, a partir do primeiro colegial eu nunca fui uma aluna de dez. Mas para mim isso nunca fez diferença, porque como em casa eu tinha dois exemplos, do mais velho e do mais novo que eram muito baixo que minha mãe ficava em cima, então eu sendo uma aluna de oito pra mim já era considerado bom.(...) Então eu nunca tive esse problema de não ser uma aluna dez.

(Gabriela)

Teve uma dessas aulas que foi totalmente contrária, a gente tava falando da aprendizagem e ele comentou que a mãe vê o que deseja no filho e eu fiz a pergunta quando se trata com criança com deficiência e ele começou a explicar, aí essa aula eu assim, me apaixonei porque foi um tema que eu me interessei. Então as aulas que eu mais me identifico, são áreas assim, mais práticas.

(Gabriela)

Em 2007 foi o primeiro ano que abriu aqui o curso, foi o primeiro ano que abriu aqui e eu já tinha visto, já tinha pensado: nossa abriu ali, é mais perto, depois eu vi o preço que é bem menor. (...) Quando eu terminei o terceiro colegial eu não prestei nenhuma faculdade particular, eu só prestei faculdade pública, e não passei. Em 2007, eu ia prestar para outras faculdades públicas, mas eu falei, eu pensei: eu vou me garantir, eu não passando numa faculdade pública eu não quero ficar mais um ano parada. Eu fiz meio ano de cursinho só que cursinho é aquela coisa né, e eu não quero ficar mais um ano parada então se eu tiver que fazer, nem que seja uma particular, eu vou fazer. No meio do ano de 2007 eu prestei na UXX ( Universidade particular do interior de SP) eu passei em segundo lugar, só que eu não fiz por quê? Por dois motivos, primeiro porque é muito longe, mais longe do que aqui e segundo porque o preço é o dobro do que é aqui na FAX. É o dobro, é quase mil reais a mensalidade lá. Então, eu estava mais perto nesse tempo, aí também eu comecei a namorar, eu não queria mais ir para longe, porque todas as faculdades eu ia ter que me mudar para muito longe e eu estava perto então... Pela

localidade, pelo preço acessível, então foi por isso que eu escolhi a FAX.  
(Gabriela)

### 1.7) OBRIGATORIEDADE

Ah, você vai ter que ser alguma coisa; a gente pagou sua escola até agora pra você conseguir passar numa pública, porque a gente não tem dinheiro pra pagar uma faculdade.  
(Vitória)

E é uma coisa que hoje em dia também vem sendo questionado. A obrigatoriedade de um ensino superior. Não é todo mundo que quer fazer, não é todo mundo que está preparado. Só que a gente aprende que a gente tem que fazer. No ensino médio a gente tá sendo pressionado pra isso né? Tipo, você vai fazer um exercício está lá no ladinho: "FUVEST" é sempre assim. E, às vezes, um curso técnico para uma pessoa vai ser mais satisfatório pra ele trabalhar naquilo do que ter uma formação de cinco anos, depois, mais uma Pós de não sei quanto, mais um Mestrado.(...) Porque hoje, você ter dado uma boa educação pro seu filho é você ter ido até a faculdade.  
(Vitória)

Todo mundo achava: "ah, mais uma que vai engravidar" e não, pelo contrário. Fiz , estou fazendo faculdade, namoro e tudo. Tenho uma vida normal, mas faço faculdade, trabalho ao contrário de todas as outras das minhas primas e parentes que a gente conhece que, da família, ninguém foi (fazer faculdade).

Eu ainda estou "a mais longe", estou indo mais longe que todas as outras. Então é uma expectativa, mas é um peso grande. Todo mundo. (...) Esse peso nas minhas costas, de você ter que ser o futuro da família. É pesado, não é fácil.  
(Luiza)

Eu demorei três anos para começar a fazer (faculdade) justamente porque eu queria fazer o curso que eu sempre sonhei, e se eu fosse na deles, na de todo mundo da família, teria feito administração, um quer que eu faça letras, outro acha que eu devo fazer aquilo, sabe? Eu demorei porque eu sempre quis "aquele curso" e enquanto eu não pude fazer "aquele curso", eu não fui. Mas é um peso grande, porque eu tenho um irmão mais velho que começou a fazer, desistiu do curso, ai se matriculou em outro, ai desistiu de outro, então assim, é meio decepcionante. Pro meu pai foi muito decepcionante do meu irmão não ter escolhido o curso que ele queria, ai foi fazer um, desistiu... ai gasta dinheiro... Então é uma expectativa grande. Às vezes, ele fala " ai, não vai hoje não, ah é sexta feira, fica em casa , ah vamos comer uma pizza" não eu tenho que ir... ai ele fica olhando e" não, verdade, vai mesmo, vai estudar..." Ai todo mundo assiste um jornal e fala "Ah um dia você vai estar lá apresentando o jornal..."  
(Luiza)

A gente vai ficando mais velho, a gente vai passando da idade normal que as pessoas ingressam na faculdade e a pressão consigo mesmo vai aumentando: "ah eu preciso começar a fazer uma faculdade", "quando é que eu vou fazer uma faculdade? O tempo tá passando...", então tive esse tipo de pressão. (...) das nossas próprias criações de vida, "quando é que eu vou crescer?" eu não gosto de ficar parado, de não sentir que eu não trago nada pra mim, que eu não agrego, que eu não me aperfeiçoo, então essa cobrança aumentava em relação de novo comigo mesmo.  
(José)

(A faculdade) Importante para o futuro, para minha vida pessoal e minhas realizações. Para o mercado de trabalho em si.

(Naiara) Meu pai, o que ele fala é que o mais importante que ele pode deixar herança é a cultura, o ensino, então pra ele é importante. Só eu ainda que não sou formada em casa. Então ele exige (que ela faça um curso superior).

(Naiara)

No primeiro semestre foi difícil. Fiquei na dúvida, eu queria largar, aí eu conversei bastante e eu comecei a fazer terapia também, me ajudou, mexeu comigo aí eu falei assim: “ não, eu vou até o final”, eu gosto (do curso) mas eu também não vou muito bem.

(Naiara)

Não sei se eu vou me encontrar no curso de psicologia porque você acha que vai resolver seus problemas.

É puxado, tem hora que é complicado e você não sabe o que você larga, se é o trabalho ou a faculdade.

(Naiara)

Acho que a sociedade meio que impõe (um curso superior), não precisa ser o ensino superior, mas um tecnólogo, alguma coisa, alguma formação exige. Não adianta ensino médio e parou por aqui. Até arruma emprego, mas não consegue obter tanto como alguém com formação. Eu acho que hoje exige bastante e a concorrência está demais.

(Naiara)

O que a gente está vivendo hoje, o Governo, ele está tentando estimular bastante as pessoas a fazerem curso superior, porque querendo ou não, as empresas estão exigindo, cada vez mais, que você tenha no mínimo um curso técnico você tem que ter, no mínimo.

(Gabriela)

(O que significa fazer uma faculdade) Representa o meu futuro. Eu acredito nisso, representa o meu futuro, porque até então eu não trabalhava, eu não tinha uma área específica. Então, para eu não fazer um curso superior se eu escolhesse ficar só na minha cidade eu ia ter uma vida muito estagnada.

(Gabriela)

## 2) SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão instrucional-relacional

---

### 2.1 SENTIDOS DE RESPEITO ATRIBUÍDO ÀS RELAÇÕES ENTRE COLEGAS

Porque do mesmo jeito que tem gente que é meio sem noção assim, a maioria eu acho que é bem educada. Assim, lógico que ninguém é mal educado ou bem educado 100% do tempo. Às vezes, tem alguma coisa que deixa todo mundo meio eufórico, sei lá o que acontece, todo mundo fala. Mas, na maioria das vezes o povo respeita mesmo, eu acho.

(Vitória)

Fiz bastante amigo aqui esse ano. Não conhecia ninguém quando entrei na FAX. Fiz todos os amigos que eu fiz foi dentro da sala de aula. Virou amigo mesmo, não é só colega de faculdade.

(Paulo)

Existem os momentos tranquilos da sala, eu acho. Eu tenho mais experiência com o pessoal de RP, que a gente fica mais tempo junto que com o pessoal de PP. As duas salas se dão bem, todo mundo é amigo, não tem “picuinha”, não tem nenhum tipo de problema, todo mundo conversa, normal, sem problemas. Com o pessoal do PP a mesma coisa, do mesmo jeito que eu faço prova com um, eu faço prova com outro. A sala é relativamente unida. Se um dia precisar, eu acho que todo mundo faria uma greve coletiva, com raras exceções, que sempre tem um que é aquele, o chato da sala que nunca topa nada. Eu acho que a sala é boa, tirando os bagunceiros a sala é boa.

(Luiza)

(...) Porque todo mundo tem o seu limite que ali ninguém ultrapassa, todo mundo te respeita,

todo mundo sabe. Justamente porque você acaba se aproximando de uns e de outros, aqueles que não são tão próximos não vão ousar fazer um tipo de brincadeira. Porque todo mundo ali já tem a idéia de ser todo mundo mais adulto, mais maduro, sabe o que pode e o que não pode ser falado. Então eu acho assim, eu realmente acho que o respeito ali na sala é mútuo. Todo mundo se respeita, é normal, convívio normal. Pelo menos eu, não presenciei nenhum tipo de

problema dentro da sala em relação à falta de respeito, isso eu ainda não vi.  
(Luiza)

## 2.2 SENTIDOS DE DESRESPEITO ATRIBUÍDO ÀS RELAÇÕES ENTRE COLEGAS

Meus amigos mesmo, às vezes falam que nem... dá vontade de dar um soco, até dou um toque "meu, pára quieto". Pra mim tem que ser assim, porque senão fica meio complicado (...)"  
(Vitória)

Tem aula, lógico que fica tudo certinho, que todo mundo presta atenção, mas na maioria das aulas tem um pessoal que atrapalha que conversa bastante. Isso, dependendo tem aula, que você acaba não prestando atenção mesmo, mas dependendo da aula você quer prestar atenção, atrapalha. Isso atrapalhou bastante nesse ano e em muitas matérias, em momentos às vezes de prova também. Muita conversa, muita bagunça, você não consegue raciocinar muito.  
(Paulo)

Eu tenho poucos colegas de classe, converso com todo mundo, sei o nome de todo mundo da sala, mas são poucos. É bom o relacionamento e comportamento, só que tem hora que tem comentários em aula que não são necessários. Isso falando de alguns colegas, não vamos generalizar. Mas tem hora que eu não me sinto respeitada não. Porque tem gente que fica fazendo comentário no meio da aula, no intervalo. Quando vê sua nota, fala: "ai, estuda mais!", só que ninguém sabe se eu estou estudando ou não, se eu tenho dificuldade no ensino ou não. Dão palpite. E tem hora que você nem fala, eles já sabem, já vão e olham primeiro sua nota do que você, tem gente que sabe sua nota primeiro que você, aí chega: "nossa!", isso eu acho que não é necessário. Eu não comento a de ninguém!  
(Naiara)

Ah, eu acho que assim, dentro da sala de aula sempre tem um ou outro que faz uma brincadeirinha, que não é tão respeitosa. Mas comigo, eu sempre deixei assim bem claro qual é o meu limite, qual o limite para tratar comigo. Porque tem uma pessoa na sala que sempre faz brincadeira desse tipo e ele começou a fazer brincadeirinha desse tipo comigo, mas assim chegando a um ponto que não me respeitava mais, até que então eu cortei isso, ele ainda faz certas brincadeirinhas só que ele não extrapola que ele sabe que eu não gosto disso por que muitas vezes você faz: "ah não é uma vez ou outra" você vai deixando, deixando que acaba extrapolando e chega uma hora que você nem dá para parar mais, não tem como você falar com a pessoa porque já chegou a um tal ponto que aquela situação já é difícil você contornar. Então, com relação a isso eu sempre fui muito assim, até que ponto eu deixo fazer brincadeira, até que ponto que eu brinco.  
(Gabriela)

Teve até um caso essa semana atrás e a postura da sala, que ta sendo nesses últimos tempos não está, por exemplo, igual ao ano passado, eu acho que a postura da sala era melhor do que a desse ano. Porque se tem algum problema que está se estendendo há um bom tempo, acho que nada mais certo do que você falar direto com a pessoa e eu acho que a postura da sala não está sendo muito adequada, pelo menos eu acredito nisso.  
(Gabriela)

## 2.3) SENTIDOS DE RESPEITO ATRIBUÍDOS A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Professores que você vê que prepara a aula, que está preocupado com o aluno, que tira a sua dúvida, ele vai tentar tirar a sua dúvida de qualquer jeito, nem que tenha que explicar cem vezes.

(Vitória)

Mas o comportamento do profissional professor eu acho que é... é fundamental porque ele está sendo pago pra isso, então você não pode pegar qualquer um pra professor, tem que ter uma base pedagógica. Mas eu acho que tem que ter uma noção do que é ser professor, alguma coisa assim.

(Vitória)

Eu gostei da postura dos professores e todas às vezes atuaram certinho, não teve problemas com professores. E sempre que quando teve algum problema deu pra discutir, deu pra resolver e chegar numa solução, melhorar o professor, o professor mudar alguma coisa dele pra se adaptar à turma ou vice e versa.

Então eu gostei dos professores, desse ano pelo menos.

(Paulo)

É o que eu te falei em relação aos professores, eu acho que tem que ter muito cuidado nas coisas que passam pros alunos, porque professores são formadores de opinião. Então eu acho que os professores têm que tomar cuidado com o que falam, no que ensinam e passam, porque tudo que um professor fala um dia você vai lembrar. Talvez naquele ou no outro dia você nem lembre. Mas um dia você vive a situação e fala: “nossa, o professor da faculdade uma vez falou isso pra mim.” Então tudo que falado pro aluno, uma pessoa que tá ali prestando atenção em você, é gravado mesmo que seja no seu inconsciente, um dia você vai lembrar! Então eu acho que é muito importante isso sabe? Os professores serem neutros em relação a temas polêmicos, que possam gerar conflitos dentro da cabeça do aluno. O cara fala: “meu Deus, o que eu penso agora, o que é da minha vida?” Eu acho que essa questão é muito importante, dos professores terem muito cuidado com o que vão formar, que pessoas que eles vão formar? Então eu acho que o professor tem essa função na visão do jornalismo, tem essa função de tomar cuidado no que ele fala no que ele ensina e numa visão geral também.

(Luiza)

A grande maioria assim, eu diria 90% dos professores, eu acho que são excelentes profissionais. (...)

Então assim, a maioria dos professores, 99% , eu acho que todos os professores são ótimos. Têm relações boas com os alunos, brincam na hora certa, são bons profissionais, ensinam. São prestativos, você chega “olha professor, não entendi...”.

(Luiza)

Já senti em vários momentos uma busca pela empatia vinda dos professores, percebendo que a simpatia vai justamente melhorar o ambiente de estudo.

(José)

Agora com os outros professores, eu sinto uma relação assim: os professores tem muito carinho pelos alunos, dão bastante atenção, o que a gente precisa eles estão ali!

(Gabriela)

## 2.4 SENTIDOS DE DESRESPEITO ATRIBUÍDO ÀS RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Porque o coordenador pega aquilo e fala assim: “ah, esse professor passa de qualquer jeito, espera ai, tem alguma coisa estranha, não tem?” Não é assim que tem que ser porque tem que

dar a matéria, tem que passar quem se esforçou, quem estudou. Não é pra todo mundo passar porque senão, lá na frente você precisa da matéria e fala: "... não estudei, mas passei", então é uma coisa que faz falta depois.

(Vitória)

"Uma informação assim tipo: " oh, hoje eu vou participar de banca e não vou dar aula" você não tem que dar (a informação) na hora que o aluno chegou aqui, entendeu? Você tem que dar muito antes para ele nem perder o tempo dele de vir. Que nem as pessoas que vem de fora, vêm até aqui e fala: " ah, não vai ter aula." Entendeu? Isso é muito crítico. Eu acho que é uma coisa que precisa mudar urgente, urgente, urgente...

(Vitória)

"Do mesmo jeito que tem alunos muito inteligentes e outros que são muito "piradinhos" assim, tem professores do mesmo estilo. (...) E tem professor que não está nem ai mesmo. Quer que se dane. Ele parece que vem aqui, bate o ponto e fala assim: "ah, alguém tem alguma dúvida? Que eu já estou indo embora", mais ou menos esse estilo. A apostila é meio que da Internet, você pega, digita o tema no Google e aparece várias apostilas dele mas de outras pessoas. A aula é a apostila sendo lida, que eu acho, nossa! Quase tive um treco quando eu vi e que no final exige assim, sabe "então vocês vão fazer um trabalho assim, assim, assim, com tantos itens, tantas folhas, tal letra, tal...", sabe? Eu fico assim: " ah, se você não quer dar aula então também não seja exigente" entendeu? Tem que ter uma coerência ali porque eu não ligo de fazer um trabalho de um professor que eu sei que vai corrigir, que vai ler. Porque uma coisa que me deixa irada é falar assim: " faz tantas páginas de trabalho". Ai, você entrega, você vê que não leu, entendeu? Tá tudo intacto, assim, com uma nota na frente. Eu falo: " nossa o que é que é isso?", Ou que lê só os títulos, os subtítulos, dá nota de cada e pronto. Você vê que não leu nada, tanto que tem aquele povo que põe uma receita de bolo no meio pra ver se o professor lê mesmo. Mas eu sei, que desse professor eu sei que reclamaram bastante, mas não aconteceu nada, continua igual, então... Não sei, também, como seria feito, mas precisa de uma investigação. Só que tem que ser feito. Porque é grave, eu acho, porque a gente não está mais no colegial também.

(Vitória)

Porque gente que fala alto, que faz piada, que "tira com a cara do professor" assim na cara dura, eu falo: " gente, nossa!" Eu fico, sabe quando você fica com vergonha por outra pessoa? Ai eu não vejo como o professor pode cortar isso porque é uma coisa de educação primária, educação de casa, não tem o que o professor fazer, entendeu? Tem que dar uma risada e continuar a aula porque... vai mandar pra fora? Não sei, mas eu acho que é falta de consideração, de educação, de respeito.

(Vitória)

Eu tenho, não implicância, mas eu acho que o profissional que é professor, que escolhe ser professor, ele tem que ter uma postura ética muito grande, ele tem que pensar muito bem nas coisas que ele vai falar. Então, por exemplo, falar mal de pobre, de gordo, de preto. Esse tipo de coisa, são temas muito fortes para você falar dentro da sala, entendeu? Então eu acho que existem alguns professores, alguns não, existe um em especial, que eu não consigo assim, ter uma relação com esse professor justamente por isso. ele tem essa postura de fala mal pobre, de quem por exemplo, compra na ... (cita nome de loja popular do varejo) pra ele: nossa! E eu não consigo achar isso bacana, sabe? É uma pessoa que eu acho que tem eu ter uma postura ética dentro da sala. Eu acho que isso é falta de ética porque, quer dizer: e se eu compro na loja tal? Eu sou menos que ele porque eu compro lá? Eu não acho isso.

(Luiza)

Que mais? Volto naquela coisa que eu disse do comportamento do aluno: o estereótipo de sétima, oitava série. Eu vejo isso e fico triste, do aluno desrespeitar o professor, do aluno sair da sala e deixar o professor andando, são eventos isolados, mas eu nunca imaginei que eu ia ver isso numa faculdade. Então de uma forma geral, eu sinto que a relação é saudável e ela melhora.

(José)

Os professores chamam atenção tem hora e tal, só que aí vai da consciência de cada um também. Tem gente que não se toca, tem gente que o professor pode estar falando que o cara continua.

(Naiara)

Com a classe com os professores, eu acredito que muitas vezes a classe acaba fazendo coisas

sem pensar depois acabam prejudicando todo mundo mesmo não tendo esse problema, sabe? Falar, chegar perto de um professor falar: “ah professor, não sei o que” e chega depois por trás e fala mal do professor, eu não gosto dessas coisas.

Sempre tem aquele que fala demais, sempre tem aquele que fala de menos, aquele que conversa muito, aquele que sai enquanto o professor está falando. Se bem que isso é diferente. A única coisa que eu vejo de diferente é isso, por exemplo, no colegial você: “professor posso beber água? Professor posso ir no banheiro?” o professor dava essa licença e você saía. Agora na faculdade, eu acredito que como os alunos tem mais liberdade; sai na hora que quer, volta a hora que quer, querendo ou não, isso acarreta uma... Como é que eu posso falar... Se o aluno não gosta da aula e entra e sai várias vezes, o professor acaba ficando meio assim. Então eu acho que os alunos por terem mais essa liberdade acabam abusando um pouco dessa liberdade e não respeitando tanto o professor igual respeitava no colégio.

(Gabriela)

Só que pelo fato de muitas vezes o professor falar com o aluno, dependendo do aluno pode até entender, pode até ficar na sala, só que dependendo do aluno vai até retrucar.

(Gabriela)

Eu nunca tive problemas com professor, tirando esse professor da matéria de “aprendizagem em psicanálise”, que como é uma matéria que as vezes a gente sai um pouco mais da aula, então o professor percebe quando o aluno tem interesse ou não tem interesse, o professor percebe. Então eu percebo que essa relação entre eu e esse professor ele não é igual com os outros professores. (falando sobre um episódio onde este professor segurou a maçaneta da porta para uma aluna não sair da aula dele) (...) tem alguns professores que tentam conversar com o aluno, falar alguma coisa para não sair da sala e tudo porque você não pode falar pra pessoa, obrigar a pessoa: “você vai ficar na sala”, isso não pode, não tem nem como fazer isso. Se você conversar com o aluno na frente de todo mundo, o aluno não vai gostar, por que pode acabar exibindo o aluno pra todo mundo, que pode até ter...que é o caso que já aconteceu do aluno que respondeu na frente de todo mundo. Ou então pode, não que seja certo, o professor exigir uma autoridade, por exemplo, se sair vou colocar falta, não dar ponto, porque quando se trata de nota a sala sempre se revolta quando faz isso, mas, por exemplo, falta: se sai muito aí coloca falta. Então eu acho que é complicado, eu não sei. Eu acho que o jeito mais certo seria mesmo o professor chamar o aluno de lado e conversar, por que não tem outra saída.

(Gabriela)

---

### 3) SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão institucional-organizacional

---

#### 3.1) VALORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

O aspecto físico assim eu acho que é bem tratado, é bem cuidado. E com as pessoas também, não tenho nenhuma reclamação não.

(...) O legal é ter um pouco de cada (teoria e prática), tem que ter a teoria, lógico né? E às vezes uma matéria tem que ser teórica, não tem jeito né? Mas ter uns trabalhos mais práticos eu acho que é muito válido, a gente aprende muito.”

(Vitória)

“(...) Eu imaginava menos, eu acho que é muito mais do que eu tinha em mente. Eu imaginava uma coisa tipo:” ah, faz uma propaganda disto”, ai o cara ia lá, desenhava,” nossa que lindo” eu achava que era isso. E eu, nossa! Eu estou encantada, eu acho que o jeito que é, tem muita coisa da engenharia nesse negócio de planejamento. A gente aprendeu bastante logística, essas coisas assim, sabe? Mas de planejar que nem a gente... tem que planejar uma obra, é mais ou menos a mesma coisa porque você tem que pegar os itens e por no cronograma, mais

ou menos isso. E eu imaginava menos planejamento e mais criação, é isso que eu tinha meio que errado na minha cabeça: que uma coisa é muito mais importante que a outra e eu vejo que agora um completa o outro, nada é mais importante. Que se não tiver um não vai ter o outro, então”.

(Vitória)

Meus amigos, os que conhecem, eles gostam (da Instituição). Tenho alguns amigos, inclusive que trabalham com Comunicação, que são formados em outras instituições que falam que a FAX está com uma estrutura boa. Muita gente falou que a FAX, porque no interior é o único curso de Comunicação Social, então falou que está com uma estrutura boa, que está conseguindo pegar bastante aluno.

(Paulo)

(...) a FAX ela quer crescer, então eu acho que ela investe, os laboratórios de mídia estão crescendo, porque eu lembro que as primeiras vezes que eu vim aqui não existia essa segunda ala aqui. Eram poucos os cursos, então todo ano ela fez um curso ou uma pós-graduação ou alguma coisa. Investe num lugar, investe em outro.

Então, eu acho que a faculdade, ela tem um potencial grande de crescimento, eu acho que ela é pequena ainda, mas vai crescer com o tempo, ela tem chances de crescimento.

(Luiza)

Eu nunca imaginei que nossa cidade comportaria uma faculdade com essa infra-estrutura, eu moro aqui há quatorze anos, eu sinto nitidamente sem demagogia nenhuma, um cuidado constante, isso várias pessoas também sentem, isso é consenso. Tudo é muito limpo, tudo é muito bem cuidado, existe uma dinâmica assim no ar sabe? De que estão sempre querendo mudar, inovar. Não é a primeira vez que eu vejo uma intervenção de escutar o aluno, na verdade várias vezes eu vejo isso, dessa própria valorização do aluno enquanto parte constituinte, parte essencial da instituição.

(José)

Eu sempre uso um argumento que eu vim de um universo artístico, eu fazia teatro, eu mexia com música e essa idéia de concepção de autoconhecimento o teatro sempre me passou, eu tenho uma vivência de teatro desde os dezenove anos, então essa idéia de olhar o ser humano, de tentar compreender o ser humano, da sua própria compreensão, da sua própria expansão então esse lado da sensibilidade, o desenvolvimento violento da sensibilidade, então isso de introspectivo de autoconhecimento, de fascínio pelo homem, a arte me propiciou e eu fiz a ponte com a psicologia. São universos distintos, mas têm vários vínculos, várias fontes então foi justamente isso que me motivou mais.

O curso abriu na cidade, eu nunca imaginaria que haveria um curso dessa espécie aqui na região...

Eu sou da cidade e justamente essa facilidade de eu morar na cidade e ter um curso que eu intenciono. Nesse momento foi o que eu queria.

Foi uma consequência de vários outros movimentos que operaram dentro de mim.

(José)

(...) A própria estruturação do curso, os professores que envolvem a coerência do curso, isso eu não vejo muita gente perceber também. Por mais aparentemente distintas que as matérias sejam existe uma congruência, elas caminham juntas, elas tocam os mesmos pontos.

(José)

(Falando sobre o que tem de melhor na Instituição) Acho que no ensino, na eficiência tanto das mídias, das notas, é bastante exigente. Acho que tem outras faculdades que tem a média mais

baixa e aqui é difícil de recuperar, porque é 7,0.  
Tem gente que elogia, que fala que a faculdade está crescendo, é o que eu também acho.  
(Naiara)

Olha, a FAX me surpreendeu muito, quando eu vim fazer o vestibular aqui, eu já me surpreendi. Eu nunca tinha vindo aqui e é um lugar bem grande, as salas são ótimas. Eu nem tinha ouvido falar de FAX, mas me surpreendeu muito porque eu achei a infra-estrutura daqui excelente, eu

achei o lugar grande, as salas são ótimas, eu gostei. Eu, sinceramente, eu não me arrependo nem um pouco de ter escolhido a FAX, porque a estrutura é assim ótima, é difícil ter problemas quando se trata de, por exemplo, aparelho de data show, essas coisas, é difícil a gente ter problemas com isso, tem gente que pode até falar: “não, porque deveria ter mais.”, olha outras faculdades, vai ter essa quantidade que a gente tem? Não vai ter. E eu achei os professores muito bons também, não é aquela coisa, nossa! É lógico que tem um ou outro que escapa a regra, mas assim, eu gostei da grade do curso, uma coisa que... Como tá em construção o curso ainda, tem algumas coisas que podem mudar que podem melhorar, mas a FAX me atendeu muito no sentido positivo.

Se tem algum problema no o computador, todas as salas têm computador e isso qual a faculdade que vai ter computador em todas as salas? Se você precisa de assistência técnica, na hora você acende a luz vermelha e já vem alguém pra consertar, então são alguns problemas que não são considerados negativos porque todo lugar tem, entendeu?  
(Gabriela)

### 3.2) SENTIDOS ATRIBUÍDOS A IMAGEM DA INSTITUIÇÃO

Só de fazer propaganda institucional aquele primeiro dia que tem aqui, tem aquela propaganda da FAX mostrando os professores. (achando estranho a iniciativa da instituição privada)Na U... (Universidade Pública de renome), você não precisa fazer isso né? Porque é dispensável.  
(Vitória)

(Os colegas perguntam) Você fez U....(faculdade pública de renome), o que você está fazendo aqui?”Mas eu acho que também quando você está no colegial é meio que um sonho assim, você ir pra fora, ou ir pra fora de casa ou cursar uma faculdade assim, de renome. Porque U...e UP...(faculdades públicas de renome), são todas aquelas “top” né? Mesmo porque na U....(faculdade pública de renome), tem muita coisa errada, tem muita aula que você fala: “puta, o que é que eu to fazendo aqui?”Porque o professor não está falando nada, entendeu? Fica só enrolando. Sempre tem essas coisas, tanto que foi um choque pra mim descobrir que lá tinha isso também.

Porque eu idealizava assim, achava que era o paraíso do ensino.  
E eu aprendi muito a parar de julgar antes de ver.  
(Vitória)

Do mesmo jeito que eu julguei a U... (Universidade Pública de renome), “Que ótima, nossa que linda!”, que ótimo que eu entrei lá e vi que tinha coisa errada. Aqui eu falei: “meu, vou fazer FAX, então tá bom”, aí eu vim aqui e vi que tem professores ótimos também. Foi tipo: aprende logo a não julgar (risos), entendeu? Por isso é importante.  
(Vitória)

Eu acho que ela ainda tem que melhorar muito pra poder ser um motivo de orgulho: “estou estudando na FAX”. Tem que dar uma... não sei o que exatamente, é. Mas eu acho que falta tipo você olhar e ver um monte de coisa, aquilo que eu falei de cartaz de estágio: “ estão precisando de aluno da FAX” sabe? Você fala: “puta ,eu sou da FAX”, então é diferente. A fama está muito para as pessoas de dentro só, porque eu vejo os “outdoors” da FAX e eu vejo chamando aluno pra FAX eu não vejo falando: “nossa, a FAX é boa” e pregando os alunos da

FAX, entendeu? Isso eu acho que é bem crítico.  
(Vitória)

(falando da forma como olham seu currículo se você estudou em uma Universidade conhecida) Te olha muito diferente, muito diferente, muito. Então é por isso que às vezes eu fico pensando, preocupada. Uma vez teve uma palestra, da semana da comunicação, era do cara de uma agência de São Paulo e ele falou que deu uma palestra na XXX (Universidade particular conhecida) e ele estava falando que passava pelos corredores e tinha vários papéis de estágio, essas coisas assim, chamando para emprego. Para chamar para estágio mesmo. E aí, eu falei: “gente, a gente não tem nada, vocês perceberam?” Então, eu acho que isso é um trabalho que, sei lá, o cara de São Paulo, às vezes não sabe onde que tá a FAX.  
(Vitória)

Uma coisa que conta muito, eu aprendi, achava que não, é que o nome da Faculdade conta muito no currículo, o pessoal olha seu currículo, nossa! Tava nessa faculdade...

Te olha muito diferente, muito diferente, muito. Então é por isso que às vezes eu fico pensando, preocupada. (...) o cara de São Paulo, às vezes não sabe onde que tá a FAX, entendeu, mas a FAX eu acho que tem se fazer presente e falar “ olha, a gente tá aqui, nosso curso é bom, tá bem no ENADE entendeu? Porque não adianta a gente saber, a gente tá aqui, beleza. (...) É, só que os nossos diretores, coordenadores, também têm que fazer um papel de divulgação. Porque todo mundo tem que saber que a FAX é boa, não só quem vai entrar, quem tá prestando vestibular. Os caras que estão lá fora, que vão te contratar tem que saber muito, muito mais do que a gente até.  
(Vitória)

Uma instituição pública o aluno, com certeza, ele é mais esforçado que o aluno da FAX ou é mais inteligente porque ele estudou mais. Mas, na instituição pública eles não têm na área de humanas, a mesma estrutura que a FAX ou qualquer outra particular tem. (Pesquisadora pede maiores esclarecimentos) Estrutura física, professores. Os professores não têm a mesma formação que os professores de universidade particular. Meu irmão, ele faz universidade pública, não tem o professor chegar, explicar, você ter um equipamento bom pra trabalhar. Então com certeza, a universidade pública pode ser que tenha pessoas que tem mais capacidade, pessoas que se esforçaram mais. Mas eu acredito que a formação que a FAX tem, pelo menos pegando o curso de publicidade da UP... (Universidade Pública de renome), que é o único do Estado de São Paulo de Publicidade que seja pública, ele não fica atrás não.  
(Paulo)

Porque por exemplo, a UP... (Universidade Pública de renome), não tem o mesmo material que a FAX tem. Isso que a FAX ainda não é a primeira de material. Não é “top”, mas a UP... (Universidade Pública de renome), não tem nada!

É diferença didática e de material. Quando eu estava no colegial eu cheguei a fazer vestibular em uma pública, para o curso de áudio visual. Só que eu fui conhecer a instalação da faculdade e não tinha nada! Não tinha um material, um computador bom, não tinha câmera boa, então como é que você ia fazer?! (Os materiais) Não são bons. São “meia boca” mas, na universidade pública como a área de publicidade não é uma área que tem um investimento, não tem um retorno-investimento, então não tem tanto investimento como as áreas de exatas por exemplo. Na universidade pública então, eu acho que não compensa fazer pública na área de humanas.

(Paulo)

Depende da faculdade. Eu acho que quem faz particular, dependendo da faculdade, tem mais chances.

Se você for ver os grandes publicitários, são todos formados na X, na Y (faculdades privadas conceituadas na cidade de São Paulo) ou não tem formação nenhuma. Não tem um grande publicitário conhecido formado na UP... (Universidade Pública de renome). (...) Na área de Publicidade não (tem tradição). Jornalismo, as outras áreas têm, mas de Publicidade eu não conheço tradição.

(Paulo)

Inclusive penso assim que, o aluno que está falando mal do curso ele está lutando contra ele mesmo, porque ele fazendo mais propaganda do curso ele está fazendo propaganda pra formação profissional dele. Então se você está fazendo, você tem que vestir a camisa da instituição.

(Paulo)

Porque por mais que às vezes, o curso que eu optei, nas Universidades Públicas não seja tão graduado, tão bom quanto é aqui, mas o nome que a faculdade carrega é muito importante. Você fala pra alguém onde você cursou, se for pública, é um nome, por mais que você não tenha nem assistido aula lá, você fez... É! Todo mundo fala "FAX"? Ham? Onde?", "ah, é uma faculdade nova ali na região..." "ai, mas é boa?"; ai, mas porque você não vem para uma pública? Porque eu fui fazer (vestibular em uma Universidade Pública) e falei pra minha mãe "mãe é coisa de japonês", tinha trezentos japoneses na minha sala e eu acho que só eles passaram, porque é muito difícil.

(Luiza)

Porque eu conheço gente que estuda em Universidade Pública, conheço mesmo, que não assiste uma aula por dia. Ele está ali porque ele estudou na escola particular a vida toda, que realmente o ensino é diferenciado. Ele conseguiu passar, entrou lá e está bom " ah , já tô dentro, eu vou ter o nome, tá bom", entendeu? Eu acho que isso prejudica. Você não conseguir pelo nome da faculdade, não pela capacidade de ensino. Porque aqui na FAX mesmo, eu sei de alunos, conheço alunos espetaculares, de idéias, de mente, de pensamento, a pessoa é muito boa e não estuda na Universidade Pública, mas não porque não teve a capacidade de entrar mas talvez porque optou por aquilo.

(Luiza)

O nome da faculdade pesa. Ai, eu também acho que vai muito do profissional que vai te contratar, de saber olhar os dois currículos, um está escrito FAX e o outro está escrito U...(Universidade Pública) e analisar os dois sem olhar aquela linha do nome da faculdade. (...) Eu acho que se o profissional souber avaliar a capacidade e não o nome da faculdade, aí, está tudo bem.

(Luiza)

Faço (propaganda da instituição) porque eu acho que é justamente aí que você tem que fazer pra você ganhar o nome da U... (Universidade Pública). A faculdade é uma faculdade nova, que não tem nome grande, e se os próprios alunos que estão aqui, estão se formando e falando mal da faculdade, então eu acho que esses alunos deverão trancar a matrícula e fazer em outro lugar. Porque se você não está satisfeito com a instituição, você tem que realmente procurar uma que te satisfaça. Então eu visto né? Estou com uma aqui escrita FAX. (aluna vestia a camisa da Faculdade)

(Luiza)

Então se eu tivesse tido a chance, (de estudar em uma Universidade pública) eu acho que eu teria ido pelo nome da faculdade e pela independência, (pois teria que estudar em outra cidade) que eu acho que causa isso, você amadurece né?. Então eu acho pelas duas coisas, pelo nome e pela liberdade que me daria.

(Luiza)

O curso exige do aluno, independente dele pagar ou não, um esforço constante, uma dedicação e o próprio curso vai filtrando isso. Isso eu sinto aqui nessa instituição. (...) Então hoje muita gente desiste. Porque achou que ia ser facinho, porque é pago.

(...)Que eu vejo que tipo é um "clichê" sabe? "ah você entrou nessa faculdade, ah mais ,não é uma federal! Você entrou porque pagou!", sempre ofendendo a realidade daquela instituição, a vivência daquela instituição.

(José)

Também tem o preconceito que é pelo fato de eu fazer parte de uma instituição particular, (as pessoas) dizem: “ah, é fácil você ingressar numa faculdade particular, ela é paga.” Tipo pagou, passou. Mas eu não vejo isso.

(José)

(Falando da diferença entre Faculdade pública e privada) Porque a pública eu não estou

pagando. Um pouco da visão: é que você sabe que todo mês é uma responsabilidade que os meus pais estão aplicando no futuro.

Eu gostaria de estar na (Universidade) pública, mas (faculdade) particular não tem problema para mim, tanto faz. Pública eu tentei, mas não consegui.

(Naiara)

Quando, futuramente, eu tiver meus filhos, vai estar com o nome bem maior. Todo mundo já comenta.

Eu tenho uma irmã que já é formada pela FAX, tem gente que fala “ah, na FAX?, podia estar em outra?”. Tem gente que critica.

(Naiara)

E pegando um curso do começo tudo bem, é um risco que a gente corre né? Porque a minha não foi a primeira turma, foi a segunda, mas ainda não é, vai ser, mas ainda não é conceituada pelo MEC, mas vai ser.

(Gabriela)

### 3.3) DIFICULDADES DOS ALUNOS COM A INSTITUIÇÃO

Falar uma coisa que eu acho muito ruim aqui que é o laboratório de informática, que as máquinas são muito ruins e a gente mexe com programa muito pesado. Então é uma forma de desrespeito porque a gente fica lá e não consegue fazer as coisas porque o programa fecha e não deu pra salvar essas coisas assim. Então, é um ponto que eu acho que é primordial para um curso de Comunicação que mexe com programas bem pesados, bem complexo assim, ter computadores do nível do mesmo. Para poder trabalhar direito, senão a gente fica meio sem ter como trabalhar.

(Vitória)

O equipamento, a gente estava vendo a aula de informática, como a gente faz Publicidade a gente precisa trabalhar sempre com material gráfico e a gente chegou aqui na FAX pra imprimir o trabalho do professor de informática e a impressora não estava funcionando colorido, ou seja, não tinha como imprimir. Aí ele falou, inclusive que, em outras instituições que ele dá aula, você tem uma impressora só pro curso de Publicidade. Porque é uma coisa diferente... você vai trabalhar, vai precisar do material melhor, até computador, por exemplo, o computador da sala de informática, ele não tem como mexer em Corel Draw nem Photoshop isso é um ponto negativo.

(Paulo)

Falavam bem já do curso, (FAX) Os únicos aspectos, que às vezes fazem falta aqui na FAX, é a parte de computação, de computador, um equipamento ou, às vezes, uma desorganização na parte administrativa, mas de resto está tudo tranquilo.

(Paulo)

Mas tem um detalhezinho mínimo, que é a questão justamente dos recursos de multimídia que

são utilizados na sala , que várias vezes as aulas foram minadas, um conteúdo não pode ser passado em virtude daquilo então são coisas que a gente também infelizmente vê constantemente “ah,precisa de um data show” “ ah, não tem, tem que requisitar...”, “ ah requisitou mas não tem, ah o DVD não está, pifou”, Mas eu também sinto isso, que existe um movimento pra melhorar isso.

(José)

A parte administrativa aqui da faculdade, acho que tinha de melhorar um pouco em vários aspectos, tanto como o acesso para o aluno que eu acho que ainda é complicado. Como nas aulas de informática, estacionamento, que mais? A cantina eu acho que não consegue portar para o tanto de alunos que tem aqui, pelo menos na parte da noite.

(Naiara)

Mas agora, por exemplo, tem a matéria de aprendizagem esse ano é mais voltado pra psicanálise, eu viajo nas aulas porque é uma área parece... Eu tento entender, eu tento! Mas, eu viajo, eu tento entender, eu tento prestar atenção, mas aí o professor... A gente tem que falar do aprendizado, só que falar da aprendizagem voltado pra psicanálise sem ter tido a psicanálise, é claro que vai surgir muitas perguntas dentro da psicanálise e os alunos fazem as perguntas e o professor responde. Então um assunto vai ligar no outro dentro da psicanálise, psicanálise e acaba fugindo, por exemplo, do tema de aprendizagem, do texto que está ali de aprendizagem. Eu presto atenção até o momento em que ele está falando do tema de aprendizagem dentro da psicanálise, a partir do momento em que ele começa a fugir e não fugir da matéria, mas falar de psicanálise sem ser da aprendizagem, eu tento prestar atenção, mas o pensamento fica me escapando, eu não consigo entender direito. Então eu viajo nesse sentido, que eu não consigo prestar atenção, entendeu?

(Gabriela)

Aula que eu não gosto, não que eu não goste, mas que eu não me identifico muito, por exemplo, a parte de Sociologia que é praticamente uma aula de história, é introdução à Sociologia. Eu posso prestar atenção nessa matéria, desde o ano passado que é Antropologia agora é Sociologia, eu posso dizer que eu sou uma aluna de sete, sete e meio, porque eu não vou mal, mas eu também não sou aquela que me identifico.

(Gabriela)

Só uma coisa: a grade curricular do curso, como não tem nenhum curso formado, por exemplo, a gente vendo aprendizagem em cima da psicanálise, eu acho que seria um tanto melhor ter psicanálise primeiro. Eu sou uma mera estudante de Psicologia e não entendo, por exemplo, se a gente visse a psicanálise antes pra depois ver a aprendizagem em cima da psicanálise. Porque é igual eu falei, o professor não teria que fugir tanto do tema que ele está falando, se ele está falando aprendizagem em cima da psicanálise ele ia para o lado da aprendizagem, os termos que ele iria usar da psicanálise ele não estaria tendo que explicar o que é aquilo, a gente já teria um conhecimento pra gente saber já.

(Gabriela)

#### 4) SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: a dimensão sociopolítica

##### 4.1) SENTIDOS ATRIBUÍDOS À CARREIRA/PROFISSÃO/ CURRÍCULO

Você começa a entender como as pessoas manipulam sua mente, como você é usado assim, não que eu vá sair usando todo mundo! (...) Estava conversando com umas meninas do meu trabalho sobre esse negócio de publicidade principalmente pra criança. Que eu acho muito absurdo, eu me sinto mal em ver, porque eu vejo que é uma forma de manipular uma cabeça

que não está pronta ainda.  
(Vitória)

Porque como o curso é Publicidade, Publicidade você está vendo mercado, como você vai vender melhor o produto. Então você sabe como você pode falar de um produto, como você pode tentar fazer pra vender mais, o próprio Marketing ajuda como você tem que lidar com cliente.”  
(Paulo)

Porque a pessoa que hoje não faz uma graduação, que não tá fazendo uma faculdade, é mais difícil ainda arrumar um emprego, conseguir um futuro, conseguir uma vida estável financeiramente.  
(Luiza)

O dia que eu coloquei lá: *cursando o primeiro ano de Comunicação Social*, eu acho que eu recebi uns trinta telefonemas. Deu certo um, porque foi um que me deu uma renda melhor, mas foi só colocar que já... eu mandava, mandava, mandava os currículos e era super difícil, ninguém ligava. Mas você vai colocar que você já está fazendo faculdade o pessoal valoriza. Porque parece, dá a impressão pelo menos, de: Ele é responsável, quer um futuro, quer alguma coisa na vida. Então eu acho que fazer a faculdade só me ajudou, dá diferença.  
(Luiza)

(falando de como a faculdade pode ajudá-lo a trabalhar com vendas, sua área de interesse)  
Porque como o curso é Publicidade, Publicidade você está vendo mercado, como você vai vender melhor o produto. Então você sabe como você pode falar de um produto, como você pode tentar fazer pra vender mais, o próprio Marketing ajuda como você tem que lidar com cliente.  
(Paulo)

(Fazer Comunicação ) Ajuda, porque a região aqui não tem tantas agências. Então tem uma falta de agências, o mercado está precisando do profissional dessa área.  
(Paulo)

Hoje em dia não tem mais pressão (para fazer um curso superior). Eu tinha quando era mais novo, mas hoje em dia não tem mais nenhuma. Porque se eu quiser fazer faculdade eu faço, se eu não quiser, eu não faço, então foi escolha livre mesmo. (...) Publicidade eu to fazendo mesmo para exercer, porque eu penso em terminar ou ir pra área de Marketing ou pra área de atendimento, alguma coisa assim com certeza porque, fazer faculdade só por fazer eu não to fazendo.  
(Paulo)

Eu gosto da história do documentário, de fazer documentário. Ainda brinco “ah, vou trabalhar lá na Discovery” Eu acho muito legal você mostrar o mundo para as pessoas. Quando eu assisto um Globo Repórter ou um desses de reportagem, eu vejo o pessoal lá longe, lá no meio do gelo, no meio da África, mostrando o grão de areia que nasce no deserto do Saara que é diferente. Eu acho isso muito legal, é cultura pras pessoas. As pessoas não imaginam que um lugar distante existe uma coisa legal ou um lugar perto existe uma coisa bacana que você pode conhecer ou fazer diferente.

Ah, eu ainda brinco, o sonho é: ainda vou tomar o lugar da Fátima Bernardes. Acho que não vai ser muito ruim não. Eu quero crescer bem como profissional, quero seguir o ramo televisivo. Tenho milhões de planos, quero fazer documentários, quero talvez escrever um livro bacana ainda, mas quero crescer na profissão. (...) Meus planos são realmente ir pra SP, ou pra Campinas que também é grande e começar assim, talvez não apresentando um programa, mas trabalhar numa produção, numa redação de algum jornal. Fazendo aí, um Globo Esporte da vida eu já ficava bem feliz.  
(Luiza)

Eu ainda falo com a minha mãe, esses quatro anos de faculdade vão ser os últimos quatro anos talvez que eu more com ela, porque infelizmente, na região onde a gente mora não tem área

pra quem quer trabalhar, crescer realmente, não tem. Se você quiser mesmo não adianta, você tem que sair daqui e eu vou ter que ir.

(Luiza)

Eu fui, tava tentando arrumar um emprego, aí uma menina que estudava comigo, que trabalha no lugar onde eu estou trabalhando falou "oh, tá precisando" me indicou, fui, fiz uma entrevista, fui contratada. Então, na verdade foi a faculdade que me ajudou a arrumar um emprego. Assim, atrapalha porque eu não tenho tempo de fazer o trabalho, de estudar mais porque eu tenho que trabalhar. Mas é graças ao trabalho que eu faço a faculdade, senão não faria. Não teria como fazer. (...) Porque a pessoa que hoje não faz uma graduação, que não tá fazendo uma faculdade, é mais difícil ainda arrumar um emprego, conseguir um futuro, conseguir uma vida estável financeiramente.

(Luiza)

Esse emprego que eu estou agora eu vou trabalhar em uma empresa de recursos humanos, então justamente pelo fato de cursar uma faculdade de Psicologia propiciou esse novo emprego. Nesse novo emprego, graças a Deus, eu vejo uma compreensão maior (nas dificuldades de conciliar faculdade com trabalho), inclusive eu consegui negociar as aulas, em sair mais cedo.

(José)

Com certeza tem uma questão que é social do profissional que tem nível superior ele é visto de uma maneira diferenciada no mercado.

(José)

(...) Nesse âmbito de crescer e de lá na frente poder ser algo melhor em todos os sentidos: financeiro, da sua própria vida. Então num futuro distante ou não, eu quero continuar me especializando, falando da faculdade, falando da Psicologia em si, não quero parar, penso em fazer Pós, penso em fazer Doutorado, penso em ter uma estrutura econômica estável. Penso sim, cada vez mais, em trabalhar com a Psicologia. Eu não tenho muita pretensão em clinicar, em trabalhar extremamente com a Psicologia, mas cada vez mais eu sinto que isso é uma verdade pra mim, que isso vai funcionar daqui há algum tempo. Então nesse futuro idealizado eu quero trabalhar com a Psicologia ativamente, em várias formas pra ver de novo essa ponte, a ponte artística que me trouxe e não sei como vincular e trabalhar dessa forma, psicodramas enfim. É um universo muito maior, que essa linha nunca me abandona.

(José)

Eu acho também que seria difícil de você conseguir um plano de carreira sem fazer a faculdade. Ela me abriu portas. No currículo também já mudou, criei experiência na parte de departamento pessoal, admissão, fazer admissão essas coisas, mudou o currículo. Aí já abriu portas e depois trabalhando em duas empresas, consegui propostas pra entrar em outros lugares, só que eu estou bem neste emprego. Eu estou feliz.

(Naiara)

Eu pensava que Psicologia era assim: Clínica. Aí depois eu comecei a ver que abre muito espaço para muita área. Agora futuramente eu espero conseguir formar, chegar até o final da faculdade e conseguir exercer a profissão, para poder ter um sonho né?

(Naiara)

Agora fazendo Psicologia eu sei mais para frente, vai ser difícil no emprego? Pode até ser, só que eu tenho uma função. Se eu for escalada para trabalhar em algum lugar, vai ser por aquilo, não vai ser à toa, vai ser exatamente por aquilo que eu escolhi fazer da minha vida

(Gabriela)

Acho que tende mais pra auto realização (fazer faculdade), por que parte financeira nunca é fácil você começar, trabalhar com clínica, trabalhar com criança, eu sei que se eu ficar na minha cidade eu não vou sair do lugar, mesmo trabalhando com criança, porque lá eu sei que eu não

vou ter um futuro, eu vou ter que sair de lá. Mas a parte financeira eu nunca cheguei a pensar nisso, eu nunca pensei assim: não, eu vou ganhar pouco, mas também nunca pensei: eu vou ganhar muito. Eu me vejo mais como auto realização, eu me vejo mais, eu mexendo com a criança, a criança melhorando, eu vendo o resultado, mesmo com criança com deficiência que é muito mais lento esse processo, um pouquinho que seja essa melhora a gente já assim... A sensação de que você conseguiu alguma diferença já é muito grande, isso é o que eu mais espero assim, que eu consiga fazer um bom trabalho.  
(Gabriela)

Eu ainda não tinha assim: “nossa, eu vou fazer Psicologia. Até que, no colegial, eu assisti uma palestra de psicopedagogia e eu me apaixonei por essa área de criança, eu sempre gostei muito de criança só que nunca dei muito certo em ser professora, mas eu sempre gostei muito

de criança. E aí eu vi essa área de psicopedagogia que é trabalhar com criança, mas não como sendo uma professora e foi então que eu gostei mais da área de Psicologia trabalhando na área de criança. Hoje, iniciando o 2º ano de Psicologia eu vejo que, eu estou gostando muito de trabalhar na área de crianças com deficiência, é uma área que eu sou apaixonada.

Dentro do caminho da Psicologia, você pode terminar a Psicologia e simplesmente ser uma psicóloga se você não tiver uma especialização, mas eu pretendo terminar o curso e me especializar pelo menos em alguma coisa, em alguma área.

Esses dias atrás eu sonhei com isso: trabalhar em consultório, mas meu consultório assim todo colorido, com tapetão, para criança. Eu não consigo me ver trabalhando com adulto, não é uma imagem que consigo. Pode ser que pra frente eu mude de idéia, mas por enquanto é uma imagem que ainda não construí na minha cabeça. Trabalhar assim com brinquedos e aquele consultório que você entra e não dá vontade de sair. Além disso, eu me vejo com uma família, casada, com filho e trabalhando nessa área. O que é a área exatamente, se é com criança com deficiência, com criança normal, com as duas, isso ainda não está definido, mas é com criança, não importa qual seja. Isso é o que eu me vejo fazendo.

(Gabriela)

Que é como eu disse, eu não quero ser simplesmente ser uma recepcionista, uma isso, uma aquilo. Eu quero ser algo que eu quero, que eu decida, o que eu decidir fazer, é isso que eu quero fazer. (...) Eu estou fazendo Psicologia porque é algo que eu quero fazer isso, é isso que eu quero trabalhar.

(Gabriela)

A gente mexe com o psicológico, isso é muito sério. Uma pessoa que está em depressão, se a gente não souber como tratar dessa pessoa, como que a gente vai lidar com essa pessoa, essa pessoa pode até, dependendo do caso, se suicidar e isso a responsabilidade é muito grande. A gente faz cinco anos de Psicologia, só que a gente não vê tudo que a gente tem que ver, a única coisa que difere a Medicina da Psicologia, que eu vejo, é que o médico ele pode muito bem, o paciente falar o problema que ele tem, ele pode olhar no livro e falar assim: “não, está aqui o seu problema.”, a gente não, a gente não pode olhar e falar para o paciente que está na nossa frente falando o problema e eu falo: “não, o seu problema é isso.” e mostrar dentro de um livro. Isso não tem como a gente fazer, isso é diferente. Mas Medicina é comparada a Psicologia nesse sentido de responsabilidade, ética.

(Gabriela)

Eu não estou trabalhando agora, eu pretendo arranjar um trabalho, só que eu poderia mandar um currículo pra todos os lugares na minha cidade e começar a trabalhar, mas é aquilo que eu falei, eu vou trabalhar em uma coisa que não é a minha área, eu vou começar a trabalhar pra que? Depois o que vai contar no meu currículo? Eu ter trabalhado, por exemplo, no caixa de supermercado? Lá não tem nem área de Psicologia. Eu até mandei currículo para um supermercado, mas pra trabalhar no setor de RH, porque é um supermercado grande, tem várias filiais. Mas eles não chamam, mesmo porque o setor de RH, ali dentro, não é controlado por alguém da área de RH, são pessoas totalmente de fora.

(Gabriela)

#### 4.2) SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO ENSINO SUPERIOR

(...)A gente vê uma criança na quinta, sexta série que não sabe escrever mas tá sossegado porque vai ter um jeito que vai entrar na faculdade, entendeu? Aí, o que adianta ela estar na faculdade? Ela não sabe nem escrever direito. Isso eu acho meio paradoxal. Você fica meio perdido nessas coisas.

(Vitória)

Porque faculdade mesmo não conta tanto na formação, não adianta só você fazer faculdade. Às vezes tem gente que trabalha na área de Publicidade que não tem nem curso superior e é muito melhor do que as pessoas que tem. Então, faculdade não vai contar tanto, mas a experiência

profissional depois de formado ou no meio da faculdade que vai contar mesmo pra formação profissional.

(Paulo)

Hoje em dia não tem mais pressão (para fazer um curso superior). Eu tinha quando era mais novo, mas hoje em dia não tem mais nenhuma. Porque se eu quiser fazer faculdade eu faço, se eu não quiser, eu não faço, então foi escolha livre mesmo. (...) Publicidade eu to fazendo mesmo para exercer, porque eu penso em terminar ou ir pra área de Marketing ou pra área de atendimento, alguma coisa assim com certeza porque, fazer faculdade só por fazer eu não to fazendo.

(...) Porque o ensino superior não adianta nada para a pessoa que não tem o ensino básico. A pessoa está só escondendo o problema, mas vai continuar. Ela não vai exercer a profissão dela, não vai chegar, por exemplo, a pessoa vem aqui e vai fazer Direito, mas ela não sabe nada de português, não sabe falar bem. Ela vai terminar o curso, ela não vai conseguir passar. Se não conseguir passar na OAB não vai conseguir exercer a profissão porque a profissão exige isso e a maioria dos professores exigem esse conhecimento, (Português) pelo menos em algumas das matérias que você teve no ensino básico.

(Paulo)

Quando eu penso “ai, tá difícil pagar, vou desistir, vou trancar” todo mundo se mobiliza: “não, vamos fazer uma vaquinha, vamos arrumar um emprego...” Mobiliza a família o pensar de alguém estar fazendo faculdade, alguém ter conseguido ir mais longe. Porque a maioria das minhas primas que tem a faixa de idade entre vinte e trinta anos, já estão com filho, casadas. A maioria nem terminou a escola, engravidou no colegial ou quem terminou não conseguiu fazer faculdade, não fez um curso, não fez nada.

(Luiza)

Uma menina de vinte anos que está em casa ou fica trabalhando de uma coisa o resto da vida ou casa cedo ou tem filho cedo e que acaba não fazendo uma faculdade é vista como mais uma dona de casa. Você fala que já está fazendo faculdade, o pessoal já fala “ah é? Que legal? Do que? É! Nossa! Você está trabalhando? Que bacana! Nossa, eu quero tanto! Queria tanto que o meu filho fizesse, queria tanto...” É mais valorizado quem faz (faculdade) tanto profissionalmente quanto socialmente né, as pessoas te valorizam porque você estuda, parece assim: “ah, não vai virar um vagabundo, vai está estudando”. Então dá valor em quem estuda em quem está fazendo faculdade e para o emprego, nossa!

(Luiza)

É uma questão difícil que tem vários pontos que poderia ter mudado, mas eu acho que é um ponto complicado isso da faculdade não ter, hoje, tanta capacidade para formar as pessoas. Muitas faculdades não formam as pessoas, elas vendem um diploma né? Por exemplo, faculdade de Direito, quantas aí os alunos saem e não conseguem entrar na OAB. Tudo bem, a prova é difícil, é complicada, mas eu acho que a faculdade tem que está capacitada pra isso. Estão formando os advogados do Brasil, as pessoas que vão nos defender, os médicos que vão nos defender! Têm médicos aí absurdos. A cobrança em cima das faculdades tanto públicas quanto as particulares eu acho que tem que ser muito rígidas. Tem que existir “órgãos de

classe” que avaliam aquele determinado curso, em todos os cursos deveria ter um. Eu acho que tinha que ser bem rigoroso mesmo, pra formarem profissionais. Porque não adianta nada a pessoa ter um diploma na parede e o cara não entender nada, sabe? Então ele não foi à faculdade, ele não se formou, ele comprou um diploma. Então eu acho que talvez isso de cobrar, de ter uma fiscalização bem rigorosa, bem rígida em cima do que as faculdades estão passando para os alunos.

(Luiza)

Eu sempre almejei um ensino superior e eu vejo muito como o início de uma nova série, não vejo como um arremate ,como as pessoas assim: “ah, eu fiz a oitava série tal, agora eu vou arrematar com a faculdade.

(José)

A gente sempre pega uma idéia meio vaga, meio estereotipada. Mas eu entrei, como eu disse lá atrás, com essa idéia de agregar conhecimento humano. Não tinha a noção ainda de que ser psicólogo era justamente uma questão de expansão de conhecimento e de auto conhecimento.

(José)

(sobre cursar o ensino superior) você passa a fazer parte de um universo, de um grupo. A sociedade também passa a te ver, na minha opinião, passa a te ver de uma forma diferente, passa a te tratar de uma maneira diferente, sutil, mas existe essa diferença, todo mundo sente isso. Diferente como o status aumenta. Eu via as pessoas assim: eu estava num grupo informal tal: “ah eu estou fazendo faculdade”, “uau, que legal!”. Você olha a pessoa de uma maneira diferente, parece que é uma coisa a mais na vida dela. Eu sinto isso e é gostoso isso, é gostoso a pessoa se sentir assim e uma própria questão de auto realização também, “olha, eu estou fazendo algo pra mim mesmo, eu estou aumentando o meu conhecimento, eu estou potencializando o meu olhar em várias questões.

(José)

É muito importante (o curso), não me vejo mais largando, abandonando. Mesmo que o retorno demore.

(Naiara)

(...) eu acho que eu não trocava a faculdade por nada, por exemplo, meu namorado, se ele falasse: “ou a faculdade, ou eu”, eu poderia sofrer muito, mas...(risos). O que a gente faz da vida sem faculdade? O que eu ia fazer da minha vida, eu ia largar a faculdade e ficar com ele, mas e aí? O que eu ia fazer da minha vida? Nada! Então eu acho que a faculdade vem em primeiro plano, porque pra mim é o meu futuro que está em jogo.

(Gabriela)

#### 4.3) SENTIDOS ATRIBUÍDOS ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS

Eu entrei em 2001 na U....(faculdade pública de renome), em 2002 subiu para 80 (nº de alunos em sala de aula), no mesmo espaço físico. Aqueles negócios de governo:“aumentamos o número de vagas”. Colocam só mais dez carteiras lá”.

(...) Eu acho que até mesmo do governo dar muito PROUNI, não tem uma orientação pra criança desde sempre assim: “oh, você pode ser isso se você quiser, você pode ser isso, você não precisa estudar numa faculdade”.

(Vitória)

(...)O que eu acho primordial que tem que ser feito é educação de base, né? Desde criancinha lá, ter uma educação boa e começar com alfabetização no tempo certo, mas com uma coisa de qualidade, com segurança na escola.Professor está apanhando na escola de aluno, isso é medieval. Sei lá, nem sei... O que está sendo feito, eu não acho legal, que é esse negócio de

enfiar gente na universidade, na faculdade., de fazer cota, muito preconceituoso, mais preconceituoso com o branco, pobre, coitado, que não consegue entrar por mérito e nem por cota. Então, tanto faz, não é? E é muito subjetivo isso também; Tanto que tinha uns irmãos gêmeos, não é? Um falou que era branco, outro era negro e um entrou, outro não, então...

Ou o cara que batalhou muito pra tentar e a vaga dele é tirada por alguém de cota que nem tentou estudar direito. Então é... Eu acho que tinha que ter uma reforma da educação pra ser uma coisa boa desde o começo. O jovem que está batendo no professor ali, um que ele não sabe, ele não está aprendendo nada, outra, que lição ele está tirando dali? E o que ele vai ser quando sair dali? Ou que já é, né? A gente nem sabe. Então isso é muito grave. O jovem é o

futuro, se não tiver um programa assim forte para o jovem, tanto pra ele ter uma educação boa, depois pra colocar ele no mercado de trabalho. Se você não fizer essa ligação não adianta você ter um programa de colocar o cara no mercado de trabalho pra ter o primeiro emprego se ele não tem uma boa formação, senão ele não consegue segurar o trabalho.

(...) Mas aí, porque precisa de cota? Porque o cara não tem educação. Aí precisa por o cara lá dentro de qualquer jeito pra ganhar voto. Se o cara precisa de uma rede de esgoto, não faz, porque não aparece. O cara faz uma ponte porque ai fica bonitona.

A educação dessa que eu falei "tipo" de casa é muito difícil hoje, né? Porque a criança já vai de bebê pra creche porque os pais tem que trabalhar, não tem jeito, pra criação, não tem como fazer.

Mas quando meus pais estudavam a escola pública era a que era boa. E quem não conseguisse acompanhar ia pra escola particular, isso reverteu de uma forma que a escola pública hoje não é nem a que é ruim, é a que tipo: "pé de chinelo", mesmo, não tem como você aprender alguma coisa porque ou o ambiente é muito pesado. É, tipo violência, droga, essas coisas assim é muito forte. Então eu acho que é falta de uma política pública mesmo, de dar não só base para os professores conseguirem ensinar mas nessa base ter a segurança dos professores, tipo ter polícia, o cara não entrar com droga dentro da sala, não entrar com arma.  
(Vitória)

Que é uma coisa que hoje em dia, básica. Não tem nem o que falar. Você nem deveria pensar nisso e hoje você tem que pensar, tipo: seu filho vai pra escola pública, você deve ter um ataque cardíaco todo dia na hora que ele não chega no horário certinho, o que que aconteceu, o que ele está fazendo? Vai procurar se tem alguma coisa na mochila... não que na escola particular não aconteça. Uma coisa grave que na escola particular acontece é o "eu to pagando", que nem acontece em faculdade, tipo: "eu to pagando, eu posso falar o que eu quiser." Só que eu acho que ainda é mais contido esse comportamento do que o que é no ensino público.

(Vitória)

(...) Ah, eu acredito que em termos de política pública, tanto para o ensino superior quanto para o ensino fundamental é um investimento no professor também, na formação do professor, para ele reciclar. Não sei como isso funciona na escola privada, mas deveria ser bem melhor do que é na escola pública.

(Vitória)

Por exemplo, esses programas que o governo cria pra dar bolsa para os alunos, não tudo bem, são bons programas, mas isso é como se fosse maquiagem o problema. Porque o governo não dá apoio nenhum para o ensino superior, não para a formação, a pessoa chega, termina o ensino médio também sem informação nenhuma. Então ela não tem uma possibilidade intelectual de entrar no ensino superior. Você vê pessoas que fazem faculdade aqui, uma realidade nossa, que é semi-analfabeto, que não sabe escrever duas linhas sem erro de português. Então, não adianta nada você dar bolsa sendo que você não preparou elas ainda. Então, eu acho que o governo não dá apoio nenhum para o ensino superior. E essa bolsa, se você for reparar bem, a maior parte das pessoas que pegam bolsas elas não levam a sério o curso, por que... não porque elas não querem, é porque elas não têm preparo. Eu estudei a minha vida inteira em colégio particular, nunca fui um bom aluno, sempre fui assim... um aluno mediano. Eu vejo que, hoje em dia, eu sei bem português, eu sei bem as matérias de humanas, mas eu vejo que a aluna que veio do ensino público não sabe nada e o governo não faz nada pra melhorar isso. Porque não adianta nada você chegar, investir no curso superior se a pessoa não tem uma

preparação. Aí, entre a pessoa que saiu com essa preparação fazer um ensino técnico, porque um curso superior não vai acrescentar nada pra ele. Não existe publicitário que seja semi-analfabeto, não existe jornalista semi-analfabeto. Todos eles têm uma formação anterior boa, eles têm assim, uma cultura de ler bastante e essa cultura não é ensinada nas escolas públicas. E você fala isso...hoje em dia como é que você vai pegar um problema que a pessoa tem desde sete anos de idade e resolver em quatro anos de faculdade, é impossível.

Forçar a ler é difícil, ter o hábito de ler é muito mais fácil.”

(...) A faculdade pública não tem pessoas que vieram desta realidade, se tiver é muito raro. São casos raros, então o governo fica só maquiando o problema. Aí, quando sai faculdade particular acaba não exercendo a profissão por causa disso. Quando consegue terminar. Porque a maioria não termina.

(Paulo)

Eu acho que como o ensino público (superior) é muito elitizado porque ele não chega para todo mundo. Tem que ter uma política de incentivo fiscal, de criação de bolsas igual tem hoje em dia.

Então, acho que o governo já está fazendo essa parte no ensino superior. Só que deixou um buraco para traz (falando do ensino básico). Deixou um buraco para traz e esse buraco não é assim, um ano, dois anos para resolver. Isso aí é vinte anos prá resolver. (O Governo) ele deveria, até poderia continuar o que ele está fazendo desde que ele arrumasse o que ficou pra traz.

(Paulo)

Porque infelizmente o nosso país é um país de desigualdade social muito grande então a maioria tem pouco e a maioria não consegue pagar a faculdade. É muito difícil pagar, porque não é só a mensalidade que você paga, você paga transporte, você paga alimentação, é material, é tudo. Querendo ou não, para quem tem uma renda não muito alta e mesmo a classe média, às vezes já é difícil pagar.

(Luiza)

(...) Eu não sou a favor de muitas cotas porque eu acho que acaba entrando em outros temas como preconceito. As pessoas que sofrem preconceito com esse negócio de cota. Porque se um aluno entra por cota aí o outro que não é negro fala: “você tomou a minha vaga só porque você é negro, você não é capaz...”, então eu acho que mexe com outros lados. O pessoal acaba não enxergando as cotas da faculdade como uma coisa boa, mas como uma coisa negativa. Então eu acho que a história da cota é complicada, mas eu acho que incentiva a fazer, por que: “ah, tem uma bolsa? Então vamos estudar pra tentar a bolsa”, eu acho que é bacana. Acho que podia ser melhor, mas acho que a gente devagarzinho vai caminhando.

(Luiza)

A questão de ter hoje a oportunidade de fazer um PROUNI, que é uma bolsa que te ajuda a pagar, com isso custa 100%, 50%. Eu acho que ajuda muito, incentiva muito a pessoa a falar: “vou me matar, vou fazer um ENEN, vou tirar nota boa.” Incentiva.

(Luiza)

Então eu vejo que os governos têm incentivado os alunos a pelo menos: vamos fazer o ENEM, eu pelo menos, sinto isso que no primeiro ano, por exemplo, que teve a história do PRÓUNI foi super pequeno o numero de pessoas que ganharam a bolsa porque não era divulgado. A partir do momento que divulgou isso, nossa! É super difícil fazer um ENEM hoje e conseguir uma bolsa, porque muita gente tenta, é muito concorrido. (...) Nessa questão do incentivo, eu acho que incentivar a juventude a ser um “ser” pensante, que enxerga o Mundo de uma outra forma, é muito importante.

(Luiza)

Porque a gente falar: o governo deve melhorar a relação dele com as universidades de um modo geral. O problema pra mim é muito mais de base, então a reforma da educação, é claro que eu soa meio utópico, mas devia começar bem da creche, bem da educação infantil, justamente pra minimizar essa idéia de problema na faculdade.

A minha única maneira de ingressar numa faculdade, numa universidade, era uma instituição

pública. Mas eu vejo que 80% para mais que ingressa na faculdade pública é aluno de instituição particular. Tomara que as realizações tipo Prouni entre outras, invertam o rolo.  
(José)

Eu vejo uma pessoa que é mais desfavorecida economicamente, ela nunca se imagina numa faculdade, independente dos programas (do Governo), falta essa: “ei, ei, você é capaz!”. Então esse movimento de se imaginar em uma faculdade: Imagina um dado sair assim: “50% dos alunos dessa instituição particular vem de uma escola pública”, aí o cara: “nossa, eu também posso! Eu sou de uma escola pública.”

Eu sou uma prova viva, eu sou bolsista. Então, eu também antes tinha uma idéia: “ah, bolsa não funciona... é politicagem...”, não, eu sou uma prova viva disso, funciona e funciona rápido! Eu falei que eu via a faculdade distante onde é que eu vou conseguir ter um trabalho que eu possa pagar minha faculdade e ainda me manter, aí uma outra pessoa me trouxe: “pelo menos existe o Prouni, você já fez ENEM?”, “ah, faz tempo”, aí eu fiz e foi muito rápido, eu me vi numa faculdade muito rápido. Então o meu olhar do governo em relação à faculdade é violentamente positivo em relação a isso. Um aluno que aparentemente não tinha condição financeira conseguir ingressar, está ali caminhando junto com os outros, sabe? E de perceber essa possibilidade dentro dele, sabe? De não ter o empecilho financeiro. Então pra mim essa medida do governo funciona muito e eu vejo vários casos não só de programas, tem outros programas. Aqui da região, enfim... Então é difícil eu criticar em algum sentido por que eu sinto que funciona, eu vejo que funciona, eu comprovo que funciona.  
(José)

(Falando da atuação do Governo) É fraca, tem acesso ao ensino superior público quem ficou na escola particular. (...) A escola é pública é o pai do culpado em tudo, em seu modo de pensar...depende do seu professor porque o professor (da escola pública) fala: “eu to ganhando se eu for dar aula ou não, eu saio satisfeito.”. Tem bastante isso. Então tem de começar acho que desde os professores, acho que desde o primário.

O afilhado da minha mãe está na quarta série e não sabe ler nem escrever, eu do pré já saí lendo e escrevendo, e já não era muito bom (o ensino público). Agora então! Tem vinte anos que se passaram.

(...) Acho que o Brasil não dá valor (à educação), não valoriza para isso, acho que a educação é a base de tudo, para depois querer melhorar o resto. É muito analfabeto que tem no Brasil, eu critico essa parte.

(Naiara)

Então, eu acho que o governo está tentando estimular, um pouco ele está conseguindo, mas eu acho que ele ainda não achou, aquele ponto em que vai disparar, ele está conseguindo aos poucos, mas acho que ainda tem muita coisa para ser acertada. E eu acho assim, tem algumas coisas que eu não concordo. Igual, tem negócio de Prouni, pode até ser, eu até concordo que muita gente de escola pública, estuda, estuda, estuda, estuda e não consegue entrar, porque a escola pública ela é precária e isso eu até concordo, só que muitas vezes você estuda a vida inteira numa escola particular e você rala para entrar numa escola pública e você perde por causa disso. Então, eu acho, por um lado está certo, mas por um lado eu não concordo, eu acho um pouco meio injustiça isso, sabe? Muitas vezes a gente rala também para caramba e eles falam: “ Nossa! pago a vida inteira escola particular para você não passar numa escola pública “, só que nem sempre é assim, nem sempre é assim.

(Gabriela)

Eu, às vezes, eu fico pensando nos problemas, mas nunca fico pensando na solução porque sempre é tudo muito complexo, sempre quando você resolve de um lado sempre vai ter um problema do outro, nunca você vai chegar a um estado de perfeita harmonia, não é? Igual, muitas vezes, esse problema, por exemplo, do Prouni: o pai, ele tem totalmente condição de bancar, pagou uma escola particular para o filho a vida inteira, mas o filho nunca quis saber de estudar e ele teria condição de estar pagando uma escola particular, uma faculdade particular

ou um colegial particular para o filho, só que, o que acontece? Chega no final do nono ano, o filho exige que o pai o coloque numa escola pública, porque estudando mais três anos na escola pública você consegue acompanhar o Prouni e o pai faz isso porque não vai ter tanto gasto com escola particular, não vai ter gasto com a faculdade, o tanto de dinheiro que ele estaria gastando, porque querendo ou não, é um gasto enorme. Escola particular, faculdade particular é um gasto enorme e ele estaria economizando para fazer outras coisas, tem pai que pensa assim. Mas agora solução para essas coisas é complicado.

(Gabriela)

---

## 5) SER ALUNO NO ENSINO SUPERIOR: sentidos atribuídos ao conhecimento

---

### 5.1) VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

(...) em maio desse ano mas eu me sentia muito, muito infeliz, muito... tipo não quero levantar p/ trabalhar. E isso foi um dos motivos que me levou a pensar em outro curso E como eu tava muito infeliz pensei "preciso mudar de vida logo pensar em outro curso, fazer outra coisa". Na verdade foi a faculdade que começou a me dar um gás p/ agüentar o resto, mas como estou num outro escritório agora mudou completamente essa visão. A faculdade também continua sendo uma válvula de escape p/ o dia a dia de vida certinho, retinho."

(Vitória)

Mudei de escritório é outro ambiente lá eu me sinto satisfeita de ir trabalhar acordar de manhã e ir trabalhar de bom humor então a faculdade está complementando isso. Mas é legal assistir um comercial e entender tudo o que eles estão tentando passar isso me deixa muito feliz.

As aulas de sociologia são ótimas, psicologia eu gosto bastante. (...) Uma coisa que eu acho legal das Humanas é que você é meio que obrigado a ir pensando numa linha, sabe? E continuando na linha de pensamento o professor te joga um tema e vai falando ai você vai encaixando as coisas que estão acontecendo. Isso eu acho muito legal. (...) E aqui, não sei se em todos os cursos de Humanas de Comunicação é assim, mas pelo menos o que eu vejo aqui é que já vai muito para o lado prático, que dá um... sabe? Você se empolga, fala: "nossa, que legal!" Isso eu senti muita diferença assim, e é muito estimulante, muito motivador, porque no outro (Curso de Engenharia) você meio fica perdida, muita gente começa a desistir da faculdade e depois, às vezes era o que ela queria só que ela não conseguiu acompanhar aquele começo.

(Vitória)

Eu acho que é muito importante incentivar as crianças a assistir jornal, a ler, a gostar de ler. Porque as crianças, elas não gostam de ler, não gostam. Mas preferem ler a revista C... (para adolescente) do que uma V...ou E...(revistas que falam de temas atuais da política, economia) esses que são leituras mais: "Ah é difícil ler..." não é que é difícil ler, isso tudo é preguiça. Mas a pessoa não gosta, eu vejo pelos meus irmãos. Eles não gostam, pra eles ler, é super difícil. Eu acho que as escolas teriam que incentivar! Vamos ler! Eu acho que incentivar, não obrigar. Porque eu acho que o obrigar é muito chato. Ninguém lê porque é obrigado né? A pessoa vai lá, procura na internet o resumo. Uma vez eu peguei meu irmão fazendo um resumo. Ele tinha que fazer um resumo de um livro, ela tava digitando lá no G... (site de buscas): *resumo do livro*. Eu falei: "você não vai ler nem a sinopse? Não quer nem saber entendeu? O governo pode, talvez dentro das escolas, implantar um projeto de incentivo aos alunos à gostar da literatura, gostar de ler, gostar de aprender e não só ficar assistindo na TV programa de fofocas sobre artistas ou lendo revistas para adolescente entendeu? Porque é fácil ler fofoca né?"

(Luiza)

A que mais gosto (matéria) é da aula de sociologia Eu acho que é uma matéria bem legal que você aprende coisas diferentes, você consegue ter visões diferente, de coisas diferentes; eu gosto da aula de teorias e técnicas que a gente tem no curso, que eu acho que é importante porque você aprende a ter realmente outra visão sobre o curso. Eu acho que a idéia de teorias é bem importante para gente e eu gosto de aula de história também, é uma aula que eu acho bem legal, porque eu sempre fui fã de história, de conhecer as coisas, então é uma aula que eu gosto bastante. A que eu acho importante para o curso, além dessas três que eu acho que trazem bagagem assim para gente; eu acho que, não “puxando o saco”, mas, a aula de psicologia eu acho que é importante que a gente aprenda a ter visão sobre as pessoas que a gente está lidando, entender como pensa aquela pessoa que você quer atingir então, eu acho que aula de psicologia é interessante. Acho que são essas: Sociologia e História, teoria, Psicologia eu acho que é importante e são as que eu gosto de vir assistir, que não sinto preguiça no dia.

(Luiza)

(fazendo um paralelo com curso técnico de artes cênicas que cursou anteriormente) Essa idéia de olhar o ser humano, de tentar compreender o ser humano, da sua própria compreensão, da sua própria expansão, esse lado da sensibilidade, o desenvolvimento violento da sensibilidade, então isso de introspectivo de autoconhecimento, de fascínio pelo homem, a arte me propiciou e eu fiz a ponte com a psicologia. São universos distintos, mas têm vários vínculos, várias fontes então foi justamente isso que me motivou mais.

(...) A gente sempre pega uma idéia meio vaga, meio estereotipada. Mas eu entrei como eu disse lá atrás, com essa idéia de agregar conhecimento humano, não tinha pego a noção ainda de que ser psicólogo era justamente uma questão de expansão de conhecimento e de auto conhecimento

Eu não imaginava que a Psicologia era tão grande, que envolvia tanta coisa, que envolvia tantos campos, tantos ramos profissionais, que tinha um universo de conhecimento tão vasto, tão incomensurável. Esse lado propriamente mais científico também eu desconhecia, eu imaginava que era mais analítico, mais filosófico. Não sei dizer, mas sabe aquelas pessoas que falam: “ah, o psicólogo viaja!” sabe?

(José)

Depois (quando se formou no ensino médio e não passou na Universidade Pública) eu me senti muito, digamos assim, inútil; a gente, eu pelo menos, eu sou assim, eu sinto a vontade de estudar. Igual, teve... as férias de julho eu não digo porque é só um mês, mas as férias de final de ano são três meses praticamente sem fazer nada, eu sinto uma vontade assim, eu tenho que pelo menos estar lendo alguma coisa, não importa que seja de Psicologia ou que seja alguma história, mas eu preciso estar lendo, estudando. Assim, eu sinto uma falta, e quando eu falto, eu falo: “nossa, você é louca, você quer estudar”. Só que é uma coisa que sempre foi minha: eu não me vejo ficar sem estudar, não estudar ficando só em casa lendo, mas estudar de vim, fazer alguma coisa, aprender novas coisas.

Uma aprendizagem...

(Gabriela)

Eu sempre gostei muito da parte do ano passado “cognitivo comportamental”, sempre gostei muito dessa matéria. Psicologia social, esse ano é um pouco mais difícil do que no ano passado, mas é uma área que eu gostei, PIAGET a gente nem entende muito porque a gente está começando, só que é uma área que eu gosto, por isso que as vezes eu penso, não sei se é psicológico, de eu pensar que eu já quero trabalhar com criança que eu me identifico mais com a área ou se realmente é uma afinidade minha com esse tipo de matéria.

(Gabriela)

Porque eu não sabia como seria (o curso), eu não tinha uma idéia já feita de como ia ser, eu sabia que eu ia ralar muito, isso eu tinha na minha mente, que eu ia ter que estudar muito porque Psicologia são cinco anos, é uma faculdade que dependendo pode se comparar a medicina, se fosse dependendo por onde você vai ver, pode se comparar e é muita responsabilidade. Então eu não me surpreendi muito com o curso porque eu sabia que, na

minha cabeça eu tinha que eu ia ter que estudar muito e a gente tem que estudar muito e não só durante a faculdade, mas depois mesmo tem que estudar muito. Então eu não me surpreendi muito com o curso não.

(Gabriela)

Uma imagem do que seria fazer um curso superior, penso muito numa árvore, quando você entra ainda é só uma plantinha pequenininha e que vai crescendo com muitos galhos e muitas folhas, porque o conhecimento que você vai adquirindo é enorme. Então eu acho que eu penso nisso, você entra você não tem nada.

(Gabriela)